

O papel das atividades de Expressão Artística na transmissão das  
tradições culturais no Agrupamento de Escolas de Atougia da  
Baleia

Ana Isabel Machado Fortunato

Lisboa, 2013

# **Mestrado em Arte e Educação**

O papel das atividades de Expressão Artística na transmissão das tradições culturais no Agrupamento de Escolas de Atouguia da Baleia

Ana Isabel Machado Fortunato

Dissertação apresentada para obtenção de Grau de Mestre  
em Arte em Educação

Orientadora: Professora Doutora Maria do Céu Marques

Lisboa, 2013

---

## RESUMO

A sociedade atual tem vindo a sofrer diversas alterações desde os finais do século passado, devido a fatores de várias ordens. Algumas dessas alterações refletem-se ao nível da estrutura familiar e têm repercussão na sua constituição e organização, bem como na transmissão de valores e responsabilidades para com os seus educandos. Estas alterações têm vindo a obrigar a escola também a uma reestruturação ao nível das suas práticas, para responder de forma positiva às necessidades e interesses das crianças. As tradições culturais que anteriormente eram transmitidas pelas famílias tradicionais estão, devido ao ritmo de vida atual, quase esquecidas.

Este estudo tem como principal objetivo compreender de que forma a escola pode contribuir para a transmissão das tradições locais, através da realização das atividades de Expressão Artística. Baseando-se na ação-investigação e na análise qualitativa, este estudo foi realizado em duas fases. A primeira inclui a EB/JI de Ribafria existindo um envolvimento dos docentes do 1º ciclo e Jardim de Infância na prática do ensino aprendizagem das atividades de Expressão Artística. A segunda corresponde à recolha de dados através da análise documental, do diário e dos inquéritos por questionário realizados a alunos, encarregados de educação e docentes do Agrupamento de Escolas de Atouguia da Baleia.

Este trabalho permitiu concluir que a escola ajuda a promover a transmissão de tradições locais que são trabalhadas no contexto de sala de aula, através das atividades de Expressão Artística. As tradições locais para além de constituírem um conteúdo programático na área de Estudo do Meio são um riquíssimo recurso que pode ser utilizado na abordagem e exploração de diferentes conteúdos nas áreas de Expressão Artística.

**Palavras-chave:** Ensino Básico, Ensino/Aprendizagem, Cultura, Tradições Locais, Expressões Artísticas

**ABSTRACT**

Society has undergone several changes since the end of last century, due to factors of various kinds. Some of these changes are reflected at the level of family structure and have repercussions in its constitution and organization as well as the transmission of values and responsibilities towards its children. These changes obliged school to rethink its practices, to respond positively to the needs and interests of children. Owing to the busy life we have today, cultural traditions that have been provided by traditional families are almost forgotten.

This study's main objective is to understand how the school can contribute to the transmission of local traditions, through the performance of activities of Artistic Expression. Based on the action-research and qualitative analysis, this study was conducted in two phases. The first one includes the EB / JI of Ribafria existing an involvement of teachers in the 1st cycle and kindergarten in the practice of teaching and learning activities of Artistic Expression. The second corresponds to the collection of data through document analysis, diary and questionnaire surveys to students, parents and teachers of the Group of Schools of Atouguia da Baleia.

This study revealed that school helps promoting the transmission of local traditions that are worked in the context of the classroom, through the activities of Artistic Expression. Local traditions as well as being one syllabus in the area of Environmental Studies are a rich resource that can be used in the evaluation and exploration of different areas of Artistic Expression.

**Keywords:** Basic Education, Teaching/Learning, Culture, Local Traditions, Artistic Expressions.

---

## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho constitui uma etapa muito importante na minha vida, a qual não teria sido concretizável sem o valioso apoio de várias pessoas que, de diversas formas, me acompanharam nesta viagem.

O meu agradecimento à minha orientadora a Professora Doutora Maria do Céu Marques pela sua essência, paciência, sabedoria, dedicação e uma palavra especial nos momentos mais difíceis do trabalho e da vida.

Aos professores do Mestrado, com quem tive o prazer de trabalhar e por todos os seus ensinamentos, que conduziram à realização deste sonho em especial ao Professor Doutor Amílcar Martins por esta aventura.

Aos colegas do Mestrado que percorreram comigo os mesmos trilhos, pelo companheirismo, pela amizade, incentivo e trocas de experiências e saberes.

À direção do Agrupamento de Escolas de Atouguia da Baleia, aos encarregados de educação, aos alunos e aos docentes, pela disponibilidade e atenção demonstrada.

Aos meus pais, pela tolerância, pela força que sempre me deram, por acreditarem em mim e me permitirem ser o que sou.

Obrigada

---

|                             |     |
|-----------------------------|-----|
| ÍNDICE                      |     |
| RESUMO                      | III |
| ABSTRAT                     | IV  |
| AGRADECIMENTOS              | V   |
| ÍNDICE                      | VI  |
| INTRODUÇÃO                  | 1   |
| Contexto do estudo          | 1   |
| Questão central da pesquisa | 2   |
| Pergunta de partida         | 3   |
| Questões de investigação    | 3   |
| Objetivos principais        | 3   |
| Limites do estudo           | 4   |
| Justificação do Estudo      | 4   |

## **PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

|  |    |
|--|----|
| <b>Capítulo I – Cultura e Transmissão de Tradições em Educação</b> | 7  |
| 1.1 Definições de Cultura  | 7  |
| 1.2 Cultura Tradicional e Popular                                  | 9  |
| 1.3 O Património Cultural  | 11 |
| 1.4 O Folclore na Escola do 1º Ciclo                               | 13 |
| 1.5 Cultura e Educação   | 15 |
| 1.6 O Modelo de Escola Cultural                                    | 18 |
| <br>   |    |
| <b>Capítulo II – As Expressões Artísticas na Educação</b>          | 19 |
| 2.1 A Educação pela Arte   | 19 |
| 2.2 A Educação Artística em Portugal                               | 22 |
| 2.3 As Expressões Artísticas na Educação                           | 24 |
| 2.3.1 Expressão Plástica e Educação Visual                         | 26 |
| 2.3.2 Expressão Dramática e Teatro                                 | 28 |
| 2.3.3 Expressão e Educação Musical                                 | 29 |
| 2.3.4 Expressão Físico-Motora/ Dança                               | 31 |
| 2.4 O Caráter Transversal das Expressões Artísticas                | 32 |
| 2.5 A Cultura e as Expressões Artísticas                           | 33 |

---

|  |    |
|--|----|
| <b>Capítulo III - Os Contributos da Família e da Escola na Educação e na Socialização do Indivíduo</b> | 35 |
| 3.1 O Papel da Família na Educação e na Socialização do Indivíduo                                      | 35 |
| 3.2 A relação Família/ Escola  | 38 |
| 3.3 O Papel da Escola na Educação e na Socialização do Indivíduo                                       | 39 |
| 3.4 A Escola do Século XXI   | 41 |
| 3.5 As Características do Professor  | 43 |
| 3.5.1 O Professor e o ensino das Expressões Artísticas   | 47 |
| <br>   |    |
| <b>PARTE II - PROCEDIMENTOS DA INVESTIGAÇÃO</b>  |    |
| <br>   |    |
| <b>Capítulo I - Abordagem Metodológica</b>   | 49 |
| 1.1 Opções Metodológicas   | 50 |
| 1.2 Investigação -Ação   | 50 |
| 1.3 Participantes no Estudo  | 51 |
| 1.4 Instrumentos de Recolha de Dados   | 52 |
| 1.5 Análise de Conteúdo  | 53 |
| 1.6 Validade / Fiabilidade   | 54 |
| 1.7 Apresentação do Processo   | 54 |
| 1.7.1 Estrutura do Plano de Ação   | 54 |
| 1.7.2 Estrutura das Sessões  | 56 |
| 1.7.3 O Modelo Pedagógico de Renald Legendre   | 57 |
| <br>   |    |
| <b>Capítulo II - Contextualização</b>  | 59 |
| 2.1 O Projeto  | 59 |
| 2.2 O Meio   | 60 |
| 2.3 A História da Região   | 61 |
| 2.4 Constituição do Agrupamento  | 61 |
| 2.5 Caracterização das Escolas de incidência do Estudo   | 62 |
| <br>   |    |
| <b>Capítulo III - Análise dos Instrumentos Utilizados</b>  | 63 |
| 3.1 Descrição das Atividades realizadas nas Salas de Aula  | 63 |
| 3.1.1 O Pão por Deus   | 63 |

---

|   |     |
|---|-----|
| 3.1.2 O Dia de São Martinho   | 69  |
| 3.1.3 O Natal   | 74  |
| 3.1.4 O Dia de Reis   | 78  |
| 3.1.5 O Carnaval  | 82  |
| 3.1.6 A Matança do Porco  | 87  |
| 3.1.7 A Páscoa  | 92  |
| 3.1.8 O Nosso Rancho " As Lavadeiras dos Bolhos"  | 96  |
| 3.1.9 As Rendas de Bilros na Escola   | 102 |
| 3.1.10 Os Jogos das Nossas Gentes   | 106 |
| 3.1.11 O dia da Espiga / Quinta-feira da Ascensão   | 109 |
| 3.1.12 A Lenda dos " Amigos de Peniche"   | 112 |
| 3.1.13 As Festas Locais   | 116 |
| 3.2 Síntese das Observações Realizadas  | 120 |
| 3.3 Análise dos Questionários   | 122 |
| 3.3.1 Questionário realizado aos Docentes do 1ºCiclo do Agrupamento de Escolas da Atouguia da Baleia                            | 122 |
| 3.3.2 Questionário realizado aos Educadores de Infância do Agrupamento de Escolas da Atouguia da Baleia                         | 129 |
| 3.3.3 Questionário realizado aos alunos da EB1 de Ribafria e da EB1 da Bufarda  | 133 |
| 3.3.4 Questionário realizado aos Encarregados de Educação da EB1 de Ribafria e da EB1 da Bufarda                                | 139 |
| 3.3.5 Questionário realizado aos Encarregados de Educação do Jardim de Infância de Ribafria e do Jardim de Infância de Geraldês | 143 |
| <b>CONCLUSÃO</b>  | 148 |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>   | 151 |
| Referências Bibliográficas  | 151 |
| Fontes Eletrónicas  | 154 |
| Legislação Consultada   | 159 |

## LISTA DE QUADROS

|   |     |
|---|-----|
| Quadro 1: Guião do perfil das atitudes e competências dos educadores                            | 48  |
| Quadro 2: Sujeitos da Pesquisa  | 52  |
| Quadro 3: Instrumentos de recolha de dados  | 53  |
| Quadro 4: Temas a desenvolver nas sessões   | 55  |
| Quadro 5: Ficha de Planificação das Atividades  | 56  |
| Quadro 6: Planificação das Atividades do Pão por Deus   | 64  |
| Quadro 7: Planificação das Atividades do S. Martinho  | 69  |
| Quadro 8: Planificação das Atividades do Natal  | 74  |
| Quadro 9: Planificação das Atividades do Dia de Reis  | 78  |
| Quadro 10: Planificação das Atividades do Carnaval  | 82  |
| Quadro 11: Planificação das Atividades da Matança do Porco                                      | 87  |
| Quadro 12: Planificação das Atividades de Páscoa  | 92  |
| Quadro 13: Planificação das Atividades sobre o Rancho Folclórico<br>“ As Lavadeiras dos Bolhos” | 96  |
| Quadro 14: Planificação das Atividades “ As Rendas de Bilros na Escola”                         | 102 |
| Quadro 15: Planificação das Atividades "Os Jogos das Nossas Gentes"                             | 106 |
| Quadro 16: Planificação das Atividades do Dia da Espiga/<br>Quinta feira da Ascensão            | 109 |
| Quadro 17: Planificação das Atividades sobre a Lenda dos "Amigos de Peniche”                    | 112 |
| Quadro 18: Planificação das Atividades das Festas Locais  | 116 |
| Quadro 19: Síntese das observações realizadas   | 120 |

## LISTAGEM DE ANEXOS

|   |      |
|---|------|
| Anexo 1: Despacho nº 46/86 da Lei de Bases do Sistema Educativo         | II   |
| Anexo 2: Decreto-Lei nº 334/90 da Lei de Bases da Educação Artística    | III  |
| Anexo 3: O Decreto-Lei nº 240/2001, de 30 de Agosto de 2001             | VI   |
| Anexo 4: Pedido de autorização para aplicação de inquéritos             | IX   |
| Anexo 5: Pedido de colaboração aos docentes                             | X    |
| Anexo 6: Questionário aos docentes do 1º ciclo                          | XI   |
| Anexo 7: Questionário às Educadoras de Infância                         | XVI  |
| Anexo 8: Pedido de colaboração aos Encarregados de Educação             | XX   |
| Anexo 9: Questionário aos Encarregados de Educação                      | XXI  |
| Anexo 10. Pedido de autorização para aplicação de inquéritos aos alunos | XXIV |

|   |        |
|---|--------|
| Anexo 11: Questionário aos alunos   | XXV    |
| Anexo 12: Instrumentos de Investigação  | XXVII  |
| Anexo 13: Panfleto utilizado para a exploração da lenda dos<br>“ Amigos de Peniche” | XXVIII |

#### LISTA DE FOTOGRAFIAS

|  |    |
|--|----|
| Foto nº 1: Trabalho de pesquisa realizado pelos alunos   | 67 |
| Foto nº 2: Receita trazida pelos alunos  | 68 |
| Foto nº 3: A confeção dos bolinhos   | 68 |
| Foto nº 4: A realização dos sacos para o Pão-por-Deus na EB1 de Ribafria                             | 68 |
| Foto nº 5: A realização dos sacos para o Pão-por-Deus na EB1 de Ribafria                             | 68 |
| Foto nº 6: A realização dos sacos para o Pão-por-Deus no jardim de infância<br>de Ribafria           | 68 |
| Foto nº 7: Registo do Pão-por-Deus pelos alunos do Jardim de Infância                                | 68 |
| Foto nº 8: História das castanhas realizadas em Power-Point  | 72 |
| Foto nº 9: Móbil de Castanhas  | 72 |
| Foto nº 10: Trabalho de pesquisa realizado por alguns alunos sobre o S. Martinho                     | 73 |
| Foto nº 11: O Magusto  | 73 |
| Foto nº 12: Dramatização de uma história sobre o outono, Jardim de Infância de<br>Ribafria           | 73 |
| Foto nº 13: Adivinha das castanhas   | 73 |
| Foto nº 14: Registo do Magusto   | 73 |
| Foto nº 15: Ilustração da história de S. Martinho pelos alunos do Jardim de Infância<br>de Ribafria. | 73 |
| Foto nº16: Trabalho de pesquisa realizado pelos alunos sobre o Natal                                 | 77 |
| Foto nº 17: Ilustrações de Natal   | 77 |
| Foto nº 18: Painel realizado com papel amachucado pelos alunos do JI de Ribafria                     | 77 |
| Foto nº 19: Realização das coroas para o Dia de Reis   | 81 |
| Foto nº 20: Realização das coroas para o Dia de Reis   | 81 |
| Foto nº 21: Visita dos Reis  | 81 |
| Foto nº 22: Ilustração dos Bolos de Rei  | 81 |
| Foto nº 23: Registo do Dia de Reis   | 81 |
| Foto nº 24: Registo de uma canção sobre os Reis pesquisada e redigida no<br>computador pelos alunos  | 81 |

---

|  |     |
|--|-----|
| Foto nº 25: A receita das filhós   | 86  |
| Foto nº 26: A confeção e prova das filhós  | 86  |
| Foto nº 27: A confeção e prova das filhós  | 86  |
| Foto nº 28: O trabalho de pesquisa   | 86  |
| Foto nº 29: O desfile de Carnaval à antiga   | 86  |
| Foto nº 30: Ilustração da matança do porco atual   | 91  |
| Foto nº 31: Ilustração de uma matança tradicional.   | 91  |
| Foto nº 32: Início da receita do Serrabulho redigida por um aluno do 1º ano de escolaridade                            | 91  |
| Foto nº 33: Ilustração da história da Páscoa   | 95  |
| Foto nº 34: Técnica de Expressão Plástica para decorar os ovos de Páscoa, realizada pelos alunos do jardim de infância | 95  |
| Foto nº 35: Os folares de Páscoa confeccionados pelos alunos   | 95  |
| Foto nº 36: Apresentação de alguns trajes do rancho folclórico   | 100 |
| Foto nº 37: Trabalho realizado por uma irmã de um aluno sobre o rancho folclórico cedido à escola                      | 100 |
| Foto nº 38: Elaboração de croquis sobre os trajes do rancho  | 101 |
| Foto nº 39: Elaboração de croquis sobre os trajes do rancho  | 101 |
| Foto nº 40: Canção do rancho   | 101 |
| Foto nº 41: Canção ” O mar enrola na areia” pesquisada por um aluno.   | 101 |
| Foto nº 42: Visita das rendilheiras à escola   | 104 |
| Foto nº 43: Visita das rendilheiras à escola   | 104 |
| Foto nº 44: Realização do pique  | 105 |
| Foto nº 45: Realização do pique  | 105 |
| Foto nº 46: Realização do pique  | 105 |
| Foto nº 47: Realização do pique  | 105 |
| Foto nº 48: Realização do pique  | 105 |
| Foto nº 49: Realização do Puzzle sobre as rendas de bilros   | 105 |
| Foto nº 50: Realização do Puzzle sobre as rendas de bilros   | 105 |
| Foto nº 51: Jogos tradicionais   | 108 |
| Foto nº 52: Jogos tradicionais   | 108 |
| Foto nº 53:A apanha da Espiga  | 111 |
| Foto nº 54:A construção do ramo  | 111 |
| Foto nº 55: Ilustração e produção textual  | 111 |

---

|   |     |
|---|-----|
| Foto nº 56: Ilustração da história dos “Amigos de Peniche”                        | 114 |
| Foto nº 57: Ilustração da história dos “Amigos de Peniche”                        | 114 |
| Foto nº 58: Produção de texto sobre a Lenda                                       | 115 |
| Foto nº 59: Outras lendas trabalhadas pelos alunos do 3º e 4º ano de escolaridade | 115 |
| Foto nº 60: Outras lendas trabalhadas pelos alunos do 3º e 4º ano de escolaridade | 115 |
| Foto nº 61: Ilustração dos foguetes da festa de S. Brás                           | 118 |
| Foto nº 62: Ilustração dos foguetes da festa de S. Brás                           | 118 |
| Foto nº 63: Registo da festa do Paço pelos alunos do 3º e 4º ano de escolaridade  | 119 |
| Foto nº 64: Construção de rimas sobre as festas populares                         | 119 |
| Foto nº 65: Construção de rimas sobre as festas populares                         | 119 |

---

## INTRODUÇÃO

### **Problemática da Pesquisa**

Ao longo dos tempos, a educação tem sido considerada um importante meio de desenvolvimento individual e social do ser humano.

Longe vão os tempos em que competia à família a responsabilidade da transmissão dos saberes aos elementos mais novos, quando apenas uma minoria tinha acesso à escola. Com a introdução da escolaridade obrigatória no sistema de ensino este foi-se alargando, ao longo das últimas décadas, tendo passado por alterações profundas.

No início do século XXI, quase todas as crianças têm acesso às novidades tecnológicas remetendo para o esquecimento a sua cultura. Com o ritmo de vida agitado e as alterações sofridas na constituição familiar, as famílias tradicionais escasseiam e os conhecimentos que se transmitem são cada vez mais raros.

Os avós, grande parte dos quais vivem em lares, deixaram de ser um suporte da família e já não são um veículo de transmissão das tradições ancestrais. A família tem vindo, gradativamente, a demitir-se do papel de agente de transmissão de cultura e a encarregar as escolas desta função. A atenção que os avós e os pais e outros familiares dedicavam à criança é, atualmente, substituída por um brinquedo de alta tecnologia. Esta carência afetiva e emocional fizeram aumentar a responsabilidade da escola e do professor em áreas que anteriormente eram de âmbito familiar. Para a sala de aula, os alunos trazem as vivências, estes conhecimentos são trabalhados no espaço sala de aula nas diferentes áreas do conhecimento. De acordo com Dewey

(...) se é pela educação que à geração mais nova se transmitem crenças, os costumes, os conhecimentos e as práticas da geração adulta - educação é o processo pelo qual a criança cresce, desenvolve e amadurece (1978:21).

Desde os finais do século passado que as áreas das Expressões Artísticas têm vindo a ocupar, gradualmente, um lugar no currículo<sup>1</sup>, através destas as crianças têm a

---

<sup>1</sup> O Currículo é entendido como um conjunto de aprendizagens que integram conhecimentos, capacidades, atitudes e valores a desenvolver pelos alunos ao longo da sua vida académica.

---

possibilidade de se desenvolver nas diversas áreas, sendo uma área muito importante para uma aprendizagem ao longo da vida.

Através do nosso estudo, pretendemos compreender o contributo que a escola pode dar, através das atividades de Expressões Artísticas, na passagem das tradições que se transmitem por via oral e artística e de que modo podem ser trabalhadas de maneira a promover o interesse do aluno pelas mesmas, de forma, a saber, preservá-las e manter a sua continuidade. Este trabalho pretende analisar a informação obtida numa interação com os sujeitos, a partir da observação direta e da realização de questionários a alunos, pais, docentes do 1º Ciclo e educadores de infância e compreender de que forma os alunos tiram partido do ensino das Expressões Artísticas na aquisição de conhecimentos das tradições, identificando estratégias existentes no ensino/aprendizagem das Expressões Artísticas que sejam promotoras de transmissão de tradições relativas ao meio em que vivem.

Como docente de um estabelecimento de ensino estamos conscientes das dificuldades que, atualmente existem no processo de transmissão de valores culturais, bem como da sua importância no desenvolvimento do indivíduo. Apesar das novas tecnologias nos fascinarem torna-se pertinente não esquecer o que nos foi deixado pelos nossos antepassados e serve de base ao nosso desenvolvimento. Neste sentido, não podemos esquecer as tradições locais, que fazem parte da nossa história. Enquanto docente do 1º Ciclo, e orientada pelo Currículo Nacional do Ensino Básico, Competências Essenciais e pela Organização Curricular e Programas do 1º Ciclo irei, em conjunto com as colegas e educadoras dentro do contexto das Expressões Artísticas, promover, analisar e avaliar atividades que permitem a transmissão de algumas tradições locais na sala de aula.

### **Questão central da pesquisa**

A questão central deste trabalho de investigação incide nas atividades de Expressão Artística desenvolvidas na EB1/JI de Ribafria - Agrupamento de Escolas de Atougia da Baleia, tendo como principal objetivo, compreender o contributo da escola, na transmissão de tradições locais, através dessas atividades.

### **Pergunta de partida**

De que forma pode a escola, através das atividades de Expressão Artística contribuir para a transmissão de tradições locais?

### **Questões de investigação**

A fim de responder à pergunta de partida de uma forma tão completa quanto possível, decidimos dividi-la em várias questões:

- Como podem as tradições locais ser trabalhadas, pelos docentes, no contexto das Expressões Artísticas, no 1º Ciclo?
- Quais as estratégias que podem ser utilizadas pelos docentes, para que os alunos valorizem as tradições locais?
- Qual a importância das atividades de Expressão Artística na abordagem as tradições locais?
- Observam-se contributos da escola para a transmissão das tradições locais?

### **Objetivos Principais**

Para a realização da nossa pesquisa definimos os seguintes objetivos:

- Identificar estratégias existentes no ensino/aprendizagem das Expressões Artísticas que sejam promotoras da transmissão de tradições locais;
- Promover a articulação entre a escola e a família no processo de transmissão de tradições locais;
- Compreender de que forma os alunos beneficiam do ensino das Expressões Artísticas na aquisição de conhecimentos culturais

- Procurar recursos que podem ser introduzidos na sala de aula, de forma a que os alunos valorizem a cultura local;
- Avaliar até que ponto a escola pode ser transmissora de tradições.

### **Limites do Estudo**

Nesta investigação em que o investigador é, simultaneamente, participante, isto é, agente de ensino, pode tornar-se, por vezes, complicado ser-se isento no que respeita ao objeto de estudo. No entanto, irei ser o mais objetiva possível. Outra das limitações previsíveis prende-se com as questões de ordem temporal, o que vai obrigar a fazer uma correta gestão do tempo e das oportunidades.

O estudo centra-se numa escola e numa amostra reduzida da população escolar de uma área específica – Ribafria – a que está confinada.

### **Justificação do Estudo**

Este estudo realizou-se no Agrupamento de Escolas da Atouguia da Baleia, nomeadamente na EB1/JI de Ribafria.

Acreditamos que as Expressões Artísticas são de extrema importância para a promoção do desenvolvimento global da criança, bem como um instrumento de apoio das aprendizagens nas diferentes áreas do saber. Consideramos a importância das atividades de Expressão Artística como estratégia na exploração das tradições locais, que também elas estão ligadas a estas atividades.

A escola da EB1 de Ribafria foi selecionada por ser a instituição onde a docente exerce a sua prática pedagógica e onde existem alunos dos diversos anos de escolaridade. Para além do trabalho realizado na EB1/ JI de Ribafria e devido a esta instituição apresentar uma amostra reduzida para o estudo, procurámos aproveitar outros componentes do agrupamento na pesquisa. Assim realizámos inquéritos por questionário não só aos alunos do 1º ciclo, ensino pré-escolar e encarregados de educação da EB1 /JI de Ribafria mas também aos alunos do 1ºciclo e encarregados de educação da EB1 da Bufarda e Encarregados de Educação do JI de Geraldês. Preferimos estas instituições por se encontrarem mais próximas geograficamente da Escola de

Ribafria e para tornarmos a amostra mais significativa, podendo haver uma comparação entre diferentes instituições do mesmo agrupamento. Também foram realizados inquéritos por questionário aos docentes do 1º ciclo e JI do Agrupamento. Estes inquéritos tiveram como objetivo principal compreender as práticas pedagógicas dos docentes nas várias escolas do agrupamento.

Decidimos fazer este estudo por acreditarmos que a escola tem um papel social e cultural fundamental na vida da criança e que as Expressões Artísticas, para além do seu conteúdo, são um recurso riquíssimo para a exploração das tradições locais. Sabemos, também, que cabe ao professor titular da turma encontrar estratégias e organizar as suas planificações de forma a encontrar momentos apropriados para incluir as Expressões Artísticas na sua prática.



“ A cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, saber-fazer, regras, normas, interdições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos que se transmitem de geração em geração, reproduz-se em cada individuo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social”.

(Edgar Morin, 2002: 61)

---

## Capítulo I: Cultura e Transmissão de Tradições em Educação

### 1.1 Definições de Cultura

Definir cultura não é uma tarefa fácil, segundo o antropólogo Bernardo Bernardi existem vários significados para cultura: um humanístico, que se refere a um “processo de conhecimentos mais ou menos especializados, adquiridos mediante um estudo. (...) o homem culto é aquele que completou estudos superiores, que leu muito e que possui conhecimentos sistemáticos (...)” (Bernardi, 1974: 23), e um antropológico formulado por Edward B. Tylor, no século XIX, em que “(...) a cultura é o complexo unitário que inclui o conhecimento, a crença, a arte, a moral, as leis e todas as capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”(cit. in Bernardi, 1974: 24). Surge ainda o conceito sociológico de cultura que compreende a produção e consumo de atividades culturais e está ligada à noção de “indústria cultural“ e “cultura de massa”. Como se afirma na obra *Introdução à Antropologia Cultural*, cultura é tudo aquilo que:

recebemos, transmitimos ou inventamos. Assim o fumar, o beber, o comer, o fritar ovos, uma adivinha, um algarismo, um conto, o respeito pelos mais velhos, o namoro, uma regra de etiqueta, um sonho, uma catedral, uma barragem, o vestuário, o cigarro, o cinema, a televisão, o avião, a matemática, o relógio, a caneta, o prato, o calendário, etc., constituem cultura (Lima, Martinez, 1991: 37).

Na opinião de Edgar Morin, na obra *Os Sete Saberes para a Educação do Futuro*, o homem é, simultaneamente, “biológico e cultural”. Se o homem não tivesse cultura seria um primata da mais baixa espécie. A cultura permite ao homem completar-se como ser humano “Não existe cultura sem cérebro humano, não há mente sem cultura”, “ a mente é uma emergência do cérebro que suscita a cultura a qual não existiria sem cérebro” (2002: 57).

O filósofo e pedagogo Demerval Saviani compreende “a cultura como a transformação que o homem opera sobre o meio e, por outro lado, os resultados dessa mesma transformação” (2007:45). Nos seus estudos refere diversos conceitos de cultura: a Cultura Erudita, considerada a do intelectual, do artista e do elitista; a Cultura Popular considerada de grupo, relacionada com os utensílios, os artefactos, a simbologia, rituais e festas; a Cultura de Massa caracterizada pela “indústria cultural” e

---

que tem como matéria-prima a Cultura Erudita. A Cultura de Massa vai, ainda, buscar à “Cultura Popular” elementos e alterá-los, para os utilizar mais tarde como “Objetos de Turismo”. Estas definições vão ao encontro das anteriormente referidas pelo antropólogo Bernardo Bernardi.

A Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais da UNESCO, que decorreu no México, em 1982, acordou que no seu sentido mais abrangente:

a cultura pode ser considerada atualmente como o conjunto dos traços distintivos espirituais, materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade e um grupo social. Ela engloba, além das artes e das letras, os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, as tradições e as crenças.<sup>2</sup>

Todas as atividades do homem constituem a cultura e podemos diferenciá-la em cultura material e cultura imaterial. A primeira refere-se aos objetos criados e a segunda às ideias, valores e percepções do mundo. A cultura é onde assenta a união de uma sociedade. “A cultura (...) é a expressão da própria vida dos homens, tal como o trabalho, a família, a ocupação dos tempos de lazer, a comunicação com os outros (...) é necessidade imaterial, mas também satisfação de necessidades práticas” (Pacheco, 1985: 9).

A antropologia cultural analisa e compara o modo como vivem os indivíduos num mundo que criaram para si. Lévi-Strauss afirma que todas as “culturas humanas não diferem entre si do mesmo modo, nem no mesmo plano” (2010: 13). Segundo o autor, umas diferem pela sua proximidade ou afastamento e outras pela sua presença no tempo cultural e desenvolvimento histórico. As características culturais do homem devem-se à sua capacidade de assimilar comportamentos, devido às suas necessidades de adaptação. As características de uma cultura marcam as suas diferenças, mas também as suas semelhanças. Todas as culturas se dedicam à arte, à ciência, ao homem e ao universo, tornando-as semelhantes, os meios e as técnicas que empregam para os compreender é que variam.

Na obra *O indivíduo e a sua cultura, a psicologia na vida do nosso tempo*, Charlotte Bühler considera haver na cultura cinco categorias com significado universal: ordem, valores, integração, tradição e mutação. As culturas desenvolvem-se numa

---

<sup>2</sup> UNESCO, 1982, *Declaração do México, Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais*. ICOMOS - Conselho Internacional de Monumentos e Sítios <http://formacaompr.files.wordpress.com/2010/03/1982-declaracao-de-mexico.pdf>, (consultado em 07/05/2012)

---

hierarquia e segundo esta ordem são-lhes atribuídos determinados papéis. Todos os indivíduos pertencentes a uma cultura têm deveres e direitos, determinados pelos valores dessa cultura. As características de uma cultura formam-se a partir de uma prática que tem sempre uma finalidade. A cultura é transmitida através das tradições e dos costumes desde o nascimento. A mutação da cultura pode surgir de dentro do indivíduo (endógena) ou de fora (exógena). Esta mudança é endógena quando os indivíduos sentem necessidade de se adaptar a uma nova forma, e exógena aquando das aculturações.

A cultura que é transmitida de geração em geração e nos permite entender o mundo em que vivemos sofre adaptações, por parte da geração que a recebe, devido à necessidade que estes sentem de se adaptar às novas exigências do mundo atual. Como tal, deve ser entendida como um processo contínuo e dinâmico. Na opinião de Victor de Melo o conceito de cultura

não pode ser encarado de forma homogénea e uniforme, como algo dado à priori ou que possua uma suposta essencialidade. Suas ocorrências modificam-se no decorrer do tempo em conformidade com as relações de poder e os interesses envolvidos nos embates e tensões (2006: 20).

Quando a criança nasce inicia, de uma maneira informal, as suas aprendizagens culturais, aprendendo a moldar o seu comportamento à cultura do seu grupo e a apreendê-la, quando entra para a escola a criança passa para um sistema formal de aprendizagem onde vai conhecer e aplicar as regras de convívio social, ensinadas pelos elementos da sua comunidade educativa. Esta aprendizagem é imprescindível para manter viva a sua cultura.

## **1.2 Cultura Tradicional e Popular**

O nosso trabalho abarca também o conceito de cultura popular sobre o qual consideramos tecer alguns comentários, tendo em conta a definição de Ribas em que: “Popular é aquilo que foi criado pelo povo e pertence ao povo” (1982: 14).

A cultura popular refere-se, como já foi mencionado, aos costumes, conceitos e conhecimentos de um povo. Esta aparece como uma forma de estar considerada das classes menos favorecidas e manifesta-se através das danças, das festas, da música entre outros.

---

Na Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, reunida em Paris de 17 de Outubro a 16 de Novembro de 1989, por ocasião da sua 25.<sup>a</sup> sessão foi elaborada a *Recomendação sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular*. Neste documento a cultura tradicional e popular é definida como:

o conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundadas na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem às expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social; as normas e os valores se transmitem oralmente, por imitação ou de outras maneiras. Suas formas compreendem, entre outras, a língua, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os rituais, os costumes, o artesanato, a arquitetura e outras artes (1989: 2).

Segundo este documento, a cultura popular deve ser defendida e transmitida, esta transmissão pode e deve ser feita também na escola. Como tal, foi recomendado nesta Conferência aos Estados-membros para que:

elaborassem e introduzissem nos programas de ensino, tanto curriculares como extracurriculares, o estudo da cultura tradicional e popular de maneira apropriada, destacando especialmente o respeito a esta do modo mais amplo possível, e considerando não apenas as culturas rurais ou das aldeias, mas também aquelas criadas nas zonas urbanas pelos diversos grupos sociais, profissionais, institucionais etc., para fomentar assim melhor entendimento da diversidade cultural e das diferentes visões de mundo, especialmente as que não participem da cultura dominante (1989: 3).

Neste documento foi ainda aconselhado a produção de materiais educativos que sirvam de suporte a este tipo de trabalho. A tradição popular é considerada património da Humanidade, dá-nos a conhecer a forma de ser e de estar de um povo, nela registam-se os factos culturais que são aceites pelo grupo e transmitidos através da escrita e da oralidade. Fazem parte destas os jogos, os costumes, os contos, as cantigas, as adivinhas, os provérbios, os rituais e os mitos.

No século passado remeteram-se as tradições quase para o esquecimento, mas ultimamente tem-se verificado uma crescente preocupação em encontrar estratégias que fomentem nos mais novos o interesse pelo conhecimento das mesmas e pela sua preservação.

Na opinião de Vasconcelos as crianças e jovens só irão valorizar a sua identidade cultural quando sentirem que pertencem à história de um povo, sendo assim possível a

---

continuidade, proteção e preservação das tradições. Para este autor, as tradições populares:

têm uma importância pela sua aplicação à educação infantil. Uma boa educação consta de três partes, educação física, moral e intelectual; ora para todas elas as tradições populares oferecem temas variados. As forças físicas robustecem-se, por exemplo, nos jogos, como os cantinhos, a cabra cega, o assim se amassa, os adágios, contos fábulas e romances oferecem desfechos de alta moralidade, as intelectuais desenvolvem-se, por exemplo, na decifração das adivinhas, na perícia dos jogos, na poesia (...). Os costumes populares no ensino têm ainda a vantagem de fortalecer o cérebro da criança no respeito da nacionalidade, aqui representada num dos seus mais importantes elementos - a tradição (1986:31).

A identidade cultural pode definir-se como o Bilhete de Identidade de uma Cultura, através do qual se verificam as características das relações entre os indivíduos pertencentes a um mesmo grupo. A união desse grupo deve-se à identidade cultural e é esta que, apesar dos progressos tecnológicos mundiais, o homem não pode desprezar. Como Edgar Morin (2000: 77) afirma: “É no encontro com seu passado que um grupo humano encontra energia para enfrentar seu presente e preparar o futuro”.

### **1.3. O Património Cultural**

O património cultural é a herança da nossa cultura, compreende as provas materiais e imateriais respeitantes a um conjunto de práticas que são a memória coletiva de um povo. Do património material fazem parte os monumentos, artefactos e utensílios e do património imaterial fazem parte as relações sociais e simbólicas, os costumes e celebrações entre outras manifestações. A preservação do património contribui para manter “a continuidade cultural”. Para Isabel Telmo cada geração tem como tarefa

(...) transmitir à seguinte nas melhores condições o legado artístico histórico das gerações anteriores. Qualquer indivíduo deve assumir a responsabilidade de defender, conservar e transmitir os bens da coletividade a que pertence. Devemos defender não só a igreja, o cruzeiro (...) danças, cantares, o artesanato local (...). O ambiente do presente está enquadrado no ambiente definido pelo passado: há que preservar esse ambiente na construção do presente (1989: 7).

---

*A Organização Curricular e Programas para o 1º Ciclo do Ensino Básico* de 2004, menciona em vários pontos, a importância do património como objeto de estudo nas diversas áreas de aprendizagem.

Nos Princípios Orientadores de Expressão e Educação Musical pode ler-se: “A audição ao vivo ou de gravação, o contacto com as atividades musicais existentes na região e a constituição de um repertório de canções do património regional e nacional, são referências culturais que a escola deve proporcionar” (2004: 67). Estes princípios salientam também que é importante incluir os brinquedos musicais regionais da nossa tradição popular na escola.

Nos Objetivos Gerais na Área de Estudo do Meio é referido o reconhecimento e valorização seu património histórico e cultural o aluno. Nos conteúdos de Estudo do Meio, “À Descoberta dos Outros e das Instituições”, para o 3º ano de escolaridade é referido a importância do reconhecimento de vestígios de outras épocas como recursos a serem usados pelos alunos na reconstituição do passado e na promoção de atitudes de respeito, de conservação e valorização do património histórico, e para o 4º ano de escolaridade a identificação de fatores que podem contribuir para a destruição do património. O documento acima referido salienta que é:

(...) no confronto com os problemas concretos da sua comunidade e com a pluralidade das opiniões nela existentes que os alunos vão adquirindo a noção da responsabilidade perante o ambiente, a sociedade e a cultura em que se inserem, compreendendo, gradualmente, o seu papel de agentes dinâmicos nas transformações da realidade que os cerca (2004: 102).

Nos Objetivos Gerais na área da Língua Portuguesa, ao nível da aprendizagem da Escrita e da Leitura é fundamental que se “desenvolva, nas dimensões cultural, lúdica e estética da Língua, o gosto de falar, de ler e de escrever” (2004: 136). Todos os anos de escolaridade têm como objetivo comum “Criar o gosto pela recolha de produções do património literário oral” (2004: 137), sendo estas produções lengalengas, adivinhas, rimas, trava-línguas, contos e cantares. No terceiro ano de escolaridade os alunos devem ainda saber “Registar, por escrito, produções do património literário oral para as conservar ou para as transmitir” (2004: 152). Também *O Currículo Nacional do Ensino Básico Competências Essenciais* de 2001 reforça a ideia do património como objeto de estudo, sendo um dos princípios e valores orientadores do Currículo a “construção de uma consciência ecológica conducente à valorização e preservação do património cultural e natural” (2001:15). Em contexto escolar, este tema pode ser também utilizado como um importante recurso didático de apoio às diversas áreas do

---

currículo como, o Estudo do Meio, a História, a Geografia, a Matemática, o Português e as Expressões Artísticas. Para utilizar este recurso o professor precisa de se empenhar na aquisição de conhecimentos e saber aproveitá-lo e utilizá-lo de modo correto.

#### **1.4 O Folclore na Escola do 1º Ciclo**

O folclore é assimilado diariamente de forma informal através do convívio social e transmite-se oralmente, pela observação e imitação. O folclore engloba as tradições e a história de um povo. Ribas define o folclore como:

(...) o estudo (a ciência que estuda) dos usos e costumes, das tradições espirituais e sociais, das expressões orais e artísticas que permanecem num povo evoluído, numa classe social ou num estrato social evoluído, precisamente a herança cultural tradicional de um povo evoluído, só os povos e estratos sociais evoluídos têm folclore. As sociedades e os povos primitivos não têm folclore, têm a sua própria cultura (1982: 14).

O folclore faz parte da vida e da história do aluno, como tal a escola deve orientar o educando a fazer parte dela e a compreendê-la. A área relativa ao folclore constitui, também ela, uma riquíssima fonte de recursos didáticos muito importantes a nível pedagógico, podendo proporcionar a exploração de diversos conteúdos a nível transversal. Quando o aluno toma conhecimento da música folclórica, da gastronomia tradicional, do artesanato, das lengalengas, provérbios, adivinhas e jogos tradicionais, entre outros, fica a conhecer o passado os seus usos e costumes.

A finalidade da música folclórica é expressar o modo de vida de um povo, os seus trajes, os seus utensílios de trabalho, o lazer, as suas emoções entre outros, e não deixar que estas vivências fiquem no esquecimento. O titular da turma pode utilizar a música folclórica como recurso para dar a conhecer à criança o seu passado, ou utilizá-lo apenas como uma ferramenta musical numa atividade de dança. As novas tecnologias de informação e comunicação, nomeadamente a internet, são neste momento uma mais-valia, pois permitem ao aluno, muitas vezes visualizar pequenos vídeos de música folclórica.

A gastronomia tradicional, considerada também uma forma de folclore, pode ser aplicada em contexto educativo com o objetivo de explorar receitas tradicionais. Nestas atividades, geralmente, são os alunos que, através da pesquisa e com a ajuda dos familiares as levam para a escola, para serem trabalhadas e algumas vezes

confeccionadas. Numa atividade de culinária o professor pode trabalhar desde as Expressões à Matemática, à Língua Portuguesa, ao Estudo do Meio e à Área de Projeto.

O artesanato é mais uma forma de folclore que também pode ser usado em contexto de sala de aula e permite à criança para além do conhecimento de novas técnicas plásticas, a exploração das suas capacidades neste contexto.

Os provérbios contêm conhecimentos adquiridos pelo povo através das suas vivências. Geralmente abordam temas relacionados com os fenómenos da natureza, com a agricultura e com a vida quotidiana e cativam pelo seu argumento e pelas suas metáforas tendo sempre uma moral. Na opinião de António Cabral o uso da língua

toma o provérbio como sinónimo de ditado popular, adágio e rifão (...). O provérbio, o rifão e o ditado, como equivalentes constituem nas suas linhas gerais, uma observação fina e cintilante de viver, sem ter necessariamente cunho apelativo” (1998: 23).

Segundo Nogueira,<sup>3</sup> as adivinhas populares tradicionais fazem parte do nosso património cultural e são de natureza verbal. Este autor define a adivinha como um pequeno texto

(...) que apela a uma resposta, contida na pergunta de modo cifrado ou encoberto. A adivinha fornece uma definição insinuante e engenhosa, de algo conhecido, mas dissimulando-o, de forma a não permitir a localização imediata do referente (P.2).<sup>4</sup>

Segundo o mesmo autor, o importante da adivinha é o processo de resolução. As adivinhas portuguesas têm autores desconhecidos, sendo transmitidas de forma oral. As adivinhas promovem o raciocínio lógico da criança e têm um sentido competitivo, a vitória, que se conquista com a resolução da adivinha. Durante esta atividade a criança concentra-se apenas na tentativa de decifrar a adivinha. O uso das adivinhas, entre os mais novos e os mais velhos é, não só uma forma de transmissão de conhecimentos, mas também de convívio social.

Com as lengalengas e trava-línguas a criança adquire novos vocábulos, alguns deles menos utilizados na linguagem quotidiana. As lengalengas são, com frequência,

---

<sup>3</sup> NOGUEIRA, C. Para uma teoria da adivinha tradicional portuguesa, [http://195.23.38.178/casadaleitura/portalpha/bo/documentos/ot\\_adinhas\\_nogueira\\_a.pdf](http://195.23.38.178/casadaleitura/portalpha/bo/documentos/ot_adinhas_nogueira_a.pdf), (consultado em 13 /05 /2012)

<sup>4</sup> *ibidem*

utilizadas em casos de terapia da fala e além da sua função terapêutica, despertam o gosto de brincar com as palavras e com os sons.

Os jogos tradicionais são aqueles que são fáceis de aprender, e que foram aceites coletivamente e transmitidos de forma oral e aprendidos através da observação e imitação. Estes jogos promovem a convivência social e fomentam o respeito e cumprimento de regras. Ao jogar a criança não só aprende mas também pode ensinar o jogo. “ (...) Enquanto manifestação espontânea da cultura popular, os jogos tradicionais têm a função de perpetuar a cultura infantil e desenvolver formas de convivência social” (Kishimoto, 1994: 25).

As cantigas de roda são na opinião de Ana Paula de Araújo<sup>5</sup> “ de extrema importância para a cultura de um local, através dela dá-se a conhecer costumes, o quotidiano das pessoas, festas típicas locais, comidas, brincadeiras, paisagem, flora, fauna, crenças, dentre muitas outras coisas (...) ”. Estas cantam-se quando as crianças estão numa roda de mãos dadas. Estas cantigas passam oralmente de geração em geração, pois são simples e fáceis de aprender.

A utilização do folclore no contexto de sala de aula vem enriquecer o aluno com conhecimentos acerca da sua cultura e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimentos nas diferentes áreas do saber.

## 1.5 Cultura e Educação

Cada povo transmite a sua cultura através de um método próprio e pode fazê-lo de uma forma espontânea ou através de instituições como a família e a escola. Miguel Almir Lima de Araújo, no Congresso Ibero Americano de Educação Metas 2021, realizado em setembro de 2010, referiu que a educação é como um ”rito de iniciação” que orienta os seres humanos em processos de aprendizagens dos valores essenciais que expressam os saberes, o sentir, e as origens de sabedorias dos diversos povos da humanidade.<sup>6</sup> De facto é importante que a escola transmita estes conhecimentos, José

---

<sup>5</sup> ARAÚJO. A. Infoescola, Navegando e Aprendendo, <http://www.infoescola.com/folclore/cantigas-de-roda/>, (consultado em 12 /04/2012)

<sup>6</sup> Araújo, M: Congresso Iberoamericano de Educación Metas 2021- un congreso para que pensemos entre todos la educación que queremos; Buenos Aires; República Argentina; septiembre de 2010\_Educação Intercultural e Bilingue-tradição Cultural, diversidade e interculturalidade no educar; por uma pedagogia de Fuxico,Pág 7,

---

Juan Diez entende a educação como “ uma experiência social, em contato com a qual a criança aprende a descobrir-se, desenvolve as relações com os outros, adquire bases no campo do conhecimento e do saber-fazer” (1994: 20).

A escola tem como um dos objetivos manter viva a cultura para que o indivíduo possa conhecer as suas raízes.

Nos programas curriculares do sistema educativo o folclore esteve sempre presente de uma forma formal ou informal. As atividades pedagógicas relacionadas com o folclore têm-se revelado muito importantes para o desenvolvimento da cidadania no aluno. As vivências dos alunos são a melhor forma de preservar as nossas tradições e a escola deve estimulá-las, estabelecendo um trabalho de equipa com a comunidade local.

A *Organização Curricular e Programas para o 1º Ciclo do Ensino Básico de 2004* faz referência aos artigos 7.º e 8.º da Lei n.º 46/86 - Lei de Bases do Sistema Educativo que determina o conjunto de objetivos gerais da escolaridade básica. Estes objetivos, nomeadamente, as alíneas b e g, evidenciam a importância da pertinência do estudo da cultura:

- b) “Assegurar que, nesta formação, sejam equilibradamente inter-relacionados o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano” (2004: 12).
- g) “Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura portuguesa” (*ibidem*).

A importância da cultura no processo educativo do aluno é também referida neste documento, nos princípios orientadores da ação pedagógica, através de diferentes aprendizagens:

- As aprendizagens significativas pressupõem “ (...) que a cultura de origem de cada aluno é determinante para que os conteúdos programáticos possam gerar novas significações” (2004: 23).
- As aprendizagens integradas que decorrem das vivências “ que possam ter sentido para a cultura de cada aluno (...) os progressos conseguidos, (...) vão assim concorrendo para uma visão cada vez mais flexível e unificadora do pensamento a partir da diversidade de culturas e de pontos de vista” (*op.cit*: 24).

- As aprendizagens socializadoras garantem a “formação moral e crítica na apropriação dos saberes e no desenvolvimento das concepções científicas. As formas de organização do trabalho escolar contribuem para o exercício das trocas culturais (...)” (*ibidem*).

A cultura, no contexto escolar é ainda mencionada neste documento nas diferentes áreas, como objeto de estudo, principalmente nos conteúdos trabalhados no 3º e 4º anos de escolaridade.

O *Currículo Nacional do Ensino Básico Competências Essenciais de 2001* menciona a importância da cultura como objeto de estudo e como recurso para a aprendizagem nas diferentes áreas de conhecimento. Segundo este documento, os alunos quando terminam o ensino básico deverão ser capazes de mobilizar “saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano,” e usar apropriadamente “linguagens das diferentes áreas do saber cultural, científico e tecnológico para se expressar” (2001: 15). Também o Decreto-Lei 139/ 2012 salienta a importância do ensino cultura do estado, referindo como um dos princípios orientadores do currículo, artigo 3º alínea n) “Valorização da língua e da cultura portuguesas em todas as componentes curriculares”.

O Relatório da UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI salienta na obra *Educação Um Tesouro a Descobrir* a importância de uma educação de saberes culturais, referindo que esta deve:

(...) tornar o indivíduo mais consciente de suas raízes, a fim de dispor de referências que lhe permitam situar-se no mundo, e deve ensinar-lhe o respeito pelas outras culturas. Há determinados ensinamentos que se revestem de uma importância fundamental a este respeito. O ensino da história, por exemplo, serviu muitas vezes, para alimentar identidades nacionais, pondo em relevo as diferenças e exaltando o sentimento de superioridade, essencialmente, porque se concebia numa perspectiva extra-científica (1999. 48).

Nos últimos tempos, as reformas educativas têm procurado dar resposta à necessidade da escola preparar os discentes, para uma aprendizagem ao longo da vida, e para responderem aos desafios atuais da sociedade estabelecendo que no ensino básico a dimensão cultural “atravessa todo o currículo. O aluno estrutura a sua identidade pessoal e social e constrói uma visão crítica do mundo que o rodeia através do conhecimento de fenómenos científicos, sociais, económicos, tecnológicos e artísticos e

---

das suas inter-relações“ (p. 8).<sup>7</sup> Desta forma, o ensino dos saberes culturais e das artes irão realizar-se transversalmente, cabendo às Expressões Artísticas, “o conhecimento e valorização do património artístico e cultural de uma forma ativa e interventiva.” (*ibidem*) As competências adquiridas nas expressões artísticas poderão servir para fomentar uma relação entre a escola e as outras estruturas culturais.

## 1.6 O modelo da Escola Cultural

A escola cultural para Patrício deve compreender quatro dimensões: a dimensão “letiva” eixo onde se realizam as atividades letivas; a “extralectiva”, eixo onde se realizam atividades extracurriculares; a “interativa” eixo relacionado com a realização de projetos e a “ecológica” assumindo a escola como um ecossistema cultural. A escola cultural compreende o homem como um ser pluridimensional, um plano biofísico, psíquico, social e cultural. Estes planos têm uma hierarquia sendo o plano espiritual o mais elevado que corresponde à atividade cultural. Para a construção do homem pleno existe a escola sendo a cultura a atividade especificamente humana que constitui a finalidade e o sentido da escola. Como refere Patrício, “quando qualificamos a escola de cultural, não estamos a acrescentar ao substantivo escola um adjetivo dispensável ou inútil, mas rigorosamente a determinar-lhe a essência e a teleonomia” (Patrício, 1997: 23).

---

<sup>7</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E MINISTÉRIO DA CULTURA. Relatório *do Grupo de Trabalho Ministério Da Educação e Ministério Da Cultura*. Despacho Conjunto N.º 1062/2003 DR-II SÉRIE DE 27 DE novembro, abril de 2004 em [www.educacaoartistica.gov.pt/documentos/Rel\\_MEd\\_MC.pdf](http://www.educacaoartistica.gov.pt/documentos/Rel_MEd_MC.pdf), (consultado em 17/05/2012)



O "piscar de olhos" da educação às Expressões Artísticas parece ser ainda um namoro superficial. Gostaríamos de pensar que esta relação se vai transformar numa ligação mais estável e credível entre educação e arte, permitindo revelar as enormes e prometedoras potencialidades pedagógicas desta união.

Noésis nº 52

## **II Capítulo: As Expressões Artísticas na Educação**

### **2.1. A Educação pela Arte**

Vários autores têm refletido sobre o papel e a importância que a arte tem na educação. A palavra educação deriva do termo “educere”, e está ligada à ideia de criar.

Segundo Read na sua obra *A educação pela Arte* não é fácil chegar a um consenso sobre a finalidade da educação, para o autor existem duas intenções completamente incompatíveis. Numa o indivíduo é educado de acordo com as suas características permitindo-lhe desenvolver as suas potencialidades. Na outra, são

---

eliminadas todas as propensões demonstradas pela criança que estejam em desacordo com o ideal tradicionalmente aceite pela sua sociedade.

Para Read o objetivo geral da educação deve ser "encorajar o desenvolvimento daquilo que é individual em cada ser humano harmonizando simultaneamente a individualidade assim induzida com a unidade orgânica do grupo social a que o indivíduo pertence" (1982: 21). Para este autor educação pode ser definida como:

o cultivo de modos de expressão - consiste em ensinar as crianças e os adultos a produzir sons, imagens, movimentos, ferramentas e utensílios. Um homem que consegue fazer bem estas coisas é um homem bem educado (...). Todas as faculdades, de pensamentos, lógica, memória, sensibilidade e intelecto, estão envolvidas nestes processos e nenhum aspecto da educação está aqui excluído. E todos eles são processos que envolvem a arte (...). O objetivo da educação é por isso a criação de artistas - pessoas eficientes nos vários modos de realização. (1982: 24 e 25)

Este autor também defende que tanto a educação como a arte deveriam ter como finalidade a preservação do indivíduo como ser total e das suas capacidades mentais para que quando fosse adulto conservasse a "unidade da consciência que é a única fonte de harmonia social e de felicidade individual" (1982: 90).

Também Platão na sua obra, *A República*, Platão defende que a educação é algo inerente ao ser humano que contribui para a sua elevação espiritual:

(...) cada um possui a faculdade de aprender e o órgão destinado a esse uso, semelhante a olhos que só poderiam voltar-se das trevas para a luz, deve voltar-se com toda a alma para o que há de mais luminoso do ser, aquilo a que chamamos o bem! A educação é a arte que se propõe este objetivo. Não em dar a vista ao órgão que já a tem, mas encaminhá-la na boa direção (cit. Sousa, 2003a: 17).

Platão foi um dos grandes defensores do ideal de que a arte e a educação estão ligadas com a finalidade de atingir "o Belo Espiritual". Tal como Platão, também Read defende a inclusão das artes na escola, para este autor a "arte deve ser a base de toda a educação", pois esta é capaz de dar à criança "(...) não só uma consciência em que a imagem e o conceito, a sensação e o pensamento se relacionem e estejam unidos, mas também, ao mesmo tempo, um conhecimento instintivo das leis do universo" (1982: 91). Para estes autores, quanto mais possibilidades a criança tiver para exercitar os sentidos e expressar as suas emoções, mais possibilidades terá de aprender. É através deste exercício que a ela apreende o material que servirá de base à estruturação das imagens mentais fundamentais à construção dos conceitos. Platão entendia a arte como:

---

algo inatingível e superior ao homem, algo luminoso que é reflexo do esplendor dos deuses, de nível transcendente, mas para o qual se aproxima da sua via espiritual, sendo motivada pela contemplação de obras que despertam esse sentimento espiritual que é o Belo. (cit. Sousa, 2003, p.18)

Na obra *Educação Pela Arte e Artes na Educação. Bases Psicopedagógicas*, Alberto Sousa apresenta diversas teorias sobre a arte das quais destacamos: as teorias clássicas que entendiam a arte com um valor transcendente; as teorias psicológicas, em que a arte é entendida como uma elevação moral de natureza psicológica; as teorias expressivas, em que a arte é vista como um meio de expressão; as teorias socioculturais que compreendem a arte como forma de expressão cultural da sociedade; as teorias lúdicas defendidas por Shiller que entende a arte como atividade lúdica; as teorias representativas, segundo as quais, a arte é utilizada como reprodução simbólica da realidade.

Na opinião de Sousa diversas metodologias têm tido como principal objetivo educacional os diferentes domínios de desenvolvimento do ser humano dando, algumas, mais relevância a um domínio do que a outro, no entanto, a educação pela arte é uma metodologia abarcante de todas as dimensões do ser humano, assim, “a educação aparece, pois, como modelo metodológico educacional, não com o propósito de ensinar Arte, mas de utilizar esta como meio de promover a Educação” (Sousa, 2003a: 80). A educação pela arte tem como objetivo o desenvolvimento do racional numa interação entre o pensar, sentir e agir e é aplicada através de atividades lúdicas, criativas e expressivas. Sousa alega que a educação pela arte faculta

(...) todo um vasto leque de vivências simbólicas e emocionais, que contribuem de modo muito especial, não só para o desenvolvimento afectivo-emocional e intelectual da criança, como permitem o colocar em ação toda uma série de mecanismos psicológicos de defesa (...) que robustecem a criança na sua luta contra as frustrações e conflitos da vida (2003a: 83).

Na opinião do Professor António Damásio, no *Roteiro para a Educação Artística Desenvolver as Capacidades Criativas para o Século XXI*, a prioridade dada ao desenvolvimento cognitivo em detrimento da área emocional é um fator que contribui para o atraso do comportamento moral da sociedade moderna. Para este cientista “o desenvolvimento emocional faz parte integrante do processo de tomada de decisões e funciona como um vetor de ações e ideias, consolidando a reflexão e o discernimento “ (UNESCO,2006: 7) e não assenta apenas em bases racionais. Para que

---

um indivíduo tenha um comportamento saudável, necessita de ter um bom desenvolvimento emocional. Daí o papel da educação pela arte ser tão importante. Atualmente, a principal preocupação do ser humano é adquirir saberes que o possam ajudar a conseguir uma boa profissão que lhe assegure adquirir uma importante posição social, esquecendo-se de ser feliz. Tal facto leva-nos a repensar a educação com vista a uma harmoniosa formação do ser, pois como refere a obra, de vários autores, *Educação pela arte, Estudos em Homenagem ao Dr. Arquimedes da Silva Santos* “Um dos fins sempre presentes da educação pela arte é a felicidade da pessoa, sendo esta uma ação preventiva que procura afastá-la do sofrimento e proporcionar-lhe alegria” (2000: 17).

## **2.2 A Educação Artística em Portugal**

A educação artística de acordo com o ponto de vista de Sousa: “proporciona uma equilibrada cultura geral, com vivências culturais, no âmbito das letras, das ciências e das artes, que levará a um melhor desenvolvimento da pessoa no seu todo” (2003: 61). De acordo com este autor a educação artística implica uma disposição curricular, em que todos os domínios tenham o mesmo peso para proporcionar aos alunos uma equilibrada formação a nível da cultura geral. Em Portugal isto não acontece, apesar dos esforços de vários pedagogos no século passado, só no final do mesmo, mais propriamente no ano de 1984, através Decreto-lei nº46/86 da Lei de Bases do Sistema Educativo, foi formalmente evocada a importância da educação artística na formação do indivíduo, referindo o Artigo 8º, ponto 3, alínea a) do mesmo Decreto que um dos objetivos da educação para o 1º ciclo é “ (...) a iniciação e progressivo domínio das expressões plásticas, dramática, musical e motora”. Este Decreto-Lei veio estabelecer objetivos que visavam o desenvolvimento de diversas competências do domínio das Expressões Artísticas. (Ver Anexo 1, Artigo 7º, alínea a) e b)).

A Lei de Bases da Educação Artística (Decreto-Lei nº 334/90) veio determinar nos novos programas curriculares o ensino das Expressões Artísticas nos vários graus de ensino, decretando como áreas da Educação Artística: a Música, a Dança, o Teatro, o Cinema e Audiovisual e as Artes Plásticas. Os objetivos da mesma encontram-se no documento que se junta em anexo no final deste trabalho (Ver Anexo 2, artigo 2º, 3º, 7º 9º e 10º).

Atualmente o *Currículo Nacional Do Ensino Básico Competências Essenciais* entende as artes como:

(...) elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. São formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção. Elas perpassam as vidas das pessoas, trazendo novas perspectivas, formas e densidades ao ambiente e à sociedade em que se vive (2001: 149).

No ensino básico atual, a educação artística desenvolve-se, através de quatro grandes áreas artísticas, presentes nos três ciclos:

- Expressão Plástica e Educação Visual;
- Expressão e Educação Musical;
- Expressão Dramática/Teatro;
- Expressão Físico-Motora/Dança.

Estas áreas são trabalhadas, no 1º Ciclo, pelo professor da turma e, de acordo com a análise do Anexo I do DL- 139/2012, com a seguinte distribuição dos tempos letivos para cada área:

Áreas disciplinares de frequência obrigatória:

- Matemática – sete horas letivas semanais.
- Português – sete horas letivas semanais.
- Estudo do Meio – cinco horas letivas semanais.
- Expressões Artísticas;
- Expressões Físico -Motoras.

As áreas não disciplinares devem ser desenvolvidas em articulação e com as áreas disciplinares, incluindo o trabalho com as Tecnologias de Informação e Comunicação.

- Estudo acompanhado;
- Área de projeto;
- Educação para a cidadania.

Total — 25 horas

Esta distribuição dos tempos letivos vem confirmar o grande desequilíbrio ponderal em favor da Matemática, Língua Portuguesa e Estudo do Meio em detrimento da área das Expressões, revelando que apesar de todos esforços dos que defendem a integração das artes na educação de uma forma equitativa, isso ainda não acontece. Estas diferenças ponderais vão sendo, no entanto, atenuadas por meio da

interdisciplinaridade entre as e as outras áreas do conhecimento. Gabriela Canavilhas presente no ciclo de conferências “Educação Artística no século XXI”, promovido pelo Clube UNESCO, no Centro Nacional de Cultura, em Lisboa, afirmou que:

Mais do que uma questão de tempos lectivos ou de currículos, a valorização da educação artística no nível básico implica o reforço do estatuto das disciplinas artísticas, de modo a garantir o seu contributo para a formação global do aluno e o seu justo reconhecimento enquanto disciplinas estruturantes do ser humano.<sup>8</sup>

### 2.3 Expressões Artísticas na Educação

As Expressões Artísticas permitem aos alunos cultivar a criatividade, a iniciativa, a capacidade de reflexão crítica e o sentido de autonomia, aprender a conhecer as capacidades do seu corpo, a usá-lo, a controlá-lo, a dominar o seu grafismo, a orientar-se espacialmente, a utilizar a sua voz e os sons do seu corpo e ampliar os seus conhecimentos face ao mundo que a rodeia, tornando-o num ser mais completo. As Expressões Artísticas têm vindo a ganhar relevo junto da comunidade escolar, tornando-se indispensável promovê-las junto dos docentes menos crédulos do seu valor. Tendo em conta que esta preocupação é generalizada a Conferência Mundial sobre Educação Artística realizada em 2006, em Lisboa, elaborou um *Roteiro para a Educação Artística*, uma Edição da Comissão Nacional da UNESCO no qual se propõe

explorar o papel da Educação Artística na satisfação da necessidade de criatividade e de consciência cultural no século XXI, incidindo especialmente sobre as estratégias necessárias à introdução e promoção da Educação Artística no contexto de aprendizagem (2006: 4).

Deste documento destacamos alguns dos objetivos que consideramos mais importantes para este estudo:

“Defender o direito humano à educação e à participação cultural” - Certificar que todos têm acesso à educação e a participarem na vida artística e cultural. Tendo como suporte os direitos à educação, fundamenta-se a razão para a educação artística ser

---

<sup>8</sup>HARDMUSICA - Jornal de cultura e lazer  
[http://www.hardmusica.pt/noticia\\_detalhe.php?cd\\_noticia=6777#sthash.LjPg6ZoF.dpuf](http://www.hardmusica.pt/noticia_detalhe.php?cd_noticia=6777#sthash.LjPg6ZoF.dpuf), (consultado em 6/7/2013)

---

necessária no programa educacional de um país. A cultura e a arte são elementares numa educação completa.

“Desenvolver as capacidades individuais” - Todos os indivíduos têm latentes capacidades criativas e a arte engloba um conjunto de práticas que proporcionam à criança diversas experiências que possibilitam o desenvolvimento dessas capacidades.

“Melhorar a qualidade da educação” - De acordo com o Relatório de Acompanhamento Global da Educação para Todos (EPT) de 2006, publicado pela UNESCO, o número de crianças com acesso à educação está a aumentar, mas é fundamental que essa educação seja de qualidade e educação de qualidade é aquela que proporciona a todos “as capacidades relevantes de que necessitam em termos locais para atuar com sucesso na sua sociedade.” (UNESCO, 2006: 8)

“Promover a expressão da diversidade cultural” - A arte é ao mesmo tempo meio de expressão de cultura e de comunicação do saber cultural, cada cultura possui as suas características que contribuem para a riqueza cultural das civilizações humanas e a educação artística promove práticas através das quais é transmitido o conhecimento, a cultura e a arte.

As artes são presentemente entendidas como meios transmissores de ideias e valores, relativamente a um contexto preciso e, cada vez mais, contribuem para a aquisição de conhecimento. Porcher salienta três finalidades fundamentais da educação artística:

(...) criar nos indivíduos (...) uma consciência exigente e ativa em relação ao meio ambiente, quer dizer, em relação ao panorama e à qualidade de vida cotidiana desses indivíduos (...) um desenvolvimento global da personalidade, através de formas as mais diversificadas e complementares possíveis de atividades expressivas, criativas e sensibilizadoras(...) pressupõe... a utilização de métodos pedagógicos, progressivos e controlados, os únicos capazes de produzirem a alfabetização estética (...) sem a qual toda a expressão permanece impotente e toda a criação é ilusória (1982: 25).

Ronaldo Bianchi, Secretário Adjunto - Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo (2009), reconhece que a educação artística e cultural é imprescindível para o desenvolvimento das capacidades da criança e esse é o maior bem que o Estado lega à nação:

(...) o acesso à formação física, intelectual, e cultural dos seus cidadãos. O ensino da música, da dança, das artes visuais, cênicas, do estímulo à leitura, realiza nas pessoas a mágica da sua transformação. Trata-se de formar líderes, pessoas conscientes, com capacidade de sonhar. Ter a visão e

expressar-se para conquistá-la. O Estado deve como função cultural aplicar recursos (humanos e financeiros) para este fim: formar cidadãos. O ensino das expressões culturais completa a formação intelectual. De que adiantará formar engenheiros que não se comuniquem, enfermeiros que não se sensibilizem, arquitetos sem alma ou chefes de fábricas sem liderança? Por meio do ensino do teatro criaremos líderes, da música os que se compreendem, das artes visuais os que sonham e da dança a postura pessoal da expressão corporal, que define uma situação. Portanto, ensinar cultura é criar cidadãos e fazer um país realmente crescer.<sup>9</sup>

### 2.3.1 Expressão Plástica e Educação Visual

Desde a Pré-história, com as pinturas Rupestres, que a arte tem acompanhado o desenvolvimento da Humanidade, sendo utilizada desde as origens como forma de comunicar.

A função da Expressão Plástica no ensino nem sempre foi tida como indispensável. A atividade de Expressão Plástica, durante muito tempo, limitou-se ao desenvolvimento da destreza manual e visual e à reprodução através do desenho, pois os docentes não estavam sensibilizados para a sua importância. A Expressão Plástica era e, ainda é, na maior parte das vezes, utilizada na iniciação às aprendizagens básicas como a leitura e a escrita. Através do desenho, da pintura, da modelagem e do recorte, atividades muito utilizadas no pré-escolar, a criança consegue com mais facilidade compreender e utilizar o grafismo.

Na opinião de Sousa, a Expressão Plástica facilita à criança o desenvolvimento da capacidade de comunicar com o mundo, fazendo-o por meio da pintura, do desenho, dos trabalhos manuais ou através de qualquer outra forma de expressão. Ao comunicar, a criança passa as suas ideias para o suporte plástico. Quando a criança desenha, pinta, modela, rasga, recorta e cola, está desenvolver a imaginação, o sentido estético, a criatividade, a motricidade fina, a percepção do espaço. A utilização dos diversos materiais irá estimular-lhe o interesse por novas produções. Como docentes não devemos esquecer que somos apenas os guias dessas atividades, pois a Expressão

---

<sup>9</sup> BIANCHI, R. Secretário Adjunto - Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, Economia da Cultura Ideias e Vivências, 2009, p.17, <http://www.visionvox.com.br/biblioteca/e/economia-da-cultura.txt>, (consultado em 12/03/2012)

---

Plástica deve ser um ato de criar, livre, natural e espontâneo. Concordamos com Stern quando afirma que:

(...) nunca se dirá suficientemente que a expressão é indispensável à criança e que todo o entrave à sua manifestação é um atentado à saúde e é prejudicial ao seu desenvolvimento normal. Sabendo da sua importância nunca se deveria limitá-la ou agir contra ela, dever-se-ia pelo contrário, favorecer a expansão tal como se deseja e prepara o crescimento. Aqueles que se tornaram conscientes da existência e importância da expressão colocam-na na primeira fila das necessidades a satisfazer (1974: 14).

Na opinião de Mónica Oliveira referida em *Saber (e) Educar*, a cultura visual está presente em todo o lado e para a entendermos precisamos de descodificá-la. A criança é atraída por estas mensagens visuais e sente-se curiosa por esta área que a pode ajudar a aumentar os seus conhecimentos e está constantemente a interagir com manifestações artísticas e, assim, a desenvolver o seu sentido estético. Todo este processo é gradual e está dependente das manifestações culturais a que a criança está sujeita e à sua predisposição para observar e apreciar o que a rodeia. Este processo de aprendizagem tem que ser complementado com a escola através da realização de práticas artísticas. A Expressão Plástica permite refletir sobre toda esta informação visual, desenvolvendo nas crianças as capacidades necessárias para interagir com este meio. Como refere o Currículo Nacional do Ensino Básico a Educação Visual constitui-se como uma área que:

se situa no interface da comunicação e da cultura dos indivíduos tornando-se necessária à organização de situações de aprendizagem, formais e não formais, para a apreensão dos elementos disponíveis no Universo Visual. Desenvolver o poder de discriminação em relação às formas e cores, sentir a composição de uma obra, tornar-se capaz de identificar, de analisar criticamente o que está representado e de agir plasticamente são modos de estruturar o pensamento inerentes à intencionalidade da Educação Visual como educação do olhar e do ver (p.155).<sup>10</sup>

Devido às novas práticas educativas, as artes visuais passam a ter novo significado no desenvolvimento humano, integrando 3 dimensões de conhecimento: “sentir, agir e conhecer” (p. 157)<sup>11</sup>. Este conhecimento é desenvolvido à medida que o aluno contata com os diferentes instrumentos plásticos durante o seu percurso escolar.

---

<sup>10</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Currículo Nacional do Ensino Básico Competências Essenciais, Departamento da Educação Básica, 2001

<sup>11</sup> *ibidem*

### 2.3.2 Expressão Dramática/Teatro

A Expressão Dramática é um dos meios de *exprimere* ou “fazer sair” o que temos no interior, dar forma e comunicação à expressão. Na opinião de Luis Aguilar

Quando falamos de Teatro referimo-nos às atividades dramáticas utilizadas com fins estéticos e que têm como objetivo um produto final; quando falamos de Expressão Dramática estamos a falar das atividades dramáticas vocacionadas para o processo educativo do indivíduo em formação que, nesse sentido, são, acima de tudo, uma estratégia pedagógica.<sup>12</sup>

A Expressão Dramática permite à criança melhorar a sua autoestima, tornar-se mais confiante e extrovertida. O jogo dramático inicia-se mesmo antes de a criança começar a falar ou a andar, é um dos meios de comunicação onde o corpo e a voz são os seus principais instrumentos. Nos jogos coletivos de expressão dramática a criança estabelece uma inter-relação com os outros elementos, desenvolvendo a sua capacidade relacional. Como refere o *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*, “ O caráter lúdico do jogo dramático responde às necessidades primordiais do ser humano – a exteriorização de si no contexto da comunicação e da busca do prazer na construção da aprendizagem” (2001: 177). As atividades de Expressão Dramática vão estimular os sentidos da criança proporcionando-lhe um melhor desenvolvimento da linguagem verbal e corporal, da capacidade de expressão, concentração, memorização, interpretação, desenvolvimento da perceção espacial, da coordenação motora e da capacidade de se relacionar com os outros. Estas atividades contribuem também para a ampliação do conjunto de conhecimentos de âmbito cultural do aluno.

Nas atividades de expressão dramática devem-se realizar também práticas teatrais ”desenvolvendo a apreciação de diferentes linguagens artísticas e valorizando criticamente criações artísticas e teatrais de diferentes estilos e origens culturais” (p. 177).<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> AGUILAR. L . A Expressão Dramática, <http://www.luisaguilar.ca/exdra/exdra.htm>, (consultado em 15/04/2012)

<sup>13</sup> MINISTÉRIO EDUCAÇÃO (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais*. Lisboa: ME. Departamento da Educação Básica.

---

As atividades de Expressão Dramática possibilitam uma aprendizagem transversal, pois a criança ao abordar diferentes temas, desenvolve competências criativas, estéticas, físicas, técnicas, relacionais, culturais e cognitivas.

Cada aula de Expressão Dramática deve ser de alegria, para que o aluno possa desfrutar do que ela lhe pode proporcionar. Para Sousa, as atividades de Expressão Dramática têm

um papel importante ao longo de todo o processo de crescimento. A expressão dramática é um dos meios mais valiosos e completos de educação. A amplitude da sua ação, abrangendo quase todos os aspectos importantes do desenvolvimento da criança e a grande diversificação de formas que pode tomar, podendo ser regulada conforme os objetivos, as idades e os meios de que se dispõe, tornam-na por excelência a principal forma de atividade educativa. (...) O objetivo principal desta forma de educação é a expressão, ou seja, o estimular da criança para que expresse livremente todos os seus sentimentos, desejos e tensões interiores (2003b: 33).

As atividades de Expressão Dramática são segundo o *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*, muitas vezes, elo entre a escola e a família e a família e o meio, podendo chamar a família à escola, convidando-a a participar da elaboração de projetos e/ ou atividades.

### **2.3.3 Expressão e Educação Musical**

O *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais* refere que a música

é um elemento importante na construção de outros olhares e sentidos em relação ao saber e às competências, sempre individuais e transitórias, porque se situa entre pólos aparentemente opostos e contraditórios, entre a razão e a intuição, racionalidade e emoção, simplicidade e complexidade, entre passado, presente e futuro (2001: 165).

A música é uma forma de expressão utilizada por todas as pessoas. A linguagem musical faz parte do quotidiano da criança sem que, muitas vezes ela se aperceba e não está presente só quando ouve música, canta e utiliza instrumentos musicais, mas também quando usa o seu corpo para fazer sons ou ouve os sons da natureza, entre outros. A música é uma linguagem universal e um modo de expressão livre. Para Gloton Robert e Clero Claude a música é:

---

Expressão de coisa nenhuma, sem dúvida, se não de uma emoção estética que é tudo, e que o criador transmite e partilha com o auditor. Que a mensagem seja desprovida de conteúdo preciso, o que conta é a transmissão de uma experiência vivida, de uma realidade inefável, a comunhão espiritual que daí resulta e o florescimento pessoal que ela favorece (1976: 177).

A música é uma das formas que o homem tem de expressar o que sente, o que pensa e afirmar-se perante o grupo e o que o envolve e é uma manifestação cultural.

A predisposição musical da criança vai desenvolver-se conforme os estímulos que ela vai recebendo. No 1º Ciclo, o ensino da música engloba, a exploração dos sons da natureza, dos sons do ambiente circundante, dos sons do nosso corpo, a audição de canções, entre elas as canções tradicionais, a utilização de instrumentos musicais e instrumentos tradicionais portugueses, a construção e improvisação de instrumentos musicais e o uso das tecnologias da música. Esta área de expressão, como todas as outras, também pode ser trabalhada transversalmente. Na opinião de Sousa, para se poder aplicar a expressão musical em contexto de sala de aula, o docente apenas precisa de gostar de crianças, de música e de ensinar “ não interessa o ensino do saber, mas a formação do ser” (2003b: 18-19). O professor deve fomentar nas crianças o gosto pela música e permitir que elas utilizem harmoniosamente o seu corpo, como instrumento de expressão e simultaneamente desenvolvam as suas capacidades preceptivas, criativas, manipulativas e corporais.

De acordo com o Currículo Nacional do Ensino Básico, as competências específicas propostas para desenvolver a Expressão e Educação Musical na escolaridade básica:

(...) constroem-se de forma a potenciar, através da prática artística, a compreensão e as interpelações entre a música na escola, na sala de aula e as músicas presentes nos quotidianos dos alunos e das comunidades. (...) têm como centro a pessoa da criança e do jovem, o pensamento, a sociedade e a cultura, numa rede de dependências e interdependências possibilitadoras da construção de um pensamento complexo. Neste sentido, a música, como construção social e como cultura, pode dar um conjunto de contributos para a consolidação das competências gerais que o aluno deverá evidenciar no final do ensino básico (2001: 165-166).

Nas aulas de Expressão Musical, o aluno deve contactar com diferentes tipos de música, pois estas experiências irão ampliar os seus conhecimentos acerca dos diferentes estilos musicais e costumes de outras culturas.

---

### 2.3.4. Expressão Físico-Motora/Dança

A prática regular das atividades Físico-Motoras proporcionam à criança uma melhoria da qualidade de vida, pois estas trabalham com a criança em todas as suas dimensões, sendo que “o movimento bem vivido com todo o nosso ser só pode transformar e aperfeiçoar o homem até às suas raízes mais profundas” (Berger, 1975: 181). Os jogos tradicionais e populares e de competição fomentam os valores como o respeito, a amizade e a cooperação e estimulam o espírito de equipa e o cumprimento das regras de convivência social.

A Dança desenvolvida na componente da Atividade Física e Desportiva adquire uma importância principal para o crescimento da criança permitindo que esta se desenvolva a nível da motricidade global e da motricidade fina aperfeiçoando os seus movimentos, desenvolva a orientação espacial, a sensibilidade, o raciocínio, a concentração, a memória e a capacidade de improviso. A dança também ajuda na expressão das emoções e, como tal, facilita as relações sociais e a comunicação artística, Como refere Berger “movimentar-se livremente é exprimir os nossos sentimentos mais ocultos, comunicar o que pensamos e que não sabemos dizer” (1975: 120).

A Dança é uma atividade cheia de emoções e valores e proporciona ao aluno um conjunto de referências a todos os níveis que lhe permitem uma melhor abordagem do mundo e cada tipo de dança revela a sua cultura, pois “o movimento humano está impregnado de significados e emoções, mostra-nos os valores, as atitudes, as crenças de uma cultura através da produção física de ações, gestos e posturas” (p. 187).<sup>14</sup> Assim, a dança permite ao aluno adquirir conhecimento acerca da sua cultura e da cultura de outros povos. A Dança permite, ainda, a aprendizagem de uma linguagem corporal e possibilita a aquisição de um vocabulário mais específico, através dela, o docente pode trabalhar outras áreas como a música, a matemática, a geografia, as línguas estrangeiras entre outras.

---

<sup>14</sup> MINISTÉRIO EDUCAÇÃO (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais*. Lisboa: ME. Departamento da Educação Básica.

## 2.4. O Caráter Transversal das Expressões Artísticas

Como já referimos anteriormente as Expressões Artísticas, para além de proporcionarem à criança o desenvolvimento de capacidades perceptivas, manipulativas e criativas, promovem a aquisição de outros saberes quando trabalhadas em interdisciplinaridade, de forma transversal ao articularem-se com as diferentes áreas do saber, servindo de motivação na abordagem a novos conteúdos ou consolidação de conhecimentos adquiridos. Na revista *Visualidades* do programa de Mestrado em Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais de Goiânia, Ana Mae Barbosa ao abordar o tema “Arte na educação: interterritorialidade, interdisciplinaridade e outros inter” refere que na obra *Critical Links: Learning in the Arts and Student social and Academic Development*, James S. Catteral considera que a arte inserida no currículo estimula o conhecimento de outras áreas e facilita o desenvolvimento cognitivo. Segundo a mesma autora, Catteral defende que a arte tem um efeito positivo na “Habilidade de resolver conflitos, facilidade de expressão, persistência, imaginação, criatividade, espírito de colaboração, cortesia, tolerância, etc.” o mesmo autor diz ainda que “não basta ensinar arte em horário marcado mas inseri-lo em todo o currículo” (p. 41).<sup>15</sup>

No Estudo do Meio, na Área de Projeto e Formação Cívica poderão explorar-se diversas situações indo ao encontro dos temas abordados nestas áreas: trabalho de pesquisa, ilustrações, recorte, elaboração de cartazes, jornais de parede, canções, jogos, portefólios de imagens e dramatizações. No que respeita à Língua Portuguesa, poderão ser feitas pequenas dramatizações para exploração de histórias e lendas regionais, ditados populares, lengalengas e canções. Na Matemática poderão ser exploradas diversas situações problemáticas, elaboradas e resolvidas individualmente ou em grupo. Também se pode realizar gráficos relacionados com diversos temas, exercícios de lateralização, ilustração de rosáceas, realização de padrões e de simetrias, aprendizagem de canções, de jogos matemáticos e jogos tradicionais para a exploração de diversas noções. As novas Tecnologias da Informação e Comunicação são, também, trabalhadas transversalmente e em articulação com as áreas do saber anteriormente referidas. A internet é o instrumento de pesquisa mais utilizado atualmente, usando as tecnologias de informação e comunicação os alunos também podem desenvolver as atividades de

---

<sup>15</sup> VISUALIDADES: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual / Faculdade de Artes Visuais / UFG. – Vol. 3 N.1 (2005). – Goiânia, [www.fav.ufg.br/culturavisual](http://www.fav.ufg.br/culturavisual), (consultado em 12/03/2012)

---

Expressão artística fazendo trabalhos em PowerPoint, em Movie Maker, gravando sons, entre outros.

A Ministra da Cultura Gabriela Canavilhas referiu na sua intervenção na conferência «A Educação Artística e a Formação de Públicos», promovida pelo Centro Nacional de Cultura e pelo Clube UNESCO que decorreu em Lisboa que:

(...) a criação de condições para uma educação artística consolidada é a garantia para o desenvolvimento de uma população mais culta, mais sensível e mais exigente, mais capaz de se entender a si própria e assumir o seu papel no mundo, e mais habilitada para estabelecer ligações transversais a todas as áreas do conhecimento. A arte tem esta capacidade. Basta dar-lhe uma oportunidade.<sup>16</sup>

## 2.5. A Cultura e as Expressões Artísticas

O ensino das Expressões Artísticas é essencial para que a criança compreenda e identifique novos códigos que lhe permitam entender a arte como acontecimento cultural, esta deve ser apresentada à criança através de práticas e experiências artísticas tendo como base a sua cultura. Segundo a professora e autora de diversos livros Ana Mae Barbosa, a educação será o melhor caminho para promover a consciência cultural do indivíduo a começar pelo reconhecimento da cultura local. A arte usa a linguagem dos sentidos, ela transmite significados que não podem ser transmitidos por nenhuma outra linguagem. Se entendermos as diversas formas de arte de um país, conseguimos compreender a sua cultura.

As artes ajudam-nos a compreender as nossas tradições e as tradições das outras culturas. O Currículo Nacional do Ensino Básico Competências Essenciais refere que:

A Arte não está separada da vida comunitária (...) aprendizagem dos códigos visuais e a fruição do património artístico e cultural constituem-se como vertente para o entendimento de valores culturais promovendo uma relação dialógica entre dois mundos: o do Sujeito e da Arte, como expressão da Cultura (2001: 155).

No Relatório sobre os Estudos Artísticos na União Europeia, de 24 de Fevereiro de 2009 é realçada a importância das Expressões Artísticas na preservação e na

---

<sup>16</sup> MINISTÉRIO DA CULTURA. (2010). *A Educação Artística e a Formação de Públicos*, Conferência promovida pelo Centro Nacional de Cultura e pelo Clube UNESCO, [http://www.mincultura.gov.pt/imprensa/intervencoes\\_mc/Pages/20101027\\_MC\\_Int\\_Conferencia.aspx](http://www.mincultura.gov.pt/imprensa/intervencoes_mc/Pages/20101027_MC_Int_Conferencia.aspx) (consultado em 16/01/2012)

---

transmissão da cultura. Assim, para este trabalho, o Parlamento Europeu levou em consideração que a escola deve ser o local principal de acesso à cultura, sendo a educação artística uma componente essencial na formação das crianças assumindo um papel fundamental na preservação da identidade e na promoção da interculturalidade. A arte é uma linguagem universal que desempenha um papel importante no ensino e na compreensão mútua entre os povos. Tendo em conta estes fatores, o Parlamento Europeu considera que “a educação artística deve integrar, com caráter obrigatório, os programas educativos em todos os níveis de ensino, a fim de promover a democratização do acesso à cultura”.<sup>17</sup> Este órgão alerta o Conselho e os Estados-Membros para o papel “que a cultura europeia e a sua diversidade desempenham enquanto fator de integração e para a importância da educação artística e cultural a nível europeu, incluindo a salvaguarda dos valores culturais tradicionais das diferentes regiões”<sup>18</sup>, e solicita ao Conselho que defina “o papel da educação artística como instrumento pedagógico essencial para a valorização da cultura”.<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> PARLAMENTO EUROPEU, COMISSÃO DA CULTURA E EDUCAÇÃO. (2009). *Relatório sobre os Estudos Artísticos na União Europeia*, de 24 de fevereiro de 2009 <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+REPORT+A6-2009-0093+0+DOC+XML+V0//PT> (consultado em 07/05/2012)

<sup>18</sup> *Ibidem*

<sup>19</sup> *Ibidem*



Descobrir e cultivar os talentos é uma tarefa que não cabe somente à escola. O papel da família e das comunidades locais no desenvolvimento das possibilidades do aluno deve funcionar como suporte e complemento dos esforços da escola.

Diez (1994:207)

## **Capítulo III – Os Contributos da Família e da Escola na Educação e na Socialização do indivíduo**

### **3.1 O Papel da Família e na Educação e na Socialização do Indivíduo**

Chamamos família à principal forma de organização dos seres humanos, a um agrupamento social que se baseia em laços de parentesco que podem ser de afinidade e/ou de consanguinidade. Ao longo da nossa história existiram e ainda existem diversos

---

modelos de família, o modelo de família conhecido e aceite pela sociedade ocidental atual é o da Família Monogâmica (um homem casado com uma única mulher com a obrigação da fidelidade e com filhos legítimos). De acordo com Lévi-Strauss<sup>20</sup> a partir do momento em que há um casamento, conjugues e filhos nascidos desta união matrimonial, existe uma família. A família é a primeira comunidade em que a criança surge inserida, por isso, é a sua primeira educadora. Na opinião de Isabel Almeida os pais são

os responsáveis biológicos da existência do ser humano sem formação ou conhecimentos específicos sobre educação e desenvolvimento humano, criam e educam as crianças segundo as suas crenças, culturas e hábitos de tradição familiar ou de etnias.<sup>21</sup>

É no contexto familiar que a criança inicia a tomada de consciência de pertença a um grupo, interioriza regras iniciando o processo de socialização. A família é a principal responsável pela educação dos mais novos, o primeiro lugar onde lhes são transmitidos princípios e os hábitos, com a finalidade destes serem admitidos pela sociedade Na opinião de Juan Diez:

(...) os pais são os educadores naturais dos filhos, já que a essência da paternidade é gerar a vida – que é o próprio filho -. Porém a vida de um ser humano não é obra que se realize de uma vez, é antes uma continua realização, até que o filho consiga orientar-se sem a ajuda paterna (1994: 99).

Com a evolução da sociedade, as famílias alteraram as suas dimensões passando também a constituir-se de diferentes formas. Ao longo da história da Humanidade a composição familiar tem sido influenciada por variados fatores de ordem social, económico, cultural, político, religioso e ambiental que as têm transformado e influenciado dando origem ao aparecimento de novos tipos de famílias. Existem alguns fatores que contribuíram para a transformação da família. Destacamos a revolução industrial, a influência dos media, o êxodo rural, a utilização dos métodos contraceptivos, a diminuição do número de casamentos, o aumento de divórcios. Além destes, também

---

<sup>20</sup> CONCEITO.DE: *Conceito de Família*. <http://conceito.de/familia>, (consultado a 18/06/2011)

<sup>21</sup> ALMEIDA, I. (2008): *O professor como construtor de mudança*, <http://2008isideias.blogspot.pt/2010/08/o-professor-como-construtor-de-mudanca.html>, (consultado em 30/03/2012)

---

a consciencialização dos direitos da mulher e dos direitos das crianças foram outros fatores igualmente importantes.

Sob o ponto de vista antropológico, existem três tipos básicos de família: tradicional, nuclear e pós-moderna. A família tradicional, geralmente numerosa, com um patriarca, mais frequente até a primeira metade do século XX e em que são considerados membros da família os avós, tios, primos, sobrinhos, entre outros, e as relações são baseadas nos conceitos éticos e autoritários da época. A família nuclear ou psicológica surgida a partir da metade do século XX engloba o núcleo mais simples, baseada nos pais e poucos filhos e as relações não são tão autoritárias. A família pós-moderna surgiu mais recentemente e é aquela em que não existem regras básicas de parentesco, os filhos moram com um dos pais (devido ao divórcio), muitos casais não têm filhos e existem muitas uniões homossexuais.

O papel que cada elemento ocupa numa família depende das necessidades da mesma, tornando-as diferentes umas das outras. Devido aos compromissos laborais, a mãe está cada vez mais ausente do lar e o pai tem uma função cada vez mais ativa na criação dos filhos, os casais também têm menos filhos, tornando a família menor. Como consequência as inter-relações familiares também se modificaram e, cada vez mais, o dever da educação diária dos filhos é questionado. Presentemente, o ritmo de vida característico da maior parte das sociedades, especialmente das mais citadinas, coloca em causa este processo de transmissão de saberes e princípios para a integração dos novos elementos na sociedade. Ainda segundo Perrenoud

(...) a nossa sociedade sem ter propriamente vergonha do que é, já não sabe muito bem quais são as suas crenças nem o que tem necessariamente de transmitir, não pela falta de convicções, deste ou daquele, mas pela falta de convicções partilhadas em larga escala (2002: 34).

Para além da aquisição de saberes, a criança precisa de ser acompanhada, ouvida e compreendida, ou seja, desenvolver-se no domínio sócio afetivo e emocional, precisa do carinho e do amor que só a família lhe pode dar. Na opinião de Alexandre Parafita

A família é uma vítima do próprio fenómeno de modernização. Este fenómeno tem necessariamente, como consequência que a formação cultural básica seja transmitida às novas gerações sem a dimensão afetiva que era no passado. A escola não tem conseguido impor a valorização das bases culturais da identidade tradicional (1999: 31).

As crianças assimilam tudo o que os adultos lhes transmitem direta ou indiretamente. Tendo em conta os problemas sociais existentes, atualmente, torna-se

---

fundamental que os pais sejam mais participativos na vida dos filhos ajudando-os nas tarefas escolares, interessando-se pelas suas atividades extracurriculares, grupos de amigos e conversando com eles, prevenindo, de certa forma que estes adotem comportamentos desviantes.

### **3.2 A Relação Família / Escola**

É essencial a existência de uma forte sintonia entre a família e a escola, pois, para melhor compreender a criança na escola, o seu desempenho e comportamento é importante conhecer um pouco o ambiente do seu lar e as aprendizagens nele realizadas, pois só os pais têm informações que podem contribuir para o sucesso escolar dos seus filhos. A família deve estar preparada para a entrada da criança na escola, acompanhá-la, apoiá-la, contribuindo para o processo de ensino/aprendizagem do filho. Tudo isto pode ser feito através da participação em reuniões, na participação em atividades promovidas pela escola, fazendo parte de órgãos educativos da escola, como Associação de Pais, ajudar nas tarefas de casa, incentivando os filhos para a aprendizagem, estabelecendo assim uma relação harmoniosa entre a família e a escola em que o aluno sai beneficiado. A escola também deve criar estratégias para chamar as famílias, motivando-as para o processo educativo. Esta situação pode ser possível através da realização de sessões de esclarecimento para os pais sobre diversos temas, convites para participarem em atividades, horários de atendimento viáveis para ambos e utilização da caderneta para a comunicação família-escola. Para Reboul (1971: 4-10) a educação familiar assume a função de educar os sentimentos e a educação escolar, consiste na instrução do indivíduo, educa para os saberes. Apesar de, segundo Reboul, estas duas instituições terem funções diferentes, têm a mesma finalidade trabalhar para a educação do indivíduo como ser total.

Para Hannah Arendt “ a escola não é de modo algum o mundo, nem deve ser tomada como tal, é antes a instituição que se interpõe entre o mundo e o domínio privado do lar”.<sup>22</sup> Com todas as mudanças que as famílias têm sofrido ao longo destas últimas décadas, estamos a viver perante uma transferência para a escola das responsabilidades educativas que desde sempre pertenceram à família. Na opinião de

---

<sup>22</sup> Os Filósofos: <http://www.osfilosofos.blogspot.pt/2008/03/hannah-arendt-1906-1975.html>, (consultado em 30/03/2012)

---

Olga Pombo<sup>23</sup> as crianças estão cada vez mais cedo a serem atiradas para fora do lar e a serem colocadas nas instituições escolares o máximo de tempo possível. Estas instituições funcionam como um prolongamento do lar. A escola não pode, no entanto, adular as suas funções para se adaptar a estas novas condições. Apesar de todas as crianças terem direito à educação escolar, têm em primeiro lugar direito à educação familiar, ao amor e segurança dos pais e esta educação deve ser feita no lar e não na escola. Segundo Arendt é no lar que:

(...) ao abrigo de quatro muros, os adultos regressam cada dia do mundo exterior e se unem na segurança da vida privada. Esses quatro muros, ao abrigo dos quais se desenrola a vida familiar, constituem uma proteção contra o mundo e, em particular, contra o aspeto público do mundo. Delimitam um lugar seguro sem o qual nenhuma coisa viva pode prosperar (p. 8).<sup>24</sup>

### 3.3 O Papel da Escola na Educação e na Socialização do Indivíduo

A educação surgiu no ambiente familiar, contudo, com a evolução da sociedade, a função educativa passou a ser assumida por outras instituições, primeiramente pela igreja e mais tarde pelas escolas, responsabilizando-se estas, até aos dias de hoje, pela formação integral do indivíduo.

Para Ramiro Marques a escola é entendida “ como um lugar de aprendizagem e de convivência social que deve oferecer não apenas um espaço físico e organizacional mas também um espaço relacional de convivência, de cooperação e de resolução de conflitos” (2012: 12). Para além da função formativa a escola fomenta elos entre diferentes gerações, tendo um papel socializador e atraí os alunos para novas descobertas. Para Edgar Morin “A escola é o local de transmissão de uma determinada cultura de uma sociedade” (2006: 100).

Segundo Postic, diversos sociólogos consideram que qualquer que seja o sistema escolar tem o cunho da sociedade que o determinou e é constituído segundo o seu ideal. Ainda de acordo com este autor, “o poder da ação educativa é inseparável do poder

---

<sup>23</sup> POMBO, O: *O insuportável brilho da escola* <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/investigacao/brilhoescola.pdf>, consultado em 30/03/2012

<sup>24</sup> ARENDT, H: *A Crise Na Educação* <http://redesocial.unifreire.org/pedagogia-noturno/arquivos/hanna-arendt-a-crise-na-educacao.pdf>, (consultado em 30/03/2012)

---

social e que o poder social comanda o poder pedagógico, servindo-se deste para se afirmar e se consolidar” (1990: 29). Todas as sociedades têm o seu modelo educativo, modos de pensar que partilham no seu grupo e que transmitem através educação. Para o sociólogo Philippe Perrenoud “Um sistema educativo não pode ser mais virtuoso do que a sociedade que lhe confere a sua legitimidade e os seus recursos” (2002: 13), sendo a sociedade que determina o sistema educativo, acabará por intervir sempre neste processo.

O sociólogo Durkheim, defende que a educação é um fenómeno social que pode ter duas finalidades, uma em que a geração mais velha transmite conhecimentos e valores à mais nova com o objetivo de a integrar na sociedade e a qual denominamos de homogeneização, e outra, a diferenciação em que o aluno é instruído tendo em conta o grupo social a que pertence e a posição que futuramente ocupará na sociedade.<sup>25</sup> Também Durkheim concorda que a sua sociedade opta por modelos educativos de acordo com as suas necessidades.

Num mundo tão multicultural como o de hoje, para poder ir ao encontro das necessidades dos alunos a escola faz a articulação entre a cultura do estado e outras culturas. A escola corrobora numa educação intercultural, fundamentada na diversificação dos processos de ensino-aprendizagem. Como Ramiro Marques refere na obra, *A escola e os pais como colaborar?* “A escola tem de dar espaço no seu programa educativo às diferentes culturas da sociedade” (1991, p: 127). A escola deve ser um espaço de articulação entre a tradição e inovação, baseando o ensino-aprendizagem na troca de saberes, possibilitando que alunos exponham e partilhem as suas vivências e experiências e participem em novas práticas. A escola como instituição formadora de indivíduos tem de possibilitar aos alunos a aquisição de conhecimentos referentes à sua e às outras culturas e estar empenhada e preparada para formar indivíduos críticos face ao mundo.

No prefácio da obra *A escola Ideal*, Daniel Sampaio tenta responder à pergunta da autora com três respostas:

(...) a escola ideal é a que melhor ajuda ao aluno a compreender a complexidade do mundo à sua volta (...) .A escola ideal é a que melhor se consegue articular com a família, num clima de cooperação e respeito

---

<sup>25</sup> ALMEIDA, J, (2012): *Fundamentos sócio-filosóficos*, Durkheim.  
<http://prezi.com/d92vhvczssbc/fundamentos-socio-filosoficos/>, consultado em 30/04/2013

---

mútuos (...). A escola ideal é aquela que consegue um clima escolar caracterizado por um persistente combate a todas as formas de violência, através de um programa permanente de reforço das vivências de pertença e de atenção aos sentimentos do outro (...) (2008: 13).

### 3.4 A Escola do Século XXI

Atualmente, muitos países não estão a valorizar as suas tradições nos seus processos educativos, ou não estão a transmiti-las aos seus descendentes, deixando-as no esquecimento. Para que tal não aconteça é pertinente que as escolas comecem urgentemente a incorporar, preservar e transmitir as manifestações culturais das sociedades a que pertencem. Ao manter vivas as tradições a escola contribui para a formação cultural do indivíduo estimulando-o para a importância dos valores e da cidadania.

António Nóvoa numa palestra dada São Paulo sobre *Desafios do trabalho do Professor Contemporâneo*, defende a escola como uma instituição onde nós nos criamos como cidadãos, centrada na aprendizagem dos alunos, sendo um espaço onde as crianças aprendem a estudar e a trabalhar e em que o professor dá importância aos resultados dos alunos e utiliza mecanismos de diferenciação pedagógica.

Com os rápidos avanços tecnológicos e as alterações dos estilos de vida da sociedade, a educação tem vindo a sentir a urgência em se reformular, para poder dar resposta às necessidades sociais. A escola tem sido a mediadora entre a compreensão e utilização das novas tecnologias e a aprendizagem dos diversos conhecimentos. Para que tal possa ser possível é imprescindível que esta esteja apetrechada com novos recursos de carácter tecnológico e o professor familiarizado com essas novas ferramentas de forma a incluí-las na sua prática pedagógica, visando a ampliação de conhecimentos e conseqüentemente a formação de alunos capacitados para responder a estas novas abordagens. “À educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele” (89).<sup>26</sup> Para poder auxiliar a escola a responder a todas as suas tarefas O

---

<sup>26</sup> DELORS, Jacques (1996). *Educação um tesouro a descobrir – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI em*

---

relatório da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI publicado com *Educação um tesouro a descobrir*, de 1999 defende que “ a educação deve organizar-se à volta de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento” (1999: 77). Os quatro pilares da educação são:

**Aprender a conhecer** – aponta para o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento debruçando-se sobre os processos cognitivos. É considerado como um meio e uma finalidade da vida humana. Um meio, porque através dele cada um compreende o mundo em que vive e desenvolve as suas capacidades e uma finalidade que é o prazer de conhecer e de pesquisar. Aprender a conhecer pressupõe o aprender a aprender, este processo nunca está acabado e enriquece-se com experiências da vida.

**Aprender a fazer** - está relacionado com a aplicação dos conhecimentos teóricos à questão prática, refere-se essencialmente à formação técnico-profissional e profissional do educando. O Aprender a fazer salienta, que, atualmente, para além da aprendizagem realizada na formação profissional, a componente humana de um discente é tão ou mais importante que a sua formação no seu futuro profissional, valorizando-se o “ comportamento social, aptidão para o trabalho de equipa, a capacidade de iniciativa, o gosto pelo risco” (*ibidem*: 81).

**Aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros** - este pilar refere-se ao campo das atitudes e valores, sendo uma proposta de paz. Para poder lutar contra a violência, exclusão e competição, a educação deve basear-se em “ duas vias complementares”:

A descoberta do outro – a descoberta do outro passa pela descoberta de si mesmo, para que posteriormente possa compreender o outro e aceitá-lo. A escola pode estimular os alunos a colocar-se no lugar do outro para que melhor possa entender as suas razões, passando o desconhecido a conhecido e o incompreensível a entendido.

Tender para objetivos comuns – O trabalho em grupo que implica um objetivo comum tende a que as diferenças e os conflitos entre os diversos indivíduos se reduzam desapareçam, pois trabalham todos para o mesmo projeto, valorizando o esforço comum. Partindo desta via, as escolas devem proporcionar aos alunos a possibilidade de

---

trabalhos de cooperação, nos diversos campos: cultural, desportivo e social, que podem ser acompanhados por outras instituições e no contexto de sala de aula envolver os alunos em trabalhos de grupo.

**Aprender a ser** – esta aprendizagem depende das anteriores, permite-nos inferir que:

“ a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa - espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade” (*ibidem* 85).

### 3.5 As Características do Professor

Para Maria Isabel de Almeida é o professor quem educa sob orientação pedagógica e didática, definindo metas, objetivos, planeando estratégias e métodos, preferencialmente partilhados com a família e a própria criança.

É portanto o professor / educador/ pedagogo o protagonista principal na educação das crianças, aqueles que com elas se redescobrem e reconstruem num processo evolutivo de novas formas de educar, formas colaborativas, de cooperação e , interaprendizagem muito produtiva à cidadania ativa de todos os agentes envolvidos no processo educativo.<sup>27</sup>

A função do professor tem sofrido ao longo da história alterações. Desde os tempos primitivos em que o velho ancião era quem tinha o papel de professor/mestre, passando pela Idade Média em que a função educativa era assumida pelo clero e só se transmitiam os conteúdos indispensáveis, até ao professor responsável pela estabilidade política e social e o conhecimento ser entendido como uma verdade absoluta proveniente da razão/poder (Regime Pombalino e Estado Novo). Com o fim da ditadura em Portugal, o aparecimento de novas ideologias europeias e de um novo discurso pedagógico, em que a imagem do indivíduo está associada ao seu desenvolvimento físico, intelectual moral, o professor assume o papel de agente de transformação e progresso social estando o seu trabalho pedagógico dirigido para o desenvolvimento global do aluno, orientado por planificações com objetivos e metodologias definidas e

---

<sup>27</sup>ALMEIDA, I. (2008): *O professor como construtor de mudança*. <http://2008isideias.blogspot.pt/2010/08/o-professor-como-construtor-de-mudanca.html>, (consultado em 30/03/2012)

---

diferentes processos de avaliação. Para Belmira Santos, “os professores, ao protagonizarem novas práticas de ensino, promovem novas exigências à organização escolar. Surgem desta forma os professores como agentes de mudança e a escola como centro e motor da mesma” (2007: 139).

A instituição “escola” espalhou-se pelo mundo e apesar de ter características diferentes quer a nível de modelos pedagógicos, recursos materiais e humanos e ideologias, todas elas têm em comum, para além do objetivo que é educar, o aluno e o professor. Estes, são elementos essenciais no ato educativo e apesar das novas tecnologias o professor continua a ser a base deste processo, nem que seja para ensinar o aluno a “cliquear” no computador, isto é orientá-lo na sua busca pelo conhecimento. Os professores no século XXI tornaram-se elementos fundamentais na promoção do processo de aprendizagem e na aplicação das novas tecnologias na educação. Segundo Olga Pombo:

(...) o discurso do professor, enquanto meio de comunicação, não detém a velocidade da luz que caracteriza a tecnologia cibernética, é igualmente um facto que a sua voz e a instantaneidade da sua audibilidade na clareira comunicativa que é o espaço da aula, a poliformia das diversas linguagens de que se serve, a temperatura do olhar, a postura corporal, os gestos, a entoação, o ritmo da fala, fazem dele o meio privilegiado e incontornável de qualquer ensino.<sup>28</sup>

O professor é quem está mais próximo dos alunos e quem convive mais diretamente com eles, o que lhe permite conhecer as suas capacidades e dificuldades, compreendê-los e ajudá-los, quando necessitam e orientá-los. O desprendimento da família no acompanhamento ao seu educando, fez com que o professor, perante esta ausência, assumisse outras responsabilidades e reforçasse o papel de amigo, ajudando o aluno a ser feliz. Convém não esquecer que:

a finalidade última da educação é ajudar a pessoa a ser feliz: A esta finalidade última estão subordinados todos a outros objetivos: dar a conhecer as novas gerações o legado cultural, preparar as novas gerações para continuarem a aprender, desenvolver e realizar, ao máximo as potencialidades da cada um e preparar para o exercício de uma ou mais ocupações (Marques, 2001b: 75).

---

<sup>28</sup> Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia, 2007, Conferência ‘*Desenvolvimento profissional de professores para a qualidade e para a equidade da Aprendizagem ao longo da Vida*’ [www.dgae.minedu.pt/c/document\\_library/get\\_file?p1\\_id](http://www.dgae.minedu.pt/c/document_library/get_file?p1_id), (consultado em 27/06/2013)

---

Para Marques “educar é, então, uma arte, uma técnica e um engenho e é, por esse fato, que o profissional precisa de ter vocação para exercer a função de educar” (2001: 11).

Pretende-se que o professor atual seja o guia, na aprendizagem, despertando no aluno o interesse por essas aprendizagens. Para tal, torna-se imprescindível que na preparação da sua prática letiva ele planifique atividades com objetivos que vão ao encontro das necessidades e capacidades dos seus alunos; utilize recursos atrativos que possam motivar os alunos para as aprendizagens; aplique estratégias diferenciadas na sala de aula de acordo com o perfil dos alunos, que deve conhecer; utilize uma linguagem adequada e cuidada de acordo com a faixa etária que leciona; e aplique diferentes instrumentos de avaliação. Para que o professor prepare e tenha uma boa prática pedagógica é necessário que reflita sobre a mesma, a altere sempre que necessário e para além da sua formação académica seja um autodidata. Na opinião de Belmira Santos ser professor atualmente “requer uma atitude pessoal e profissional de tipo crítico-reflexivo que o leva a repensar e a reajustar o seu desempenho face às situações imprevisíveis e ambíguas da sua prática pedagógica.” (2007: 140). O professor, para além de professor deve ser um investigador e fazer formação ao longo da sua carreira profissional, assim poderá manter-se atualizado e ampliar e os seus conhecimentos acerca do mundo que o rodeia para transmiti-los aos alunos visando outras aprendizagens de formação básica do aluno que não estão expressas diretamente no Currículo. Na opinião de Loureiro nas sociedades atuais o professor deve intervir para o desenvolvimento humano e social, transformando o seu ensino num processo de educação psicológica do aluno. Estas funções exigem não só uma formação “académica” adequada mas também uma formação psicológica e sociológica... (1990: 133). O professor é “um educador profissional que funciona como mediador entre o mundo e a criança, entre a cultura e o aluno (...)” (Marques, 2001b: 76) Presentemente e tendo em conta as subculturas existentes nas nossas escolas, torna-se pertinente que o professor fomente a interculturalidade para evitar os problemas das diversidades culturais, promover o conhecimento da cultura local e de outras culturas e o respeito pelas diferenças individuais. Segundo Marques:

O professor é um mediador entre a ciência e a cultura e as crianças e os jovens que necessitam de conhecer e compreender uma e outra para poderem crescer saudavelmente e terem uma vida digna. A sua função é mais modesta: (...) ajudar a crescer e a apoiar as novas gerações no seu processo de desenvolvimento humano (2001a: 11).

---

Ensinar não é apenas transmitir conhecimentos, mas, segundo diversos autores é levar os alunos a pensarem e a construir conhecimento. O professor é apenas o guia, ativo e criativo que coopera com os alunos nesta aprendizagem, despertando-os para a busca e construção de conhecimento, segundo o 1º Pilar da Educação, ao longo da vida. Para Ramiro Marques, Vigostky e Piaget defendem que:

A aprendizagem mais significativa é que se baseia no processo de construção do conhecimento por parte dos alunos. Esse processo de construção é tanto melhor conduzido quanto melhor o professor for capaz de criar ambientes de aprendizagem que potenciem a interação entre alunos em estádios cognitivos ligeiramente diferentes ou em fases de transição de estágio (...) o professor deve proporcionar aos alunos a oportunidade de aumentarem as suas competências e conhecimento, partindo daquilo que eles já sabem, levando-os a interagir com outros alunos em processos de aprendizagem cooperativa(...)" (2007: 3).<sup>29</sup>

Legendre defende a existência de quatro pólos básicos para o desenvolvimento de um processo pedagógico: O sujeito, o Objeto, o Agente e o Meio. Para Legendre “a aprendizagem desenvolve-se em função das características pessoais do sujeito aprendente (S), da natureza e do conteúdo do objeto (O), das influências do Meio (M) educacional e cultural, e da qualidade da assistência do agente (A) ” (Martins, 2002: 39). A relação pedagógica é a soma da interação entre estes quatro pólos.

O Decreto-Lei nº 240/2001, de 30 de Agosto de 2001 aprova o perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e dos professores dos ensinos básico e secundário. O anexo deste documento determina o papel de desempenho profissional do professor, orientando-se pelas dimensões profissional, social e ética, pela dimensão desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, pela dimensão de participação na escola e da relação com a comunidade e pela dimensão de desenvolvimento profissional ao longo da vida. (Ver Anexo 3)

### **3.6 O Professor e o Ensino das Expressões Artísticas**

Considerando que a arte pode ser um meio para auxiliar a aprendizagem em áreas que fazem parte do currículo geral, os professores optam pela realização das

---

<sup>29</sup> Marques, R: A Pedagogia construtivista de Lev Vygotsky (1896-1934) ,2007, [http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica\\_pedagogia/A%20Pedagogia%20construtivista%20de%20Lev%20Vygotsky.pdf](http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica_pedagogia/A%20Pedagogia%20construtivista%20de%20Lev%20Vygotsky.pdf),(consultado em 25/02/2012)

---

atividades de expressão artística de forma transversal. Desta forma, o aluno adquire os conhecimentos dessas mesmas áreas, bem como novas técnicas de expressivas nas diferentes áreas de expressão. O professor do ensino generalista deve ter, na sua formação inicial, as competências essenciais para poder trabalhar as diferentes áreas das Expressões Artísticas contudo, estas competências não são apenas adquiridas com os cursos de formação inicial, mas com a realização de formações efetuadas ao longo do percurso profissional de cada um. Apesar da importância que o ensino das Expressões Artísticas tem no desenvolvimento global dos alunos e na aquisição de competências nas outras áreas curriculares, muitos professores, alegam currículos extensos, ou “falta de jeito” e acabam por remetê-las para segundo plano. Estas ideias têm vindo a esbater-se e, cada vez, há mais docentes a compreenderem o valor das Expressões Artísticas, a investigar e a fazer formação, nestas áreas para adquirirem conhecimentos que possam enriquecer a sua prática educativa.

“ Quando os ventos de mudança sopram, umas pessoas levantam barreiras, outras constroem moinhos de vento” Provérbio chinês.

O professor deve mostrar aos alunos que a arte está presente na sua vida e que esta se pode apresentar tanto na forma popular, através dos nossos costumes, como na forma erudita, através das obras de arte. Cabe ao professor aproveitar os diversos tipos de arte e trabalhá-la, relacionando-a com os conteúdos básicos do ensino da arte na Educação Básica, indo ao encontro das características do seu grupo, capacidades e necessidades e tendo em conta o meio onde este está inserido

Ao realizar uma aula de Expressão Artística o professor deverá apresentá-la dentro de um contexto, com uma finalidade, para que os alunos compreendam a sua utilidade. O professor deve ser o guia da atividade do aluno, competindo-lhe motivá-lo e dar-lhe a oportunidade de descobrir a sua forma de expressão, explorando os seus potenciais.

Existem vários estudos sobre o perfil do professor, uma vez que desde sempre ele esteve no centro dos métodos de ensino. Desde o professor com muitos conhecimentos, aos diversos tipos de professor que defendiam um ensino estratégico, aos que defendem a autonomia e a personalidade do professor, à pedagogia de situação defendida por Gisèle Barret, como pedagogia de vivências, que se adequa às urgências dos momentos e que engloba cinco variáveis: O espaço-tempo, em que se apresenta a

situação; os elementos que a podem desencadear, o grupo ou o educador; a situação e mundo exterior que implícita ou explicitamente interfere com o grupo e o educador.

Martins (2002: 67-87) faz referência a três dimensões essenciais no perfil de atitudes e competências de educadores, professores e animadores das expressões. Apresentando um guião do perfil das atitudes e competências dos educadores.

A dimensão Pessoa

A dimensão Artista

A dimensão Pedagogo

**Quadro 1- Guião do perfil das atitudes e competências dos educadores.<sup>30</sup>**

| Dimensão Pessoa   | Dimensão Artista   | Dimensão Pedagogo   |
|---|--|---|
| <p>Atitudes e competências ligadas:</p> <p>ao gosto pela interatividade humana, à abertura ao outro e à diferença;</p> <p>ao acolhimento à escusa e ao relacionamento empático;</p> <p>à presença e afirmação própria;</p> <p>à utilização da espontaneidade, da sensibilidade, do equilíbrio emocional, da criatividade e do espírito de iniciativa;</p> <p>à predisposição para favorecer a entreaajuda, a solidariedade e a cooperação;</p> <p>à curiosidade intelectual e artística, ao sentido da organização e do estudo metódico</p> <p>ao sentido ativo da liberdade, da responsabilidade da tolerância e da paz.</p> | <p>Atitudes e competências ligadas</p> <p>à utilização da criatividade, do ludismo, da improvisação dramática, sono musical, plástica e ludo-linguística;</p> <p>à utilização de pontes de comunicação com a cultura estético-artística do ambiente próximo e mais distante;</p> <p>à utilização e valorização das linguagens e dos instrumentos das expressões e das expressões artísticas,</p> <p>à utilização de processos indutivos e dedutivos facilitadores de manifestações de criatividade e de criação artística;</p> <p>à análise e crítica dos processos e produtos das manifestações artísticas;</p> | <p>Atitudes e competências ligadas</p> <p>à promoção das expressões e das expressões artísticas (i.e. atividades artísticas e para-artísticas) nos jardins de infância de infância, nas escolas e nas instituições educativas não formais informais;</p> <p>ao conhecimento e utilização da didática das expressões;</p> <p>à articulação das expressões com outras matérias;</p> <p>à animação de grupos e gestão da classe;</p> <p>à utilização dos instrumentos de intervenção, de animação e de avaliação das expressões e das expressões artísticas.</p> |

<sup>30</sup> MARTINS, A. (2002). *Didática das expressões*. Lisboa: Universidade Aberta, pág. 79



“A investigação, tal como a diplomacia, é a arte do possível”

W.Q. Patt

## **PARTE II – Procedimentos da Investigação**

### **Capítulo I - Abordagem Metodológica**

#### **1.1 Opções Metodológicas**

Este estudo está inserido na categoria do método qualitativo “ interessado em compreender a conduta humana a partir dos próprios pontos de vista daquele que atua.” (Carmo & Ferreira, 2008: 195). “O investigador é o “instrumento” de recolha de dados

---

por excelência; a qualidade (validade e fiabilidade) dos dados depende da sua sensibilidade, da sua integridade e do seu conhecimento”.<sup>31</sup> Esta investigação tem um carácter flexível e indutivo, porque o conhecimento obtido é produzido a partir da própria investigação e descritivo, pois o resultado final será a descrição do fenómeno estudado. A investigação-ação adequa-se às finalidades deste trabalho, por facilitar a resolução de problemas educativos, integrar e valorizar a cultura e as tradições locais em contexto educativo. A investigação-ação “ (...) consiste na recolha de informações sistemáticas com o objetivo de promover mudanças sociais” (Bogdan & Biklen, 1994: 292), pois “ (...) é um tipo de investigação aplicada na qual o investigador se envolve ativamente na causa da investigação”(Bogdan & Biklen, 1994: 293).

## 1.2 A Investigação-Ação

A investigação-ação tem como finalidade resolver “ um dado problema para o qual não há soluções baseadas na teoria previamente estabelecida” (Carmo e Ferreira, 2008: 228). Nesta investigação os resultados são apresentados sob a forma de temas. Na opinião de Bell (1997: 22) a investigação-ação é uma abordagem atrativa para os educadores devido à sua relevância prática na solução de problemas e estes serem profissionais que aplicam a pesquisa com vista a um melhor desempenho.

A investigação-ação processa-se em “ fases que se desenvolvem de forma contínua e que, basicamente têm a seguinte sequência: planificação, ação, observação (avaliação) e reflexão (teorização) ”. <sup>32</sup> A planificação da ação implica planear toda a investigação tendo em conta os imprevistos e as situações pontuais. Para responder a estas situações o investigador deve estar preparado para se poder adaptar às mesmas. A ação é a execução da planificação, o momento em que o investigador coloca em prática as metodologias e estratégias planeadas. A observação apresenta os momentos importantes da ação e serve de base de dados para a futura reflexão. A reflexão refere-se análise dos momentos observados e é o momento em que se retiram as conclusões.

---

<sup>31</sup> Fernandes, D, Notas sobre os Paradigmas de Investigação em Educação, <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/chagas/mi2/Fernandes.pdf>, consultado em 24/03/2011

<sup>32</sup> 10 Modelos de Investigação-ação,- Investigação Ação- Metodologia preferencial nas práticas educativas, [http://faadsaze.com.sapo.pt/11\\_modelos.htm](http://faadsaze.com.sapo.pt/11_modelos.htm), (consultado em 13/03/2012)

---

Estas fases estão interligadas conduzindo cada ciclo a um outro possibilitando reformulações no processo investigativo.

### **1.3 Participantes no Estudo**

Os participantes e colaboradores neste estudo foram os alunos e encarregados de Educação EB1/JI de Ribafria, os alunos e encarregados de educação da EB1 da Bufarda, os Encarregados de Educação do JI de Geraldês, os docentes do 1º ciclo (titulares de turma) e educadores de Infância do Agrupamento de Escolas da Atouguia da Baleia. A Escola EB1/JI de Ribafria foi o espaço onde decorreu a investigação-ação, por ser esse o local de trabalho da investigadora. Os restantes sujeitos participaram nos inquéritos por questionário solicitados pelo investigador. “O inquérito por questionário distingue-se do inquérito por entrevista essencialmente pelo fato do investigador e inquiridos não interagirem em situação presencial” (Carmo & Ferreira, 2008: 153). Segundo os mesmos autores o inquérito por questionário é considerado fiável desde que se respeitem todos os procedimentos da sua realização. O objetivo destes inquéritos foi permitir-nos identificar algumas estratégias existentes no ensino/aprendizagem das Expressões Artísticas que sejam promotoras da transmissão de tradições locais; saber se nas aulas do 1º ciclo, no contexto das Expressões Artísticas são introduzidos conceitos de cultura e tradição; descobrir se os recursos existentes na sala de aula são trabalhados de forma a promover no aluno o interesse pela cultura local. (Ver Anexo 5, 6 e 7) Os inquéritos realizados no Jardim de Infância e às Educadoras tiveram como objetivo aferir se neste nível de ensino já se realizam atividades que promovam as tradições locais e se estas influenciam o interesse do aluno pelo tema no seu trabalho, posteriormente, no 1º ciclo. (Ver Anexo 8)

As escolas onde se realizaram os inquéritos aos encarregados de educação e aos alunos foram selecionadas tendo em conta o grau de proximidade com a EB1 de Ribafria e a disponibilidade dos docentes em aplicar o inquérito aos seus alunos e aos seus encarregados de educação. (Ver Anexo 9, 10, 11 e 12)

## Quadro 2 – Sujeitos da Pesquisa<sup>33</sup>

| Sujeitos               | Instituições                   | Nº | Grupos   |
|------------------------|--------------------------------|----|--|
| Alunos do 1º ciclo     | EB1 de Ribafria                | 20 | 3 alunos do 1º ano;<br>5 alunos do 2º ano;<br>6 alunos do 3º ano;<br>6 alunos do 4º ano; |
|                        | EB1 de Bufarda                 | 32 | 11 alunos do 1º ano;<br>8 alunos do 2º ano<br>7 alunos do 3º ano;<br>6 alunos do 4º ano; |
| Educadoras de Infância | Agrupamento da Atouguia Baleia | 6  |  |
| Docentes do 1º ciclo   | Agrupamento da Atouguia Baleia | 26 |  |
| Pais                   | JI de Gerales                  | 40 |  |
| Pais                   | EB1 de Ribafria                | 39 |  |
| Pais                   | EB1 de Bufarda                 | 63 |  |

### 1.4 Instrumentos de Recolha de Dados

Nesta investigação houve a necessidade de definir estratégias para a obtenção de dados para análise e reflexão sobre o tema principal deste estudo. Estes dados permitem a realização da triangulação das informações adquiridas. Estas informações foram obtidas através de: observação direta, de imagens e áudio, registos escritos e ilustrados dos alunos, registos do diário de bordo e inquéritos por questionário. A observação participante leva o investigador a adotar uma função participativa na vida da população observada, segundo Carmo & Ferreira a observação participante

tem vindo a ser cada vez mais usada em trabalhos de natureza sociológica, interdisciplinar ou em antropologia das sociedades complexas, quer como ferramenta exploratória quer como técnica principal de recolha de dados, quer ainda como instrumento auxiliar de pesquisas (2008:122).

O diário de bordo é onde o investigador regista os momentos da investigação e as suas reflexões. (Ver anexo12) Os inquéritos por questionário preenchidos pelos

<sup>33</sup> O número de sujeitos apresentado no quadro refere-se ao número de docentes do 1ºciclo do agrupamento e de alunos, e pais pertencentes a cada instituição que se estimava questionar. No entanto, os questionários apresentam números diferentes, uma vez que nem todos os sujeitos participaram, alguns dos adultos não quiseram e os alunos porque não foram autorizados.

inquiridos são apropriados na “análise de um fenómeno social que se julga poder apreender melhor a partir de informações relativas aos indivíduos da população em questão” (Quivy & Campenhoudt, 1998: 189). Estes inquéritos foram utilizados para complementar a investigação. Os registos permitem ao investigador analisar um acontecimento, posteriormente, para compreender determinada situação.

### Quadro 3 – Instrumentos de Recolha de Dados

| Fontes Documentais         | Descrição   |
|----------------------------|---|
| Diário de Bordo            | <b>Tridimensionalidade da pessoa:</b><br><b>Investigadora/observadora/participante</b><br><b>Registo de:</b><br>➤ <b>Ideias; observações; impressões; experiências; comentários; sentimentos.</b> |
| Fotos                      | <b>Registo de imagens</b>   |
| Gravações de áudio         | <b>Registos áudio</b>   |
| Grelhas de observação      | <b>Das diversas atividades</b>  |
| Atividades com as crianças | <b>Desenhos, pinturas, canções, dramatizações, construções e trabalhos de equipa.</b>   |
| Questionários              | <b>Recolha de dados</b>   |

#### 1.5 A Análise de Conteúdo

Neste tipo de estudo a análise de conteúdo é o recurso fundamental para a ligação das informações obtidas que tentam responder às questões colocadas. A análise de conteúdo “incide sobre mensagens tão variadas como obras literárias, artigos de jornais, documentos oficiais, programas audiovisuais, declarações políticas, atas de reuniões ou relatórios de entrevistas pouco diretivas.” (Quivy & Campenhoudt, 1998: 226). Para Bogdan e Biklen (1994: 295) a objetividade que se deve manter na análise de dados, está relacionada com a honestidade do observador no momento da descrição dos dados recolhidos. “ [o] rigor é essencial, não só para a integridade do trabalho, mas também para evitar processos por difamação, (...), e quaisquer modificações naquilo que é dito (...)” (*op.cit*: 296). A análise desta investigação incidiu no estudo e comparação dos dados recolhidos através da fundamentação teórica na transcrição das informações obtidas nos questionários e interpretação, nos registos escritos e ilustrados,

nos materiais de expressão plástica, nas imagens recolhidas pela docente durante as atividades, nas audições gravadas e no diário de bordo. Esta análise permitiu compreender que metodologias são utilizadas para se promoverem as tradições locais na sala de aula.

## **1.6 Validade / Fiabilidade**

Em qualquer estudo é indispensável certificar a sua validade e fiabilidade. A concordância entre os resultados e a realidade apelida-se de validade interna, isto é, “é necessário garantir que os resultados correspondem à realidade estudada” (Carmo e Ferreira, 2008: 236). Os dados recolhidos foram organizados pormenorizadamente e a análise qualitativa dos mesmos teve em conta toda a documentação, realizou-se, também, a triangulação de dados para prevenir problemas sobre a validade do trabalho. Quanto à fiabilidade, procedeu-se a uma descrição do trabalho realizado mantendo uma atitude íntegra na análise, descrição e interpretação dos dados.

## **1.7 Apresentação do Processo**

### **1.7.1 Estrutura do Plano de Ação**

Tendo em conta o Programa Nacional para o 1º ciclo, o Projeto Educativo de Agrupamento e o Projeto Curricular de Turma, desenvolvi no espaço sala de aula diversos momentos/sessões onde as tradições dos alunos foram trabalhadas no âmbito das Expressões Artísticas. As datas destas sessões tiveram como base as épocas festivas locais. Porém, deve-se referir que devido às características de cada tema abordado, ao interesse dos alunos e da comunidade a duração de cada momento foi diferente. Por momento entende-se o conjunto de atividades desenvolvidas acerca de um determinado tema.

**Quadro 4 - Temas a desenvolver nas sessões com os alunos**

| Temas                                     | Objetivos Globais  |
|---|--|
| O Pão por Deus                            | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Construir e tomar de consciência da identidade pessoal e social;</li> <li>• Adquirir método de trabalho;</li> <li>• Desenvolver a autoconfiança e autoestima;</li> <li>• Pesquisar, selecionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável;</li> <li>• Utilizar vestígios de outras épocas como fontes de informação para reconstruir o passado, compreendê-lo e organizar o presente;</li> <li>• Desenvolver a capacidade de expressão;</li> <li>• Tomar conhecimento das capacidades do seu corpo;</li> <li>• Reconhecer a necessidade de desenvolver a criatividade de modo a integrar novos saberes;</li> <li>• Cantar músicas utilizando técnicas vocais simples;</li> <li>• Explorar o uso de máscaras;</li> <li>• Mimar atitudes gestos e ações;</li> <li>• Relacionar as formas naturais e construídas com as suas funções e os materiais que as constituem;</li> <li>• Desenvolver a capacidade de reflexão;</li> <li>• Desenvolver o espírito crítico.</li> </ul> |
| O Dia de São Martinho                     |  |
| O Natal                                   |  |
| O Dia de Reis                             |  |
| O Carnaval                                |  |
| A Matança do Porco                        |  |
| A Páscoa                                  |  |
| O Nosso Rancho “As lavadeiras dos Bolhos” |  |
| As Rendas de Bilros na Escola             |  |
| A lenda dos “Amigos de Peniche”           |  |
| Os Jogos das Nossas Gentes                |  |
| O Dia da Espiga/ Quinta feira da Ascensão |  |
| As Festas Locais                          |  |

Este trabalho de investigação foi desenvolvido durante todo o ano letivo, sobretudo entre os meses de novembro a junho. Este período letivo equivaleu a um total de 13 momentos e para os organizar foi elaborada para cada uma das sessões uma

grelha de planificação, com um espaço dedicado à reflexão do professor sobre o desenvolvimento das tarefas realizadas.

O quadro seguinte apresenta a ficha de planificação e os seus constituintes.

#### Quadro 5 - Ficha de Planificação das Atividades

| <b>Ano/Turma: 1º e 2º ano de Ribafria – A</b> |                          |                 |                  |
|---|--------------------------|-----------------|------------------|
| <b>Tema a desenvolver</b>                     |                          |                 |                  |
| <b>Áreas</b>                                  |                          |                 |                  |
| <b>Conteúdos</b>                              |                          |                 |                  |
| <b>Competências /Objetivos</b>                |                          |                 |                  |
| <b>Atividades</b>                             | <b>Operacionalização</b> | <b>Recursos</b> | <b>Avaliação</b> |
|   |                          |                 |                  |
| <b>Reflexão:</b>                              |                          |                 |                  |
|   |                          |                 |                  |

#### 1.7.2 Estrutura das Sessões

Cada momento foi dividido em diferentes etapas: introdução, desenvolvimento, conclusão e reflexão/avaliação. A introdução serviu de motivação para o desenrolar de todo o momento, na maior parte das vezes foi feita através de um diálogo, de uma história, ou de um trabalho de pesquisa realizado na escola ou em casa com a ajuda dos pais. O desenvolvimento foi o momento onde predominou o desenrolar das atividades de sala de aula, a maioria de Expressão Artística, conseqüentes das pesquisas dos alunos, propostas pelo professor, pelos alunos ou por outro elemento da comunidade educativa. A conclusão, correspondente ao momento final, o culminar das atividades desenvolvidas sobre determinado tema, onde se observaram/analísaram os resultados

---

obtidos. A conclusão do tema implicou ainda a avaliação/reflexão de todo o trabalho desenvolvido, no entanto, esta avaliação não foi apenas realizada no fim mas também no desenrolar de todas as atividades que o envolveram, pois só avaliando a participação, o desempenho e o interesse dos alunos é que o professor pode a qualquer altura da atividade, se esta estiver a correr menos bem reequacioná-la e readaptá-la.

### **1.7.3 O Modelo Pedagógico de Renald Legendre**

O trabalho pedagógico realizado nesta investigação inspirou-se no modelo de relação pedagógica de Renald Legendre, um modelo que se fundamenta na articulação e interligação de quatro pólos essenciais: O Sujeito, o Objeto de estudo, o Agente e o Meio.

De acordo com Amílcar Martins (2002) seguindo o pensamento de Legendre, o Sujeito (S) desta investigação estão referidos no quadro dois da página 52 dando especial relevo aos alunos do 2º e 3º anos da EB1 de Ribafria, sobre os quais incidiram os momentos principais desta investigação. O Meio (M) diz respeito ao contexto que envolve o sujeito, o agente e o objeto deste modelo pedagógico. Tendo em conta que esta investigação abrange o estudo das tradições locais, o meio envolve o ambiente educativo do Agrupamento de Escolas da Atouguia da Baleia, o ambiente da localidade da Ribafria, da freguesia de Atouguia da Baleia, do concelho de Peniche. A Agente - O agente desta investigação é a professora/ investigadora, todas as outras docentes do estabelecimento de ensino que apoiaram esta investigação com a participação em diversas atividades, encarregados de educação, diferentes recursos e todos os elementos da comunidade local, que de alguma forma, interferiram nas atividades de sala de aula, proporcionando aos alunos a aquisição de novas aprendizagens e também de consolidação de conhecimentos. O Objeto (O) do nosso estudo foram as tradições locais que trabalhámos ao longo do ano, em vários momentos, de acordo com as datas a elas referentes. As tradições foram trabalhadas nas diversas áreas, tendo especial relevância para este estudo o trabalho realizado no âmbito das Expressões Artísticas. Procurámos transmitir aos alunos conhecimentos acerca das suas tradições, da importância das mesmas para a sua formação pessoal e social e da importância da sua preservação enquanto património. Segundo Amílcar Martins (2002) no modelo de Renald Legendre

(...) a aprendizagem desenvolve-se em função das características pessoais do Sujeito aprendente (S), da natureza e do conteúdo do Objecto (O), das influências do Meio (M) educacional e cultural, e da qualidade de assistência do Agente (A) (...) a Relação Pedagógica (RP) resulta da interacção e envolvimento de um Sujeito (S), com um Objecto (O), dos factores e condições do Meio (M), e da acção exercida por um Agente (A) (p. 39).

Seguindo o Modelo de Relação Pedagógica de Legendre, Amílcar Martins apresenta na sua obra *Didáctica das Expressões* (2002) as relações biunívocas que os quatro polos estabelecem.

- A Relação de Aprendizagem ( $RA = S - O$ ) - baseia-se na relação estabelecida entre o(s) aluno(s), que são o sujeito e as tradições locais, que são o objeto, uma relação centrada nas vivências dos alunos e aprendizagem das tradições locais.
- A Relação de Ensino ( $RE = A - S$ ) resulta da interação do Agente (os professores, educadores e outros elementos da comunidade) no trabalho com os alunos.
- A Relação Didáctica ( $RD = A - O$ ) Baseia-se na interação do Agente e todos os professores e educadores envolvidos no programa e as tradições locais.



Eu gosto muito de ouvir  
Cantar a quem aprendeu.  
Se houvera quem me ensinara,  
Quem aprendia era eu!  
Cancioneiro nacional

## Capítulo II - Contextualização

### 2.1 O Projeto

O Projeto Educativo do Agrupamento 2009-2013 – **Identidade e Desenvolvimento** é uma sequência dos projetos anteriores, e como muitos dos vetores dinâmicos que deram forma aos anteriores projetos educativos mantêm a sua pertinência, decidiu-se, pela continuidade do mesmo. Como os valores compartilhados da cidadania e a importância da família e da escola na educação continuam atuais no

---

agrupamento, decidiu-se incluir no projeto educativo, um quadro que sustente a necessidade de inovação e desenvolvimento, com vista a uma cidadania responsável e ativa.

Um dos objetivos do projeto do agrupamento é a preparação dos discentes para o futuro sem que se quebrem os laços identitários com a sua comunidade.

Este projeto defende o reforço de articulação orgânica entre ciclos e pretende ainda intensificar os laços institucionais com outros agentes da comunidade que permitam a integração e afirmação gradual do agrupamento de escolas, criando um contexto educativo mais abrangente.

O nosso estudo - O papel das atividades de Expressão Artística na transmissão das tradições culturais no Agrupamento de Escolas de Atouguia da Baleia – veio ao encontro do Projeto Educativo do Agrupamento 2009-2013 – Identidade e Desenvolvimento -, o que nos permitiu realizar o Plano Anual de Atividades e o Projeto Curricular de Turma em concordância com o projeto do Agrupamento e com o nosso estudo atendendo ainda às necessidades e características do grupo. Esta consonância possibilitou-nos realizar diversas atividades em conjunto com a outra turma da escola e a turma do jardim de infância.

## **2.2 O Meio**

O Agrupamento de Escolas de Atouguia da Baleia está, segundo o referido no seu Projeto Educativo de 2009/2013, estabelecido na zona rural do concelho de Peniche, que tem uma identidade específica. Nesta região existem vários setores que se complementam, que vão desde a agricultura à pesca. Com a melhoria dos acessos o turismo tem vindo a crescer e as atividades a ele associadas contribuindo para o desenvolvimento da região. A aproximação da região a outros padrões e ritmos sociais tem provocado distanciamento dos núcleos familiares relativamente às responsabilidades educativas. Assim, continua a sentir-se a necessidade de uma maior intervenção e articulação entre a escola e a comunidade, em particular no que se refere às famílias dos alunos.

A Ribafria e Bufarda situam-se a sul do concelho contigua ao planalto das Cezaredas, situa-se numa extensa zona de planície e de colinas cultivadas pelos habitantes onde quase se tocam os núcleos populacionais de Bufarda e Ribafria. Geraldês localiza-se na zona Oeste do Concelho de Peniche, é uma zona muito rural.

---

Esta zona apresenta um crescente desenvolvimento urbanístico e um número significativo de associações recreativas, culturais e desportivas que contribuem para a integração dos novos fluxos populacionais.

### **2.3 A História da Região**

A Atouguia da Baleia corresponde a uma zona ancestral de ocupação humana, identificada, no início da nacionalidade, com o então concelho de Atouguia. A esta fundação está ligada a figura de Guilherme de Corni, que terá sido o responsável pelo documento designado por “Foral dos Francos” e que sob a égide e autoridade de D. Afonso Henriques transformou a “herdade de Touguia” num pólo populacional de crescimento intenso durante todo período medieval. Diversos reis de Portugal deixaram registo da sua permanência temporária nesta zona, quer a nível de lazer quer no desempenho específico das suas funções. O Paço “da serra a par da Atouguia” foi residência régia, pelo menos desde D. Dinis e de D. Pedro I. Esta região foi palco de acontecimentos históricos marcantes, de que se salientam histórias de naufrágios, de corsários e piratas, o desembarque do Prior do Crato durante a União Dinástica, o Processo dos Távoras e dos Ataídes.

### **2.4 Constituição do Agrupamento**

Escola EB 2 3 de Atouguia da Baleia

Escola EB1 de Atouguia da Baleia

Escola EB1 de Bufarda

Escola EB1 de Casal da Vala

Escola EB1 de Ferrel

Escola EB1 de Geraldês

Escola EB1 de Lugar da Estrada

Escola EB1 de Reinaldes

Escola EB1 de Ribafria

Escola EB1 de S. Bernardino

Escola EB1 de Serra d’El Rei

Jardim de Infância de Bufarda

Jardim de Infância de Casal Moinho

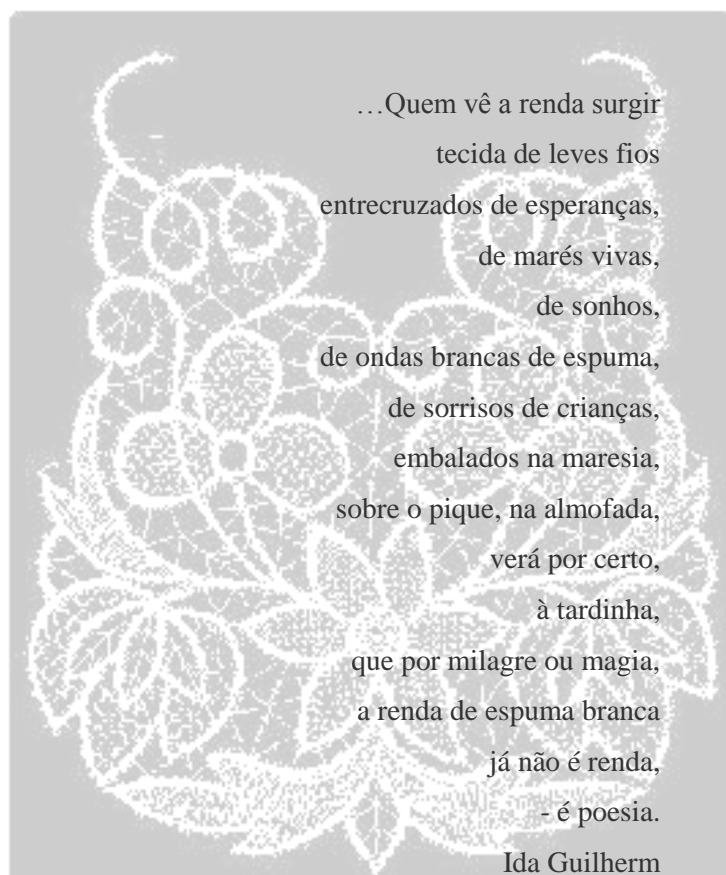
Jardim de Infância de Geraldês

Jardim de Infância de Lugar da Estrada

Jardim de Infância de Ribafria

## 2.5 Caracterização das Escolas de Incidência do Estudo

|   |  |
|---|--|
| <b>EB1/Jardim de Infância de Ribafria</b> | Construída em 1982, tem 2 salas e 2 instalações sanitárias, 1 vestiário. A escola do 1º ciclo e o Jardim de Infância funcionam no mesmo edifício. Na sala do 1º ciclo, ao nível dos meios audiovisuais existem 2 computadores, um deles com ligação à Internet, 1 impressora e 1 equipamento multifunções. Os recursos materiais são considerados insuficientes. A relação escola/família caracteriza-se por contactos formais e informais: reuniões periódicas, festas, projetos.   |
| <b>EB1/Jardim de Infância de Bufarda</b>  | Edifício do Plano Centenário, construído em 1959, requalificado e acrescentado em 2007, passando a escola e o jardim-de-infância a funcionar no mesmo edifício. O edifício tem: 4 salas de aula, 3 destas destinadas ao 1º Ciclo e 1 ao jardim-de-infância; 5 instalações sanitárias, 2 vestiários, 1 biblioteca, 1 sala de informática, 1 recreio coberto, 2 salas de arrecadação e despensa e 1 sala polivalente onde se desenvolvem as atividades no prolongamento de horário da Componente de Apoio à Família. Esta sala é utilizada para algumas atividades pontuais de Expressões. No exterior existe um espaço de baloiços; um campo de jogos vedado e com bancadas, espaços amplos que rodeiam a escola, canteiros ajardinados e uma horta pedagógica. |
| <b>Jardim de Infância de Geraldês</b>     | Construído em 1985, foi requalificado em 2009, conta com: 2 salas e 3 instalações sanitárias, 2 vestiários, não tem biblioteca nem refeitório. Tem um espaço de recreio coberto e um espaço de recreio descoberto. A relação entre as famílias dos alunos e a escola consiste em contactos formais e informais: reuniões periódicas, festas, projetos, entre outros. Os respetivos recursos materiais são consideradas suficientes.  |



## Capítulo III – Análise dos Instrumentos Utilizados

### 3.1 Descrição das atividades realizadas na sala de aula

#### 3.1.1 1ª Sessão

##### **Tema: O Pão por Deus**

A primeira sessão do nosso trabalho teve como tema o Pão-por-Deus, tradição muito praticada e bastante antiga nesta região. A sua origem, segundo alguns autores está relacionada com o terramoto de 1755.

Em Portugal, no dia 1 de novembro, também chamado Dia de Todos os Santos

(...) as crianças saem à rua e juntam-se em pequenos bandos para pedir o Pão por Deus de porta em porta. As crianças quando pedem o Pão por Deus recitam versos e recebem como oferenda: pão, bolos e frutos secos que colocam dentro dos seus sacos de pano, de retalhos ou de borlas. É também costume em algumas regiões os padrinhos oferecerem um bolo. Em algumas povoações chama-se a este dia 'Dia dos Bolinhos' (...) Com o passar do Tempo, o Pão por Deus sofreu algumas alterações, os meninos que batem de porta em porta podem receber dinheiro, rebuçados ou chocolates. Esta atividade está ligada ao que aconteceu no dia 1 de Novembro de 1755, aquando do terramoto de Lisboa, em que as pessoas que viram todos os seus bens serem destruídos na catástrofe, tiveram que pedir "Pão por Deus" nas localidades que não tinham sofrido danos.<sup>34</sup>

**Quadro 6 - Planificação das Atividades do Pão por Deus**

| Áreas   | Conteúdos  |
|---|--|
| Língua Portuguesa<br>Estudo do Meio<br>Área de Projeto<br>Expressão Plástica<br>Expressão Musical<br>Matemática | Expressão oral;<br>Compreensão oral;<br>Números e operações;<br>Comunicação oral;<br>Comunicação escrita;<br>Pintura;<br>Exploração – corpo;<br>Exploração – voz;  |
| <b>Competências/<br/>Objetivos</b>  | A construção e a tomada de consciência da identidade pessoal e social.<br>Pesquisar, selecionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável.<br>Utilização de vestígios de outras épocas como fontes de informação para reconstruir o passado, compreendê-lo e organizar o presente.<br>Reconhecer a necessidade de desenvolver a criatividade de modo a integrar novos saberes.<br>Cantar músicas utilizando técnicas vocais simples. |

| Atividades | Operacionalização | Recursos | Avaliação |
|------------|-------------------|----------|-----------|
|------------|-------------------|----------|-----------|

<sup>34</sup> PÃO-POR-DEUS: <http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A3o-por-Deus>, (consultado a 10/10/2011)

|   |  |                                     |                   |
|---|--|-------------------------------------|-------------------|
| Diálogo sobre o Pão por Deus                              | Conversa em “U” com a turma, por forma a introduzir o tema.  | Material de desgaste                | Observação direta |
| Registo sobre as tradições do Pão por Deus na localidade. | Pesquisa junto da comunidade sobre a forma como se festeja o Pão por Deus na comunidade, através do registo escrito: Apresentação posterior na sala de aula.                         | Sacos de Pano                       | Registos escritos |
| Decoração dos saquinhos do Pão por Deus.                  | Decoração dos saquinhos para o Pão por Deus, na sala de aula, em pequeno grupo.<br>Aplicação da técnica do <i>decoupage</i> em tecido.   |                                     | Registos visuais. |
| Audição e aprendizagem de canções do Pão por Deus.        | Exploração de canções conhecidas por alguns alunos da turma. Seleção das favoritas e aprendizagem das mesmas pela turma  |                                     |                   |
| Preparação da receita dos bolinhos                        | Os bolinhos irão fazer-se com base nas receitas trazidas de casa pelos alunos. A receita será multiplicada quantas vezes o necessário e os ingredientes serão trazidos pelos alunos. | Ingredientes para os bolos<br>Forno |                   |
| Confeção dos bolinhos                                     | A confeção da receita será em grande grupo. Os bolinhos serão cozidos no pequeno forno elétrico.   |                                     |                   |
| Registo do dia do Pão por Deus através da ilustração.     | Após o Dia do Pão Por Deus: diálogo com os alunos sobre as experiências vividas no dia anterior, convite à ilustração dessa experiência.   |                                     |                   |

As atividades realizadas com vista à exploração do tema “Pão por Deus” decorreram de uma forma bastante harmoniosa. Os alunos participaram entusiasticamente em todo o trabalho de pesquisa realizado e as famílias foram envolvidas através do apoio dado aos filhos na realização dos trabalhos de casa, na redação das receitas de culinária, e na participação com os ingredientes para a realização

---

dos bolinhos. Nesta atividade houve, inclusivamente, familiares que mandaram broas feitas em casa para provarmos. Este conjunto de atividades foi muito positivo, pois deu a conhecer às crianças algumas tradições da sua localidade como o pregão do Pão por Deus, a confeção das broas e, principalmente, o valor que os elementos mais idosos da comunidade têm na transmissão destes conhecimentos.

Com a decoração dos sacos para o Pão por Deus os alunos experimentaram uma nova técnica de expressão plástica que lhes agradou muito e lhes proporcionou o desenvolvimento do sentido estético. À exceção de um aluno todos os outros já tinham feito saquinhos para o Pão por Deus em outros anos letivos e no Pré-escolar, o que vem comprovar a importância que os docentes dão a esta tradição e o que obrigou a titular de turma a pesquisar novas técnicas e a propor uma que não tivesse sido ainda aplicada por eles e lhes despertasse interesse, o que de facto aconteceu. Todos os alunos ficaram entusiasmados com a decoração do saco, que teve de ser realizada em grupos mais pequenos para que a titular pudesse dar todo o apoio necessário. Os alunos ficaram muito satisfeitos com os resultados obtidos e ansiosos pela hora de levarem os sacos para casa e de poderem usá-los.

A atividade de culinária também teve uma particular importância. Em primeiro lugar fomentou a participação da família, desde a pesquisa de informação, à realização das receitas, à preparação dos ingredientes até à curiosidade em relação aos resultados. Para além de todo o envolvimento da família, que veio promover a socialização dos alunos e a sua integração na comunidade e na sua cultura, esta atividade permitiu o desenvolvimento da motricidade fina e das operações matemáticas, nomeadamente o cálculo mental (pois tivemos de quadruplicar os ingredientes da receita).

Através do trabalho de pesquisa realizado com o objetivo de sabermos um pouco mais sobre este dia, acabámos por aprender mais alguma coisa sobre a história de Portugal e sobre o Terramoto de 1755, acabando por ser trabalhada a área de Estudo do Meio. No dia 2 de novembro, as crianças chegaram à escola com muitos doces e vivências que partilharam com os colegas através do diálogo e do registo visual do dia anterior.

Todo este trabalho foi muito produtivo, a atividade de culinária foi o primeiro trabalho de equipa, neste ano letivo, e resultou muito bem. Através do trabalho de pesquisa, da realização dos sacos do Pão por Deus e da confeção dos bolinhos, foi possível preservar a tradição do Pão por Deus e ter na sala de aula momentos de prazer inesquecíveis.

De referir que algumas atividades realizadas para exploração deste tema foram também realizadas pelas colegas do pré-escolar e do 3º e 4º ano de escolaridade, nomeadamente a decoração dos sacos para o Pão por Deus, a aprendizagem de canções e o registo do tema. Este trabalho tão semelhante veio favorecer as aprendizagens através da troca de conhecimentos e práticas entre os diferentes graus de ensino.

### **Registos sobre as Atividades do Pão-por-Deus**

Pão por Deus

Em Portugal o dia de Pão por Deus comemora-se no dia 1 de novembro é conhecido por o dia de Todos os Santos.

Em primeiro lugar as crianças vão á missa, depois vão bater de porta em porta pedir Pão por Deus, as crianças abrem os sacos e as pessoas colocam rebuçados, chocolates e broas.

No tempo da minha avó as crianças iam pedir Pão por Deus, porque eram pobres e só nesse é que comiam alguns doces, o que as pessoas davam era as broas, nozes, pevides, maçãs e romãs, agora é que dão mais guloseimas.

Nessa altura também se cantava quadras como esta:

Pão por Deus  
Fiel de Deus  
Bolinho no saco  
Andai com Deus  
Esta casa cheira a broa  
Aqui mora gente boa  
Esta casa cheira a vinho  
Aqui mora algum santinho

Fig. 1 - Trabalho de pesquisa realizado pelos alunos

| Broas de batata-doce                  |
|---------------------------------------|
| 2kg Batata-doce                       |
| 2kg Farinha branca de neve            |
| 1kg Açúcar                            |
| 2 Ovos                                |
| 1 Pacote canela ou (1 colher de sopa) |
| Erva doce (2 colheres de sopa cheias) |
| Raspa de limão (3 limões)             |
| Uma pinga de vinho do porto           |
| Frutas cristalizadas                  |
| Nozes – Passas – Pinhão               |

Fig. 2 - Receita trazida pelos alunos



Fig.3 – A confeção dos bolinhos



Fig.4 e Fig.5- A realização dos sacos para o Pão por Deus na EB1 de Ribafria



Fig. 6 - A realização dos sacos para o Pão-por-Deus no jardim de infância de Ribafria



Fig. 7 – Registo do Pão por Deus pelos alunos do Jardim de Infância

### 3.1.2 2ª Sessão

#### Tema: O Dia de São Martinho

Festejar o São Martinho é uma tradição que ainda se regista um pouco por todo o país. Na maior parte dos locais o São Martinho é festejado com castanhas assadas e vinho ou água-pé, à volta da fogueira com a família, os amigos ou vizinhos. Esta celebração é um momento de convívio e animação que promove a aproximação de amizades. Como tal, tivemos o cuidado de juntar neste estabelecimento o grupo do pré-escolar e o grupo da tarde para este momento de partilha.

O São Martinho é sempre uma festa muito esperada pelas crianças porque se trata do dia em que se faz o Magusto na escola e, na maior parte das vezes, é feito ao ar livre acompanhado de muitas brincadeiras. Não se consegue explicar ao certo porque é que se juntam as castanhas com o S. Martinho (talvez pela data coincidir com a altura das castanhas e do vinho novo), mas esta atividade faz parte da cultura de escola e da localidade. Nesta localidade no dia de S. Martinho é tradição assarem-se castanhas no recreio da escola com a caruma dos pinheiros. Mas para que tal aconteça também é necessário que todos colaborem: uns trazem as castanhas cortadas com sal, outros trazem a caruma e as pinhas para se fazer a fogueira, o que de facto aconteceu, pois o dia esteve tal e qual como o tradicional “Verão de S. Martinho”.

#### Quadro 7 - Planificação das Atividades do S. Martinho

| Áreas                              | Conteúdos  |
|------------------------------------|--|
| Expressão Dramática                | Expressão oral;  |
| Estudo do Meio                     | Compreensão oral;  |
| Área de Projeto                    | Comunicação oral;  |
| Expressão Plástica                 | Comunicação escrita;   |
| Língua Portuguesa                  | Pintura;   |
| Formação Cívica                    | Exploração – corpo;  |
|                                    | Exploração – voz;  |
| <b>Competências/<br/>Objetivos</b> | A construção e a tomada de consciência da identidade pessoal e social.<br>Pesquisar, selecionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável.<br>Utilização de vestígios de outras épocas como fontes de informação para reconstruir o passado, compreendê-lo e organizar o presente. |

|  |   |
|--|---|
|  | <p>Reconhecer a necessidade de desenvolver a criatividade de modo a integrar novos saberes.</p> <p>Cantar músicas utilizando técnicas vocais simples.</p> |
|--|---|

| <b>Atividades</b>   | <b>Operacionalização</b>   | <b>Recursos</b>                    | <b>Avaliação</b>  |
|---|--|------------------------------------|-------------------|
| Diálogo sobre o S. Martinho   | Conversa em “U” com a turma, por forma a introduzir o tema.  | PC e internet                      | Observação direta |
| Audição da lenda S. Martinho  | Visionamento e leitura da lenda de S. Martinho no computador.  | Material de desgaste               | Registos escritos |
| Dramatização da lenda de S. Martinho  | Dramatização da lenda de S. Martinho por alguns alunos. Esta dramatização da lenda será feita após a visualização da lenda e com adereços improvisados pelos alunos.   | Comunidade local                   | Registos visuais. |
| Visionamento da história de sobre o outono contada pelos alunos do Pré-escolar. | Por convite da Educadora o grupo do 1º e 2º ano irão assistir a uma pequena dramatização preparada pelos alunos do jardim de infância.   |                                    |                   |
| Reconto escrito e ilustração da lenda de S. Martinho.                           | Nesta tarefa os alunos mais velhos registarão a história através da redação e os mais novos pela ilustração.   |                                    |                   |
| Pesquisa de provérbios sobre o S. Martinho.                                     | Para que o São Martinho não ficasse só pela lenda haverá o cuidado de relacioná-lo com os provérbios da época fazendo a ligação ao Magusto. Como tal, irá ser pedido às crianças para que junto dos mais velhos (avós e vizinhos) procurem aprender alguns provérbios. |                                    |                   |
| Leitura dos provérbios sobre o S. Martinho e o Magusto.                         | As crianças redigirão os provérbios no Magalhães, irão imprimi-los e lê-los para a turma. Após a leitura, realizar-se-ão jogos mimados – algumas crianças tentarão   | Computador<br>Recursos da Natureza |                   |

|   |   |                      |  |
|---|---|----------------------|--|
| Realização de um jogo mimado através dos provérbios.                                  | adivinhar o provérbio que a outra vai dizendo através da mimica.<br>Apresentação de imagens sobre as castanhas e os castanheiros; apresentação da castanha e do ouriço verdadeiros.   | Material de desgaste |  |
| Exploração da castanha como um fruto de Outono<br>Realização de um móbil de castanhas | A realização do móbil será realizada com o grupo dividido em dois com o intuito de dar um maior apoio a todos, uns estarão a construir o móbil e outros a criar imagens de castanhas no “ Paint” trocando depois a atividade. |                      |  |
| Aprendizagem de canções sobre o Magusto<br>Magusto                                    | Esta atividade é realizada em grande grupo, utilizando a voz e a mimica para exploração das canções.<br>Celebração do Magusto com todos os alunos do estabelecimento de ensino.   |                      |  |
| Registo da Atividade  | No dia seguinte ao magusto haverá um diálogo em que os alunos farão as observações acerca das atividades realizadas. Essas observações serão posteriormente registadas através do desenho ou de texto.                        |                      |  |

Iniciámos esta atividade com um trabalho de pesquisa e exploração de vários provérbios acerca do Magusto e do São Martinho. Esta exploração veio ajudar os alunos a compreenderem melhor o porquê desta celebração: o outono, as frutas da época, a altura em que a castanha cai do ouriço, as vindimas e o vinho novo. A pesquisa e análise de provérbios e ditados proporciona aos alunos a aquisição e debate de conceitos e valores como: a amizade, o respeito, a justiça, honradez, bondade, ingratidão, entre outras. Com este tema aprendemos também algumas canções que desenvolvem a capacidade de memorização e o sentido rítmico e adivinhas que ajudam a desenvolver o raciocínio lógico e aumentar a agilidade mental, realizámos atividades também de expressão plástica acerca da época, um móbil de castanhas por sugestão da professora e

realização de desenhos cujo tema eram os frutos de outono realizados no “paint” por sugestão dos alunos. Todas estas atividades promovem uma série de conhecimentos e proporcionam o desenvolvimento de várias capacidades quer ao nível estético, criativo, cognitivo, motor, quer ao nível das Tecnologias de Informação e Comunicação. Esta utilização do “paint” sugerida pelos alunos alertou a docente para uma nova possibilidade de trabalho a este nível e a predisposição dos alunos para a sua realização. As tecnologias não vieram substituir o professor mas apenas servir de complemento à aquisição de conhecimentos como um recurso didático. Este recurso serve para transmitir informações e também para promover um ambiente comunicativo mais motivador, por forma a que se expressem mais facilmente e realizem pesquisas mais enriquecedoras.

Através da exploração da lenda de S. Martinho, transmitimos o valor da solidariedade e da partilha e ainda explorámos as capacidades expressivas dos alunos com o reconto da lenda através da ilustração e dramatização. Esta lenda acaba por sensibilizar muito os alunos para o valor da partilha, pois a atitude do S. Martinho é muito nobre, partilhar algo que nos faz falta. Nos dias de hoje é cada vez mais difícil as crianças compreenderem o ato da partilha, uns porque são filhos únicos e não têm de partilhar nada, outros porque têm tudo e têm mais dificuldades em partilhar as suas coisas. Na opinião de Marques o professor “deve acentuar as práticas culturais e atitudes que favorecem o rendimento escolar e deve chamar a atenção dos pais para a necessidade de evitarem práticas e as atitudes que prejudicam os alunos” (2001b: 126), mas nem sempre os valores trabalhados na escola vão ao encontro dos ideais dos pais.

### **Registos sobre as Atividades do S. Martinho**



Fig. 8 – História das castanhas realizadas em Power-Point



Fig. 9 – Móbil de Castanhas

|  |  |
|--|--|
| <p style="text-align: center;"><b>Provérbios de S. Martinho</b></p> <p>Pelo S. Martinho mata o teu porquinho e<br/>semeia o teu cebolinho.</p> <p>No dia de S. Martinho fura o teu pipinho.</p> <p>No dia de S. Martinho lume, castanhas e<br/>vinho.</p> <p>Site: “S. Martinho: Provérbios – S. Martinho”</p> | <p style="text-align: center;"><b>Poema de S. Martinho</b></p> <p>Como é bom comer<br/>Castanhas assadas<br/>E no magusto ver<br/>As meninas coradas<br/>Na rua está um vendedor<br/>De castanhas assadas<br/>É com esforço e amor<br/>Que faz feliz a rapaziada<br/>Todo o dia a apanhar chuva<br/>Coitado do vendedor!<br/>Mas á beira das castanhas<br/>Fica cheio de calor</p> |
|--|--|

Fig.10 – Trabalho de pesquisa realizado por alguns alunos sobre o S. Martinho



Fig. 11 – O Magusto



Fig. 12 – Dramatização de uma história sobre o Outono, Jardim de Infância de Ribafria

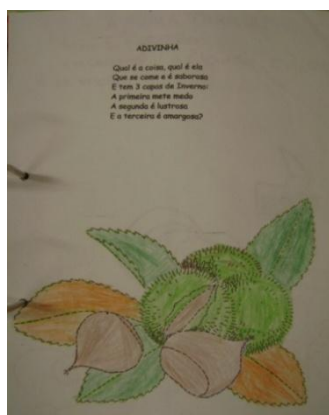


Fig.13 - Adivinha das castanhas



Fig.14 - Registo do Magusto



Fig.15 - Ilustração da história de S. Martinho pelos alunos do Jardim de Infância de Ribafria.

### 3.1.3 3ª Sessão

#### Tema: O Natal

No dia 25 de dezembro, festeja-se o nascimento de Jesus, embora a data correta deste nascimento seja desconhecida. A escolha desta data teve como objetivo dar sentido cristão a uma festa pagã, o culto ao sol. Os cristãos passaram a festejar nessa data o nascimento de Jesus, o Sol da justiça, a Luz do Mundo. O Natal é festejado um pouco por todo o mundo através de diversos símbolos.<sup>35</sup>

#### Quadro 8 - Planificação das Atividades do Natal

| Áreas   | Conteúdos   |
|---|---|
| Estudo do Meio<br>Língua Portuguesa<br>Área de Projeto<br>Expressão Plástica<br>Expressão Musical<br>Expressão Dramática<br>Formação Cívica | Comunicação oral;<br>Compreensão oral;<br>Comunicação escrita;<br>Exploração – corpo;<br>Exploração – voz;  |
| <b>Competências/<br/>Objetivos</b>  | Utilização de vestígios de outras épocas como fontes de informação para reconstruir o passado, compreendê-lo e organizar o presente;<br>Reconhecer a necessidade de desenvolver a criatividade de modo a integrar novos saberes;<br>Cantar músicas utilizando técnicas vocais simples;<br>Desenvolver a capacidade de memorização;<br>Desenvolver a capacidade de improvisação;<br>Adquirir novo vocabulário; |

<sup>35</sup> As representações do “presépio” sofreram um grande impulso, quando São Francisco de Assis resolveu fazer um presépio ao vivo em Itália, na noite de Natal. A árvore de Natal é de origem germânica. As suas folhas simbolizam a vida eterna. As oferendas são símbolo da Eucaristia, como fruto do sacrifício da cruz. A Missa do Galo teve origem em Toledo. Aí cada lavrador matava um galo em memória daquele que cantou três vezes quando Pedro negou Jesus. A história do Pai Natal data do século IV, Nicolau, Bispo na Holanda, tinha o hábito de distribuir presentes entre os pobres, como já tinha alguma idade, tinha as suas barbas brancas e usava um traje avermelhado, como os cardeais nas cerimónias solenes. Mesmo após a sua morte, as crianças holandesas acostumaram-se a colocar os sapatos à porta de casa, esperando a visita de São Nicolau. Isto fazia-se na noite de 5 para 6 de Janeiro, noite em que os Reis Magos ofereceram presentes a Jesus, mas com a divulgação deste costume mudaram a data para a noite de Natal e passaram a chamar Pai Natal a quem traz as prendas.

|  |                            |
|--|----------------------------|
|  | Consolidar valores morais; |
|--|----------------------------|

| Atividades   | Operacionalização  | Recursos  | Avaliação   |
|--|--|---|---|
| Diálogo com as crianças sobre o Natal                                  | Em “u” promover um diálogo com o grupo, sobre o Natal:<br>- O que é o Natal?<br>- Todos festejam o Natal?<br>- Como é que festejam o Natal?<br>Propostas de trabalho aos alunos:<br>Trabalho de pesquisa sobre o Natal, a culinária, as canções, a forma como se celebrava o Natal antigamente e como se celebra hoje.                                 | Comunidade educativa<br><br>Computador e Internet | Observação direta<br><br>Diálogos<br><br>Registos Visuais |
| Preparação das Searas de Natal   | As searas serão realizadas em grande grupo com o trigo trazido pela professora. Será explicado aos alunos a razão pela qual em alguns locais se colocam as searas nos presépios.   | Material de desgaste                              |   |
| Exploração dos trabalhos de pesquisa realizados pelos alunos, em casa. | Leitura dos textos sobre o Natal no tempo dos nossos avós.   |   |   |
| Aprendizagem de músicas de Natal.                                      | Apresentação das canções. Os alunos apresentam as canções que conhecem e apresentam-nas aos outros, para que estes as aprendam. Audição de músicas de Natal através de CD e utilização de instrumentos musicais. Os alunos ouvem toda a canção e depois cantam-na apenas com a música e posteriormente, cantam-na com a ajuda de instrumentos musicais |   |   |
| Aprendizagem de poesias de   | Audição e leitura e algumas poesias de Natal. Estas poesias são mimadas.   |   |   |

|  |   |   |  |
|--|---|---|--|
| <p>Natal</p> <p>Ilustração de temas de Natal</p> <p>Decoração da árvore de Natal e do Presépio.</p> <p>Preparação e festa de Natal</p> | <p>Nesta atividade serão dadas algumas imagens às crianças para pintarem e será solicitado às crianças ilustrações livres sobre o Natal.</p> <p>Os alunos irão construir adereços para decorarem a árvore de Natal e o presépio.</p> <p>Seleção de poemas e canções pelos alunos para adaptar em dramatização e apresentar na festa de Natal. A Festa de Natal irá realizar-se com todos os alunos do estabelecimento de ensino na Associação Recreativa.</p> | <p>Leitor de CD</p> <p>Adereços</p> <p>Textos</p> |  |
|--|---|---|--|

Todas as atividades realizadas abordando este tema foram elaboradas com muito entusiasmo e com as sugestões de todos os alunos que quiseram colaborar enfeitámos a sala com um presépio construído pelos alunos. As figuras foram tiradas ao presépio de casa e trazidas para a escola, mas todo o ambiente que envolveu o presépio foi preparado pelos alunos, em grupo, o relevo, os riachos e as searas de trigo tiveram de ser preparadas com antecedência e tornaram o presépio quase mágico. O Natal traz-nos sempre um pouco de magia e principalmente para as crianças tem sempre um sabor especial. Para nós adultos é um tema que todos os anos abordamos, tentando, na maior parte das vezes, não nos repetirmos ou dar-lhe um pouco mais de originalidade. Ao contrário dos adultos, para as crianças este tema é sempre novo: os presentes, as decorações, as apresentações e a festa da escola cheia de luzes, família e doces, eles “sonham” com tudo isso. O que acontece atualmente é que as crianças, os adultos e as famílias estão a esquecer-se do verdadeiro sentido do Natal. Sendo assim, e como todos os meninos são católicos tornou-se imprescindível explicar o verdadeiro sentido do Natal, da festa dos presentes – a celebração do nascimento de Jesus. Esta exploração foi feita através da audição e exploração de histórias e canções. A riqueza deste tema permitiu-nos trabalhar os valores da amizade e da solidariedade, do amor e da Paz, bem como todas as tradições desta época. O trabalho de pesquisa realizado pelos alunos em relação à noite de consoada veio alertá-los para as diferenças existentes entre a celebração do Natal nos nossos dias e a celebração do Natal no tempo dos seus avós, em que o mais importante era estarem todos juntos a fazerem os fritos e a jogarem jogos e não as prendas que poderiam vir receber, pois eram poucas e menos importantes. Hoje,

nunca é demais trabalharem-se os valores da família, e desvalorizar-se as questões materiais.

A festa de Natal da escola foi uma atividade muito importante dado que com parte da cultura da escola e é sempre com alguma expectativa que é esperada pela comunidade educativa. No entanto só tem razão de ser se o seu fundamento for mais do que apenas uma festa. A festa foi apenas o resultado de diversas atividades que se foram fazendo para exploração desta época. Os alunos, com a ajuda da titular de turma selecionaram o que queriam apresentar na festa de Natal e foi interessante ver o seu entusiasmo e empenho em preparar a apresentação. Alguns alunos mais introvertidos conseguiram participar e mostrar com alegria o que tinham trabalhado.

Nesta festa, quisemos envolver um pouco mais a comunidade tendo em conta que o Natal é a festa da família. Como tal, pedimos o espaço da associação recreativa local para que todos pudessem participar na festa. Os pais participaram com a sua presença, bem como outros familiares, o que veio enriquecer esta celebração e aproximar a família da escola, o que, deve ser feito sempre que haja oportunidade para tal. A festa correu muito bem, mas o mais importante de tudo foi as crianças terem gostado.

### Registos sobre as Atividades do Natal

Será que o Natal ainda se comemora como antigamente?

Como era o Natal quando os meus pais tinham a minha idade?

Não. O Natal não é como antigamente, dantes abriam-se as prendas no dia 25 de Dezembro de manhãzinha e não se fazia a árvore de Natal em vez disso havia o presépio.

Quando a minha mãe tinha 8 anos ela comia bacalhau com batatas e couves e ia á missa do galo e havia menos dinheiro por isso davam menos prendas.

Fig. 16 - Trabalho de pesquisa realizado pelos alunos sobre o Natal.



Fig. 17 – Ilustrações de Natal



Fig.18 – Painel realizado com papel amachucado pelos alunos do JI de Ribafria

### 3.1.4 4ª Sessão

#### Tema: O Dia de Reis

O Dia de Reis ou Janeiras é celebrado a 6 de Janeiro. O cantar dos Reis é uma tradição que está quase extinta, pois são poucas as localidades onde ainda se vêem grupos de pessoas a baterem de porta em porta para cantar os reis e receberem uma recompensa por parte dos donos da casa. Nesta localidade é tradição cantarem-se as “Janeiras” ou os “Reis” no Dia de Reis, esta celebração é geralmente realizada ou por “grupos corais” ou grupos de crianças e adultos que se juntam com esta intenção. O cantar dos “Reis” tem dupla motivação, religiosa e folclórica. A religiosa diz respeito à chegada dos Reis Magos ao presépio, sendo também, neste dia, que em alguns países se entregam os presentes, como, aliás, acontecia em Portugal antes da monarquia. A folclórica devido a todo o acervo musical e culinário a ele referente. Neste dia, é tradição oferecer-se um lanche aos grupos de cantores e comer-se o famoso bolo-rei.<sup>36</sup>

#### Quadro 9 - Planificação das atividades do Dia de Reis

| Áreas              | Conteúdos            |
|--------------------|----------------------|
| Estudo do Meio     | Comunicação oral;    |
| Área de Projeto    | Compreensão oral;    |
| Expressão Plástica | Comunicação escrita; |
| Expressão Musical  | Pintura;             |
|                    | Exploração – corpo;  |
|                    | Exploração – voz;    |

<sup>36</sup> Conta-se que, quando os Reis Magos foram visitar Jesus começaram a discutir para ver qual deles seria o primeiro a oferecer o presente e artífice, ouvindo a conversa, quis ajudar a resolver o problema. Faria um bolo cuja massa incorporaria uma fava e repartir-lo-ia pelos Reis Magos, aquele que ficasse com a fava, seria o primeiro a oferecer os presentes ao Menino Jesus. Conhecido pelo nome de Bolo Rei feito para escolher um Rei, aquele doce passou a usar-se, sobretudo no Natal. A côdea simboliza – o ouro; o miolo e as frutas secas simbolizam – a mirra; o aroma simboliza – o incenso.

|                                    |  |
|------------------------------------|--|
| <b>Competências/<br/>Objetivos</b> | <p>Utilização de vestígios de outras épocas como fontes de informação para reconstruir o passado, compreendê-lo e organizar o presente; Reconhecer a necessidade de desenvolver a criatividade de modo a integrar novos saberes;</p> <p>Cantar músicas utilizando técnicas vocais simples;</p> <p>Desenvolver o sentido estético e a criatividade;</p> <p>Desenvolver o sentido rítmico;</p> <p>Conhecer diversos registos e instrumentos musicais;</p> <p>Desenvolver a capacidade de memorização;</p> <p>Conhecer diferentes materiais utilizados em expressão plástica;</p> |
|------------------------------------|--|

| <b>Atividades</b>                         | <b>Operacionalização</b>   | <b>Recursos</b>       | <b>Avaliação</b>   |
|---|--|-----------------------|--------------------|
| Exploração do Dia de Reis                 | Nos dias anteriores ao Dia de Reis irá ser explicado o significado desse dia. Esta explicação será realizada através da observação de alguns pequenos filmes existentes na Internet. Neste momento, será explicado quem provavelmente seriam os reis.  | Material de desgaste  | Observação direta  |
| Realização das coroas                     | Para a celebração do Dia de Reis será proposto aos alunos que construam coroas com diferentes materiais plásticos existentes nas salas.  | PC                    | Material realizado |
| Preparação das canções para o Dia de Reis | Para a celebração do Dia de Reis os alunos irão realizar umas coroas e preparar umas canções. Irá ser explicado aos alunos que no Dia de Reis se cantam as “Janeiras”, aproveitando também para explicar o que são as “Janeiras” e para ouvir e seleccionar algumas canções para cantar, na Internet. Também será pedido a algumas crianças para pesquisarem junto dos mais velhos algumas canções das Janeiras. | Internet              | Registos escritos  |
| Visita dos Reis                           | No Dia de Reis os alunos colocarão as suas coroas e irão à outra sala da escola cantar as Janeiras.  | Leitor de CD          | Registos visuais.  |
| Celebração                                | No período da tarde, elementos da Câmara Municipal irão à escola, vestidos de reis magos   | Instrumentos musicais |                    |

|                        |  |  |  |
|------------------------|--|--|--|
| Registo do Dia de Reis | oferecer bolo-rei aos alunos e conversar com eles.<br>Este registo será feito através do diálogo com alunos e a posterior ilustração de um momento que tenham gostado. |  |  |
|------------------------|--|--|--|

As atividades realizadas com o objetivo de explorar este tema decorreram de uma forma muito interessante. Todo o conjunto de atividades realizadas em torno deste tema permitiram mais aprendizagens, do que propriamente o momento da visita dos reis, não tirando, claro está, o entusiasmo da visita. A realização das coroas foi uma atividade riquíssima que implicou a utilização de diversas técnicas plásticas (seleção de materiais, recorte, contorno, colagem e ilustração), em que os alunos deram o seu melhor. Aprenderam novas técnicas e lembraram outras, havendo inclusivamente alunos que trouxeram de casa brilhantes e pedrinhas para decorarem as suas coroas partilhando-as com o resto do grupo e trocando opiniões acerca da sua colocação desenvolvendo assim, o espírito de partilha, a criatividade e o sentido estético, o que foi bastante agradável constatar. Foi possível verificar que, muitas vezes, o grupo foi ao encontro do que lhe era pedido, sem que lhes fosse explicitamente solicitado. A pesquisa, seleção e aprendizagem das músicas deu-lhes múltiplas oportunidades: a de tomar contato com o nome José Afonso, ouvindo uma das suas músicas, símbolo da nossa cultura; de ver vários grupos de cantares no youtube, a visitarem as casas das outras pessoas, para cantarem as Janeiras e assim perceberem como se processa este ritual. O computador revelou-se um instrumento excelente para integrar este conhecimento. Esta atividade proporcionou aos alunos a possibilidade de contactarem com os avós ou outros elementos da comunidade para trazerem algumas músicas para a sala e, assim, com os instrumentos musicais da sala ensaiarmos as canções selecionadas pelos alunos, desenvolvendo o seu sentido rítmico. Cantámos as músicas aos Reis que nos visitaram e nos ofertaram um bolo-rei, bem como aos colegas da sala do 3º e 4º anos e do pré-escolar, como é tradição, para o lanche e aos meninos do Jardim, que nos retribuíram com as suas cantorias.

No dia seguinte, fizemos a reflexão sobre o trabalho através do registo oral e da ilustração, o balanço foi muito colorido, saboroso e positivo. Foi, de facto, uma primeira semana de riqueza cultural, em que as crianças puderam explorar todas as áreas de expressão artística com base nesta tradição local e nacional.

## Registos sobre as Atividades do Dia de Reis



Fig. 19 e 20 – Realização das coroas para o Dia de Reis



Fig. 21 – Visita dos Reis

Fig. 22 – Ilustração dos Bolos Rei



Fig. 23 – Registo do Dia de Reis

### CANÇÃO DOS REIS

Nós somos os três reis  
Que vimos do Oriente  
Trazer as boas festas  
Novas pra toda a gente.

Nós somos os três reis  
Guiados por uma luz  
Adoramos o Deus menino  
Que se chama Jesus

Nós somos os três reis  
Guiados por uma luz  
E trouxemos três presentes  
Ao Menino Jesus

Fig. 24– Registo de uma canção sobre os Reis pesquisada e redigida no computador pelos alunos

### 3.1.5 5ª Sessão

#### Tema: O Carnaval

O Carnaval<sup>37</sup> é sempre uma atividade muito esperada pelas crianças que gostam de se mascarar. Contudo, neste ano letivo a professora propôs ao grupo que seria interessante mascararem-se de uma forma diferente, como no tempo dos seus avós. Para tal houve a necessidade de tentar que os alunos compreendessem que o Carnaval nem sempre foi festejado da mesma maneira. e planificaram-se as atividades da seguinte forma:

#### Quadro 10 - Planificação das Atividades do Carnaval

| Áreas   | Conteúdos   |
|---|---|
| Estudo do Meio<br>Língua Portuguesa<br>Área de Projeto<br>Expressão Plástica<br>Expressão Musical | Expressão oral;<br>Compreensão oral;<br>Comunicação oral;<br>Comunicação escrita;<br>Pintura;<br>Exploração – corpo;<br>Exploração – voz;   |
| <b>Competências/<br/>Objetivos</b>  | Pesquisar, selecionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável;<br>Utilização de vestígios de outras épocas como fontes de informação para reconstruir o passado, compreendê-lo e organizar o presente;<br>Reconhecer a necessidade de desenvolver a criatividade de modo a integrar novos saberes;<br>Cantar músicas utilizando técnicas vocais simples;<br>Explorar o uso de máscaras;<br>Mimar atitudes gestos e ações; |

<sup>37</sup> O Carnaval é uma das grandes festas cíclicas anuais, que corresponde principalmente a três dias, o Domingo Gordo, a Segunda e a Terça-feira. Em várias localidades do nosso país algumas manifestações características desta quadra, começam no Domingo Gordo e terminam na sexta-feira seguinte.

| <b>Atividades</b>                                  | <b>Operacionalização</b>  | <b>Recursos</b>  | <b>Avaliação</b>  |
|--|---|--|---|
| Início da exploração do Carnaval                   | Será dada uma explicação através do diálogo dando a conhecer aos alunos um pouco da sua história, como festa pagã. A partir daqui a titular de turma irá lançar diversas questões acerca do Carnaval. No final do diálogo será proposto aos alunos um trabalho de pesquisa acerca do Carnaval no tempo dos seus avós. | Material de desgaste<br><br>Comunidade local               | Observação direta<br><br>Registos escritos<br><br>Registos visuais. |
| Apresentação dos trabalhos de pesquisa dos alunos. | Assim que os trabalhos ficarem prontos os alunos irão lê-los na aula e trocarão ideias acerca do que descobriram. Com base na exploração deste trabalho de pesquisa irá ser proposto aos alunos que se celebre um dos dias de Carnaval à moda de antigamente.   |  |   |
| Confeção das Filhós                                | Os alunos irão em grande grupo e, se possível com a ajuda de um encarregado de educação, confeccionar as filhós para comerem e partilharem na sexta-feira de Carnaval.  | Ingredientes para as filhós<br><br>Utensílios de culinária |   |
| Realização das máscaras                            | Aproveitando o cartão de diferentes caixas os alunos construirão as suas máscaras de forma a ficarem de acordo com a roupa que irão vestir no dia de Carnaval. Esta roupa será escolhida em casa com a ajuda dos encarregados de educação.  | Cartão<br><br>Elástico                                     |   |
| Desfile de Carnaval                                | O desfile de Carnaval irá ser realizado com todo o estabelecimento de ensino pelas ruas da aldeia de Ribafria e dos Bolhos.   |  |   |

A primeira etapa desta sessão constou pesquisa sobre a forma como era festejado o Carnaval antigamente, sendo os familiares a melhor fonte de informação para desenvolvermos o nosso trabalho. Os meninos foram para casa procurar as histórias guardadas no “baú das memórias” dos pais e dos avós: as formas de vestir, os tipos de

---

máscaras, as partidas carnavalescas e a culinária tradicional. Nos dias que se seguiram os alunos chegavam à escola, cheios de novidades. A partir daí foi encetado um diálogo para partilhar e explorar as descobertas de cada um:

Aluno P - Antigamente as pessoas faziam filhós para darem aos mascarados.

Aluno G - A minha avó também fazia.

Aluno J - A minha avó mascarava-se com uma máscara de cartão.

Professora - Então será que poderíamos fazer aqui as filhós?

Aluno P - Boa ideia, professora vou pedir à minha mãe para ajudar.

Professora - E também podíamos mascarar-nos com máscaras de cartão e a roupa dos pais.

Aluno I - Pois, era giro!

Aluno G – Eu não quero vir de rapariga, ponho a máscara de cartão, mas venho vestido de rapaz.

Aluna L – Eu não tenho roupa, mas vou pedir à minha mãe para ela arranjar, até pode ser a do meu irmão!

Aluno P – Vou vestir uma roupa da minha mana que é quase do meu tamanho.

Através do trabalho realizado e do diálogo exploratório descobrimos que, naquela altura, era tradicional, os rapazes vestirem-se de raparigas e as raparigas de rapazes e fazerem umas máscaras de cartão para ficarem irreconhecíveis e irem pregar partidas e pedir doces de porta em porta, recebendo as típicas filhós.

Aos poucos, este trabalho surgiu com as opiniões e ideias dos alunos, sendo o professor apenas o guia do projeto, orientando os alunos e as atividades.

O facto de o Carnaval ter sido abordado desta forma na sala de aula, deu mais entusiasmo às crianças para o festejar. Todos se preocuparam em arranjar, não só uma

---

receita, mas várias receitas das filhós de Carnaval, algumas até iguais, e os trajes e as máscaras que iriam usar no dia do desfile. Este trabalho mobilizou toda a família que se preocupou em se disponibilizar para fazer as filhós na escola e na preparação das roupas para o dia do desfile. Foi uma atividade interessante em que os únicos trabalhos realizados na sala de aula foram a elaboração das máscaras e a confeção das filhós, feitas com a ajuda de um encarregado de educação e provadas por todos os que apareciam. A construção das máscaras foi um trabalho muito atrativo em que os alunos desenvolveram a sua criatividade. A confeção das filhós promoveu o contato mais próximo da família com a escola e vice-versa, o que é sempre muito positivo para o desenvolvimento do aluno.

No dia do desfile, apercebi-me da reação de alguns pais que foram até à escola e pareciam estar a reviver um pouco da sua infância. Por breves momentos, parecia que tínhamos andado para trás no tempo. As crianças estavam orgulhosas das suas máscaras e das suas indumentárias, que foram escolhidas com a ajuda dos pais. É neste tipo de atividades, que por vezes, por detrás de uma máscara algumas crianças acabam por nos surpreender, um traje ou uma máscara mais arrojada, usada por aquele menino mais introvertido que nós pensamos que nem sequer se iria mascarar. Os alunos T e J que são geralmente muito introvertidos estavam vestidos de menina e extremamente felizes e brincalhões o que me deixou muito admirada.

Depois de todos “aprumadinhos” lá fomos fazer o nosso tradicional desfile pelos caminhos da nossa aldeia até ao largo da aldeia vizinha, momento em que aproveitámos para lanchar as nossas saborosas filhós de Carnaval. Concordamos com a opinião de António Cabral sobre o Carnaval:

(...) é a festa de todas as ludicidades, desde expressões miméticas às agonísticas. O uso da máscara e a agressividade no dizer “É Carnaval ninguém leva a mal” demonstram isso mesmo. Três dias de folia brava que significam bem mais do que uma pausa na seriedade dos labores quotidianos (1998: 15).

O desfile de Carnaval foi muito divertido desde a chegada à sala de aula, completamente irreconhecíveis, acrescentando a piada dos rapazes irem vestidos de meninas e as meninas de rapazes até o desfile pela aldeia, em que a população tentava reconhecer cada criança, tarefa que para alguns foi difícil.

## Registos das Atividades de Carnaval

### Filhós de cenoura

#### Ingredientes:

- 500 g de cenoura (peso descascado)
- 500 g de açúcar
- 5 ovos
- 1 colher de chá de fermento royal
- Sumo e raspa de uma laranja
- Raspa de 1 limão
- Óleo para fritar
- Açúcar amarelo e canela para polvilhar

#### Preparação:

Cozo as cenouras com água e sal, uns 30 minutos, escorro-as e deixo arrefecer num passador. Num alguidar suficientemente grande, coloco as cenouras e trituro com a varinha mágica. Depois junto os restantes ingredientes e continuo a bater com a varinha até a mistura não apresentar caroços e começar a fazer bolhas.

No fim é só fritar em óleo abundante e numa fritadeira funda para as filhoses virarem facilmente. Coloca-se as filhós já fritas numa travessa com papel absorvente para retirar o excesso de óleo, e depois é só polvilhar com açúcar e canela, e bom apetite.

Fig. 25 - A receita das filhós



Fig. 26 e 27 - A confeção e prova das filhós

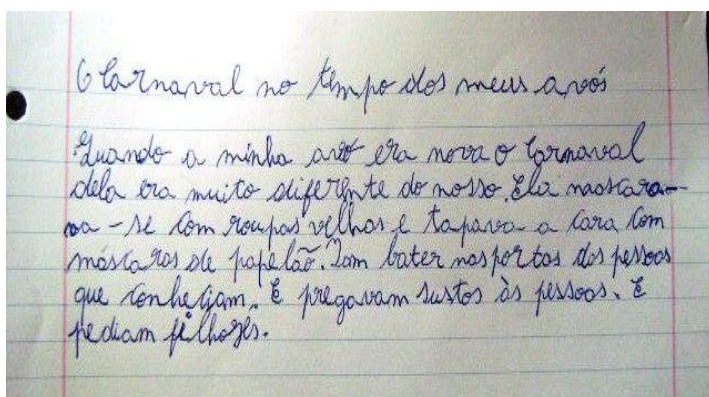


Fig. 28 - O trabalho de pesquisa



Fig. 29 - O desfile de Carnaval à antiga

### 3.1.6 6ª Sessão

#### Tema: A Matança do Porco

A tradição mais patente nas localidades interiores deste concelho é a matança do porco. Estas localidades rurais proporcionam, ainda, o espaço para a criação do porco, base da alimentação da maior parte da população rural. A matança do porco realiza-se uma a duas vezes por ano, especialmente na época fria. Cada habitante marca o dia para matar o porco que criou ou que comprou chamando o matador, amigos e familiares. Os homens preparam os utensílios e a bancada, as mulheres preparam os alguidares de barro para aparar o sangue. Quando chegam os convidados e o matador, os homens abrem a porta ao porco, segurando-o logo à saída, pelas orelhas, pernas e rabo, deitando-o na bancada. Aí, os homens agarram o porco e o matador espeta-lhe a faca. As mulheres seguram o alguidar, para aparar o sangue que irá servir para a confeção do “serrabulho”, um prato tradicional feito com batatas e o sangue, o coração e o fígado do animal sendo muito apreciado por todos. Depois o porco é limpo e pendurado, para ser aberto e retiradas as tripas que as mulheres depois do almoço lavam para fazer os enchidos. Enquanto umas mulheres lavam as tripas outras fazem o “serrabulho” para o jantar. Ao outro dia, o porco é desmanchado e dado um pouco de carne aos convidados. Esta tradição proporciona um clima de festa e de união e interajuda que vive nos habitantes de aldeia. A matança do porco é um costume da região do oeste, mas também de outras regiões de Portugal, por vezes, as diferenças consistem apenas no ritual da matança, no que se proveita do porco e da forma de confeccionar os enchidos.

#### Quadro 11 - Planificação das Atividades da Matança do Porco

| Áreas                              | Conteúdos  |
|------------------------------------|--|
| Área de Projeto                    | Comunicação oral;  |
| Expressão Plástica                 | Compreensão oral;  |
| Expressão Dramática                | Comunicação escrita;   |
| Língua Portuguesa                  | Exploração do corpo;   |
| <b>Competências/<br/>Objetivos</b> | A construção e a tomada de consciência da identidade pessoal e social;<br>Pesquisar, selecionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável; |

|  |  |
|--|--|
|  | <p>Reconhecer a necessidade de desenvolver a criatividade de modo a integrar novos saberes;</p> <p>Desenvolver a capacidade de improviso;</p> <p>Conhecer as capacidades do seu corpo;</p> |
|--|--|

| <b>Atividades</b>  | <b>Operacionalização</b>   | <b>Recursos</b>  | <b>Avaliação</b>  |
|--|--|--|---|
| <p>Introdução do tema através dos diálogos levados para a sala pelos alunos aquando da realização das matanças.</p> <p>Filmagem das matanças dos porcos por parte dos alunos e consequente exploração</p> <p>Ilustração das matanças</p> | <p>O diálogo realiza-se após o fim de semana, altura em que os alunos contam o que se passou durante o fim de semana.</p> <p>Exploração das diferentes filmagens trazidas pelos alunos. Exploração das matanças com a ajuda dos alunos que nelas participaram e que foram realizadas de forma diferente. Interpretação/exploração dessas diferenças com os alunos e as tradições a eles inerentes.</p> <p>Após a exploração oral e visual das matanças, os alunos fazem a ilustração das mesmas.</p> | <p>Máquina fotográfica</p> <p>Máquina de filmar</p> <p>Diversos utensílios</p> <p>Material de desgaste</p> | <p>Registos visuais</p> <p>Registos escritos</p> <p>Diálogos</p> <p>Observação direta</p> |
| <p>Exploração da confeção do Serrabulho</p>  | <p>Aproveitando, se possível, algum comentário dos alunos acerca da confeção do Serrabulho irá realizar-se a exploração deste prato típico da região, através do diálogo e de registos escritos e visuais, trazidos pela titular e pelos alunos.</p>   |  |   |
| <p>Dramatização da matança do porco</p>  | <p>Depois de explorados os dois tipos de matança do porco, os alunos selecionaram uma e foi feita a dramatização com todo o material improvisado. Nesta dramatização houve também a confeção do serrabulho que foi preparado pelas meninas.</p>  |  |   |

---

Na altura da matança dos porcos, todas as segundas-feiras os alunos contam na escola a novidade do ritual do fim-de semana. Ao docente compete ir ao encontro das realidades dos alunos para explorar diversos conteúdos e tornar a suas aulas mais atrativas e motivantes, é também da sua competência conhecer, dar a conhecer e ajudar os indivíduos a preservarem as suas tradições. Através da abordagem deste tema o professor pode explorar vários conteúdos nas diversas áreas do conhecimento. Na Língua Portuguesa através dos diálogos ocorre a aquisição de novo vocabulário, no Estudo do Meio através da exploração dos animais, nomeadamente o porco e da gastronomia típica da região, na Expressão Plástica com ilustrações e na Expressão Dramática por meio de dramatizações que nos permitirão ficar a conhecer um pouco melhor esta tradição e as mudanças que ela tem sofrido ao longo dos tempos.

A abordagem a este tema surgiu na sequência de dois dos nossos alunos terem feito no fim e semana, em suas casas, a matança dos porcos e a professora ter sido convidada a participar numa delas. No início da semana os alunos iniciámos um diálogo, no qual os alunos contaram como se tinha processado a matança do porco. Ambos tinham trazido pequenos videos caseiros sobre as matanças tornando-se mais fácil observar e discutir em conjunto as diferenças entre ambas:

Aluno T – Foram precisos vários homens para ir buscar o porco e agarrá-lo para o mantarem, mas o outro porco vinha numa carrinha com um ganjo que o puxou para fora e só foram precisos dois homens para o matar.

Com estas duas situações percebemos que um porco tinha sido morto:

Aluna I – À maneira antiga e o outro não. – O que nos leva a concordar com diversos autores que concordam que a cultura tem sofrido alterações ao longo dos tempos.

Posteriormente a esta exploração em que foram descobertas novas palavras e os alunos aumentaram o seu vocabulário e exploraram a sua capacidade de expressão oral, foi pedido aos alunos que escolhessem um momento da matança do porco que mais os tivesse impressionado e o desenhassem. Todos os alunos responderam a este pedido com satisfação, era vê-los a ver quem fazia o porco mais bonito ou quem se lembrava de colocar um ou outro pormenor, como o sangue a correr para a bacia ou o porco na

---

bancada a grunhir. Os trabalhos realizados atingiram alguma qualidade, principalmente porque os alunos ilustraram um momento que fazia parte da sua realidade.

Professora – Então mas para que servia o sangue e porque é que era posto na bacia?

Aluno P – Para fazer o Serrabulho.

A partir desta questão lançou-se mais uma discussão:

Aluno J – O que é o serrabulho?

Aluno L – Como é feito?

Apenas dois alunos não sabiam o que era o serrabulho, mas não houve problema, porque os colegas explicaram-lhes logo de seguida. Depois da explicação foi decidido em grupo que iam pedir a receita aos pais para no dia seguinte trazerem para a sala para que todos ficassem a saber como se fazia. Foi interessante ver os alunos do 1º ano de escolaridade com receitas que levaram de casa, umas redigidas por eles com muita ajuda dos pais e outras escritas pelos pais, pois deu-nos a possibilidade de ver o interesse da família por este tema, em que provavelmente eram mais experientes do que a professora e sabiam que podiam ajudar. Neste tipo de trabalho o que conta é o empenho do aluno, uma aprendizagem indireta na redação de novas palavras e o, já referido, trabalho em conjunto com os pais.

Como a matança do porco passou a ser tema de conversa e de brincadeira de quase todos os momentos livres na sala de aula e nos tempos de recreio, a titular de turma propôs aos alunos fazer-se uma dramatização preparada por eles sobre a matança do porco. Esta dramatização implicou diversas etapas:

- Selecção de qual das duas matanças que tínhamos visto se iria representar
- Escolha as personagens
- Improvisação dos utensílios ( facas, mangueiras, bancadas, bacias)
- Ensaio das acções e falas.

Os alunos revelaram muito empenho nesta actividade e até o aluno mais introvertido conseguiu participar ativamente na dramatização fazendo de porco. De acordo com a opinião de Gérard Faure e Serge Lascar a expressão dramática define-se por uma dupla necessidade: expressão e comunicação. Para estes autores há sempre expressão dramática quando alguém se exprime pelo gesto e/ou palavra.

O principal objetivo desta dramatização, para os alunos, foi o carácter lúdico da atividade e o poderem demonstrar uns aos outros como é que se processa este ritual. Para a docente o mais importante nesta atividade foi mais o processo e não tanto o resultado final. Logo no primeiro momento, os alunos mostraram espírito crítico ao selecionarem uma das matanças, optando pela mais tradicional e escolhendo as personagens. Posteriormente, desenvolveram a criatividade e a capacidade de improviso procurando objetos que pudessem utilizar para substituir os reais, desenvolveram ainda a expressão oral e corporal, através dos diálogos e dos movimentos característicos desta situação. Em suma, o que eles estavam a fazer era adotarem os papéis correspondentes aos seus pais e às suas mães, quando em suas casas estas situações acontecem. Desta pequena dramatização surgiu um filme a pedido dos alunos, por saberem que a professora tem sempre a máquina de fotografar e de filmar na escola, como tal a dramatização foi repetida, para nós, mais uma ou duas vezes e vista no computador, onde cada aluno pode rever-se no seu papel e rir de satisfação com a sua personagem e a dos seus colegas.

### Registos das Atividades da Matança do Porco



Fig. 30 - Ilustração da matança do porco atual Fig. 31 Ilustração de uma matança tradicional.

Serrabulho  
 porta-se uma selva, 1 ramo de salsa 2 palhas de  
 lora dois dentes de alho um fio de arquite e um  
 bocadinho de colónia e um pouco de cianidre em

Fig. 32 – Início da receita do Serrabulho redigida por um aluno do 1º ano de escolaridade

### 3.1.7 7ª Sessão

#### Tema: A Páscoa

A celebração da Páscoa tem ocorrido ao longo dos tempos, em diversas culturas, com diversas intenções.<sup>38</sup> Para festejar a Páscoa os católicos vestem-se com roupas novas e no Domingo de Ramos (Domingo anterior à Páscoa) participam na procissão do “Senhor”. Também durante a época Pascal, em alguns lugares, o padre vai pelas ruas da aldeia, benze as casas das pessoas e dá a cruz a beijar. Também em algumas regiões se representa o Auto da Paixão de Cristo, protagonizado pelos grupos dos catequistas e de jovens das dioceses.

A Páscoa é conhecida pela maior parte das crianças como uma festa em que se recebem doces (amêndoas e ovos de chocolate) e não como uma festa católica, mesmo por aquelas que andam na catequese. Por isso tornou-se indispensável explicar aos alunos, o principal valor da Páscoa dos católicos. De salientar que todos os alunos da turma praticam a religião católica.

#### Quadro 12 - Planificação das atividades de Páscoa

| Áreas   | Conteúdos  |
|---|--|
| Estudo do Meio<br>Área de Projeto<br>Expressão Plástica | Expressão oral;<br>Compreensão do oral;<br>Números e operações;<br>Comunicação oral;<br>Comunicação escrita;<br>Pintura;   |
| <b>Competências/<br/>Objetivos</b>                      | A construção e a tomada de consciência da identidade pessoal e social;<br>Pesquisar, selecionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável;<br>Reconhecer a necessidade de desenvolver a criatividade de modo a integrar novos saberes; |

<sup>38</sup> Para os judeus a Páscoa era celebrada como objetivo de celebrar a liberdade com a fuga deste povo do Egito. Na nossa religião cristã a “Páscoa” tem origem hebraica e significa passagem (pessach). O ovo simboliza o começo do universo e no Egito a chegada da Primavera. Na época pascal na idade média os ovos eram pintados de vermelho para representar o sangue de Cristo. O coelho de Páscoa tem uma origem anglo-saxónica e pré-cristã e simboliza a fecundidade. As lebres e coelhos eram celebrações das tribos pagãs da Europa que celebravam a chegada da Primavera, venerando a deusa “EE-ah-tra” ou “Easter”.

| <b>Atividades</b>                    | <b>Operacionalização</b>  | <b>Recursos</b>                      | <b>Avaliação</b>  |
|--------------------------------------|---|--------------------------------------|-------------------|
| Diálogo sobre a Páscoa               | Com a aproximação da interrupção letiva, a professora explora o tema da Páscoa com o objetivo de aferir os seus conhecimentos acerca do tema.   | Material de desgaste                 | Observação direta |
| Visita da catequista à escola        | A catequista D.Lurdinhas irá à sala conversar com os alunos sobre o verdadeiro simbolismo da Páscoa para os católicos.  |                                      | Registos escritos |
| Registo sobre as tradições da Páscoa | Realização de alguns desenhos sobre a Páscoa  | Máquina fotográfica                  | Registos visuais. |
| Decoração dos coelhinhos da páscoa   | Em pequeno grupo e com atividades paralelas os alunos irão construir os seus coelhinhos e decorando-os a gosto.   |                                      |                   |
| Realização dos folares               | A realização dos folares implicando o trabalho em conjunto com a família para aquisição da receita e confeção dos folares e realizado em conjunto com os alunos dos outros anos.  |                                      |                   |
| Caça aos coelhinhos                  | A caça aos coelhinhos programada para o último dia de aulas do 2º período. Os coelhinhos serão postos no exterior para as crianças os irem encontrar. Esta atividade será realizada com os alunos dos outros anos de escolaridade e a turma do pré-escolar. | Ingredientes e utensílios de cozinha |                   |

Para podermos ter uma explicação mais “coerente” sobre este tema convidámos a catequista mais idosa da localidade, que ficou muito feliz com o convite, para ir à

---

escola falar sobre este tema. Todas as crianças conheciam algumas tradições pascais, mas não sabiam qual o verdadeiro sentido religioso da Páscoa.

As visitas à sala correm sempre bem, pois os alunos adoram ter alguém diferente do professor dentro da sala a falar sobre outros assuntos, como podemos confirmar pelas respostas dadas pelos alunos da EB1 da Bufarda e da EB1 de Ribafria nos questionários nº10, 10.1 e 10.2. O professor titular da turma deve ser uma pessoa bem formada, mas dificilmente será um especialista em todas as matérias, por isso deve solicitar a ajuda de outros membros da comunidade para trabalhar temas mais específicos e enriquecer os seus conhecimentos e os dos seus alunos.

A visita da “menina “ Lurdinhas, de 81 anos, acrescentou muito aos nossos conhecimentos, ajudou-nos a compreender o “verdadeiro” sentido católico da Quaresma e da Páscoa. Esta visita implicou um diálogo posterior com a turma sobre as atividades que poderíamos realizar na Páscoa e todas as atividades que tiveram lugar depois desta visita adquiriram um sentimento diferente. Como podemos compreender com a sugestão do aluno F:

Aluno F – Professora, fazemos a caça aos ovos, mas só comemos os doces no Domingo de Páscoa.

Esta sugestão veio ao encontro do que se tinha falado com a “menina” Lurdinhas, o que confirma a interiorização dos conhecimentos e a identificação dos alunos com esta tradição. Fizemos uns coelhinhos em cartolina, decorados ao gosto de cada um, para a caça aos ovos e uns deliciosos folares. Os folares foram confeccionados com a ajuda das avós, a receita de uma e a confeção de outra. Depois dos folares amassados fomos cozê-los a casa de outra avó. Neste dia, a avó estava muito mais contente do que nós. O prazer de receber tantas crianças em sua casa, até o avô nos foi mostrar os cachorros e a horta. Mais uma vez houve uma atividade muito rica em conhecimentos, mas também ao nível das relações, o contacto com os avós é sempre compensador, dado que os avós têm um jeito especial para contar algo às crianças e os deixar em silêncio a ouvir. Através destas atividades os alunos ficaram a compreender melhor a tradição pascal e desenvolveram diversas capacidades artísticas, como o sentido estético e criatividade, nos trabalhos de expressão plástica, a motricidade fina e noções matemáticas utilizadas na confeção dos folares.

## Registos das atividades de Páscoa

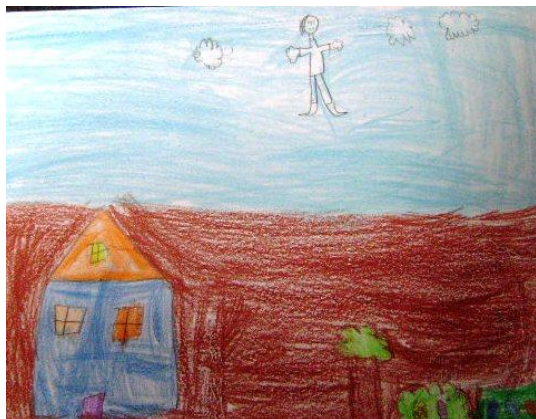


Fig. 33 – Ilustração da história da Páscoa



Fig.34 – Técnica de Expressão Plástica para decorar os ovos de Páscoa, realizada pelos alunos do jardim de infância



Fig. 35 – Os folares de Páscoa confeccionados pelos alunos .

### 3.1.8 8ª Sessão

#### **Tema: O Nosso Rancho “As lavadeiras dos Bolhos”**

Tomando o rancho “As lavadeiras dos Bolhos” como uma mais-valia para o nosso trabalho acerca da nossa terra, partimos à sua descoberta. A cada passo que dávamos mais uma descoberta fazíamos e mais uma pessoa interessante que conhecíamos.

#### **Quadro 13 - Planificação das Atividades sobre o Rancho Folclórico “ As lavadeiras dos Bolhos”**

| <b>Áreas</b>  | <b>Conteúdos</b>   |
|---|--|
| Estudo do Meio<br>Área de Projeto<br>Expressão Plástica<br>Expressão Musical<br>Dança | Expressão oral;<br>Compreensão oral;<br>Comunicação oral;<br>Comunicação escrita;<br>Pintura;<br>Exploração – corpo;<br>Exploração – voz;  |
| <b>Competências/<br/>           Objetivos</b>   | A construção e a tomada de consciência da identidade pessoal e social;<br>Pesquisar, selecionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável;<br>Utilização de vestígios de outras épocas como fontes de informação para reconstruir o passado, compreendê-lo e organizar o presente;<br>Reconhecer a necessidade de desenvolver a criatividade de modo a integrar novos saberes;<br>Cantar músicas utilizando técnicas vocais simples;<br>Desenvolver a capacidade de memorização; |

| Atividades   | Operacionalização   | Recursos             | Avaliação                                  |
|--|---|----------------------|--|
| Início da exploração do tema através de diálogos e pesquisa                              | Esta exploração foi iniciada na aula e teve a sua continuidade em casa, pois através dos diálogos com os pais e outros familiares as crianças conseguiam obter mais informações acerca das tradições locais e do rancho da terra.   | Material de desgaste | Observação direta<br><br>Registos escritos |
| Visita à casa do senhor José Maria (avó de um aluno)                                     | Este trabalho de pesquisa veio promover a aproximação de alguns familiares à escola e desta forma e com algum sentido de ocasião surgiu o convite do avó de um aluno para visitarmos a sua casa, local onde ele guardava religiosamente utensílios e trajes genuínos dos quais se fizeram cópias para se usar no rancho entre muitíssimas coisas. |                      | Registos visuais.                          |
| Exploração em Power-Point  | Exploração da visita através das fotos colocadas em Power-Point   |                      |  |
| Visita da Dona Maria dos Anjos à escola  | Visita de um dos elementos fundadores do rancho folclórico “As lavadeiras dos Bolhos” para explicar o seu aparecimento, importância e a sua história.   |                      |  |
| Visita da Dona Helena à escola, com a apresentação dos trajes característicos do rancho. | Visita de um dos elementos do rancho para mostrar os diferentes trajes e as razões dessas diferenças e ensinar uma música do rancho.  |                      |  |
| Ilustração dos croquis com os trajes do rancho   | Seleção de um traje típico do rancho, ilustração e consequente explicação.  |                      |  |
| Aprendizagem da canção “cachopa dos Bolhos”  | Através das letras cedidas pela Dona Helena e da audição os alunos irão aprender a canção.  |                      |  |

Iniciámos este tema apenas com a exploração oral, através dos diálogos na escola e das conversas dos alunos em casa e desde logo conseguimos, mais uma vez, atrair alguns elementos da comunidade local para a participação nesta atividade.

Iniciámos esta exploração, na sala de aula, assistindo a algumas atuações do rancho, através dos espetáculos que foram gravados e colocados no youtube, ouvimos algumas músicas e discutimos a sua maneira de vestir, os utensílios que transportavam quando se apresentam e qual o seu significado, tentando compreender quais os objetivos de um rancho folclórico. A irmã de um aluno, que já tinha integrado o rancho, agraciou-nos com um trabalho elaborado por ela sobre o mesmo e ajudou-nos nesta exploração.

Através do convite de um encarregado de educação visitámos a casa de um avô de um aluno, que guarda um acervo de utensílios usados no passado, em diversas atividades na localidade tendo muitos deles servido de moldes para a recriação dos utensílios usados no rancho: utensílios usados para trabalhar com os bois, na vindima, na lavoura, nas cozinhas e ainda louças e joias antigas muito valiosas, bem como álbuns de fotografias quase centenárias, onde as pessoas envergavam os trajes de campo e domingueiros. A visita à propriedade deste avô foi um sucesso, pois eles também precisavam falar connosco, de nos mimar, de contar as nossas/suas tradições, de como passavam os domingos, da história das lavadeiras, dos passeios a cavalo, das idas à missa, a história do dono da quinta que fica na barragem e até das rivalidades existentes entre as duas pequeníssimas povoações e, como se tal não bastasse fomos presenteados, com um magnífico lanche. Esta atividade resultou na aquisição de uma série de conhecimentos que foram consolidados e avaliados, posteriormente, pela exploração de um Power-point elaborado pela professora com base nas fotografias tiradas durante visita. Ficámos também a saber, por parte destes avós, que uma das fundadoras do rancho morava ali perto e que de bom grado, se a convidássemos, ela nos visitaria na escola e poderíamos aprender com certeza muito mais.

Convidámos então a Dona Maria dos Anjos para nos visitar e responder a algumas questões:

- Como nasceu o rancho?
- Porque é que se chama assim?
- Porque é que as pessoas se vestem assim e levam os utensílios?

---

É evidente que todas estas respostas que nós mais ou menos já conhecíamos por ter ouvido aqui e acolá, seriam agora confirmadas por uma pessoa que estava dentro do contexto histórico da formação do rancho.

Quando alguém nos visita, gostamos e tentamos receber muito bem, neste caso, estávamos muito curiosos para saber como iria ser. E foi mais do que os meninos esperavam, a senhora contou-lhes tudo: A Dona Maria dos Anjos contou aos meninos não só a dificuldade que as pessoas tiveram em tornar o rancho folclórico uma força viva da localidade, mas também a razão do nome do rancho, a maneira como se vivia naquele tempo, as dificuldades das pessoas pobres, os seus trabalhos, o trabalho infantil, o trabalho das lavadeiras dos Bolhos e como eram as casas na época. As crianças ficaram surpreendidas com as histórias que a senhora lhes contou, alguns conseguiram compreender a força daquelas pessoas para poderem viver, via-se o gosto no rosto deles e no rosto da senhora que com carinho falava dos seus tempos de jovem e do quanto o rancho tinha sido importante para ela. Para culminar esta série de visitas, tivemos a visita da sobrinha da Dona Maria dos Anjos, que ainda está no rancho e nos mostrou e explicou os seus trajes e nos ensinou a cantar uma canção intitulada “Cachopa dos Bolhos”. Depois de todas estas novidades resolvemos, também nós, elaborar um desenho de um fato que gostássemos de usar se fossemos para o rancho. Assim cada aluno elaborou o seu croqui e apresentou-o ao grupo, explicando, não só a razão da sua escolha, mas a razão de cada peça de roupa. Esta atividade foi muito importante aliando o sentido estético do aluno aos conhecimentos que eles tinham sobre os trajes da época.

O estudo do rancho folclórico “As Lavadeiras dos Bolhos” foi um trabalho riquíssimo que promoveu, acima de tudo, o conhecimento dos modos de vida dos antepassados dos alunos, desde as profissões ao lazer e que tentou fomentar nos alunos a importância da preservação do património e o gosto pela atividade do rancho. Segundo Ribas as danças folclóricas inserem-se numa tradição arcaica e têm na sua origem diversos significados, desde religiosos a laborais, revestindo-as de uma carga simbólica. Este trabalho veio, posteriormente, servir de motivação à aprendizagem não só da canção “Cachopa dos Bolhos”, mas também de outras que fazem parte do acervo musical da nossa região valorizando, desta forma este tipo de música, que geralmente é remetida para segundo plano, em função de todos os outros tipos de músicas ouvidas diariamente pelas crianças e ajudou-nos a compreender a música enquanto construção social e como uma forma de cultura em diferentes períodos históricos e contextos diversificados. No âmbito deste trabalho explorámos temas como o “Não vás ó mar

Tónho”, o “Vira”<sup>39</sup> e o “Verde Gaio”<sup>40</sup>, os alunos aprenderam o refrão das canções e um pouco da coreografia das mesmas. Estes momentos proporcionam aos alunos diversas aprendizagens: as letras das canções que têm quase sempre uma mensagem, como foi o caso do “Não vás ao Mar Tónho” que os alunos compreenderam desde logo, a composição musical permitiu-lhes a exploração e o conhecimento do corpo e o desenvolvimento da capacidade de memorização. Para além destas aprendizagens, estas situações proporcionaram aos alunos verdadeiros momentos de descontração, brincadeira e alegria. De acordo com as Competências Essenciais do Currículo Nacional do Ensino Básico, o aluno durante o seu percurso escolar

deve ter a possibilidade de aprender a cantar segundo diferentes tipologias musicais, da música étnica à erudita, do pop ao jazz, entre outras, e a tocar, desde instrumentos populares portugueses a instrumentos eletrónicos, como sintetizadores, de acordo com o seu desenvolvimento pessoal (2001: 167).

### Registos das Atividades sobre o Rancho Folclórico “As lavadeiras dos Bolhos”



Fig. 36 – Apresentação de alguns trajes do rancho folclórico

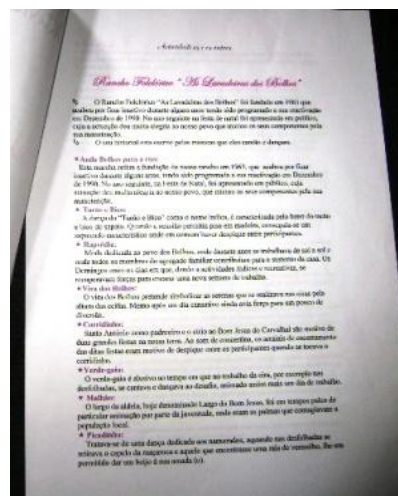


Fig. 37– Trabalho realizado pela irmã de um aluno sobre o rancho folclórico cedido à escola

<sup>39</sup> O vira é uma dança popular de tradição minhota, embora se baile, também na Nazaré e no Ribatejo, mas de forma diferente. O vira é uma das danças populares portuguesas mais característica e popular.

<sup>40</sup> O Verde-Gaio é uma dança do norte, mas o verde-gaio dança-se em quase todas as regiões do país, particularmente no Ribatejo e Estremadura. Apesar do verde-gaio ser mais popular no norte do que no sul, é na região centro que se baila melhor.



Fig. 38 e 39 – Elaboração de croquis sobre os trajes do rancho

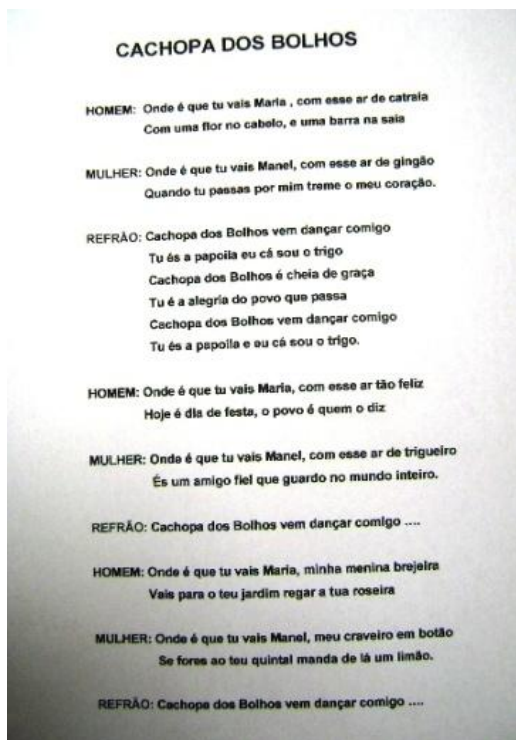


Fig. 40 – Canção do rancho

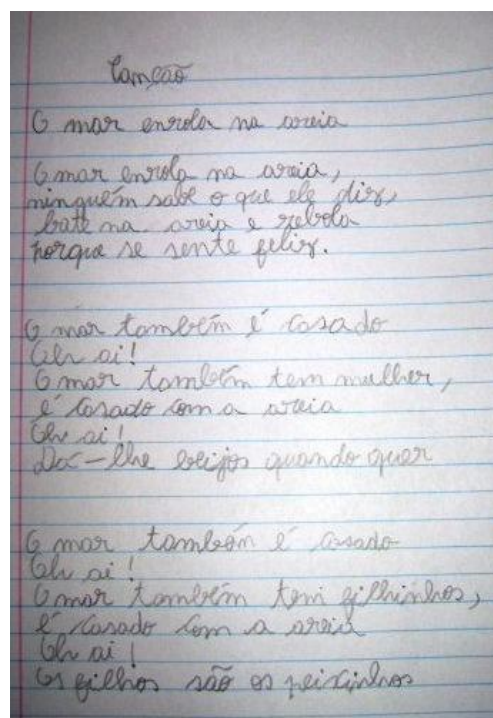


Fig. 41 - Canção "O mar enrola na areia" pesquisada por um aluno.

### 3.1.9 9ª Sessão

#### **Tema: As Rendas de Bilros na Escola**

O projeto “Rendas de Bilros vão à escola” é dinamizado pela Câmara Municipal de Peniche em conjunto com os Agrupamentos de Escolas do Concelho. Este projeto é muito positivo, pois envolvem vários elementos da comunidade envolvente (CMP, os professores das AECs, escolas de rendas, associações e agrupamentos). Esta atividade tem como principais objetivos: dar a conhecer o artesanato da região; preservar o património material; fomentar nos alunos o interesse pelas Rendas de Bilros. Para que este projeto chegue às escolas e seja recebido com motivação é necessário todo um trabalho prévio de todos os elementos intervenientes.

#### **Quadro 14 - Planificação das Atividades sobre “ As Rendas de Bilros na Escola”**

| <b>Áreas</b>  | <b>Conteúdos</b>   |
|---|--|
| Área de Projeto;<br>Expressão Plástica;<br>Expressão e Educação<br>Físico-motora;<br>Língua Portuguesa. | Comunicação oral;<br>Compreensão oral;<br>Comunicação escrita;<br>Pintura;<br>Recorte.   |
| <b>Competências/<br/>Objetivos</b>  | <p>Pesquisar, selecionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável;</p> <p>Relacionar as formas naturais e construídas com as suas funções e os materiais que as constituem;</p> <p>Utilização de vestígios de outras épocas como fontes de informação para reconstruir o passado, compreendê-lo e organizar o presente;</p> <p>Reconhecer a necessidade de desenvolver a criatividade de modo a integrar novos saberes;</p> <p>Desenvolver a coordenação óculo-manual;</p> <p>Desenvolver a motricidade fina.</p> |

| <b>Atividades</b>                   | <b>Operacionalização</b>   | <b>Recursos</b>                                     | <b>Avaliação</b>  |
|-------------------------------------|--|---|-------------------|
| Introdução do tema das rendilheiras | A introdução do tema será feita através de uma pequena resenha histórica e exploração do CD e da história                            | Leitor de CD,CD<br>Livro<br>Rendilheiras            | Observação direta |
| Visita das rendilheiras             | Ida das rendilheiras à escola.   | Banco,  | Registos escritos |
| Realização dos piques               | Exploração da utilidade dos piques e seleção dos mesmos. Realização dos piques em grande grupo. Marcação, colagem, pintura e recorte | almofada,<br>bilros, linhas,<br>alfinetes,<br>pique | Registos visuais. |
| Realização do puzzle                | .A realização dos puzzles com a ajuda da professora ou dos colegas.  | Material de desgaste<br><br>Puzzle                  |                   |

O trabalho prévio da titular de turma apresentar o tema aos alunos, fazendo uma breve resenha sobre as rendas de bilros. O que são? Para que servem? Como apareceram? Após esta explicação a professora conta a história sobre as Rendas de Bilros, fornecida pela Câmara Municipal de Peniche, através de um CD, que tem como objetivo dar a conhecer aos alunos todos os utensílios usados pelas rendilheiras, para fazerem as rendas: a almofada, o pique, os alfinetes, a banca, os bilros, as linhas. Através da história, da exploração feita anteriormente e das suas vivências os alunos interiorizam todos estes nomes. Paralelamente ao trabalho do titular de turma, também os professores de atividade musical das Atividades de Enriquecimento Curricular, desenvolvem diversas atividades em torno do mesmo tema.

No dia da visita das senhoras, radiantes, os alunos despertos já para o que se ia passar estavam ansiosos por começar. Foi muito motivador ver as crianças envolvidas numa atividade tão antiga e, ao mesmo tempo, tão interessante e diferente. Havia apenas duas almofadas e duas senhoras para tantas mãos a quererem aprender e mexer, enquanto uns tentavam brincar com os bilros em cima das almofadas outros silenciosamente “para não atrapalhar”, viam os malabarismos dos colegas com os bilros e os pequenos fios a desenharem um pequeno cordão colorido que mais tarde usariam como pulseira para recordação. Depois da partida das rendilheiras, o nosso trabalho continuou e por sugestão da docente foram construir-se piques. Assim a docente levou

para a sala piques com diversos desenhos e sugeriu aos alunos que cada um fizesse o seu. Os alunos analisaram quase todos os piques e perceberam as diferentes utilizações de cada um (naperon, barra de lençol, barra de lenço, quadro) tendo logo escolhido o que queriam fazer. A atividade consistia na escolha de um pique verdadeiro que deveria ser colocado do avesso para que os buraquinhos ficassem por cima. Depois foi necessário colocar por cima deste uma folha e pintá-la de cor-de-laranja, à medida que a folha ficava pintada iriam surgir as marcas dos buraquinhos do pique que, depois de unidas umas às outras se transformariam no desenho do pique. Posteriormente o desenho era cortado e colado numa cartolina grossa e novamente cortado, nesse momento, o trabalho estaria pronto. A atividade foi realizada nos dois dias seguintes e os alunos aplicaram-se o mais possível na realização dos seus piques que exigiram muita precisão e paciência, mas como foram feitos com agrado, alguns pareciam quase verdadeiros. Esta atividade proporcionou o desenvolvimento da coordenação óculo-manual do aluno e da motricidade fina, bem como o sentido estético de cada um. Podemos concluir que este conjunto de atividades foi muito bem conseguido, pois os alunos sentiram-se muito satisfeitos durante a realização das atividades e despertados para a mesma adquirindo novos conhecimentos. Estes resultados deveram-se à riqueza dos recursos materiais e humanos utilizados na dinamização da atividade. Esta culminou com um puzzle sobre o dia da rendilheira para cada aluno, e que os deixou bastante satisfeitos.

### **Registo das atividades sobre “ As Rendas de Bilros na Escola**



Fig. 42 e 43 – Visita das rendilheiras à escola



Fig. 44, 45, 46, 47, 48 - Realização do pique



Fig. 49 e 50 - Realização do Puzzle sobre as rendas de bilros.

### 3.1.10 10ª Sessão

#### Tema: Os Jogos das Nossas Gentes

Os jogos populares são atividades que há algumas décadas atrás se praticavam nas escolas e que estão ligados aos costumes dos povos, mas que têm vindo a desaparecer, principalmente devido ao aparecimento de outras brincadeiras e brinquedos especialmente relacionados com as novas tecnologias e programas televisivos que estão relacionados com o quotidiano destas crianças. Cabe-nos a nós professores conhecedores destas tradições não as deixar cair no esquecimento, principalmente porque estas promovem o desenvolvimento do aluno a nível motor, afetivo, social e moral. Para Cabral:

os jogos populares (...) têm uma elevada função pedagógica (...). Em primeiro lugar eles adestram os estudantes em atividades para as quais não podem deixar de estar filogeneticamente vocacionados. Em segundo se forem eles responsáveis pela organização e realização dos jogos, exercitam-se em ações de vivência grupal (...) tomam consciência (...) da sua ligação com o meio comunitário em que a escola está implantada, assumindo assim os jogos populares um papel importantíssimo de realização de retorno às origens (1990: 36).

**Quadro 15 - Planificação das Atividades “ Os Jogos das Nossas Gentes”**

| Áreas   | Conteúdos  |
|---|--|
| Estudo do Meio<br>Área de Projeto<br>Educação e Expressão Físico-Motora | Compreensão oral;<br>Comunicação oral;<br>Comunicação escrita;<br>Exploração – corpo;<br>Perícia e manipulação;<br>Deslocamentos e equilíbrios;  |
| <b>Competências/<br/>Objetivos</b>                                      | A construção e a tomada de consciência da identidade pessoal e social.<br>Pesquisar, selecionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável;<br>Utilização de vestígios de outras épocas como fontes de informação para reconstruir o passado, compreendê-lo e |

|  |  |
|--|--|
|  | <p>organizar o presente;</p> <p>Cooperar com os companheiros nos jogos e exercícios compreendendo e aplicando as regras dos mesmos;</p> <p>Desenvolver a coordenação motora.</p> |
|--|--|

| <b>Atividades</b>   | <b>Operacionalização</b>   | <b>Recursos</b>             | <b>Avaliação</b>   |
|---|--|-----------------------------|--|
| <p>À procura dos jogos tradicionais</p> <p>Apresentação do trabalho de pesquisa aos colegas.</p> <p>Registo dos jogos</p> | <p>Pesquisa de jogos tradicionais junto dos pais e avós.</p> <p>Leitura dos trabalhos realizados pelos alunos. Ensino/Aprendizagem dos jogos pelos alunos no exterior.</p> <p>Registo dos jogos e das regras dos mesmos.</p> | <p>Material de desgaste</p> | <p>Observação direta</p> <p>Registos escritos</p> <p>Registos visuais.</p> |

A exploração de alguns jogos populares surgiu quando a titular de turma se apercebeu que nos tempos livres as crianças passavam a maior parte do tempo a ver televisão e jogar computador e durante os recreios da escola passavam a maior parte do tempo a correr e a apanhar os outros e que, muitas vezes as brincadeiras terminavam em confusão ou desmotivação. Tornava-se, por isso, essencial mostrar-lhes algo de “novo”, outros jogos. Mais uma vez, recorreremos à família para nos ajudar, também porque se torna mais interessante para um aluno serem os pais a mostrarem-lhe um dos jogos que jogava em pequeno, pois permite uma maior aproximação familiar, e da família à escola e ao trabalho que está a ser desenvolvido. O trabalho de casa veio feito e a partir daí os alunos, nos intervalos seguintes, mostraram aos outros o que tinham aprendido com os seus pais e até com os irmãos mais velhos. A partir destes jogos o professor aproveitou para consolidar algumas noções: o número, lateralidade, orientação espacial, grandezas. Desta forma foi possível concluir que também os jogos têm um carácter transversal. Estes “novos” jogos vieram permitir que as crianças tivessem conhecimento de jogos muito interessantes de carácter educativo e os mantivessem vivos, pois alguns já estavam guardados no “baú das memórias” das gerações anteriores e, provavelmente, aí ficariam esquecidos. Além disso, através destes jogos as crianças aprendem a introduzir e

cumprir regras, a respeitar os colegas, a jogar em equipa desenvolvendo a sua capacidade motora.

### **Registos das Atividades “ Os Jogos das Nossas Gentes”**



Fig. 51 e 52 - Jogos tradicionais

### 3.1.11 11ª Sessão

#### **Tema: O Dia da Espiga/ Quinta feira da Ascensão**

O Dia da Espiga ocorre na denominada Quinta-feira da Ascensão, é uma data móvel que segue o calendário litúrgico cristão, mas se atualmente poucas são as pessoas que ainda vão ao campo nesse dia, abandonando as suas obrigações para apanhar a espiga ou que se deslocam às igrejas para participar nos eventos religiosos próprios da data. À semelhança do que fez com outras festas ancestrais pagãs<sup>41</sup>, a igreja romana cristianizou a data atravessando os tempos com um duplo sentido: como Quinta-feira de Ascensão, para os cristãos, assinalando a ascensão de Jesus ao Céu, 40 dias após a sua morte e como Dia da Espiga, ou quinta-feira da Espiga, esta traduzindo aspetos e crenças não religiosos, mas exclusivos do contexto agrícola e familiar. O Dia da Espiga é o dia em que as pessoas vão ao campo apanhar a espiga, que não é apenas uma espiga, mas um ramo com várias plantas: pés de trigo e de outros cereais, que representam o pão, o ramo de oliveira, que simboliza a paz, a videira que simboliza o vinho e a alegria, as papoilas que representam o amor e a vida, o malmequer que simboliza o ouro e a prata, e o alecrim a saúde e a força. Como tradição o ramo é guardado como amuleto, sendo pendurado atrás da porta da cozinha para trazer a abundância, a alegria, a saúde e a sorte.

#### **Quadro 16 - Planificação das Atividades do Dia da Espiga/ Quinta feira da Ascensão**

| <b>Áreas</b>  | <b>Conteúdos</b>   |
|---|--|
| Estudo do Meio<br>Área de Projeto<br>Expressão Plástica | Comunicação oral;<br>Compreensão oral;<br>Comunicação escrita;<br>Desenho;<br>Pintura; |

<sup>41</sup> A origem deste dia é, no entanto, muito anterior à era cristã. Este dia é um herdeiro direto dos rituais realizados por todo o mundo mediterrâneo, em que se celebrava a Primavera. Para os antigos povos esta data, era mágica e muito importante. Nela se exortava o eclodir da vida vegetal e animal, após os meses frios, e a esperança nas novas colheitas.

|                                    |  |
|------------------------------------|--|
| <b>Competências/<br/>Objetivos</b> | Reconhecer a necessidade de desenvolver a criatividade de modo a integrar novos saberes;<br>Desenvolver o sentido estético;<br>Adquirir novo vocabulário;<br>Conhecer diferentes tipos de plantas; |
|------------------------------------|--|

| <b>Atividades</b>  | <b>Operacionalização</b>  | <b>Recursos</b>      | <b>Avaliação</b>                             |
|--|---|----------------------|--|
| Diálogo sobre o Dia da Espiga<br><br>Saída ao exterior para a apanha da espiga<br><br>Ilustração do ramo da espiga | <p>Conversa em “U” com a turma, de forma a introduzir o tema, pois era importante saber o porquê do Dia da Espiga e em que consta o Dia da Espiga</p> <p>Passeio nas redondezas da escola, que é um ambiente rural para, juntamente com os alunos do Jardim de Infância, apanharmos a espiga. Explorar as diferentes espécies de plantas apanhados pelos alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Saber o seu nome;</li> <li>• Saber a sua utilização;</li> <li>• Conhecer algumas partes constituintes das plantas.</li> </ul> <p>Como cada aluno fará o seu ramo, irá ser pedido que o desenhe e escreva algo acerca do tema.</p> | Material de desgaste | Observação direta<br><br>Registos ilustrados |

O dia esteve magnífico, cheio de sol, o que nos deu muita alegria apeteecendo logo ir para a rua. Não saímos de imediato, porque foi importante, como é sempre importante, explicar aos alunos em que consistia o Dia da Espiga, e de facto, ninguém sabia realmente o que era, nem a docente, até a catequista ter ido à escola, falar sobre a Páscoa e explicado o significado religioso do Dia da Espiga ou quinta-feira de Ascensão. A tradição do Dia da Espiga está a perder-se e os mais idosos lembram-se deste dia como aquele em que “todos os rapazes e raparigas se juntavam e iam fazer piqueniques para o campo e apanhar a espiga.” Ao ouvir isto, também me lembro de ir, no meu 1º ciclo, para o campo fazer um piquenique. Este dia foi relembrado por aqueles que nos viram andar no campo à procura dos diferentes elementos da natureza, para compormos o ramo da espiga e na memória dos nossos alunos que tiveram uma manhã

deliciosa. Durante a manhã realizámos um passeio à volta da aldeia para apanhar a espiga e todos os outros elementos do ramo que queríamos. Ao longo do passeio houve sempre uma abordagem transversal de vários conteúdos, nomeadamente: a estação do ano em que estávamos, o tipo de plantas que colhíamos, os seus nomes e a sua utilidade. Em suma, pegámos num dia tão simples como o dia da espiga e “colhemos frutos cheios de sumo”, adquirimos conhecimentos. O momento posterior foi dedicado à expressão plástica, os alunos pegaram nos diversos elementos naturais que tinham apanhado e compuseram um ramo a seu gosto, desenvolvendo o sentido estético. Posteriormente, numa folha de desenho escreveram uma frase alusiva a este dia e ilustraram o seu ramo. Todos os alunos participaram com entusiasmo nestas atividades, contudo, houve alunos que sentiram algumas dificuldades em ilustrarem os seus ramos porque queriam fazê-los exatamente igual ao que tinham e isso era muito difícil.

### **Registos das atividades do Dia da Espiga/ Quinta feira da Ascensão**



Fig. 53 – A apanha da Espiga



Fig. 54 – A construção do ramo



Fig. 55 – Ilustração e produção textual

### 3.1.12 12ª Sessão

#### Tema: A Lenda dos “Amigos de Peniche”

Muitas das crianças do concelho de Peniche ouvem falar dos amigos de Peniche, mas poucas conhecem o seu sentido pejorativo. A história dos amigos de Peniche tem um fundo verdadeiro, mas o seu sentido é falso e é importante conhecer a história verdadeira para quando nos chamarem amigos de Peniche podermos contar a verdadeira história.

**Quadro 17 - Planificação das Atividades sobre a Lenda dos “Amigos de Peniche”**

| Áreas  | Conteúdos  |
|--|--|
| Área de Projeto<br>Expressão Plástica<br>Expressão Dramática | Comunicação oral;<br>Compreensão oral;<br>Comunicação escrita;<br>Exploração – corpo;<br>Exploração – voz;   |
| <b>Competências/<br/>Objetivos</b>                           | A construção e a tomada de consciência da identidade pessoal e social;<br>Pesquisar, selecionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável;<br>Utilização de vestígios de outras épocas como fontes de informação para reconstruir o passado, compreendê-lo e organizar o presente;<br>Reconhecer a necessidade de desenvolver a criatividade de modo a integrar novos saberes. |

| Atividades                                   | Operacionalização  | Recursos   | Avaliação  |
|--|--|--|--|
| .Exploração da lenda dos “Amigos de Peniche” | Leitura da lenda através do livro de Mariano Calado levado pela titular de turma.<br>Exploração oral da lenda com base no folheto para compreender o sentido da expressão “Amigos de Peniche”; | Livro “Peniche na História e na Lenda”<br>Material de desgaste | Observação direta<br>Registos escritos<br>Registos |

|   |  |  |                |
|---|--|--|----------------|
| <p>Redação da lenda dos “ Amigos de Peniche”</p>      | <p>Exploração de alguns conteúdos relativos à história de Portugal para dar a conhecer algumas personagens da lenda que fazem parte da história do nosso país.</p> <p>Reconto da lenda;</p> <p>Registo da lenda “ Os amigos de Peniche” em grande grupo, no quadro.</p>                    |  | <p>visuais</p> |
| <p>Dramatização da lenda dos “ Amigos de Peniche”</p> | <p>Proposta da dramatização da lenda pela professora aos alunos. Esta dramatização implica:</p> <p>Construção de fantoches;</p> <p>Preparação do cenário e dos adereços;</p> <p>Ensaio da lenda;</p> <p>Apresentação da lenda com base no texto redigidos pelos alunos em grande grupo</p> |  |                |

O tema dos “ Amigos de Peniche” surgiu no contexto de uma conversa em grupo acerca do forte Peniche, que é atualmente um museu. No meio do enredo e do entusiasmo dos alunos pelo tema decidi aprofundá-lo. Começámos por explorar este tema através da história que os Penichenses conhecem e se encontra na obra *Peniche na História e na Lenda* de Mariano Calado e de um folheto disponível no site da Câmara Municipal de Peniche e da história contada na caixa dos pastéis. Posteriormente exploraram a história como é costume trabalhar os textos no âmbito da Língua Portuguesa (o tempo, o espaço, as personagens, o desenvolvimento da história e o desenlace). Após este trabalho, foi sugerido aos alunos que recontassem a história através de um texto elaborado por todos no quadro, sendo possível avaliar os conhecimentos que adquiriram com a história e, a partir daí, passámos para a exploração do tema nas áreas das expressões. Com uma história que verdadeiramente nos pertence e tão entusiasta, foi muito fácil preparar a sua dramatização, uma peça de fantoches. Partilho a opinião de Sousa para quem o teatro de fantoches infantil “pode também ser

organizado como síntese de trabalhos escolares, atuando como um método de aprendizagem no âmbito de qualquer disciplina escolar”. (2003b: 99) Cada criança escolheu uma personagem e construiu o fantoche correspondente. Depois das falas preparadas, e dos adereços do cenário partimos para os ensaios e subseqüente dramatização. Foi a primeira dramatização feita com fantoches com esta turma, que provocou por diversas vezes, alguma confusão atrás do biombo, mas uma confusão saudável que implica uma aprendizagem e algum treino, principalmente no que respeita à manipulação do fantoche atrás do biombo. Segundo os autores Serge Gerard e Lascard as técnicas de expressão que envolvem atividades de fantoches pertencem ao domínio da expressão dramática. Toda esta atividade exigiu por parte dos alunos um grande envolvimento e permitiu que estes para além de ficarem a conhecer a sua história desenvolvessem a sua criatividade, capacidade de expressão, coordenação motora e trabalho de equipa.

A exploração da história dos “Amigos de Peniche” foi muito interessante porque para além de ficarem a conhecer esta lenda/história, os alunos adquiriram alguns conhecimentos sobre a história da nossa localidade e do nosso país e desenvolveram capacidades no âmbito das Expressões Artísticas, nomeadamente ao nível da expressão oral e expressão plástica. Os alunos ficaram ainda a conhecer um doce típico da região, do qual não foi possível saber a sua secreta confeção. Neste tipo de atividades o professor deve ser um elemento animador e crítico e foi o que tentámos fazer.

(Ver Anexo 13)

### **Registos das Atividades sobre a Lenda dos “Amigos de Peniche”**



Fig. 56 e 57 – Ilustração da história dos “Amigos de Peniche”

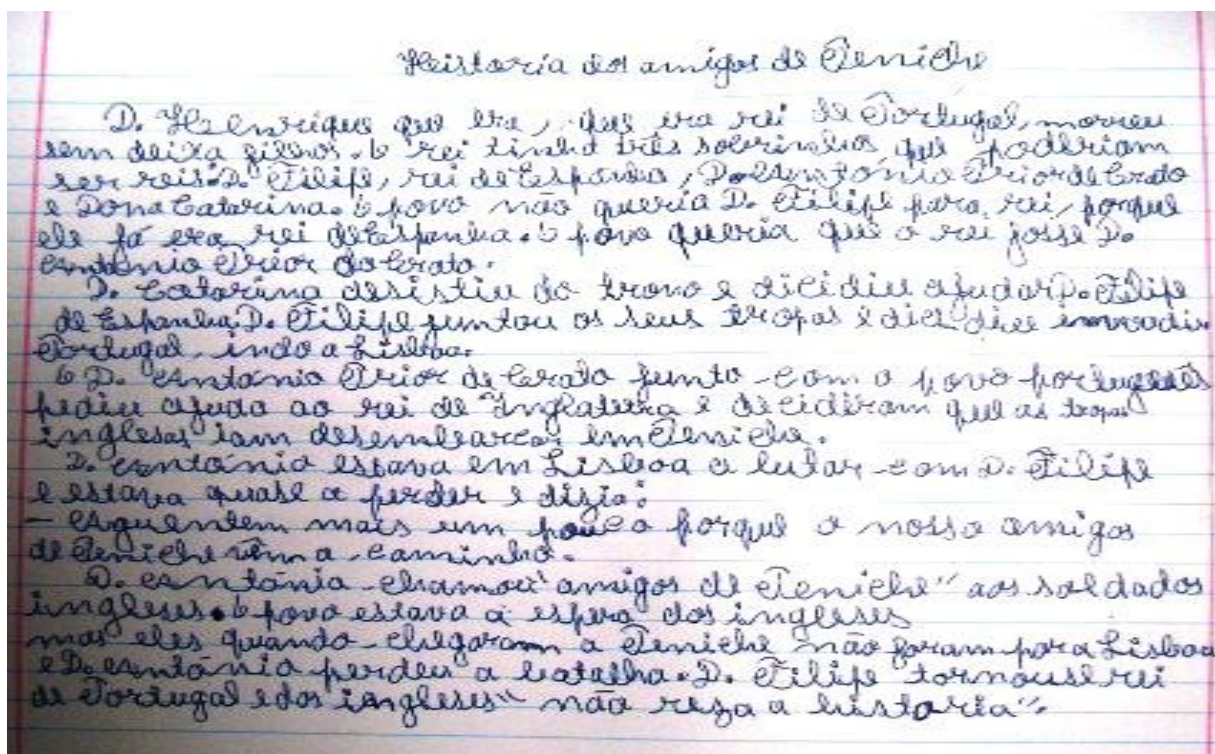


Fig. 58 – Produção de texto sobre a Lenda

|   |  |
|---|--|
| <p><b>Lenda de S. Leonardo</b></p> <p>Certo dia, uma nau vinda do sul de França, transportando vários prisioneiros, naufragou no porto que na altura existia em Atouguia da Baleia. Assim, os sobreviventes para agradecer terão mandado construir um templo consagrado a S. Leonardo, seu patrono, oferecendo a imagem que ainda hoje se venera na referida igreja.</p> <p>Mas alguns dos fracos não desejavam abdicar da imagem. Esperando apenas um pouco de vento a favor para saír do porto de Atouguia da Baleia rumo à sua pátria. Passaram-se meses sem que o mar permitisse a viagem de regresso. Algo que só veio a suceder quando estes cederam definitivamente a imagem de S. Leonardo, reconhecendo que seria desejo do Santo permanecer nesta vila.</p> | <p style="text-align: center;"><b>História da igreja da Nossa Senhora da Consolação</b></p> <p>Antes de existir esta igreja havia uma pequena capela que foi construída a mando de uns marinheiros que fizeram uma promessa. A promessa era que eles iam fazer uma viagem muito grande e se eles regressassem construiriam uma capela em honra da Nossa Senhora da Consolação. Mais tarde era uma capela muito visitada pelos Círios como era muito pequena fizeram esta igreja maior. Quando o meu avô era pequeno o forte da Consolação era uma colónia de férias das freiras ele diz que as freiras iam ao final da tarde rezar o terço á igreja.</p> |
|---|--|

Fig.59 e 60 – Outras Lendas trabalhadas pelos alunos do 3º e 4º ano de escolaridade.

### 3.1.13 13ª Sessão

#### Tema: As Festas Locais

As festas e romarias são um traço típico da cultura popular e tradicional de um povo, acontecem por todo o país e fazem parte das memórias de um povo que tenta manter a cultura popular, e a sua identidade. Na nossa região as festas locais, como em quase todo o país, realizam-se no período de Verão. As romarias, assim denominadas, realizam-se em honra de um santo patrono da terra, são várias, mas destacamos aqui, apenas, as que são mais próximas geograficamente da aldeia da Ribafria: a festa dos Bolhos em honra a Santo António, a festa de São Brás no Paço, a festa de Nossa Senhora da Nazaré, na Ribafria e a Festa de Nossa Senhora da Boa Viagem, que é a Festa do concelho de Peniche. Estas romarias compreendem duas dimensões: a religiosa, com as promessas, a missa solene e a procissão e a dimensão profana, com as barracas de venda de artigos e “comes e bebes”, as diversões e os bailaricos.

**Quadro 18 - Planificação das Atividades das Festas Locais**

| Áreas  | Conteúdos  |
|--|--|
| Área de Projeto<br>Expressão Plástica<br>Língua Portuguesa | Comunicação oral;<br>Compreensão oral;<br>Comunicação escrita;<br>Pintura;<br>Desenho;   |
| <b>Competências/<br/>Objetivos</b>                         | A construção e a tomada de consciência da identidade pessoal e social;<br>Pesquisar, selecionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável;<br>Utilização de vestígios de outras épocas como fontes de informação para reconstruir o passado, compreendê-lo e organizar o presente;<br>Reconhecer a necessidade de desenvolver a criatividade de modo a integrar novos saberes; |

| Atividades            | Operacionalização  | Recursos             | Avaliação           |
|-----------------------|--|----------------------|---------------------|
| Exploração das festas | As festas e romarias da localidade serão exploradas oralmente. | Material de desgaste | Registos escritos e |

|  |  |  |            |
|--|--|--|------------|
| Realização de diversas técnicas de Expressão Plástica.                             | Aplicação de diversas técnicas de Expressão Plástica consoante as diversas festas e as respostas dos alunos às sugestões dadas.<br><br>Estas atividades serão realizadas individualmente, em pequeno ou em grande grupo. |  | ilustrados |
| Registos das vivências realizadas pelos alunos nos momentos das festas e romarias. | Estes registos serão sugeridos aos alunos pela titular de turma e serão realizados individualmente, em pequeno ou em grande grupo.   |  |            |

Destas festas que referimos em cima, a única que se realiza em tempo escolar é a festa de S. Brás no Paço, a 2 de fevereiro. Como esta localidade pega com a localidade da Ribafria, e se realiza em dois fins-de-semana consecutivos, dá a possibilidade aos alunos cujos pais ainda participam nas festividades tradicionais, de irem até ao “arraial”, num fim de semana ou no outro. No dia seguinte, segunda-feira, as crianças chegam à sala com as novidades do primeiro fim de semana para contar aos outros. Foi durante esta semana que se aproveitou para, através de algumas atividades, explorarmos um pouco mais esta festa tradicional. Em primeiro lugar, tentámos saber um pouco mais acerca da celebração, pois alguns dos alunos não tinham conhecimento da razão da festa. Também foi pedido aos alunos mais velhos para produzirem um texto sobre a festa para posteriormente o lerem ao grupo e também compreendermos o encadeamento das atividades. As produções textuais são muito importantes para o desenvolvimento da escrita e da oralidade dos alunos e visam a apropriação por parte do aluno das técnicas fundamentais de escrita. Para além deste registo escrito, foi ainda realizada a técnica da pintura de sopro, inspirada nos foguetes da festa, que é para todas as crianças, um dos momentos mais entusiastas da festa e que os deixa maravilhados. Esta técnica ainda não tinha sido explorada por este grupo e as crianças ficaram um pouco surpreendidas com o que se podia fazer com um sopro sobre a tinta. Depois de experimentarem gostaram muito e passaram a explorar, autonomamente, os traços que os sopros de tinta criavam no papel. Concluindo, para esta tarefa a festa de S. Brás foi o tema explorado e serviu de motivação à introdução de uma técnica nova na expressão plástica.

Ao abordarmos a festa de S. Brás acabámos por fazer referência a outras festas da região. Pois esta era a altura mais pertinente para tal, visto estarmos a falar neste tipo de acontecimentos. Assim, acabámos por abordar os Santos Padroeiros da localidade da Ribafria, dos Bolhos e de Peniche. Esta abordagem deu aos alunos que não tinham participado na festa de S. Brás a possibilidade de poderem participar contando algumas das suas vivências numa das outras festas e ilustrá-las como registo, pois já todas as crianças tinham estado num ou noutro “arraial”. A festa da nossa Senhora da Boa Viagem<sup>42</sup> tem para os alunos uma dimensão diferente da festa da aldeia. Em primeiro lugar, tem duração e uma espetacularidade muito maior, e em segundo lugar porque implica uma deslocação até Peniche, a cidade, que tem muito mais infraestruturas do que a aldeia é muito mais atrativa e lá residem alguns familiares. Através destes diálogos pude concluir que estes alunos não assumem a festa da Nossa Senhora da Boa Viagem como uma festa deles, mas como uma festa vizinha.

De referir que o estudo das festas regionais é abordado num dos conteúdos do 3º ano de escolaridade no tema “o passado do meio local”. Deste tema fazem parte os seguintes conteúdos:

- Figuras da história local;
- Factos, vestígios e datas importantes para a história local;
- A importância do património histórico local;
- Costumes e tradições das diferentes regiões do país;

Podemos assim concluir que todo este trabalho realizado já este ano será uma mais-valia à abordagem deste tema no próximo ano letivo. (Ver Anexo 25)

### **Registo das Atividades das Festas Locais**



Fig.61e 62 – Ilustração dos foguetes da festa de S. Brás

---

<sup>42</sup> A festa de N. Senhora da Boa Viagem, em honra da padroeira dos pescadores tem lugar no primeiro fim de semana de agosto e prolonga-se por três dias.

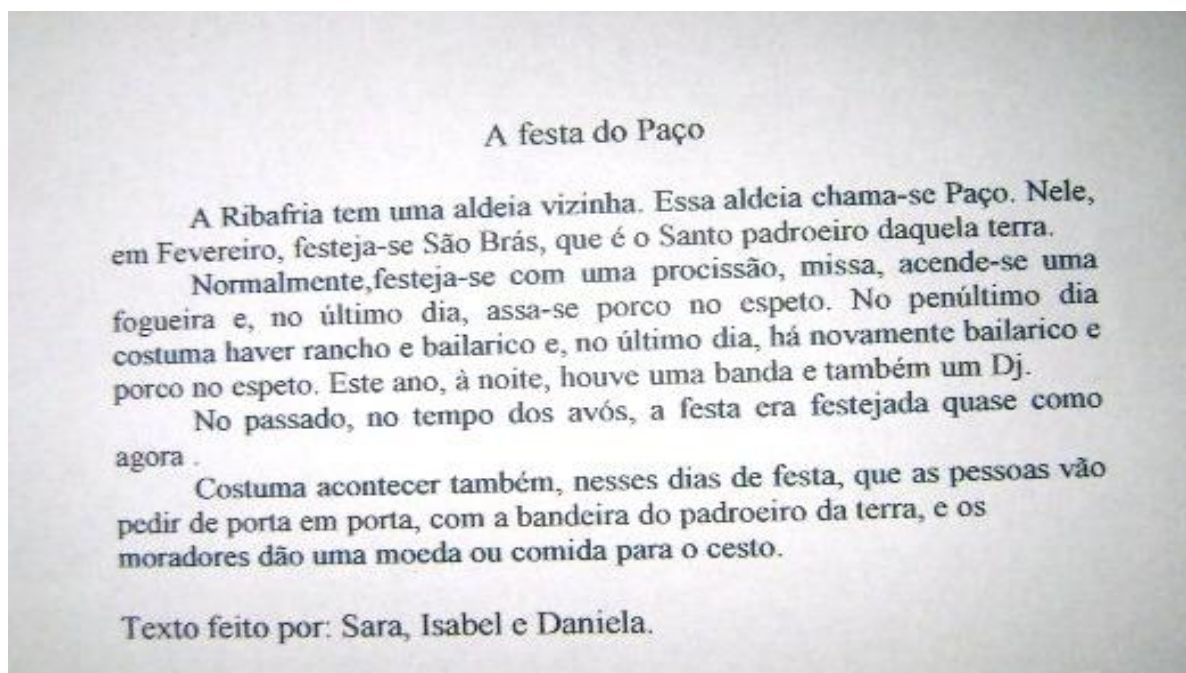


Fig.63 – Registo da festa do Paço pelos alunos do 3º e 4º ano

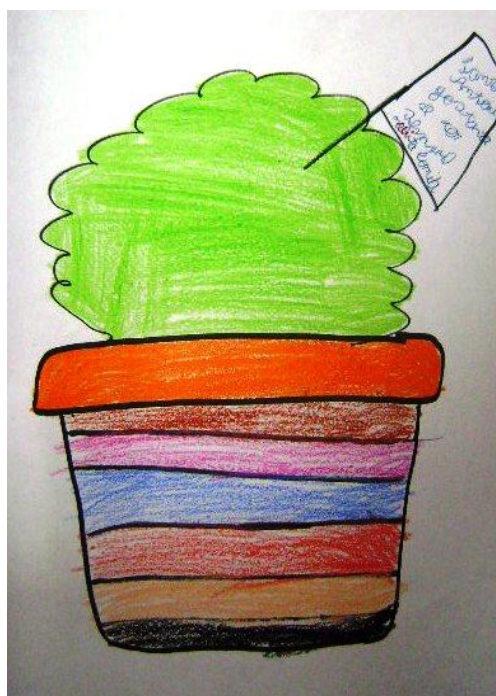
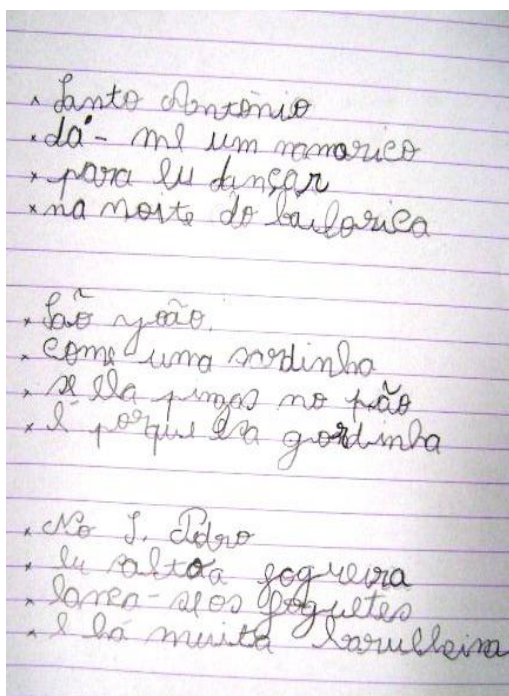


Fig.64 e 65 – Construção de rimas sobre as festas populares

### 3.2 – Síntese das observações realizadas ao longo das sessões

**Quadro 19 – Síntese das observações realizadas**

| <u>Áreas de Observação</u> | <u>Resultados Observados</u>   |                 |   |
|----------------------------|--|-----------------|---|
| <u>Língua Portuguesa</u>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolvimento da oralidade;</li> <li>• Aumento do vocabulário;</li> <li>• Aplicação de novas expressões;</li> <li>• Melhoria progressiva nas produções textuais;</li> <li>• Melhoria ao nível da interpretação de texto e da dicção.</li> <li>• Produções textuais mais criativas;</li> <li>• Aumento do gosto pela leitura de diversos géneros literários;</li> </ul>  |                 |   |
| <u>Matemática</u>          | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Maior facilidade na aplicação de situações problemáticas em situações do quotidiano.</li> </ul>   |                 |   |
| <u>Estudo do Meio</u>      | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Mais facilidade da utilização das TIC em situações diversas;</li> <li>• Participação mais ativa e interessada na realização dos identificar projetos;</li> <li>• Aumento de vocabulário específico;</li> <li>• Maior facilidade em e compreender factos da história local;</li> <li>• Maior facilidade em utilizar vestígios de outras épocas como recursos para compreender o presente;</li> <li>• Maior valorização das características do seu grupo de pertença;</li> <li>• Maior valorização pela sua cultura;</li> <li>• Desenvolvimento do interesse pela preservação das suas tradições;</li> <li>• Maior facilidade em recriar situações históricas.</li> </ul> |                 |   |
| <u>Expressões</u>          | <table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 20%; text-align: center; vertical-align: middle;"><u>Plástica</u></td> <td style="padding-left: 10px;"> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Maior domínio das diferentes técnicas plásticas;</li> <li>• Mais facilidade em expressar-se plasticamente;</li> <li>• Maior domínio da coordenação óculo visual;</li> <li>• Maior preocupação com o sentido estético;</li> <li>• Maior organização nas bancadas de trabalho;</li> <li>• Aumento da capacidade criativa;</li> </ul> </td> </tr> </table>   | <u>Plástica</u> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Maior domínio das diferentes técnicas plásticas;</li> <li>• Mais facilidade em expressar-se plasticamente;</li> <li>• Maior domínio da coordenação óculo visual;</li> <li>• Maior preocupação com o sentido estético;</li> <li>• Maior organização nas bancadas de trabalho;</li> <li>• Aumento da capacidade criativa;</li> </ul> |
| <u>Plástica</u>            | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Maior domínio das diferentes técnicas plásticas;</li> <li>• Mais facilidade em expressar-se plasticamente;</li> <li>• Maior domínio da coordenação óculo visual;</li> <li>• Maior preocupação com o sentido estético;</li> <li>• Maior organização nas bancadas de trabalho;</li> <li>• Aumento da capacidade criativa;</li> </ul>  |                 |   |

|                                  |                             |  |
|----------------------------------|-----------------------------|--|
|                                  | <u>Musical</u>              | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Aumento da capacidade de concentração;</li> <li>• Aumento da capacidade de memorização;</li> <li>• Aumento do sentido rítmico;</li> <li>• Conhecimento de diversos géneros de música;</li> <li>• Aquisição do gosto pela música popular;</li> <li>• Mais facilidade na utilização de diferentes instrumentos musicais;</li> <li>• Mais facilidade na utilização do corpo como instrumento musical;</li> <li>• Aumento do gosto pela música;</li> <li>• Capacidade progressiva da exploração do corpo e da voz como forma de expressão;</li> </ul> |
|                                  | <u>Físico-Motora/ Dança</u> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Capacidade progressiva da exploração do corpo como forma de expressão;</li> <li>• Maior coordenação motora;</li> <li>• Aumento do gosto pela dança e por diversos tipos de dança;</li> <li>• Aumento do cumprimento das regras dos jogos;</li> <li>• Aumento progressivo de interesse pelos jogos tradicionais;</li> </ul>  |
|                                  | <u>Dramática/ Teatro</u>    | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Maior facilidade de improvisação;</li> <li>• Capacidade progressiva de criar personagens;</li> <li>• Capacidade progressiva de construir excertos dramáticos;</li> <li>• Maior capacidade de aplicar as suas vivências às improvisações;</li> <li>• Maior desinibição no jogo dramático;</li> <li>• Aumento progressivo da capacidade de expressão;</li> <li>• Capacidade progressiva da exploração do corpo e da voz como forma de expressão;</li> <li>• Aumento da capacidade criativa;</li> </ul>  |
| <u>Educação para a Cidadania</u> |                             | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Aumento do respeito pelo próximo;</li> <li>• Aumento de respeito pela sua comunidade;</li> <li>• Consolidação de relações de amizade;</li> <li>• Desenvolvimento progressivo do espírito de interajuda;</li> </ul>  |
| <u>Área de Projeto</u>           |                             | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Partilha de experiências e vivências;</li> <li>• Aumento da capacidade de trabalhar em grupo;</li> </ul>  |
| <u>Estudo Acompanhado</u>        |                             | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Aumento da autoconfiança;</li> <li>• Desenvolvimento progressivo da autonomia;</li> <li>• Desenvolvimento de comportamentos construtivos e solidários;</li> </ul>   |

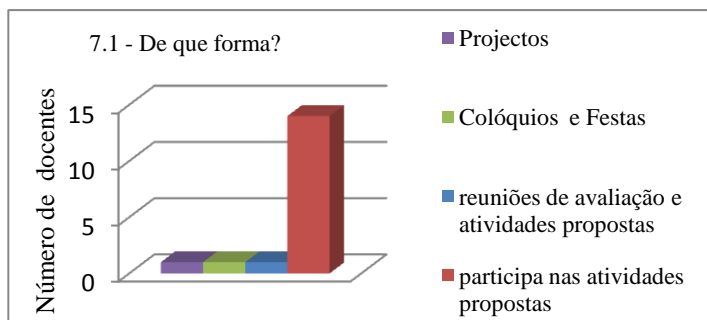
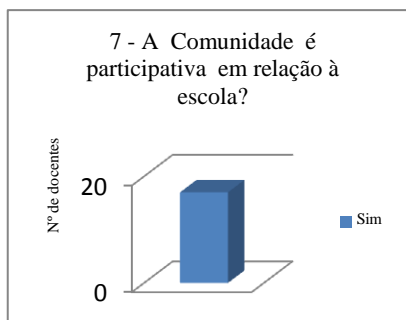
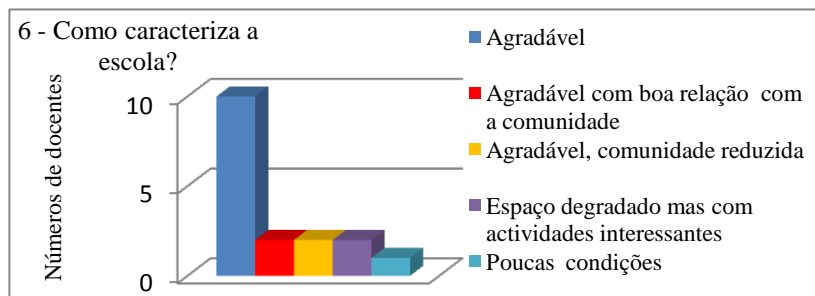
### 3.3 Análise dos questionários

#### 3.3.1 Questionário realizado a dezassete docentes do 1º ciclo do Agrupamento de Escolas da Atouguia da Baleia

##### Identificação do grupo

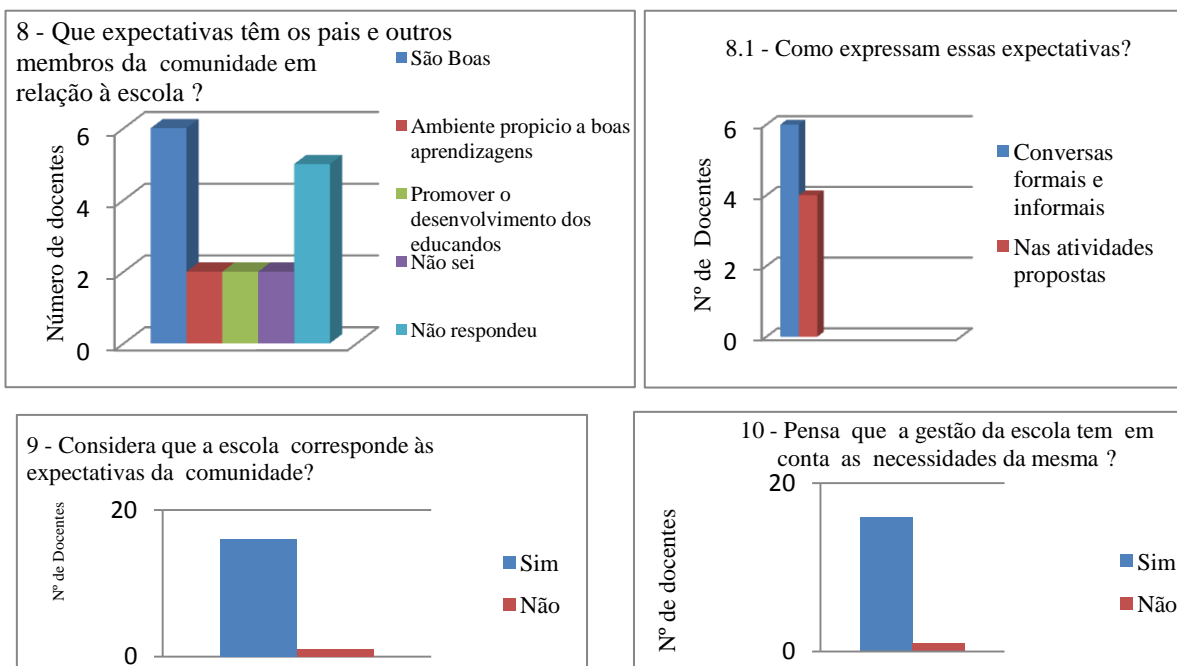
Este questionário foi realizado a dezassete professores do 1º ciclo em funções no Agrupamento de Escolas da Atouguia da Baleia. Destes docentes, 13 são licenciados, 1 tem bacharelato, 1 pós-graduação, 1 especialização e 1 mestrado, sendo que 14 destes docentes pertencem ao quadro de agrupamento, 2 são de quadro de zona pedagógica e 1 é contratado. Dos docentes inquiridos todos exercem funções de titulares de turma e cinco acumulam outras funções de coordenação. Cinquenta por cento destes docentes exercem funções neste agrupamento há pelo menos 4 anos e oito lecionam no local onde residem.

##### A escola e a comunidade Educativa



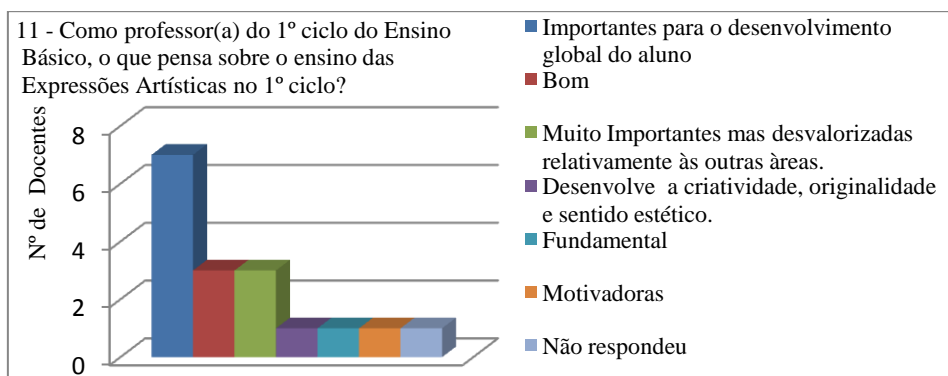
Relativamente à relação Escola/Comunidade Educativa, a maior parte dos docentes afirma que, as escolas têm espaços agradáveis, à exceção de algumas que estão degradadas, mas, independentemente do espaço, estabelecem uma boa relação com a comunidade e têm actividades interessantes. Neste questionário todos os docentes

afirmam que a comunidade é participativa, cooperando sempre que é solicitada para as atividades, projetos e reuniões. Dos docentes que responderam à expectativa da comunidade relativamente à escola, dizem que esta tem boas expectativas, esperando bons ambientes de aprendizagem. Dois docentes afirmam não saber quais são as expectativas da comunidade face à escola. A comunidade expressa-se, na maior parte das vezes, através de conversas informais e formais e durante as atividades em que participa.

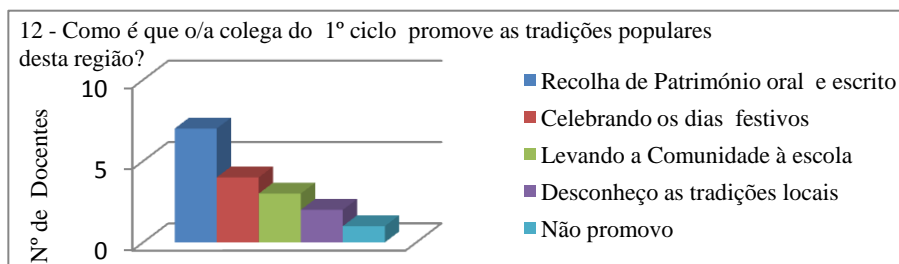


Relativamente à resposta que a escola dá às expectativas da comunidade, dezasseis docentes acreditam que a escola dá uma resposta positiva, afirmando que a escola tem em conta as necessidades da comunidade, o que podemos confirmar no Projeto Educativo de Agrupamento.

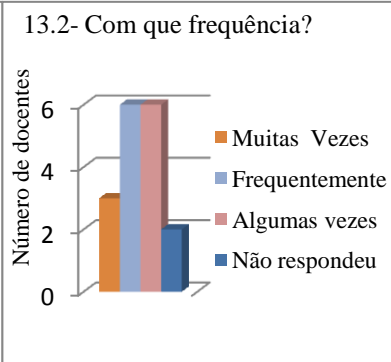
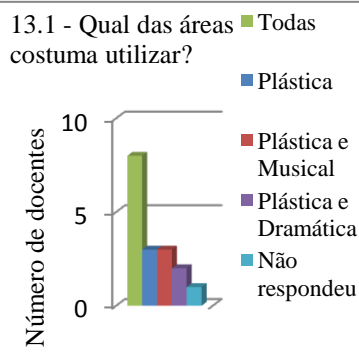
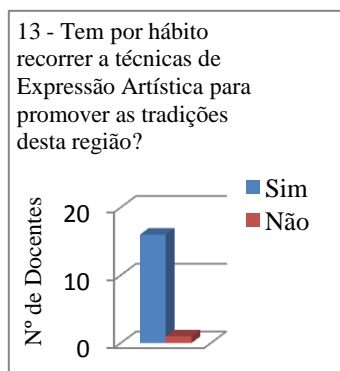
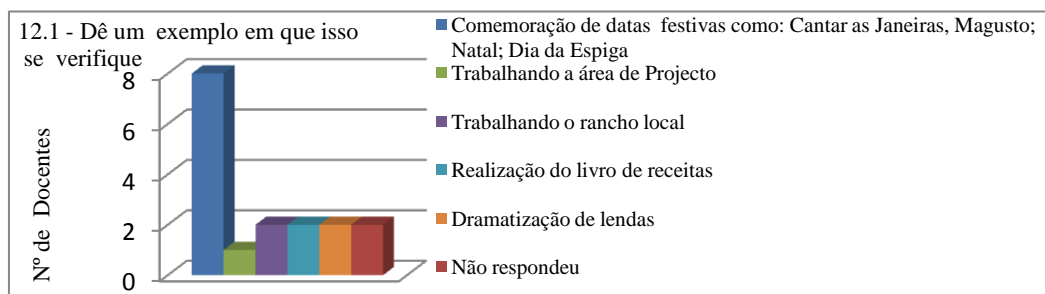
## Trabalho Pedagógico



No que respeita ao trabalho pedagógico destes docentes, todos consideram importante o ensino das Expressões Artísticas no 1º ciclo, à exceção de um que não respondeu. Sete acreditam que são importantes para o desenvolvimento global do aluno, três dizem que estas atividades são boas, três referem a desvalorização das áreas artísticas face às outras áreas curriculares, um referiu-as como fundamentais, outro docente afirmou serem motivadoras e outro ainda que desenvolvem a criatividade, originalidade e sentido estético.

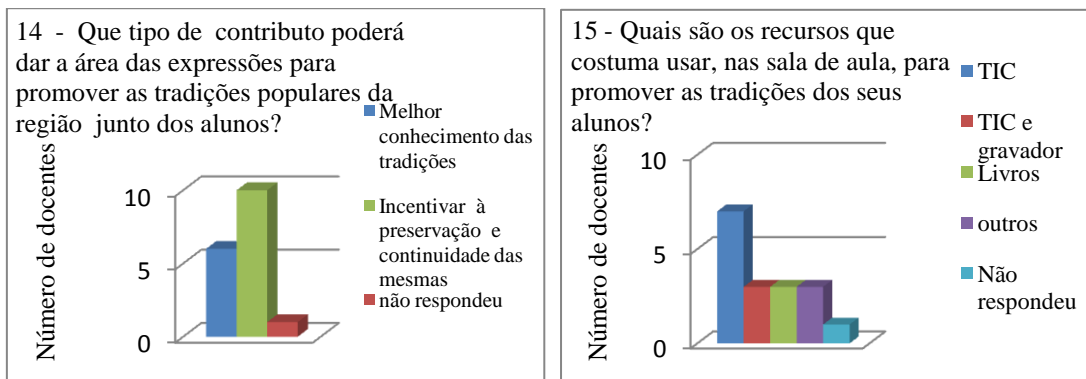


Sete docentes deste agrupamento promovem as tradições através da recolha de património oral e escrito, quatro celebram os dias festivos, três dizem levar a comunidade à escola, Dois desconhecem as tradições e um não as promove. A celebração das datas festivas foi o exemplo que os docentes mais utilizaram para mostrar como promovem as tradições.

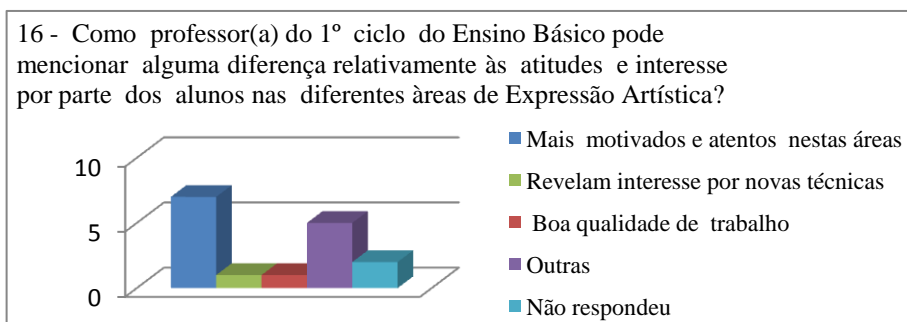


Dezasseis docentes promovem as tradições recorrendo às áreas das Expressões Artísticas, sendo a Expressão Plástica a mais utilizada, por ser nesta área que os professores se sentem mais preparados. Das várias áreas das expressões é no âmbito da Expressão Plástica que tem havido mais formação e também porque para trabalhar esta

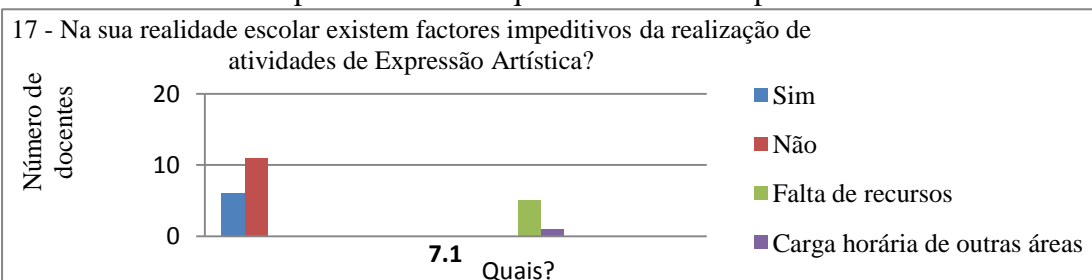
área muitos docentes consideram que basta explicar a técnica e os alunos fazem o resto, ao contrário do que acontece, por exemplo, na área de expressão musical em que os docentes pensam que precisam de saber cantar ou perceber muito de música para propor atividades aos alunos. Dos dezassete docentes, seis afirmam trabalhar estas áreas muitas vezes, seis frequentemente, três algumas vezes e dois não responderam.



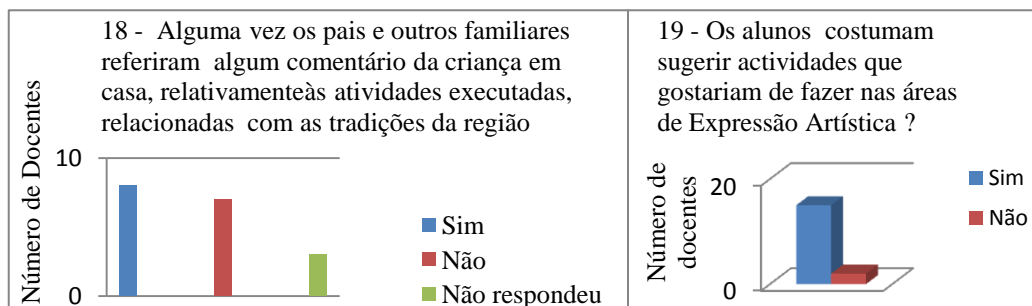
Os professores acreditam que o trabalho realizado nas diferentes áreas das expressões promove o conhecimento das tradições e incentiva à preservação e continuidade das mesmas. Para promover este tipo de atividades, os docentes recorrem à utilização das TIC especialmente, e a livros, para elaborarem os trabalhos de pesquisa. As respostas destes docentes vão ao encontro da opinião de Sousa que salienta a importância da Internet para a realização de pesquisas sobre diversos temas em dicionários, enciclopédias, museus online e imagens.



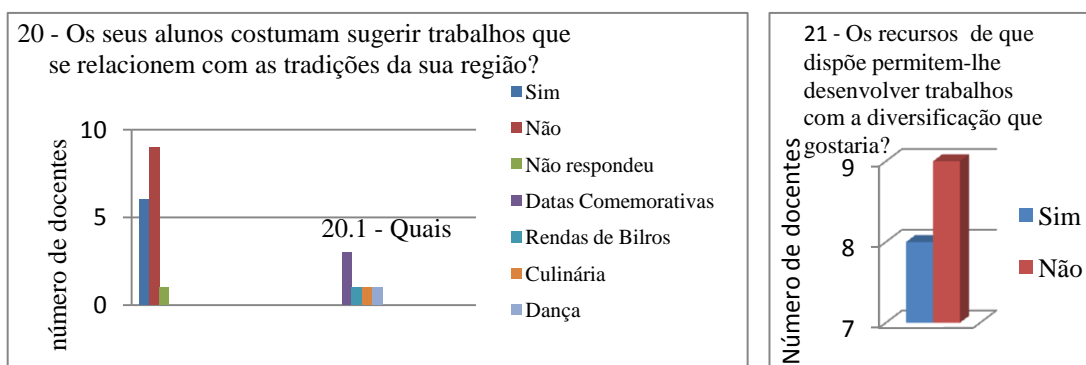
Os docentes inquiridos afirmam que os alunos se mostram mais motivados, atentos e interessados pelas atividades que recorram às Expressões Artísticas.



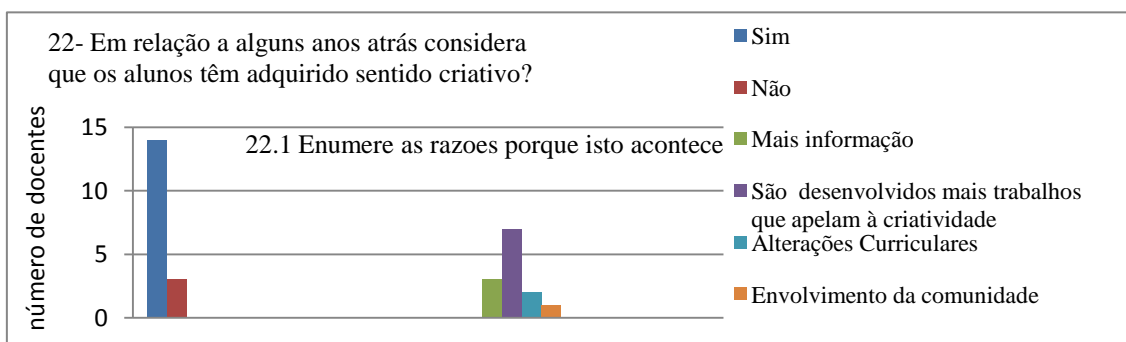
Os professores que referem existirem fatores que condicionam a prática das Expressões Artísticas identificam-nos como sendo a falta de recursos e o excesso da carga horária das outras áreas.



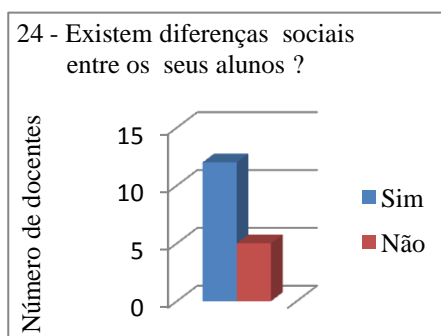
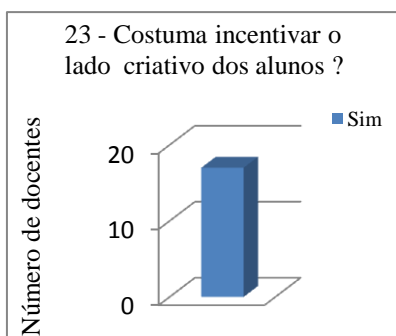
No que se refere aos comentários que as crianças fazem em casa sobre as atividades escolares relacionadas com as tradições da região, oito dos docentes respondeu que os pais falam sobre esses comentários.



Quinze docentes afirmam que os alunos costumam sugerir atividades de Expressão Artística sendo algumas delas relacionadas com as tradições. De entre os trabalhos ligados às tradições que os alunos sugerem destacam-se a celebração das datas comemorativas. De salientar a Renda de Bilros, uma tradição que devido às diversas atividades de promoção em torno da mesma tem vindo a ser valorizada em toda comunidade educativa. Para realizar este tipo de trabalhos, nove professores referem que não dispõem dos recursos que desejariam.

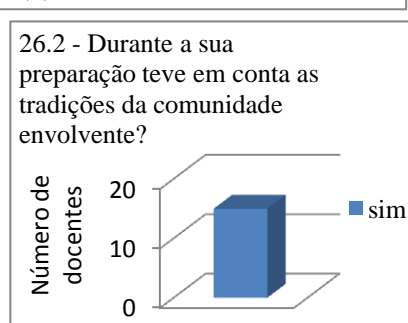
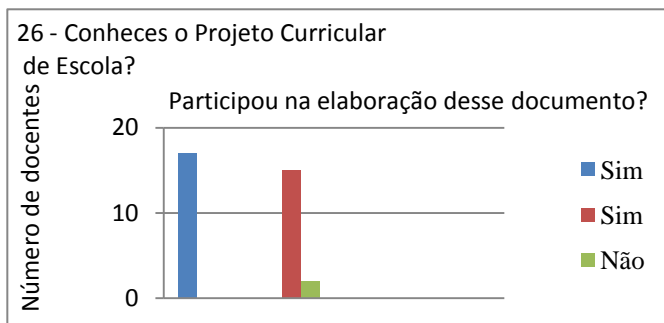
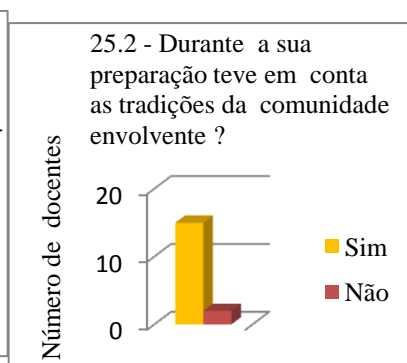
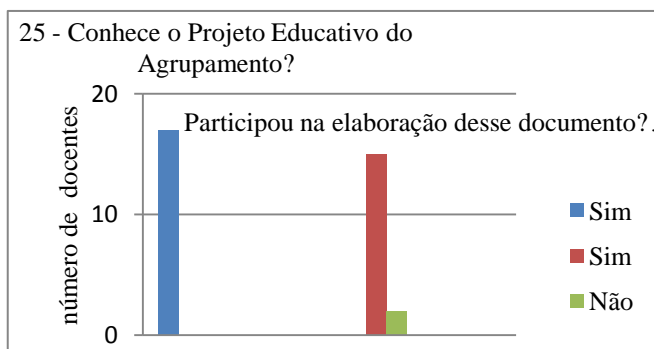


Quanto à criatividade dos alunos, catorze professores consideram que os atuais alunos têm mais sentido criativo, justificando essa razão através dos trabalhos desenvolvidos, da quantidade de informação de que eles dispõem, das alterações curriculares e um professor justifica esta aquisição com o envolvimento da comunidade.

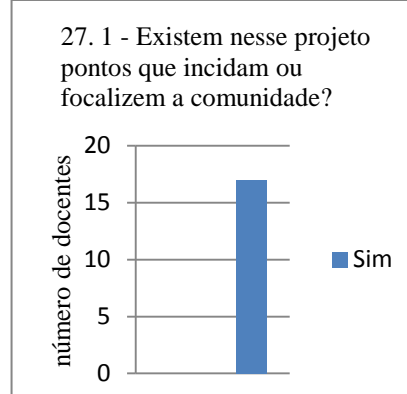
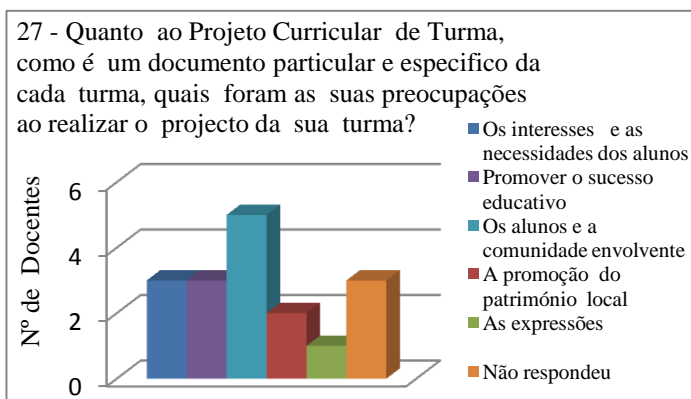


Todos os docentes afirmam incentivar o lado criativo dos alunos. A criatividade é uma capacidade cognitiva que permite à criança imaginar, inventar, prever e acontece internamente a nível mental, na educação é este trabalho que interessa e não o produto final. A maioria dos docentes afirma que existem diferenças sociais entre os seus alunos.

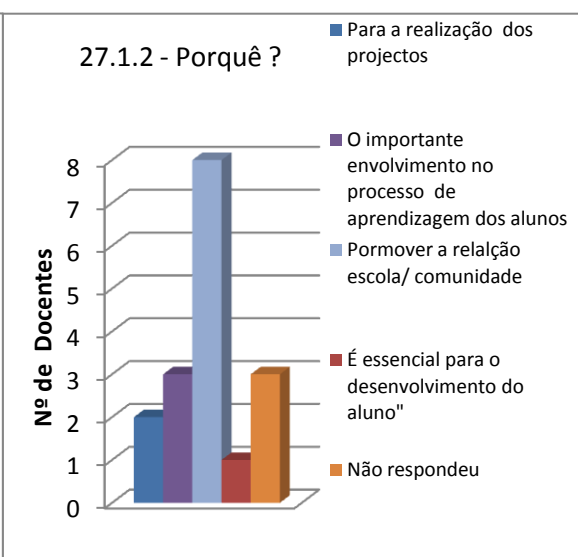
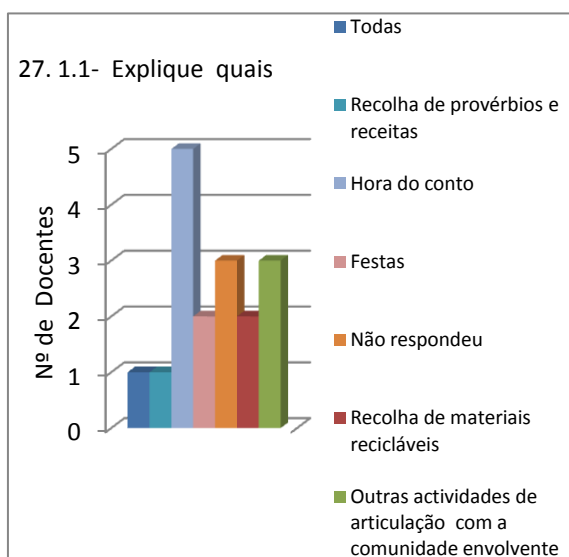
## Os projetos da Escola



No que se respeita aos projetos da escola, todos os docentes que responderam ao questionário têm conhecimento dos projetos, e quinze afirmam ter participado na sua elaboração tendo em conta as tradições da comunidade envolvente.



Aquando da realização do Projeto Curricular de Turma, cinco dos docentes disseram ter tido em conta os alunos e a comunidade educativa, três disseram ter tido em conta a promoção do sucesso educativo, outros três docentes referiram as necessidades dos alunos, dois referiram a promoção do património cultural e um referiu as expressões. Todos os docentes afirmaram existir nesses projetos pontos que incidem sobre a comunidade, que vão desde as histórias contadas pelos pais, à participação nas festas e a outras atividades com a comunidade envolvente.



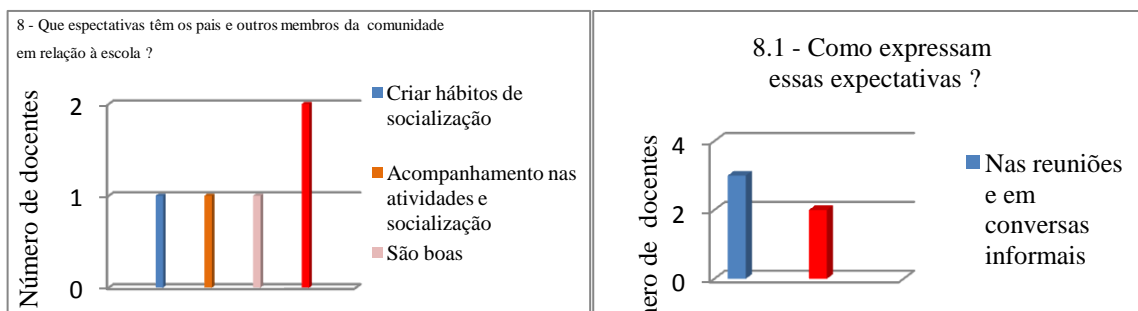
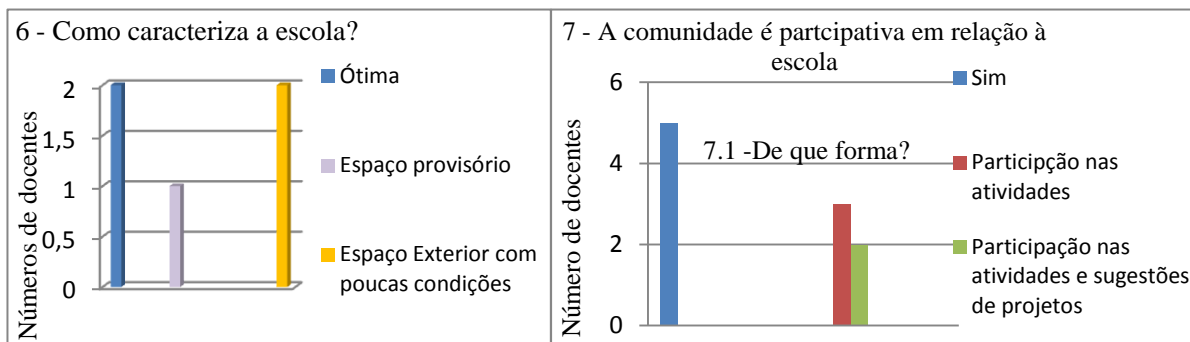
Os docentes justificam estas atividades, por acreditarem ser importante promover a relação entre a escola e a comunidade e envolver a comunidade no processo de aprendizagem dos alunos.

### 3.3.2 - Questionário realizado a cinco Educadoras de Infância do Agrupamento de Escolas da Atouguia da Baleia

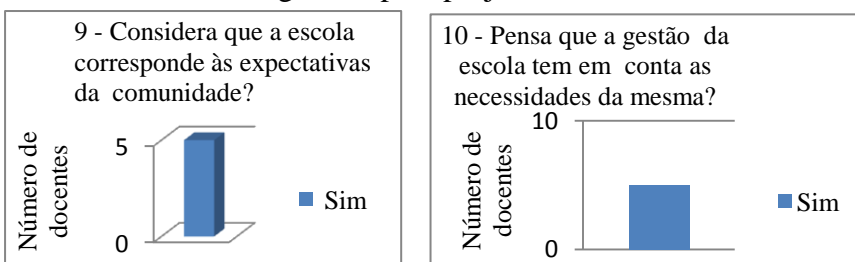
#### Identificação

Todas as Educadoras de Infância do Agrupamento que responderam ao questionário são licenciadas, quatro pertencem ao Quadro de Agrupamento da Escola e uma ao quadro de Zona Pedagógica e desempenham as funções de Educadoras de Infância há pelo menos um ano no mesmo Jardim de Infância, destas, apenas uma exerce funções docentes na localidade onde reside.

#### A Escola e a Comunidade

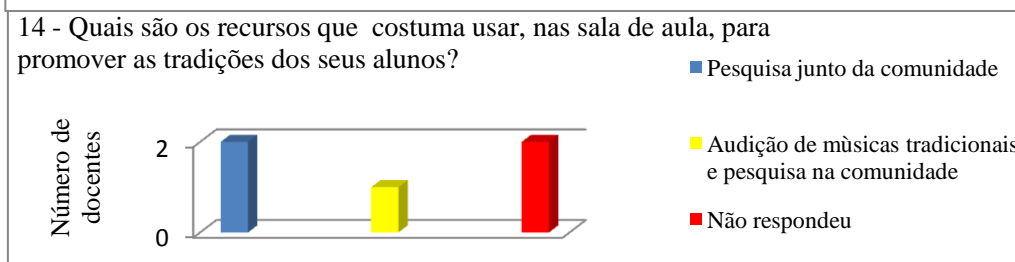
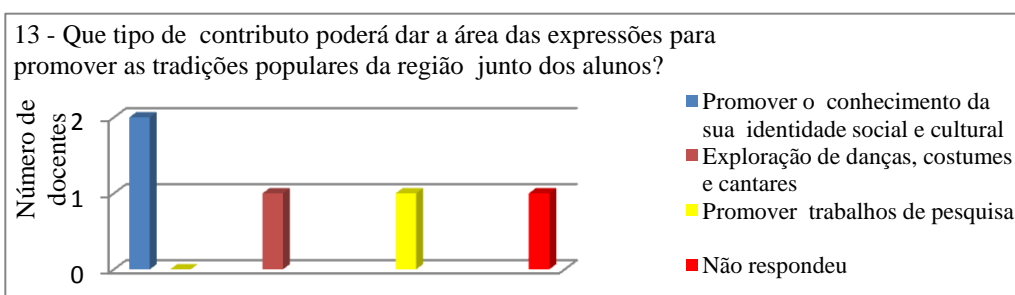
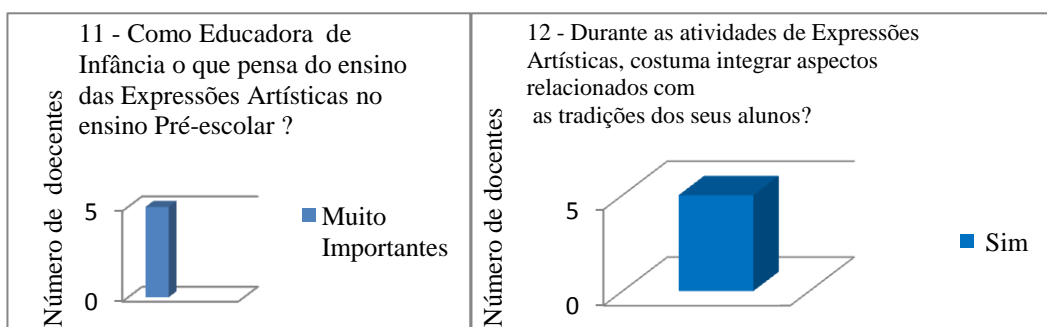


Relativamente ao grupo – a escola e a comunidade, podemos considerar que há Jardins de Infância com boas instalações, à exceção de alguns espaços exteriores. As Educadoras de Infância consideram que a comunidade é participativa, colaborando nas atividades e dando sugestões para projetos.

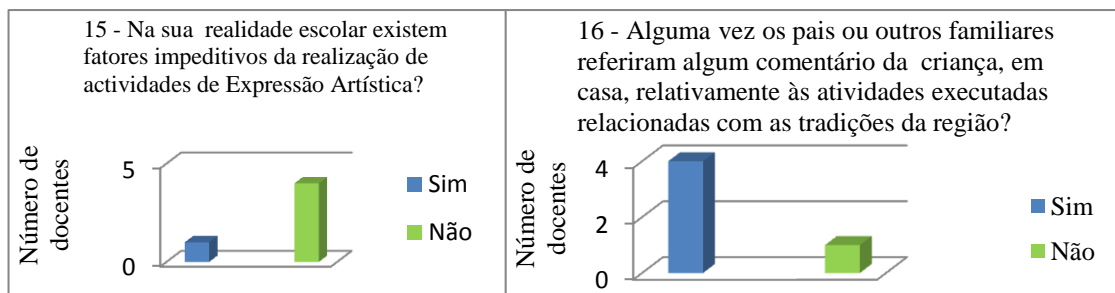


Segundo a opinião das educadoras, os pais e a comunidade têm boas expectativas relativamente ao Jardim de Infância e esperam que este promova atividades e crie hábitos de socialização nas crianças. Estas expectativas são expressas nas reuniões e nas conversas informais com as Educadoras de Infância. Estas docentes consideram ainda que a escola corresponde às expectativas da comunidade e que a escola tem em conta as necessidades desta.

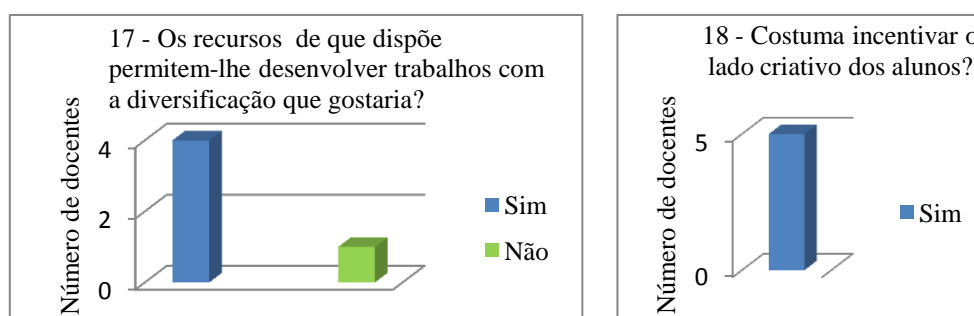
### Trabalho Pedagógico



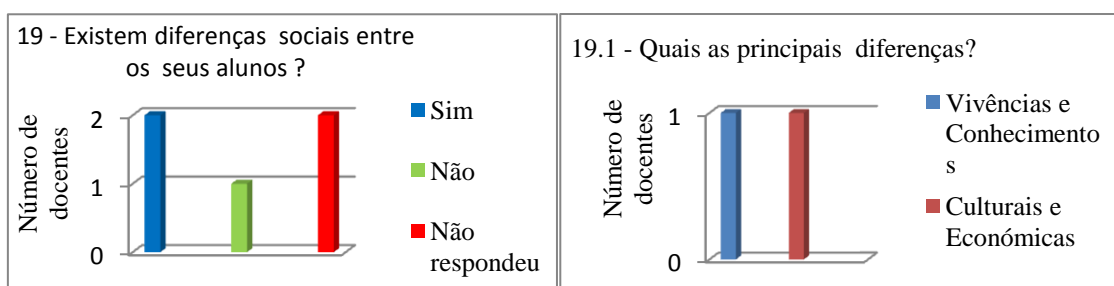
Relativamente ao Trabalho Pedagógico as educadoras foram unânimes ao considerarem o ensino das Expressões Artísticas no ensino Pré-escolar muito importante. Durante as atividades de Expressões Artísticas as docentes costumam integrar aspetos relacionados com as tradições dos seus alunos, pois esta área ajuda a conhecer as tradições populares, através da promoção do conhecimento da identidade social e cultural da criança, da exploração de danças, costumes e cantares e da realização de trabalhos de pesquisa. Para promover as tradições locais, as educadoras referiram que recorrem à comunidade e à audição de músicas tradicionais.



Quatro das cinco docentes consideram que não há fatores impeditivos para a realização de atividades de Expressão Artística na sua realidade escolar assinalando apenas uma falta de recursos. Através da análise do quadro 16 constatamos que quatro docentes afirmaram que os Encarregados de Educação costumam dizer que os seus filhos comentam as atividades que realizam no Jardim de Infância.



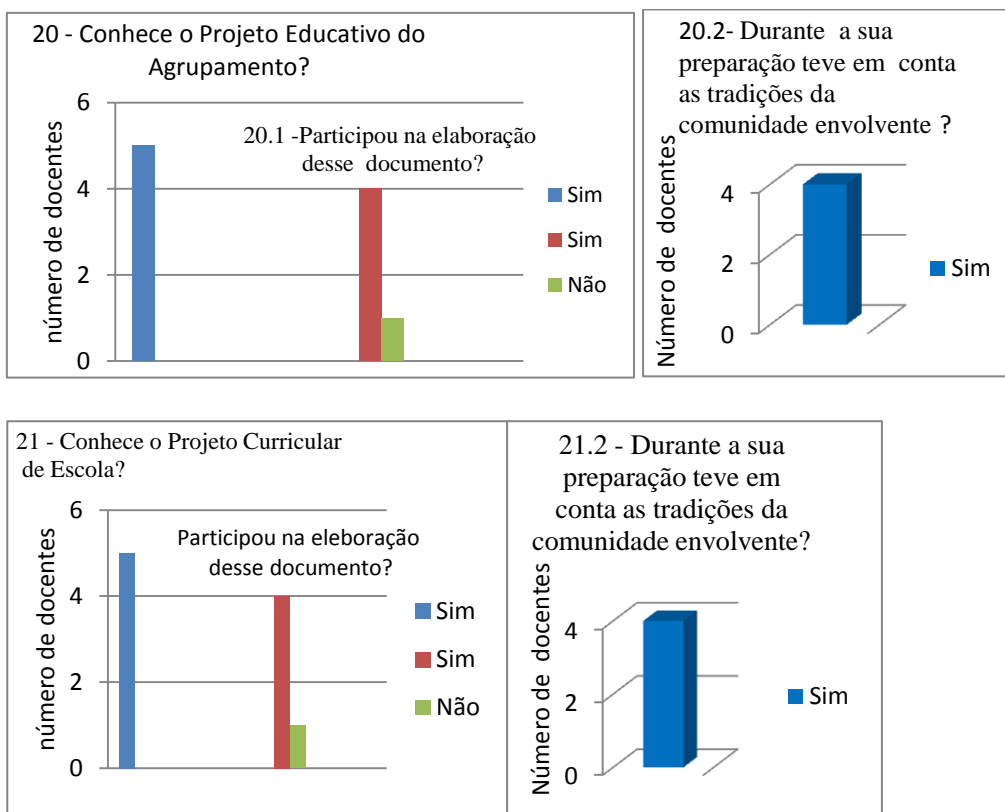
Como referimos em cima, e verificamos no quadro 17, quatro educadoras dizem que os recursos que têm permitem-lhes desenvolver os seus trabalhos. Esta resposta vai de encontro às respostas dadas pelas docentes do 1º ciclo, permitindo-nos concluir que a maior parte dos Jardins de Infância tem mais recursos materiais e mais equipamentos que as escolas do 1º ciclo. Todas as docentes disseram que costumam incentivar a criatividade dos alunos.



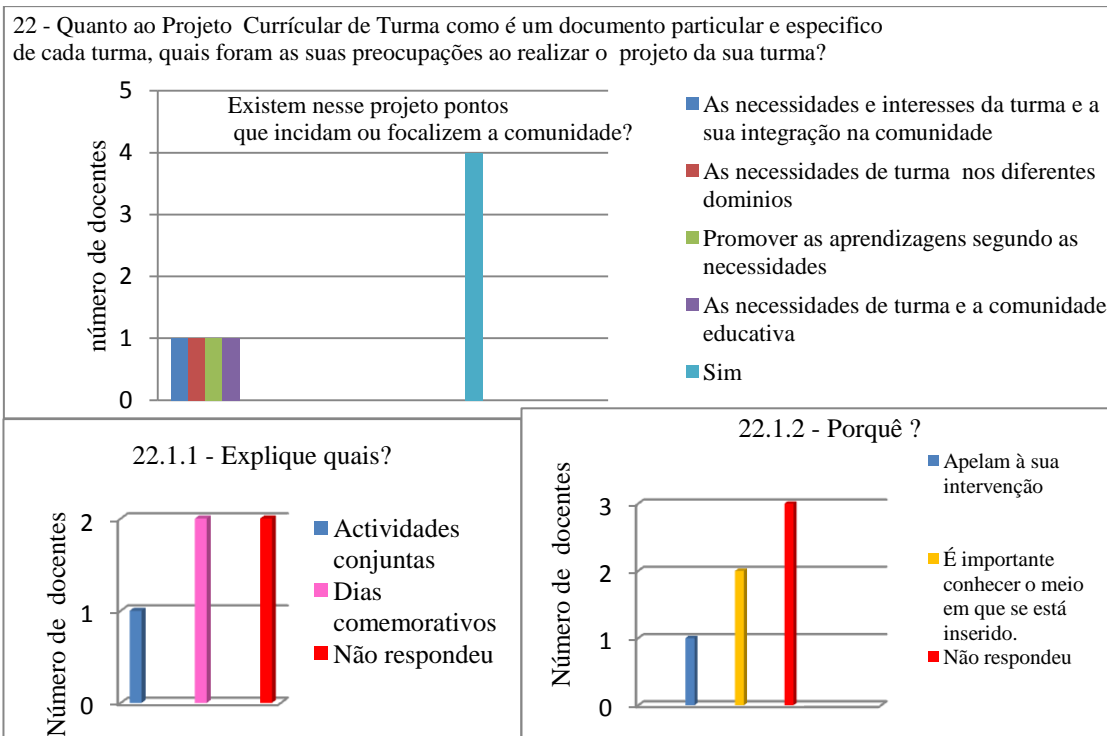
Duas Educadoras consideram haver diferenças sociais nos alunos, sendo que uma educadora pensa que estas se verificam a nível das vivências, dos conhecimentos e outra por razões económicas e culturais.

## Os Projetos da Escola

Nos últimos tempos o nosso país tem vindo a integrar a metodologia de projeto. Nas escolas passou-se a falar de Projeto Educativo do Agrupamento, Projeto Curricular de Escola e Projeto Curricular de Turma. Estes são realizados com base no Currículo Nacional e nas características da escola e da comunidade envolvente.



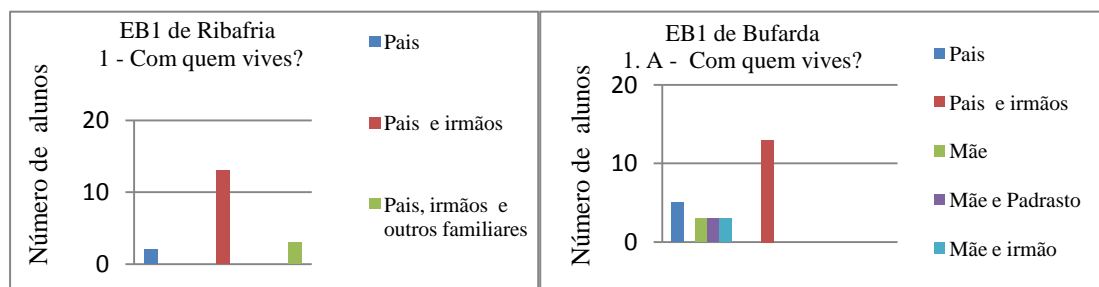
No que respeita aos Projetos do Agrupamento, as cinco educadoras de infância afirmam conhecer o Projeto Educativo do Agrupamento e o Projeto Curricular de Escola, mas nem todas participaram na elaboração dos mesmos como se pode constatar no quadro 21.1. e 21.2. As docentes que participaram afirmam terem tido em conta as tradições da comunidade envolvente. A docente que afirma não ter participado na realização dos projetos, não se encontrava ao serviço na data da elaboração destes.



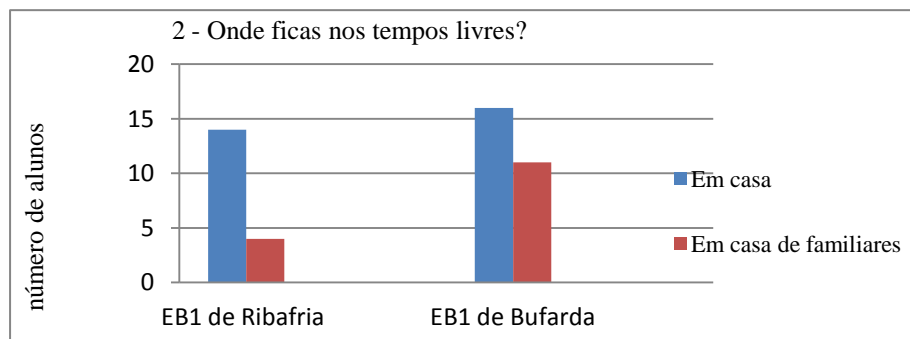
No que se refere ao Projeto Curricular de Turma, quatro das docentes afirmaram que aquando da sua realização tiveram em conta as necessidades e interesses da turma, as suas aprendizagens e a comunidade envolvente. Todas as docentes afirmaram ainda que no Projeto Curricular de Turma estão focados aspetos relacionados com a comunidade, entre os quais diversas atividades conjuntas e os dias festivos. Estas atividades visam apelar à intervenção da comunidade e dar a conhecer ao aluno o meio onde está inserido.

### 3.3.3 Questionário realizado aos alunos da EB1 de Ribafria e aos alunos da EB1 de Bufarda

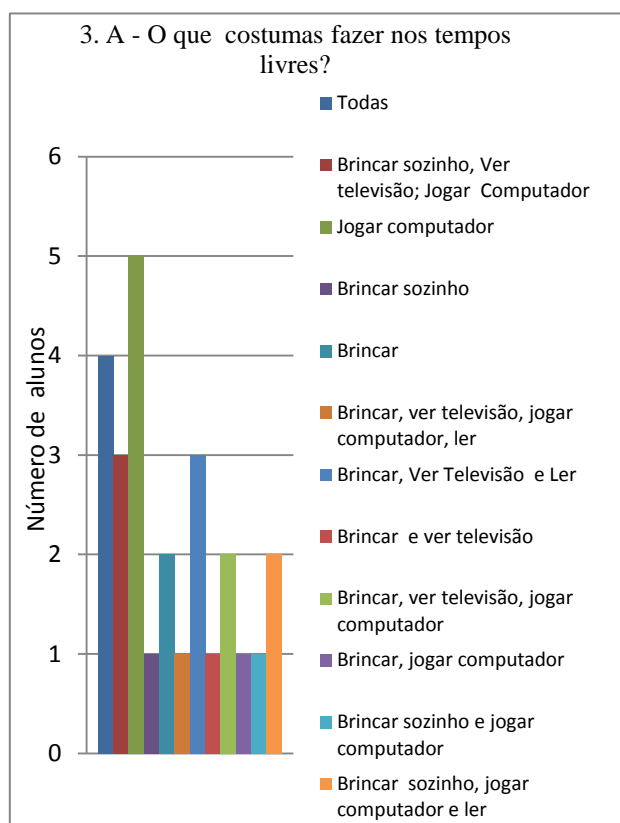
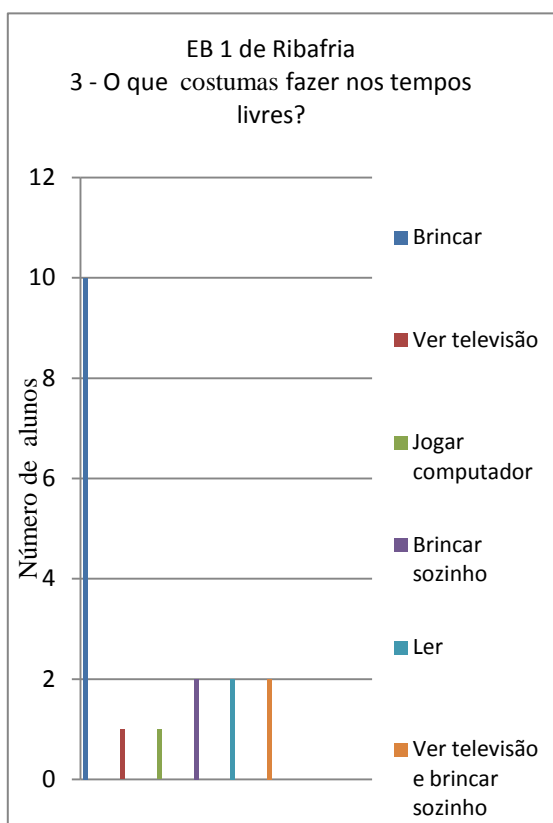
Este questionário foi realizado a 18 alunos da EB1 de Ribafria e 27 da EB1 de Bufarda dos 4 anos de escolaridade.



Em análise à primeira pergunta verificámos que as famílias da EB1 de Ribafria são famílias tradicionais, isto é, compostas por pai, mãe, irmãos e outros familiares, enquanto, na EB1 de Bufarda existem famílias monoparentais.

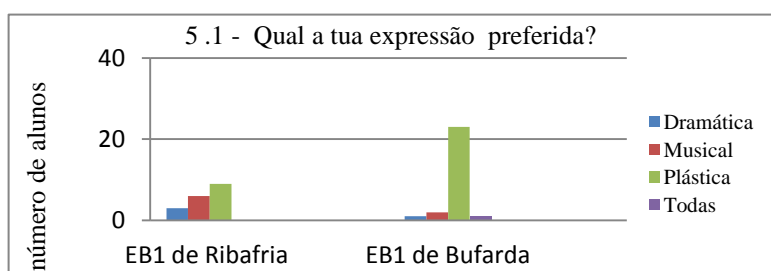
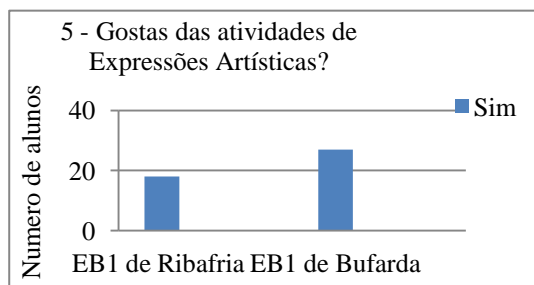
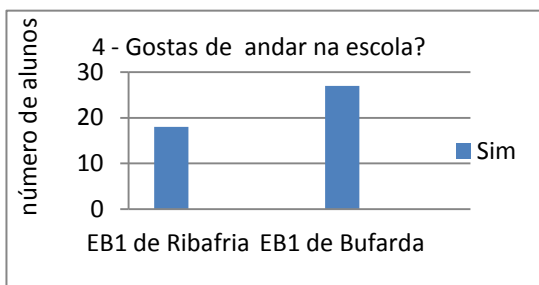


Podemos observar que a maior parte das crianças de ambas as instituições ficam em casa nos seus tempos livres. No entanto, no caso dos alunos da EB1 de Bufarda são 11 os que ficam em casa de familiares.

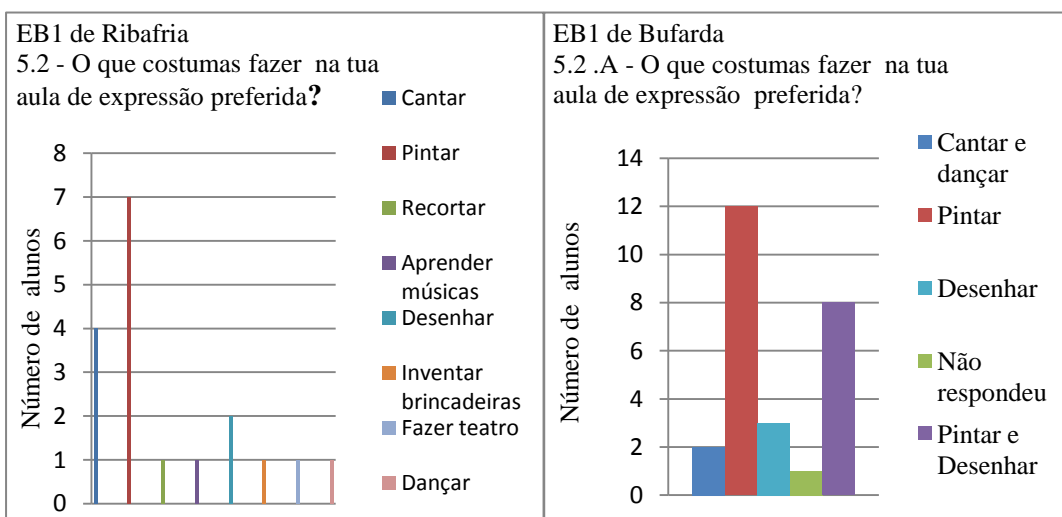


As crianças da Ribafria nos seus tempos livres têm por hábito brincar e as crianças da EB1 de Bufarda, para além de brincar, costumam jogar no computador. De salientar a importância da televisão como passatempo destes alunos, que para muitos autores é

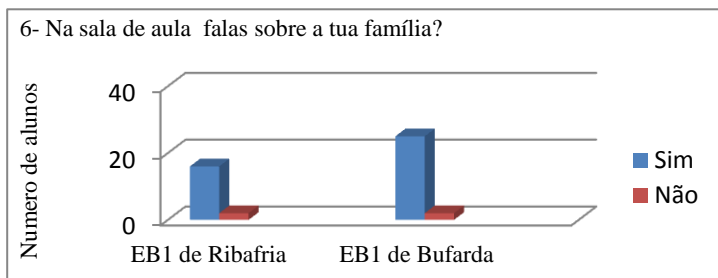
desaconselhável e também nós, enquanto educadores consideramos que os alunos não devem passar muito tempo a ver televisão.



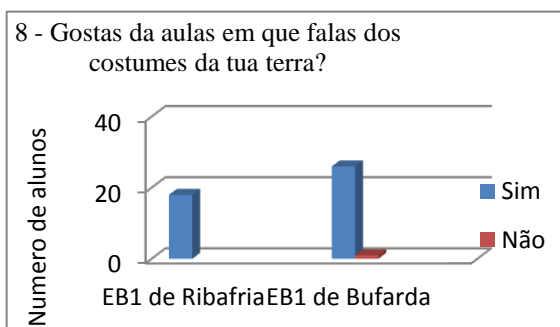
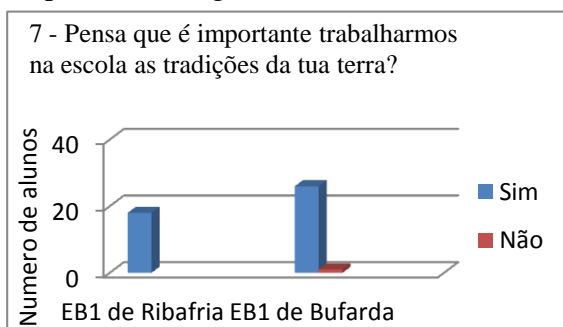
Tendo em conta a informação dos gráficos 4 e 5 verificamos que todos os alunos questionados da EB1 de Ribafria e da EB1 de Bufarda afirmaram gostar de andar na escola e das atividades de Expressão Artística, recaindo a preferência nas atividades de Expressão Plástica.



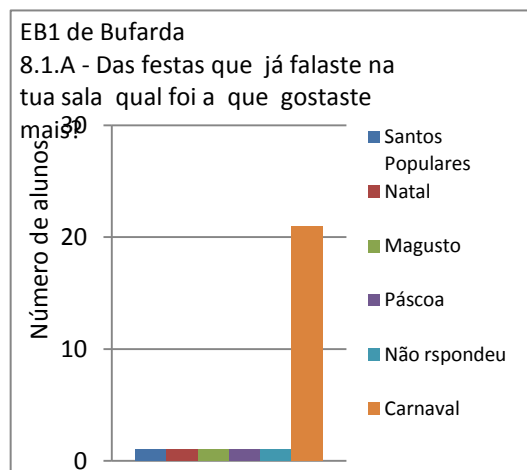
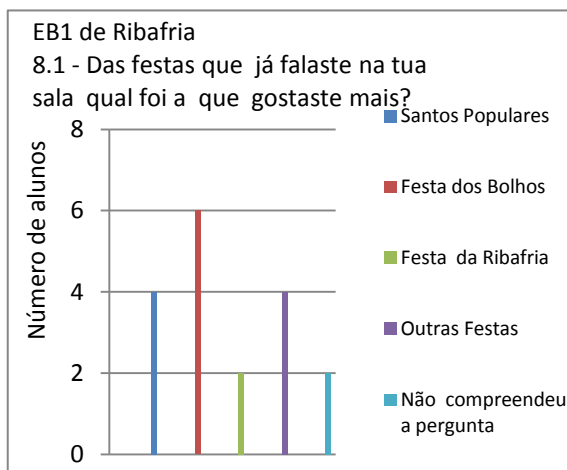
Dentro da expressão plástica quase todos escolheram a pintura, coincidindo esta resposta com a abordagem feita aos docentes do 1º ciclo, que também referiram trabalharem mais as atividades de expressão plástica. Para além da pintura os alunos salientaram também gostar de desenhar, de cantar, de música e dança.



Relativamente à relação com a família, podemos concluir que os alunos têm por hábito falar sobre a família na sala de aula, pois apenas dois alunos da cada instituição responderam negativamente.

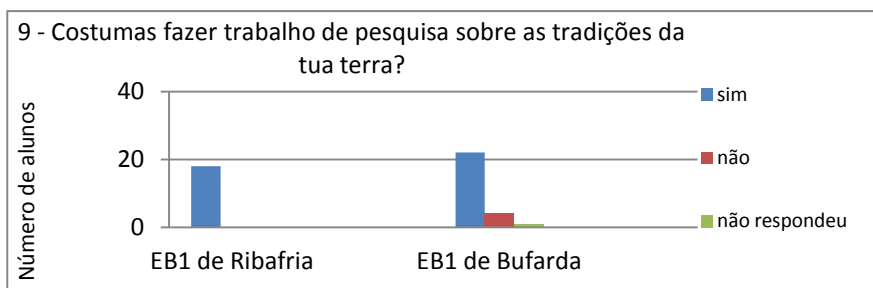


As crianças das duas instituições que foram questionadas acreditam ser importante trabalhar na escola as tradições da terra, à exceção de um aluno que não respondeu, todos dizem gostar dessas aulas.

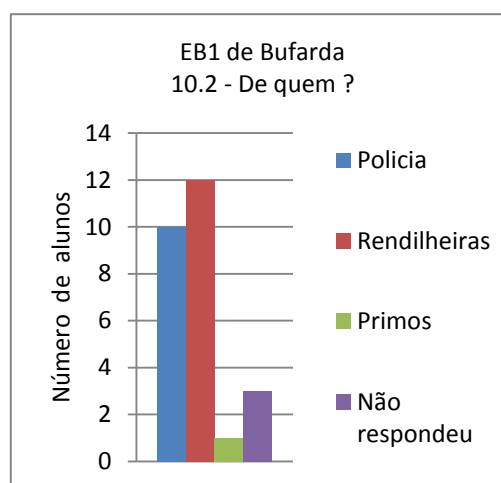
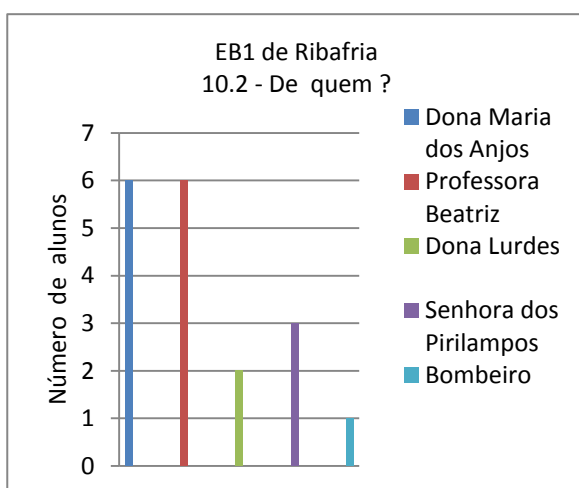
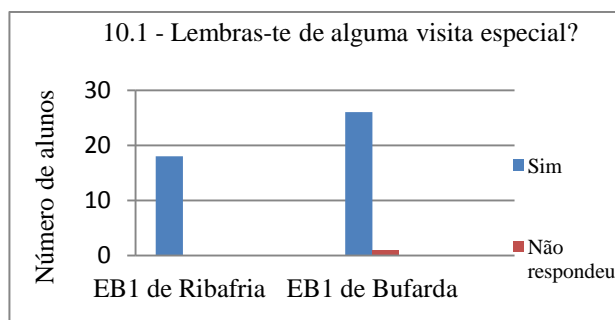
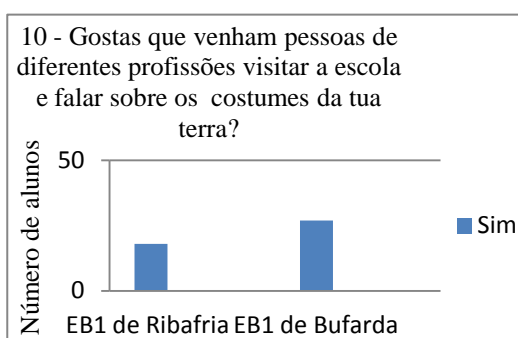


No que respeita às festas de que os alunos tinham falado na sala de aula, verificam-se algumas diferenças entre as duas instituições. Na EB1 de Ribafria as crianças referem-se às festas da aldeia, enquanto a maioria dos alunos da EB1 de Bufarda referem o Carnaval. Na EB1 de Ribafria os alunos gostaram mais de falar da festa dos Bolhos, seguida da festa dos Santos Populares, de outras festas e por último a festa de Ribafria. Os alunos da EB1 de Bufarda gostaram mais de falar do Carnaval, tendo sido atribuído ao Natal, ao Magusto, à Páscoa e aos Santos Populares com o

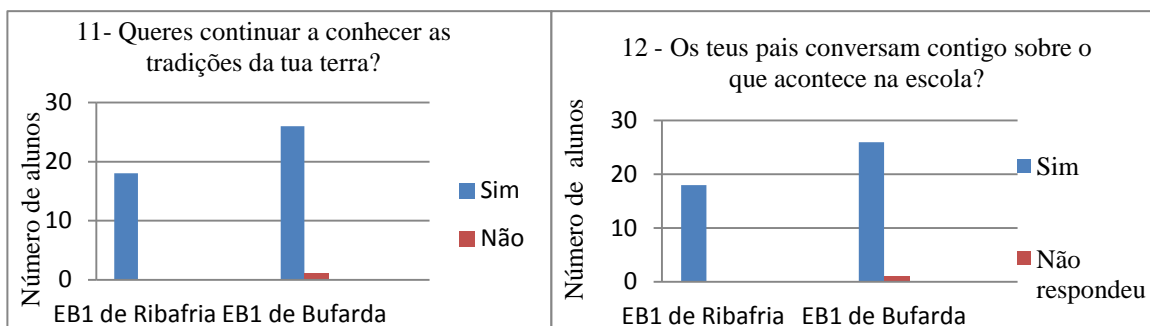
mesmo valor, o que significa gostos diferenciados. Estas diferenças podem-se justificar pela diversidade de atividades realizadas na sala de aula e por alguns dos alunos da EB1 de Ribafria residirem nos Bolhos o que pode de certa forma ter influenciado as suas opções.



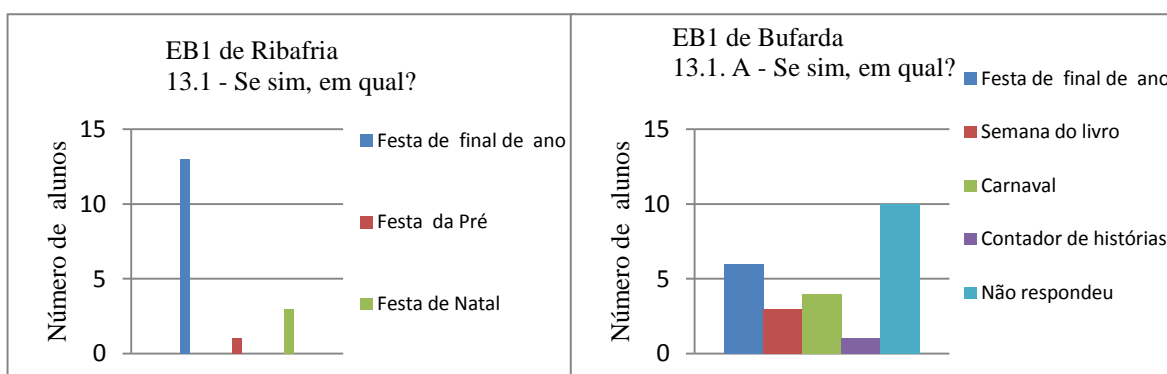
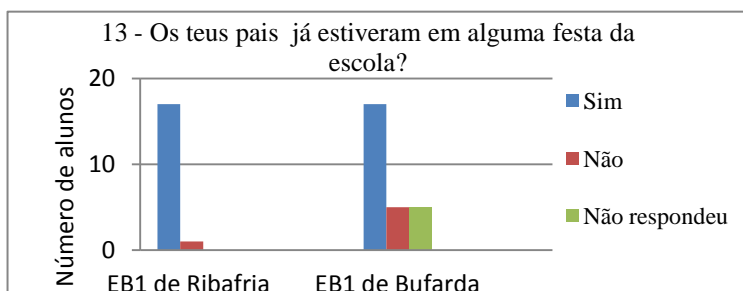
Em termos de realização de trabalhos de pesquisa podemos verificar que todos os alunos da EB1 da Ribafria fazem trabalhos de pesquisa sobre as tradições locais, e quatro alunos da EB1 de Bufarda não.



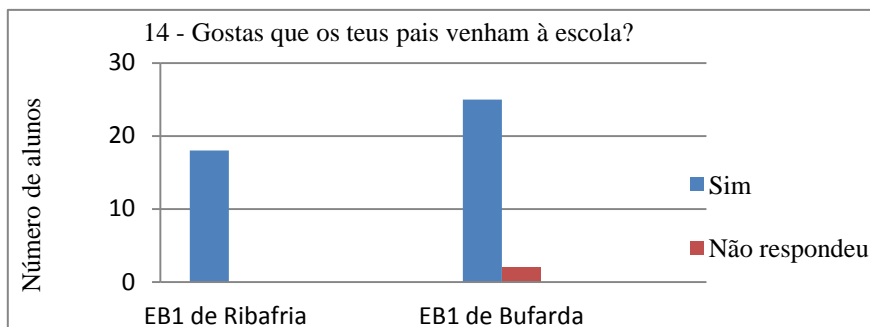
Em relação ao ponto 10 em que se abordou a visita de pessoas à escola, todos os alunos questionados gostaram de ter a presença de pessoas de diferentes profissões na sua sala para falarem dos costumes da terra. A Dona Maria dos Anjos, antiga coordenadora do Rancho Folclórico “As Lavadeiras dos Bolhos” e as Rendilheiras foram as pessoas de quem os alunos mais se lembravam.



No ponto 11, à exceção de um aluno, todos os outros demonstraram interesse em continuar a conhecer as tradições da terra. Na maior parte das vezes o estudo das tradições é realizado através das Expressões Artísticas, as atividades que os alunos preferem. De acordo com a resposta dos alunos, à exceção de três alunos da EB1 da Bufarda, todos os outros pais conversam com eles sobre o que acontece na escola, a maioria já esteve nas festas da escola, assumindo particular importância a festa de final de ano letivo.



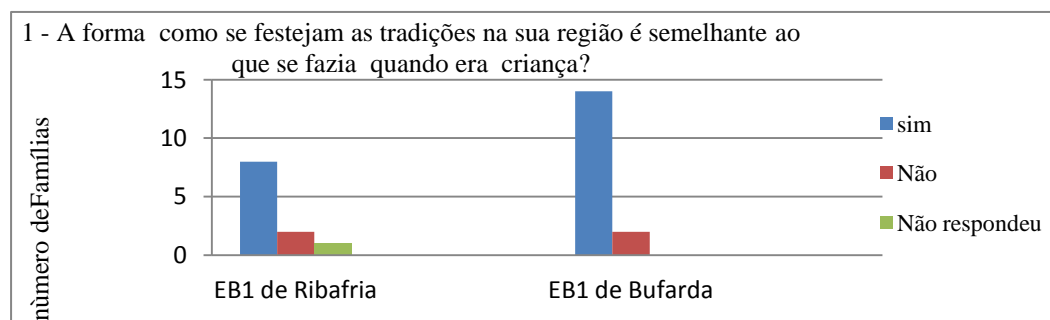
De referir que na EB1 de Ribafria a festa de Final de Ano Letivo é a mais importante, toda família e alguns elementos da comunidade participam na festa/almoço de fim de ano, onde são promovidas diversas atividades. Esta festa é sempre esperada com alguma ansiedade por parte dos alunos.

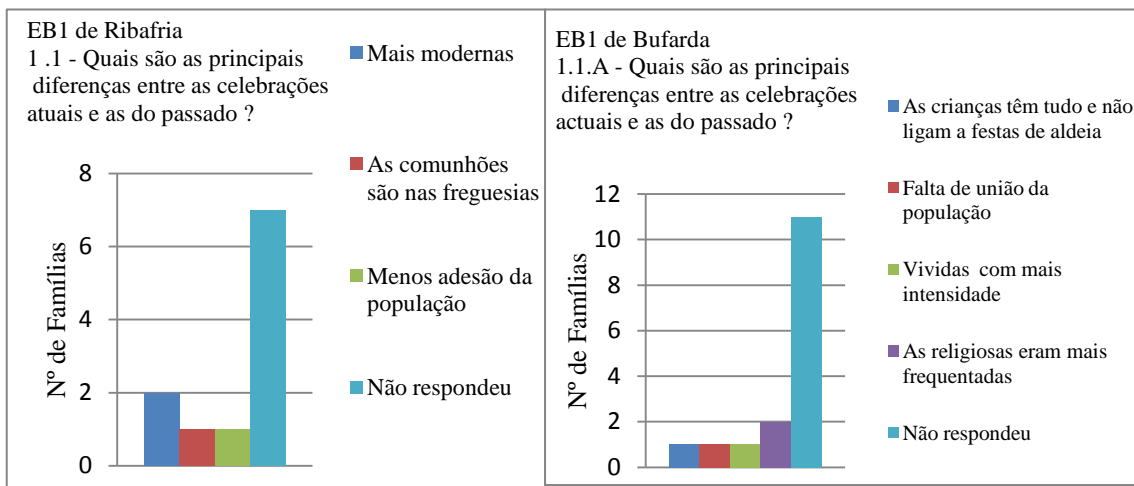


Quanto à última pergunta, podemos verificar que todos os alunos gostam de ter a presença dos pais na escola. Tendo estes, bem como a comunidade local o papel de funcionar como suporte e complemento dos esforços feitos pela escola na transmissão de conhecimentos e educação dos seus alunos.

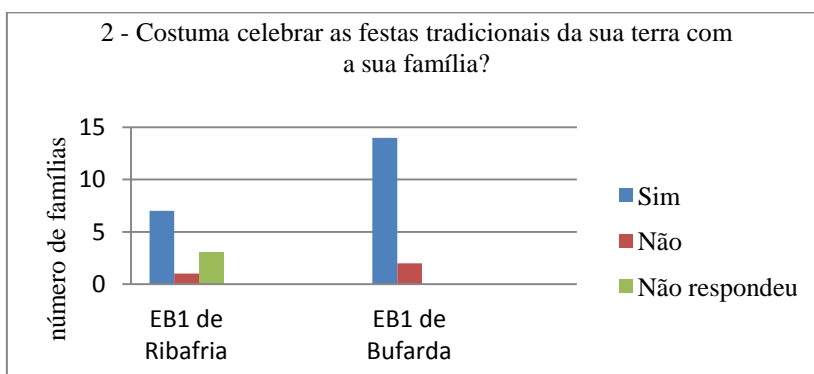
### 3.3.4 Questionário realizado a onze famílias da EB1 de Ribafria e dezasseis da EB1 de Bufarda

Analisando o ambiente social e cultural das famílias dos alunos da EB1 de Ribafria, podemos concluir que a maior parte dos encarregados de educação tem até ao 9º ano de escolaridade, é casada e tem entre um e três filhos encontrando-se pelo menos dois a frequentar a escola. Considerando um pouco do ambiente social e cultural das famílias a que os alunos da EB1 da Bufarda pertencem, podemos chegar à conclusão que a maior parte dos encarregados de educação tem até ao 12º ano de escolaridade, mais escolaridade do que os pais da EB1 de Ribafria, é casada e têm entre um e quatro filhos, mais um do que as famílias da EB1 de Ribafria, encontrando-se pelo menos dois a frequentar a escola.

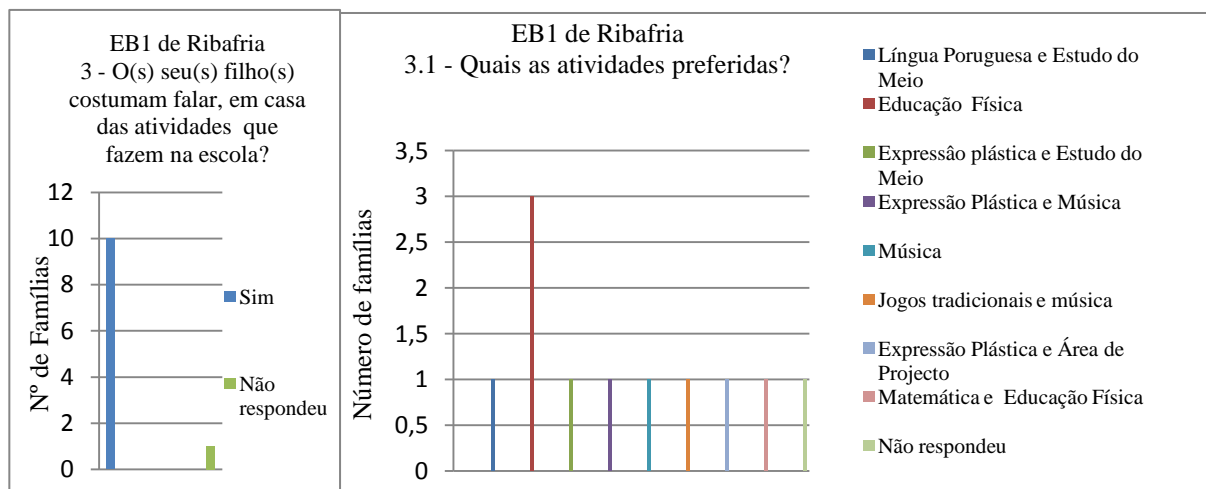


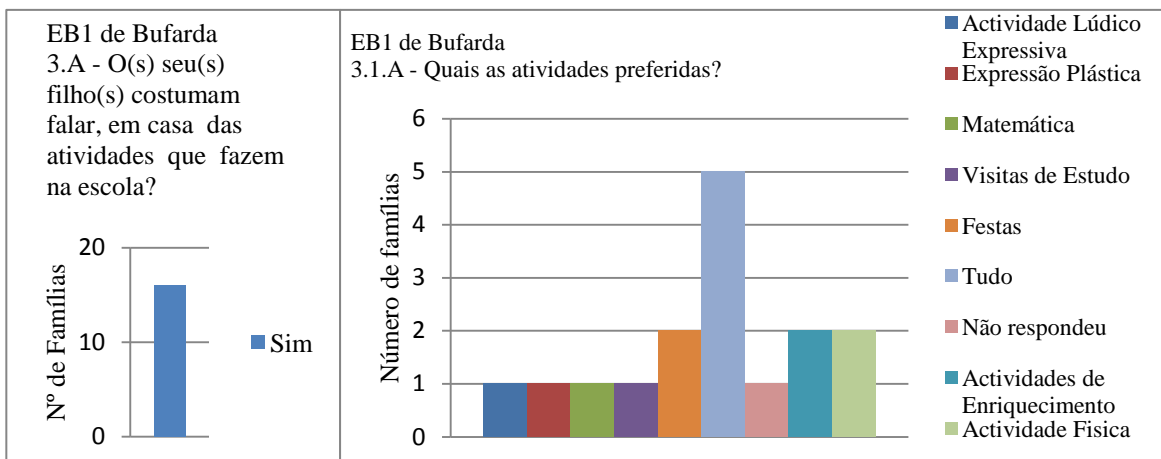


Tendo em conta as questões 1 e 2, das famílias questionadas, a maioria afirma que a forma como se festejam as tradições na sua região é semelhante ao que se fazia quando eram crianças. As famílias que discordam justificam-se referindo que as festas são mais modernas, algumas celebrações passaram para as freguesias e há menos adesão da população local.

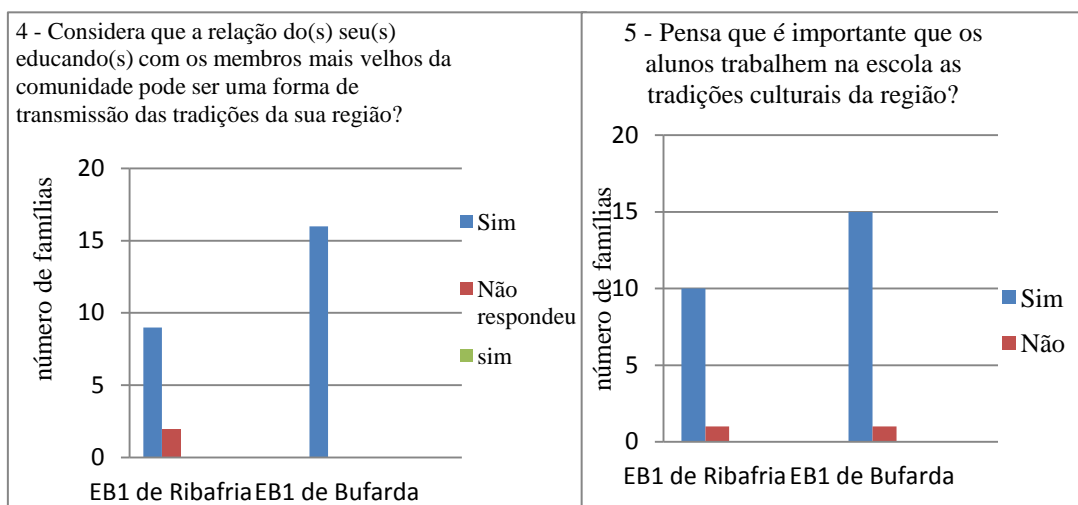


Também a maior parte destas famílias disse, ainda, que costuma celebrar as tradições locais.

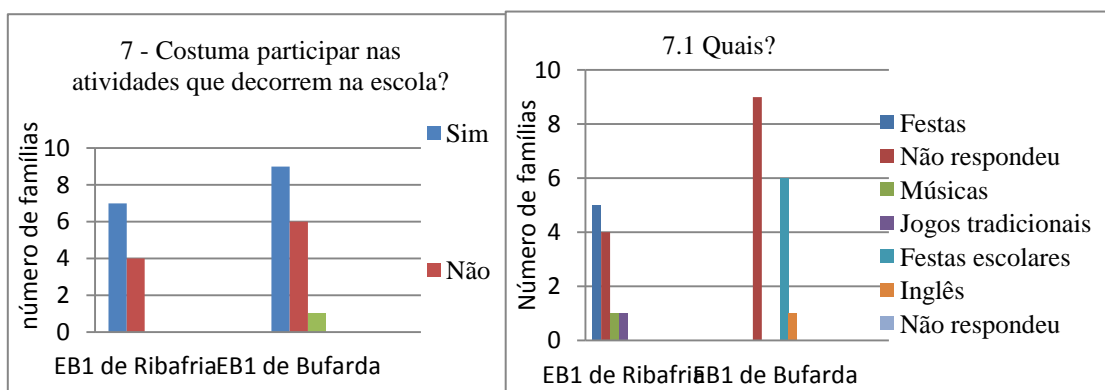
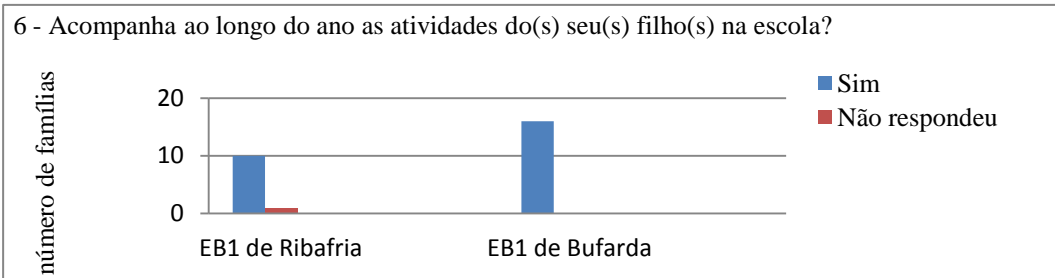




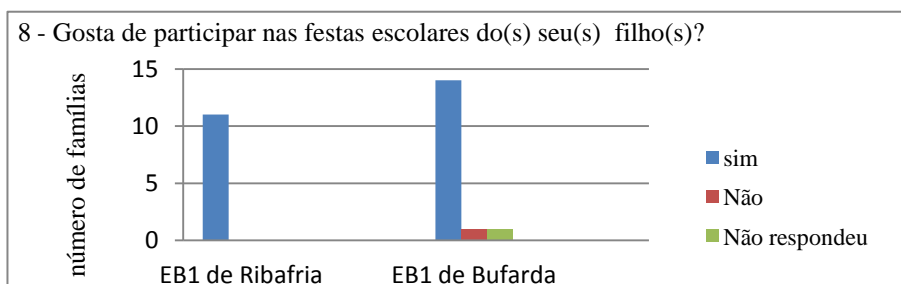
Em relação à questão 3 relacionada com o trabalho sala de aula a maioria dos pais refere que os filhos costumam falar em casa das atividades realizadas na escola, sendo as atividades de Educação Física as mais focadas na EB1 de Ribafria e as expressivas na EB1 da Bufarda. Esta resposta difere da que foi dada pelos alunos, nomeadamente os da EB1 de Ribafria que disseram ser a pintura a sua atividade de expressão preferida.



A análise dos quadros 4 e 5 indica que nas relações dos seus educandos com os membros mais velhos da comunidade, podemos referir que a maioria dos pais acredita que esta relação pode ser uma forma de transmissão das tradições da região e, à exceção de uma família em cada estabelecimento de ensino, todas as outras pensam ser importante trabalhar na escola as tradições culturais da região.



Relativamente à pergunta 6 e 7 sobre a participação dos pais nas atividades escolares, todas as famílias à exceção de uma dizem acompanhar as atividades dos seus filhos na escola. Mas apenas sete famílias da EB1 de Ribafria e nove da EB1 de Bufarda costumam participar nas atividades da escola, nomeadamente em festas.

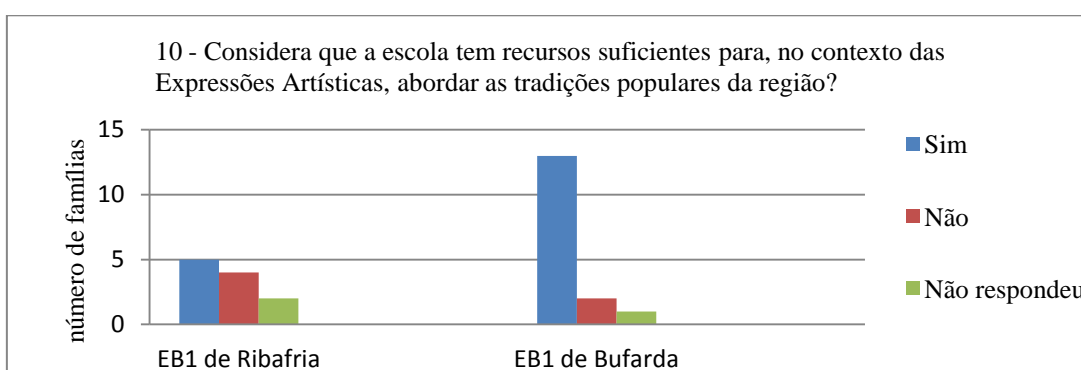


No que respeita à participação das famílias nas festas escolares dos seus filhos, à exceção de duas famílias da EB1 da Bufarda, todas as famílias afirmaram gostar de participar nas festas escolares dos seus filhos. Seis famílias da EB1 de Ribafria estariam dispostas a ir à escola contar uma história sobre as tradições locais, enquanto sete da Bufarda aceitariam a proposta. No entanto, devido à diferença do número de famílias,



na EB1 de Ribafria há mais respostas afirmativas e na EB1 da Bufarda há mais respostas negativas, conforme se pode constatar através do quadro 9.

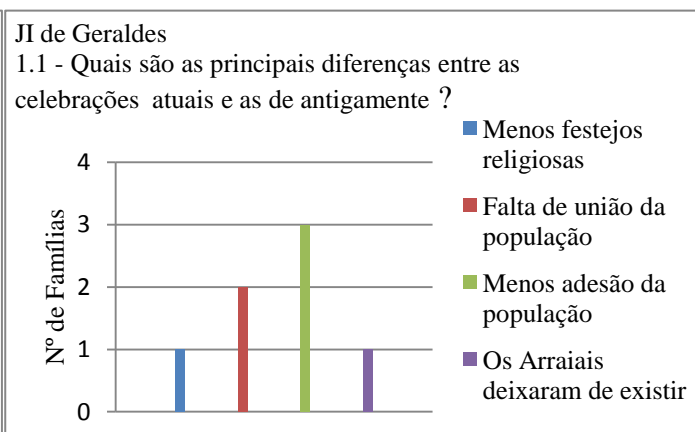
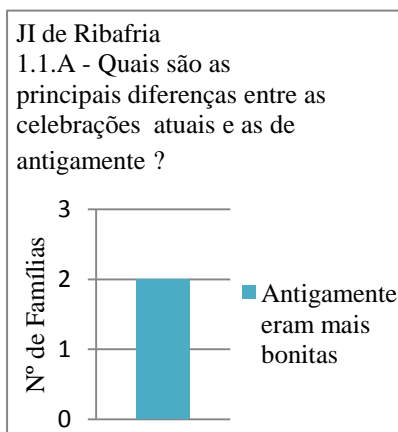
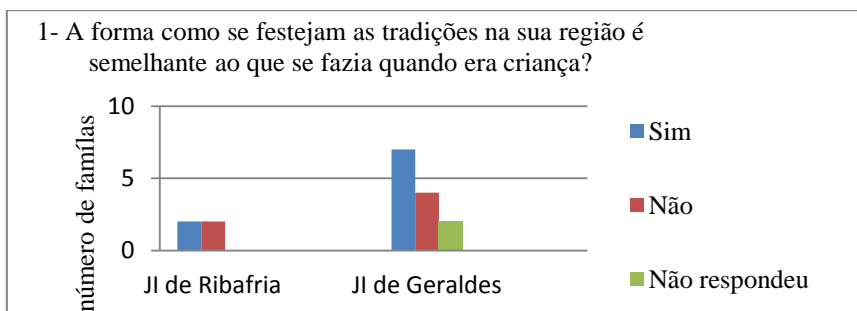
O envolvimento da família no processo de aprendizagem é cada vez mais importante. Torna-se necessário incentivar os pais para a participação ativa na vida escolar dos seus filhos. A escola deve fazer parte da rotina diária não só das crianças, mas também dos pais e como tal eles devem estar incluídos neste processo. A escola é apenas o prolongamento do lar, que permite um desenvolvimento diário saudável e completo da criança. Devendo existir uma inter-relação entre os pais e a escola, através da colaboração, de apresentação de sugestões, tomada de decisões e participação nas diversas atividades.



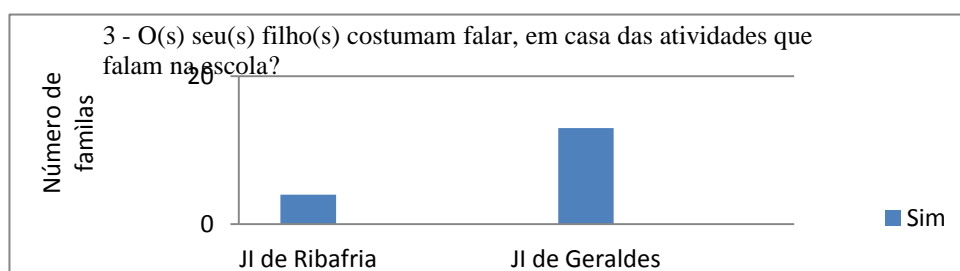
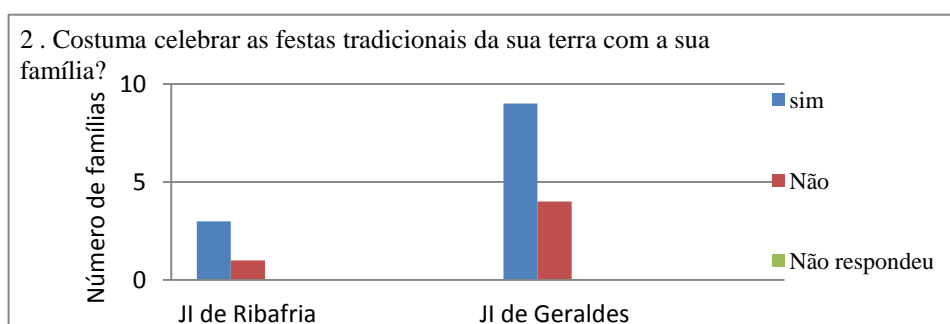
Cinco famílias da EB1 de Ribafria consideram que a escola tem recursos suficientes para, no contexto das Expressões Artísticas, abordar as tradições populares da região. No entanto, devemos ter em conta que quatro famílias consideram que a escola não tem recursos suficientes. Treze famílias da EB1 da Bufarda acham que a escola tem recursos suficientes para, no contexto das Expressões Artísticas, abordar as tradições populares da região, o que corresponde à maioria.

### 3.3.5 Questionário realizado a quatro famílias do Jardim de Infância de Ribafria e treze do Jardim de Infância de Geraldês

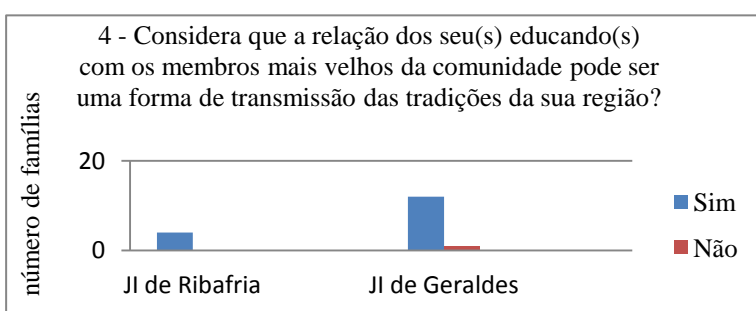
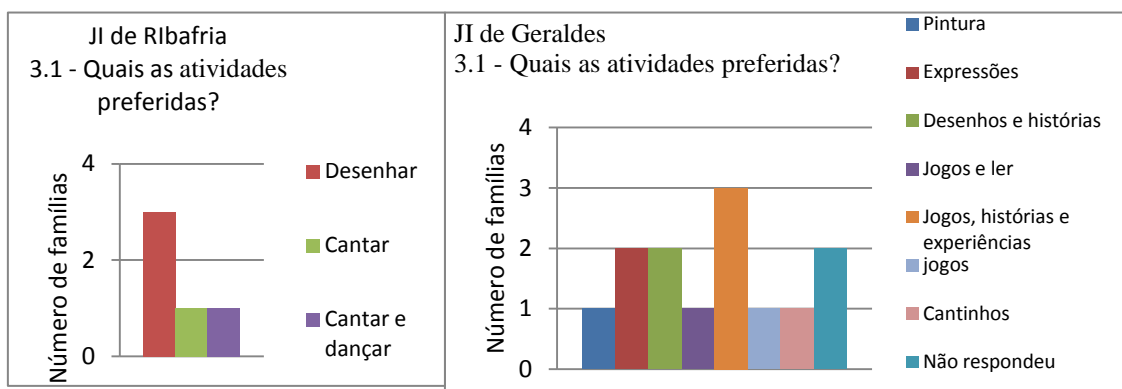
Na análise realizada aos questionários respondidos pelos Encarregados de Educação dos alunos que frequentam estes dois Jardins de Infância foi possível concluir que os do Jardim de Infância de Geraldês têm mais habilitações literárias do que os encarregados de educação de Ribafria. No primeiro caso a maioria é casada, sendo as famílias mais numerosas do que as do Jardim de Infância de Ribafria.



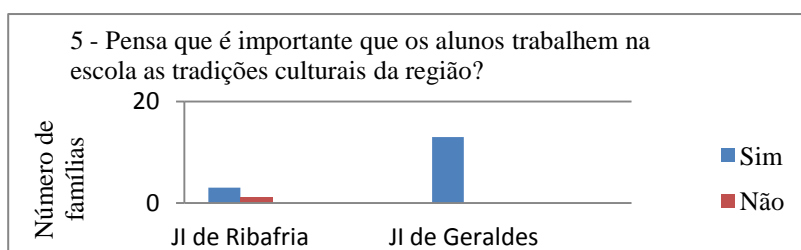
Relativamente à forma como se festejam as tradições na região, a maioria das famílias considera que as tradições se festejavam de forma diferente da atualidade. As famílias que afirmam haver diferenças entre as celebrações atuais e as de antigamente referem como principais causas a falta de adesão às mesmas, a falta de união da população e consequentemente, as festas serem mais bonitas antigamente. Contudo, podemos constatar que a maioria das famílias ainda tem o costume de celebrar as festas tradicionais da sua terra com a sua família.



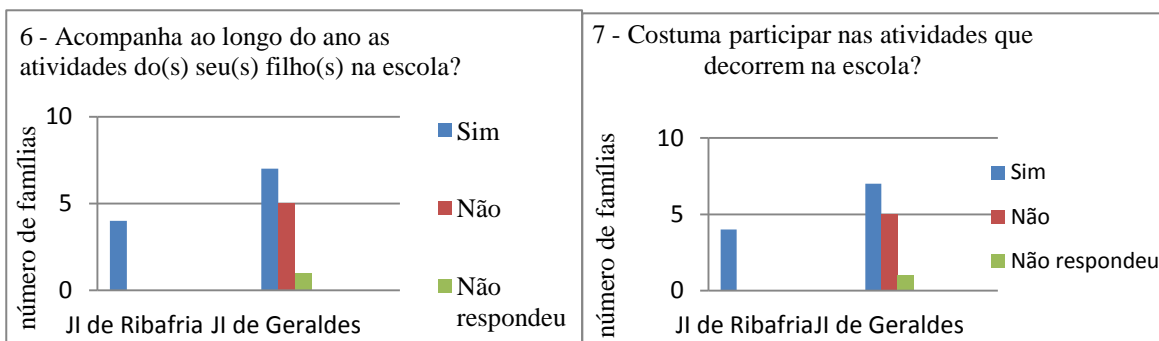
No que concerne ao trabalho realizado na escola, todos os pais afirmam que os seus educandos têm por hábito falar das atividades realizadas no Jardim de Infância, sendo as suas preferidas as atividades expressivas.



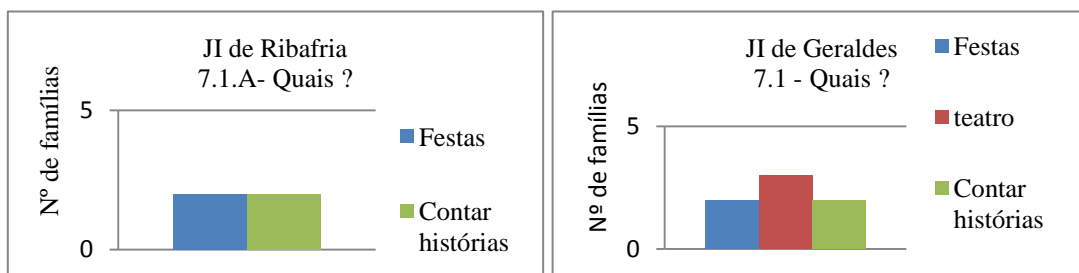
À exceção de uma família que não respondeu, todas as outras consideram que a relação dos seus educandos com os membros mais velhos da comunidade pode ser uma forma de se transmitirem as tradições da região.



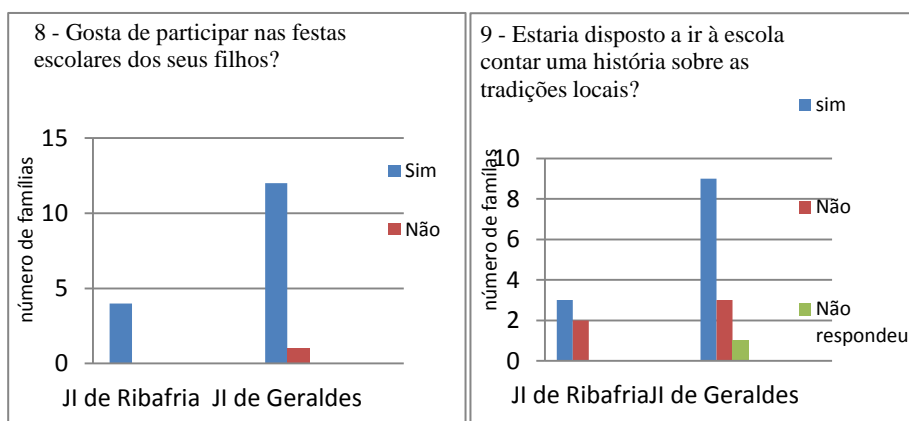
Na análise realizada ao quadro 5 constatamos que uma família do Jardim de Infância de Ribafria não considera importante que as tradições culturais sejam trabalhadas na escola.



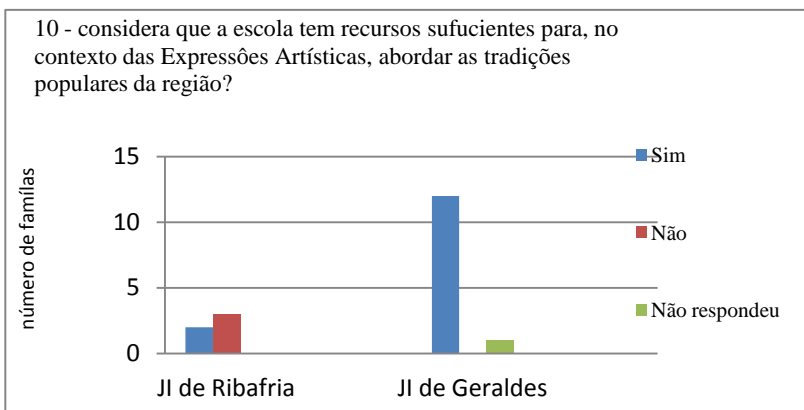
Relativamente à pergunta 6 e 7 sobre a participação dos pais nas atividades escolares todas as famílias do Jardim de Infância de Ribafria acompanham os seus filhos, ao longo do ano, nas atividades escolares e costumam participar nas atividades que decorrem na escola, enquanto, que no Jardim de Infância de Gerales sete famílias acompanham os seus filhos e costumam participar nas atividades que decorrem na escola.



As famílias participam nos teatros, a contar histórias e nas festas.



À exceção de uma família, todas as questionadas gostam de participar nas festas escolares e cerca de 75% estariam dispostas a ir à escola contar uma história sobre as tradições locais.



Na análise ao quadro 10 verificou-se uma contradição na opinião das famílias dos diferentes Jardins. Esta situação pode efetivamente dever-se às instalações e equipamento existente no espaço, dado que, Jardins de Infância do mesmo agrupamento, por vezes, têm diferenças em termos de espaço e equipamentos bastante visíveis, como podemos perceber no questionário realizado às educadoras destes jardins.

Os resultados destes questionários ajudaram-nos a compreender que as atividades de Expressão Artística são um importante recurso para a exploração das tradições locais na sala de aula e que tanto os docentes como os encarregados de educação estão conscientes da importância da transmissão das tradições locais e deste acontecimento ocorrer também em contexto escolar.

---

## CONCLUSÃO

No final do nosso estudo percebemos que ainda existe bastante trabalho a desenvolver no que respeita ao estudo das tradições culturais em contexto escolar. Uma vez que a escola, hoje em dia, engloba diversas culturas, é necessário direcionar as metodologias e práticas no sentido cultural, pois, segundo diversos autores referidos neste documento, o objetivo geral da educação é propiciar o desenvolvimento do ser humano em todas as suas dimensões. Atualmente, temos verificado que a educação do ser humano já começa a ser repensada não só para a aquisição de competências científicas, mas também vertente artística. No entanto, existe ainda muito pouco investimento para que essas áreas sejam valorizadas da mesma forma que as outras e para que as escolas do 1º ciclo fiquem devidamente apetrechadas de forma a se puderem realizar atividades neste âmbito. Os inquiridos deste estudo reconheceram as Expressões Artísticas como uma mais-valia no desenvolvimento de todas as áreas curriculares, como uma linguagem que proporciona a aquisição de outros saberes e como promotora de relações sociais e culturais. Assim, podemos referir que as Expressões Artísticas desenvolvidas no 1º ciclo são não só fundamentais na exploração de todos os conteúdos curriculares, como são também promotoras das tradições locais. A área das Expressões Artísticas é uma área por si só muito solicitada e preferida pelos alunos, sendo a expressão plástica a mais escolhida pelos alunos e a mais utilizada pelos professores.

Através da observação direta, podemos verificar que as estratégias utilizadas no ensino/aprendizagem nas Expressões Artísticas, na promoção de conceções e significações culturais são eficazes, pois todos os alunos se referem às tradições de uma forma positiva, não esquecendo os conteúdos trabalhados, nem as atividades realizadas com essa finalidade. Os pais têm conhecimentos do que é trabalhado no contexto de sala de aula através dos filhos pelo que contam em casa as experiências que vivem ou pelas atividades em que é solicitado o apoio da família, “obrigando-a” a não se demitir do seu papel enquanto educadora participante da vida escolar do seu educando. Através deste estudo, podemos verificar que o ensino de canções, as dramatizações, as diversas atividades de expressão plástica (desenho, pintura, modelagem, composições visuais) culinária e os jogos tradicionais, são usadas como estratégias para promover as tradições locais.

Concluimos ainda que a família é um importante elo entre este tipo de trabalho e a escola, bem como toda a comunidade local e que os pais estão conscientes da

---

importância deste tipo de atividades na preservação do nosso património quer material, quer imaterial. Torna-se pertinente referir também a importância e o envolvimento das comunidades locais neste tipo de atividades. Sempre que foi solicitada a ajuda de algum membro mais velho e “sabedor” da comunidade para falar sobre determinado assunto, houve desde logo uma aceitação e disponibilidade, sendo também uma forma destas pessoas se sentirem úteis. As crianças sentem-se felizes ao aprenderem com eles, da mesma forma que as crianças indígenas aprendem com os anciãos das tribos. Cabe-nos a nós, enquanto educadores utilizá-los como recursos e não os colocar de lado como um livro desatualizado.

A realização deste trabalho alcançou, em termos gerais, os objetivos a que nos propusemos, tendo em conta termos reconhecido a problemática subjacente ao tema do projeto, “ O papel das atividades de Expressão Artística na transmissão de tradições culturais no Agrupamento de Escolas de Atougua da Baleia ”, pois através deste estudo, conseguimos compreender a importância das atividades de Expressão Artística no desenvolvimento do indivíduo e o seu valor na transmissão de tradições culturais.

As atividades realizadas, ao longo do ano, em conjunto com a turma do período da tarde (3º e 4º anos) e com os alunos do Jardim de Infância foram importantes quer a nível cognitivo, quer a nível afetivo, pois promoveram momentos importantes de troca de conhecimentos e vivências e fomentaram o estreitamento de laços de amizade e companheirismo entre os alunos de diferentes faixas etárias.

Neste estudo houve duas limitações. A primeira deveu-se ao número de crianças matriculadas na EB1 de Ribafria ser muito reduzido, o que nos limitava a amostra. Daí termos ampliado o nosso campo de investigação a outras escolas do Agrupamento, nomeadamente EB1 de Bufarda e Jardim de Infância de Geraldês, por forma a obtermos uma amostra mais significativa e logo resultados mais válidos. A segunda, aos poucos recursos materiais, que nos obrigou por vezes a improvisar determinados instrumentos e a solicitar o apoio dos Encarregados de Educação para a realização de algumas atividades.

Como recomendações futuras alertamos para a pertinência da formação dos docentes dentro das diferentes áreas de Expressão Artística, pois cremos que só assim é possível dar uma resposta credível aos desafios colocados nestas áreas e orientar positivamente os alunos. Concluimos também que é aconselhável repensar o Currículo e reequacionar a carga horária dispensada a estas áreas que são, como referidas por diversos autores, de extrema importância para o desenvolvimento global do indivíduo.

Seria também essencial que todas as escolas estivessem bem equipadas no que respeita a recursos materiais e humanos que só iriam enriquecer uma boa prática pedagógica.

---

## Referências Bibliográficas

- AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ATOUGUIA DA BALEIA. (2011). *Identidade & desenvolvimento*. 2ªedição. Peniche: Agrupamento de Escolas de Atouguia da Baleia.
- BELL, J. (2004). *Como realizar um projeto de investigação*. 3ªedição. Lisboa: Gradiva.
- BERGER, Y. (1975). *Viver o seu corpo, Para uma pedagogia de movimento*. 2ªedição. Lisboa: Compendium.
- BERGER, P & LUCKMAN, T. (2010). *A Construção Social da Realidade – Um livro sobre a sociologia do conhecimento*. 3ª edição. Coleção Saber Mais. Lisboa: Dinalivro.
- BERNADI, B. (1974). *Introdução aos Estudos Etno-antropológicos*, Lisboa: Edições 70.
- BERTRAND, Y. (1991). *Teorias Contemporâneas da Educação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- BOGDAN, R., & BIKLEN, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Coleção Ciências da Educação. Porto: Porto Editora.
- BULHER, CH. (1962). *O indivíduo e a sua cultura, A psicologia na vida do nosso tempo*. 5ªedição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- BUJES E. SOMMER, L. (Orgs.) (2006). *Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens*. Canoas: Editora ULBRA.
- CABRAL, A. (1990). *Jogos Populares Portugueses*, Porto: Editorial Domingos Barreira.
- CABRAL, A. (1998). *Jogos Populares Portugueses de Jovens e Adultos*. 3ªedição. Lisboa: Notícias Editoriais.
- CARMO, H., & FERREIRA, M. (2008). *Metodologia da investigação. Guia para autoaprendizagem*. 2ª Edição. Lisboa: Universidade Aberta.
- CHATEAU, J. (1987). *O jogo e a criança*. 4ª edição. São Paulo: Summus editorial.
- DELORS, Jacques (1999). *Educação um tesouro a descobrir – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. 5ªedição. Porto. Edições ASA.

- 
- DEWEY, John. (1978) *Vida e Educação*. Trad. Anísio S. Teixeira. 10ª edição. São Paulo: Melhoramentos: Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar.
- DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. (2010). Porto: Porto Editora.
- DICIONÁRIO DE SINÓNIMOS E ANTÓNIMOS. (2006). Lisboa: Texto Editores.
- DIEZ, J (1991). *Família-escola uma relação vital*. Trad. Dulce de Sousa Salgado Vidigal Marinha. Coleção Crescer. 5ª edição. Porto: Porto Editora.
- DOMINGOS A, BARRADAS H, RAINHA H & NEVES I (1986). *A teoria de Bernstein em sociologia da Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- DUARTE, A. (1993). *Educação Patrimonial. Guia para professores, educadores e monitores de museus e tempos livres*. 1ª edição. Lisboa: Texto Editora.
- FAURE, L & GÉRARD, S. (1982). *Técnicas de Educação – O jogo dramático na escola primária*. Lisboa: Editorial Estampa.
- FORQUIN, J. C. (1993). *Escola e Cultura. As bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- FREIRE, P (1977). *Psicologia e Pedagogia, ação cultural para a libertação e outros escritos*. Página Editora.
- GLOTON, Robert (1997) *A Atividade Criadora na Criança*. Lisboa, Editorial: Estampa.
- LAPO, M. (2010). *Professores que marcam a diferença*. Alcochete: Editora Alfarroba.
- LÉVI-STRAUSS, C. (2010). *Raça e História*. 10ª edição. Lisboa: Editorial Presença.
- LIMA. MARTINEZ & FILHO. (1991). *Introdução à Antropologia Cultural*. 9ª edição Lisboa: Editorial Presença.
- LOUREIRO, J. (1990). *Á Procura de uma Pedagogia Humanista*. 1ª edição. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- MARQUES, R. (1991). *A escola e os pais como colaborar?* 1ª edição. Lisboa: Texto Editora.
- MARQUES, R. (2001a), *Saber Educar - Guia do professor*. Lisboa: Editorial Presença.
- MARQUES, R. (2001b). *Educar com os pais*. Lisboa: Editorial Presença.
- MARQUES, R. (2002). *Valores éticos e Cidadania na Escola*. 1ª edição. Lisboa: Editorial Presença.
- MARTINS, A. (2002). *Didática das expressões*. Lisboa: Universidade Aberta.
- MARTINS, O. (1991). *Escola de cidadãos*. Lisboa: Editorial Fragmentos
- MINISTÉRIO EDUCAÇÃO (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais*. Lisboa: ME. Departamento da Educação Básica.

- 
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2004). *Organização Curricular e Programas, Ensino Básico — 1º Ciclo*. 4ª Edição. Lisboa: ME Departamento da Educação Básica.
- MORIN, E. (2002). *Os Sete Saberes para a Educação do Futuro*. Horizontes pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.
- MOUTINHO, M. (1980). *Introdução à Etnologia*. Imprensa Universitária. Lisboa: Editorial Estampa.
- PACHECO, H. (1985). *Portugal património Cultural Popular; O ambiente dos homens*. Porto: Areal.
- PARAFITA, A (1999). *A Comunicação e a Literatura Popular*. Lisboa: Coleção Plátano Universitária.
- PATRICIO, M.F. (1997). *A escola Cultural e os Valores*. Porto: Porto Editora.
- PERRENOUD, P. (2002). *A escola e a aprendizagem da democracia*, 1ª edição, Porto: Asa.
- PORCHER, L. (1982). *Educação Artística, luxo ou necessidade?* 7ª edição. Brasil: Summus Editorial.
- POSTIC, M. (1990). *A Relação Pedagógica*. Coleção Psicopedagogia. Coimbra: Coimbra Editores.
- QUIVY, R.CAMPENHOUDT, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 5ª edição. Lisboa: Gradiva.
- RIBAS, T. (1982): *Danças Populares Portuguesas*, Biblioteca Breve, 1ª edição, Lisboa: Instituto da Cultura e Língua Portuguesa.
- READ, H. (1982). *Educação Pela arte*. Lisboa: Edições 70, Lda.
- REIS, R. (2003). *Educação Pela Arte*. Lisboa: Universidade Aberta.
- KISHIMOTO, T. (1994). *O Jogo e a Educação Infantil*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- SARAIVA (1993) *O que é a Cultura*. 1ª. Edição, Lisboa: Difusão Cultural.
- SAVIANI, D. (2007). *Educação do senso comum à consciência filosófica*. Edição revista. Campinas. SP: Autores Associados.
- SOUSA, A. (2003a). *Educação Pela Arte e Artes na Educação. Bases Psicopedagógicas*. 1º. Vol. Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.
- SOUSA, A. (2003b). *Educação Pela Arte e Artes na Educação. Drama e Dança*. 2º. Vol. Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.
- SOUSA, A. (2003c). *Educação Pela Arte e Artes na Educação. Música e Artes Plásticas*. 3º. Vol. Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.

- SPOLIN, V. (2000). *Improvisação para o teatro*. Coleção Estudos, nº. 62. Brasil: Editora Perspetiva S.A.
- STERN, A (1974). *Uma nova compreensão da arte infantil*. Biblioteca do Educador. Lisboa: Livros Horizonte.
- TELMO, I. (1989). *O Património e a Escola do Passado ao Futuro*. 2ª edição. Lisboa: Texto Editora.
- TEODORO, A. (1982). *O sistema Educativo Português, situação e perspetivas*. Biblioteca do Educador Profissional. Lisboa: Livros Horizonte.
- UNESCO, 1982, *Declaração do México, Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais*.
- VASCONCELOS, J. LEITE (1986): *Tradições Populares de Portugal*. 2.ª edição. Imprensa Nacional: Casa da Moeda.
- VÁRIOS. (2000). *Educação Pela Arte Estudos em homenagem ao Drº Arquimedes da Silva Santos*. Biblioteca do Educador. Lisboa: Livros Horizonte.
- VIEIRA, R. (1999). *Histórias de Vida e Identidades. Professores e Interculturalidade*. Porto: Edições Afrontamento.
- WONG, B. (2008), *A escola Ideal*. 1edição: Sebenta Editora.

### Fontes Eletrónicas

- ABEM- *Vivências e concepções de folclore e música folclórica: um survey com alunos de 9 a 11 anos do ensino fundamental*  
[www.abemeducacaomusical.org.br/.../revista11/revista11\\_artigo8.pdf](http://www.abemeducacaomusical.org.br/.../revista11/revista11_artigo8.pdf), consultado em 12/11/2011
- AGUILAR, L. *Expressão Dramática*, <http://www.luisaguilar.ca/exdra/exdra.htm>, consultado em 15/04/2012
- ALMEIDA, I. (2008): *O professor como construtor de mudança*.  
<http://2008isideias.blogspot.pt/2010/08/o-professor-como-construtor-de-mudanca.html>, consultado em 30/03/2012
- ALMEIDA, J, (2012): *Fundamentos sócio-filosóficos, Durkeim*.  
<http://prezi.com/d92vhvczssbc/fundamentos-socio-filosoficos/>, consultado em 30/04/2013
- ARAÚJO, A. *Infoescola, Navegando e Aprendendo*,

- <http://www.infoescola.com/folclore/cantigas-de-roda/>, consultado em 12 /04/2012
- ARAÚJO. M. GT 16 – Educação, Cultura e Sociedade *O VIGOR DAS TRADIÇÕES CULTURAIS DOS SERTÕES NA AÇÃO DE EDUCAR*, [www.ufpi.edu.br/](http://www.ufpi.edu.br/), [http://www.ufpi.edu.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2009/GT.16/03\\_Miguel%20Almir%20Lima%20de%20Ara%C3%BAjo.pdf](http://www.ufpi.edu.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2009/GT.16/03_Miguel%20Almir%20Lima%20de%20Ara%C3%BAjo.pdf), consultado em 30 /05/2012
- ARAÚJO, M: Congresso IBEROAMERICANO de Educación Metas 2021- un congreso para que pensemos entre todos la educación que queremos; Buenos Aires; República Argentina; septiembre de 2010\_ Educação Intercultural e Bilingue-tradição Cultural, diversidade e interculturalidade no educar; por uma pedagogia de Fuxico, Pág 7, [http://www.chubut.edu.ar/descargas/secundaria/congreso/INTERCULTURALBILINGUE/RLE2332\\_AlmirLima.pdf](http://www.chubut.edu.ar/descargas/secundaria/congreso/INTERCULTURALBILINGUE/RLE2332_AlmirLima.pdf), consultado em 2/02/2012
- ARENDDT, H. *Crise na Educação*  
<http://redesocial.unifreire.org/pedagogia-noturno/arquivos/hanna-arendt-a-crise-na-educacao.pdf>, consultado em 30/03/2012
- ARTIGONAL: *A Relação Família/Escola*  
<http://www.artigonal.com>educacao>ciencia-artigos/a-relacao-familiaescola-477589.html>, consultado em 30/03/2012
- AZAREDO, M. (2011) *8 motivos para seu filho estudar arte*  
<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/8-motivos-seu-filho-estudar-artes-634614.shtml>, consultado em 30/03/2012
- BARBOSA, ANA MAE. *Arte, Educação e Cultura*, [www.dc.mre.gov.br/imagens-e-textos/revista7-mat5.pdf/at.../filehttp://](http://www.dc.mre.gov.br/imagens-e-textos/revista7-mat5.pdf/at.../filehttp://), consultado em 12/01/2011
- BARRET, G. <http://www.giselebarret.com/>, consultado a 4/07/2013
- BERTAZZO, I. *A importância da dança na formação do cidadão*  
<http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/420100823115851A%20import%C3%A2ncia%20da%20dan%C3%A7a%20na%20forma%C3%A7%C3%A3o%20do%20cidad%C3%A3o.pdf>, consultado em 15/04/2012
- BIANCHI, R. Secretário Adjunto - Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, *Economia da Cultura ideias e Vivências*, 2009 [www.visionvox.com.br/biblioteca/e/economia-da-cultura.txt](http://www.visionvox.com.br/biblioteca/e/economia-da-cultura.txt), consultado em 12/03/2012

- 
- BRUNER, J. A Cultura Da Educação <http://www.qir.com.br/?p=2737>, consultado em 30/04/2012
- CÂMARA MUNICIPAL DE PENICHE. Amigos de Peniche em [http://www.cm-peniche.pt/\\_uploads/patrimonio/historiaamigospeniche.pdf](http://www.cm-peniche.pt/_uploads/patrimonio/historiaamigospeniche.pdf), consultado em 12/03/2011
- CARVALHO; R. Cultura global e contextos locais: a escola como instituição possuidora de cultura própria Direção Regional de Educação da Madeira, Portugal: Revista Iberoamericana de Educación em <http://www.rieoei.org/deloslectores/1434GilGomes.pdf>, consultado em 16/01/2012
- CLUBE DE JOVENS FOLCLORISTAS PORTUGUESES NAS COMUNIDADES. Breve descrição das danças tradicionais de Portugal e as suas histórias, <http://jovensfolclore.skyrock.com/344893878-Breve-descricao-das-dancas-tradicionais-de-Portugal-e-suas-historias.html>, consultado em 10/10/2011
- CONCEITO.DE: *Conceito de Família*. <http://conceito.de/familia>, consultado a 18/06/2011
- CORREA, L. A importância da família na aprendizagem do aluno. 2004, <http://www.leonildo.com/famila.htm>, consultado em 07/05/2012
- DELORS, J (1996). *Educação um tesouro a descobrir – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI* em <http://ftp.infoeuropa.eurocid.pt/database/000046001-000047000/000046258.pdf> 30 de abril 2012, consultado em 16/01/2012
- DURAND, J. *Patrimónios / patrimônios* <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5367/3/Patrimónios.pdf>, consultado em 07/05/2012
- FERNANDES, D. Notas sobre os Paradigmas de Investigação em Educação, <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/chagas/mi2/Fernandes.pdf>, consultado em 24/03/2011
- GARCIA, A. & HAAS, A. (2008). *Expressão Corporal - Aspetos Gerais*. Porto Alegre: Edipucrs. versão HTML. [books.google.pt/books?isbn=8574307955](http://books.google.pt/books?isbn=8574307955), consultado a 15/04/2012
- HARDMUSICA - Jornal de cultura e lazer [http://www.hardmusica.pt/noticia\\_detalhe.php?cd\\_noticia=6777#sthash.LjPg6ZoF.dpuf](http://www.hardmusica.pt/noticia_detalhe.php?cd_noticia=6777#sthash.LjPg6ZoF.dpuf), consultado 6/7/2013

- 
- JUNIOR, J.F. (2008). *Fundamentos Estéticos da Educação*. 10ª edição. Campinas. SP : Papyrus. versão HTML. [books.google.pt/books?isbn=8530800044](http://books.google.pt/books?isbn=8530800044), consultado a 15/04/2012
- MARQUES, R: A Pedagogia construtivista de Lev Vygotsky (1896-1934) [http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica\\_pedagogia/A%20Pedagogia%20construtivista%20de%20Lev%20Vygotsky.pdf](http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica_pedagogia/A%20Pedagogia%20construtivista%20de%20Lev%20Vygotsky.pdf) consultado em 25/02/2012
- MATOS, J.F. (2004), *Investigação-ação*. <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jmatos/mestrados/ucp/investigacao%20acao.pt>, consultado em 31/01/2010
- MELO, V. (2006). *Animação Cultural, conceitos e propostas*. Campinas. SP: Papyrus. versão HTML. [books.google.pt/books?isbn=8530808193](http://books.google.pt/books?isbn=8530808193), consultado a 15/04/2012
- MINISTÉRIO DA CULTURA. (2010). *A Educação Artística e a Formação de Públicos*, conferência promovida pelo Centro Nacional de Cultura e pelo Clube UNESCO, [http://www.mincultura.gov.pt/imprensa/intervencoes\\_mc/Pages/20101027\\_MC\\_Int\\_Conferencia.aspx](http://www.mincultura.gov.pt/imprensa/intervencoes_mc/Pages/20101027_MC_Int_Conferencia.aspx), consultado 16/01/2012
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E MINISTÉRIO DA CULTURA. *Relatório do Grupo de Trabalho Ministério Da Educação e Ministério Da Cultura*. Despacho Conjunto N.º 1062/2003 DR-II SÉRIE DE 27 DE novembro, abril de 2004 em [www.educacaoartistica.gov.pt/documentos/Rel\\_MEd\\_MC.pdf](http://www.educacaoartistica.gov.pt/documentos/Rel_MEd_MC.pdf), consultado em 17/05/2012
- NEWTON, D. Vigotski e o “Aprender a Aprender” Crítica às Apropriações Neoliberais e Pós-Modernas da Teoria Vigostskiana. <http://proletariosmarxistas.com/docs/Publicacoes%20diversas/Vigotski%20e%20o%20aprender%20a%20a%20prender.pdf>, consultado em 12/11/2011
- NOGUEIRA, C: Para uma teoria da adivinha tradicional portuguesa, p: 2 [http://195.23.38.178/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot\\_adivinhas\\_nogueira\\_a.pdf](http://195.23.38.178/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot_adivinhas_nogueira_a.pdf), consultado em 13 /05 /2012
- NUNES, CH, SILVA, J (2008): *As múltiplas linguagens e a apropriação do conhecimento pela educação infantil* <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1029>, consultado em 12/11/2011

- 
- OLIVEIRA, M. (2007). *Saber (e)Educar*, [http://www.cm-ovar.pt/www/Templates/GenericDetails.aspx?id\\_object=6488](http://www.cm-ovar.pt/www/Templates/GenericDetails.aspx?id_object=6488) de 10/04/2012, consultado em 15/04/2012
- OS FILOSÓFOS: <http://www.osfilosofos.blogspot.pt/2008/03/hannah-arendt-1906-1975.html>, consultado em 30/03/2012
- PÃO-POR-DEUS. <http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A3o-por-Deus>, consultado a 10/10/2011
- PARLAMENTO EUROPEU, COMISSÃO DA CULTURA E EDUCAÇÃO. *Relatório sobre os Estudos Artísticos na União Europeia*, de 24 de fevereiro de 2009 <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+REPORT+A6-2009-0093+0+DOC+XML+V0//PT>, consultado em 07/05/2012
- POMBO, O. *O insuportável brilho da escola* <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/investigacao/brilhoescola.pdf>, consultado em 30/03/2012
- PORTAL DE SÃO FRANCISCO. <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/>, consultado a 10/10/2011
- PROFBLOG. <http://www.profblog.org/2011/06/annah-arendt-escolaeautoridade-dos.html>, consultado em 30/03/2012
- REBOUL, O. *La Philosophie de l'éducation*, Paris: Puf, 1971, pp 11-32. Tradução para o português: Olga Pombo.2000. Disponível <http://www.Educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/cadernos/ensinar/reboul.pdf> >, consultado em 07/05/2012
- REIS,L. FERNANDES,M. ESPIGA DE ALMEIDA,R. PAULO,R . (2005).O folclore perto de nós, Revista do departamento de educação física e artística N° 6 <http://repositorio.ipcb.pt/handle/10400.11/374?mode=full>, consultado a 12/11/2011
- KISHIMOTO, T. (org) (2002). *Brincar e as suas Teorias*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning versão HTML. [books.google.pt/books?isbn=8522101558](http://books.google.pt/books?isbn=8522101558)
- UNESCO, 1982, *Declaração do México, Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais*. ICOMOS - Conselho Internacional de Monumentos e Sítios em <http://formacaompr.files.wordpress.com/2010/03/1982-declaracao-de-mexico.pdf>, consultado em 07/05/2012
- UNESCO, 1989, *Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a*

*Educação, a Ciência e a Cultura*, Paris em [http://cvc.instituto-camoes.pt/cpc2007/patrimonio/bloco2/recomendacao\\_%20sobre\\_a\\_salvaguada\\_da\\_cultura\\_tradicional.pdf](http://cvc.instituto-camoes.pt/cpc2007/patrimonio/bloco2/recomendacao_%20sobre_a_salvaguada_da_cultura_tradicional.pdf), consultado em 07/05/2012

SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO - *Resumo*, <http://www.prof2000.pt/users/lpitta/de-2/se-resumo.htm>, consultado a 07/05/2012

UNESCO, 2006, Roteiro para a Educação Artística Desenvolver as Capacidades Criativas para o Século XXI <http://www.clubeunescoedart.pt/files/livros/roteiro.pdf>, consultado em 07/05/2012

VISUALIDADES: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual / Faculdade de Artes Visuais / UFG. – Vol. 3 N.1 (2005). – Goiânia, [www.fav.ufg.br/culturavisual](http://www.fav.ufg.br/culturavisual), consultado em 12/03/2012

10 Modelos de Investigação-ação,- Investigação Ação- Metodologia preferencial nas práticas educativas, [http://faadsaze.com.sapo.pt/11\\_modelos.htm](http://faadsaze.com.sapo.pt/11_modelos.htm), consultado em 13/03/2012

### **Legislação Consultada**

Anexo do Decreto-Lei nº240/2001, Perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e dos professores dos ensinos básico e secundário, [http://www.dgicd.min-edu.pt/educacao infancia/.../educacao infancia/.../dl241\\_0...](http://www.dgicd.min-edu.pt/educacao infancia/.../educacao infancia/.../dl241_0...) consultado a 19/03/2012

Despacho nº 19575/2006 - Tempos mínimos de lecionação do programa do 1º Ciclo <http://www.dre.pt/pdf2sdip/2006/09/185000000/2001320013.pdf>, consultado a 19/03/2012

Lei n.º 46/86 - Lei de Bases do Sistema Educativo [www.gave.min-edu.pt/np3/31.html](http://www.gave.min-edu.pt/np3/31.html)

Lei de Bases da Educação Artística (Decreto-Lei nº 334/90), <http://www.legislacao.org/primeira-serie/decreto-lei-n-o344-90-educacao-ensino-artistica-area103856>, consultado a 19/03/2012

Lei n.º 139/2012 – Inspeção geral de Educação [http://www.ige.min-edu.pt/upload/Legisla%C3%A7%C3%A3o/Dec\\_Lei\\_139\\_2012.pdf](http://www.ige.min-edu.pt/upload/Legisla%C3%A7%C3%A3o/Dec_Lei_139_2012.pdf), consultado a 30/05/2012

## **ANEXOS**

2 — A educação pré-escolar, no seu aspecto formativo, é complementar e ou supletiva da acção educativa da família, com a qual estabelece estreita cooperação.

3 — A educação escolar compreende os ensinamentos básico, secundário e superior, integra modalidades especiais e inclui actividades de ocupação de tempos livres.

4 — A educação extra-escolar engloba actividades de alfabetização e de educação de base, de aperfeiçoamento e actualização cultural e científica e a iniciação, reconversão e aperfeiçoamento profissional e realiza-se num quadro aberto de iniciativas múltiplas, de natureza formal e não formal.

#### SECÇÃO I

##### Educação pré-escolar

#### Artigo 5.º

##### (Educação pré-escolar)

1 — São objectivos da educação pré-escolar:

- a) Estimular as capacidades de cada criança e favorecer a sua formação e o desenvolvimento equilibrado de todas as suas potencialidades;
- b) Contribuir para a estabilidade e segurança afectivas da criança;
- c) Favorecer a observação e a compreensão do meio natural e humano para melhor integração e participação da criança;
- d) Desenvolver a formação moral da criança e o sentido da responsabilidade, associado ao da liberdade;
- e) Fomentar a integração da criança em grupos sociais diversos, complementares da família, tendo em vista o desenvolvimento da socialidade;
- f) Desenvolver as capacidades de expressão e comunicação da criança, assim como a imaginação criativa, e estimular a actividade lúdica;
- g) Inculcar hábitos de higiene e de defesa da saúde pessoal e colectiva;
- h) Proceder à despistagem de inadaptações, deficiências ou precocidades e promover a melhor orientação e encaminhamento da criança.

2 — A prossecução dos objectivos enunciados far-se-á de acordo com conteúdos, métodos e técnicas apropriados, tendo em conta a articulação com o meio familiar.

3 — A educação pré-escolar destina-se às crianças com idades compreendidas entre os 3 anos e a idade de ingresso no ensino básico.

4 — Incumbe ao Estado assegurar a existência de uma rede de educação pré-escolar.

5 — A rede de educação pré-escolar é constituída por instituições próprias, de iniciativa do poder central, regional ou local e de outras entidades, colectivas ou individuais, designadamente associações de pais e de moradores, organizações cívicas e profissionais, organizações sindicais e de empresa e instituições de solidariedade social.

6 — O Estado deve apoiar as instituições de educação pré-escolar integradas na rede pública, subvencionando, pelo menos, uma parte dos seus custos de funcionamento.

7 — Ao ministério responsável pela coordenação da política educativa compete definir as normas gerais da educação pré-escolar, nomeadamente nos seus aspectos pedagógico e técnico, e apoiar e fiscalizar o seu cumprimento e aplicação.

8 — A frequência da educação pré-escolar é facultativa, no reconhecimento de que à família cabe um papel essencial no processo da educação pré-escolar.

#### SECÇÃO II

##### Educação escolar

##### SUBSECÇÃO I

##### Ensino básico

#### Artigo 6.º

##### (Universalidade)

1 — O ensino básico é universal, obrigatório e gratuito e tem a duração de nove anos.

2 — Ingressam no ensino básico as crianças que completarem 6 anos de idade até 15 de Setembro.

3 — As crianças que completarem os 6 anos de idade entre 16 de Setembro e 31 de Dezembro podem ingressar no ensino básico se tal for requerido pelo encarregado de educação, em termos a regulamentar.

4 — A obrigatoriedade de frequência do ensino básico termina aos 15 anos de idade.

5 — A gratuidade no ensino básico abrange propinas, taxas e emolumentos relacionados com a matrícula, frequência e certificação, podendo ainda os alunos dispor gratuitamente do uso de livros e material escolar, bem como de transporte, alimentação e alojamento, quando necessários.

#### Artigo 7.º

##### (Objectivos)

São objectivos do ensino básico:

- a) Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social;
- b) Assegurar que nesta formação sejam equilibradamente inter-relacionados o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano;
- c) Proporcionar o desenvolvimento físico e motor, valorizar as actividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detectando e estimulando aptidões nesses domínios;

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO****Decreto-Lei n.º 344/90**

de 2 de Novembro

A educação artística tem-se processado em Portugal, desde há várias décadas, de forma reconhecidamente insuficiente, incompatível com a situação vigente na maioria dos países europeus. A extrema complexidade intrínseca desta área da educação e a sua sempre problemática inserção e articulação no sistema geral de ensino, a par da natureza muito especializada deste domínio, que, além disso, exige sempre meios apropriados, particularmente ao nível das infra-estruturas e dos equipamentos, são alguns dos factores que explicam este estado de coisas.

Acresce que a margem de subjectividade inerente à apreciação das práticas artísticas não facilita uma visão desapaixonada dos problemas e das metodologias mais correctas e eficazes para os abordar e resolver. Não é por acaso que, nesta matéria, as polémicas e as divergências, se não mesmo oposições radicais de opinião, têm sido tão frequentes e parecem tão inconciliáveis.

Por outro lado, a progressiva democratização do ensino, o incremento da divulgação dos bens culturais e a proliferação e desenvolvimento das artes provocaram nos últimos anos uma verdadeira exploração das aptidões e das necessidades neste campo, em consonância com a multiplicação e diversificação de perspectivas para a actividade artística, seja em termos de criação, de interpretação, de produção, de difusão ou de fruição.

Criaram-se, assim, responsabilidades governativas prementes num vasto domínio que abarca desde a formação geral até à formação profissional especializada, tanto de artistas como de investigadores, implicando a concepção e a execução de uma política sistematizada de enquadramento, apoio, estímulo e inovação, bem como de desenvolvimento da investigação no domínio das ciências das artes e do estudo científico das diversas actividades artísticas.

Pelas razões referidas, a educação artística não mais se compadece com medidas pontuais ou remédios sectoriais: a sua resolução passa pela reestruturação global e completa de todo o sistema, iniciando-se por aí a construção gradual de um novo sistema articulado, que contemplará todas as modalidades consideradas neste domínio, a saber: música, dança, teatro, cinema, áudio-visual e artes plásticas.

Assim, a intervenção neste domínio começará ao nível de um diploma quadro que define apenas os grandes princípios, estruturas e linhas gerais que enformarão todo o sistema cuja implantação ora arranxa, remetendo-se para legislação subsequente o desenvolvimento do quadro geral respeitante a cada uma das áreas consideradas. Tal legislação organizar-se-á sob a forma de diplomas regulamentadores para cada área, que terão em atenção as respectivas especificidades e condicionantes próprias, algumas das quais implicarão porventura adaptações particulares de alguns aspectos do presente diploma.

O Governo tem consciência de que a educação artística é parte integrante e imprescindível da formação global e equilibrada da pessoa, independentemente do

destino profissional que venha a ter. A formação estética e a educação da sensibilidade assumem-se, por isso, como elevada prioridade da reforma educativa em curso e do vasto movimento de restituição à escola portuguesa de um rosto humano. Este diploma teve em conta o aproveitamento e maximização dos recursos já existentes e contempla, no cumprimento do preceituado na Lei de Bases do Sistema Educativo, a educação artística nas suas múltiplas vertentes: genérica, vocacional, em modalidades especiais e extra-escolar.

No longo processo de preparação do presente diploma verificou-se uma participação alargada dos sectores interessados, assim como a oportuna audição do Conselho Nacional de Educação.

Assim:

No desenvolvimento do regime jurídico estabelecido pela Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro, e nos termos da alínea c) do n.º 1 do artigo 201.º da Constituição, o Governo decreta o seguinte:

**CAPÍTULO I****Princípios gerais****Artigo 1.º****Âmbito**

1 — O presente diploma estabelece as bases gerais da organização da educação artística pré-escolar, escolar e extra-escolar, desenvolvendo os princípios contidos na Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro — Lei de Bases do Sistema Educativo.

2 — Entende-se por educação artística a que se refere, nomeadamente, às seguintes áreas:

- a) Música;
- b) Dança;
- c) Teatro;
- d) Cinema e áudio-visual;
- e) Artes plásticas.

**Artigo 2.º****Objectivos**

São objectivos da educação artística:

- a) Estimular e desenvolver as diferentes formas de comunicação e expressão artística, bem como a imaginação criativa, integrando-as de forma a assegurar um desenvolvimento sensorial, motor e afectivo equilibrado;
- b) Promover o conhecimento das diversas linguagens artísticas e proporcionar um conjunto variado de experiências nestas áreas, de modo a estender o âmbito da formação global;
- c) Educar a sensibilidade estética e desenvolver a capacidade crítica;
- d) Fomentar práticas artísticas individuais e de grupo, visando a compreensão das suas linguagens e o estímulo à criatividade, bem como o apoio à ocupação criativa de tempos livres com actividades de natureza artística;
- e) Detectar aptidões específicas em alguma área artística;

- f) Proporcionar formação artística especializada, a nível vocacional e profissional, destinada, designadamente, a executantes, criadores e profissionais dos ramos artísticos, por forma a permitir a obtenção de elevado nível técnico, artístico e cultural;
- g) Desenvolver o ensino e a investigação nas áreas das diferentes ciências das artes;
- h) Formar docentes para todos os ramos e graus do ensino artístico, bem como animadores culturais, críticos, gestores e promotores artísticos.

### Artigo 3.º

#### Educação artística genérica

A educação artística processa-se genericamente em todos os níveis de ensino como componente da formação geral dos alunos.

### Artigo 4.º

#### Vias de educação artística

1 — Para além da educação genérica, a educação artística processa-se ainda de acordo com as seguintes vias:

- a) Educação artística vocacional;
- b) Educação artística em modalidades especiais;
- c) Educação artística extra-escolar.

2 — A escolha das vias da educação artística deve obedecer à vontade e às capacidades dos alunos.

3 — As diferentes vias da educação artística podem, ainda que enquadradas em diferentes níveis de ensino, ser ministradas num mesmo estabelecimento de ensino, desde que este reúna os requisitos definidos no presente diploma e a rentabilização dos recursos existentes o aconselhe.

### Artigo 5.º

#### Especificidades curriculares

1 — Os currículos para cada uma das vias da educação artística devem considerar a possibilidade de reorientação dos alunos de uma via para outra, quando for esta a sua opção e a mesma se revele conveniente, atendendo ao imperativo da racionalização dos recursos.

2 — Os currículos referidos no número anterior devem ser concebidos de modo a poder integrar apoios e contribuições das novas técnicas e tecnologias, nomeadamente a informática.

### Artigo 6.º

#### Alunos excepcionalmente dotados

1 — Na organização dos currículos para a educação artística deve ser considerada a possibilidade de existência de alunos excepcionalmente dotados em determinada área artística, independentemente do aproveitamento na área da formação geral.

2 — Os docentes da educação pré-escolar e do ensino básico que detectarem em determinados alunos aptidões ou talentos específicos para uma determinada área artística devem dar conhecimento do facto aos seus superiores hierárquicos e aos pais ou encarregados de

educação dos alunos em causa, com vista ao encaminhamento destes para a via de educação artística que se revele mais adequada.

3 — Os alunos referidos no número anterior, quando sejam reconhecidamente precoces em determinada área artística e não detenham as habilitações académicas de ingresso no ensino superior, podem, a título excepcional, frequentar este nível de ensino.

4 — Aos alunos nas condições do número anterior é somente ministrada a formação prática e teórico-prática nas áreas artísticas em causa, sendo-lhes conferido o respectivo diploma académico ou profissional apenas quando concluíam a correspondente formação curricular completa, sem prejuízo da possibilidade de atribuição de certificado da formação prática para efeitos profissionais e de transferência ou prosseguimento de estudos.

5 — Aos alunos excepcionalmente dotados podem ser concedidas, por forma a promover o desenvolvimento das suas aptidões, as seguintes formas de apoio:

- a) Regime especial de emprego e de desempenho profissional;
- b) Regime especial no âmbito da função pública;
- c) Apoio financeiro à respectiva preparação, designadamente através de atribuições de bolsas de estudo;
- d) Reinserção profissional;
- e) Seguro escolar de natureza adequada à educação artística, vocacional ou profissional.

6 — Para efeitos de dispensa da prestação de serviço efectivo normal, correspondente à segunda fase das obrigações militares, pode o Ministro da Educação, reconhecendo o superior interesse nacional das actividades desenvolvidas pelos cidadãos considerados excepcionalmente dotados, propor ao Ministro da Defesa Nacional a referida dispensa.

## CAPÍTULO II

### Organização

#### SECÇÃO I

#### Educação artística genérica

### Artigo 7.º

#### Definição

Entende-se por educação artística genérica a que se destina a todos os cidadãos, independentemente das suas aptidões ou talentos específicos nalguma área, sendo considerada parte integrante indispensável da educação geral.

### Artigo 8.º

#### Estabelecimentos de educação ou ensino

A educação artística genérica ministra-se nos seguintes estabelecimentos de educação ou ensino:

- a) Na educação pré-escolar, em jardins-de-infância;
- b) Nos ensinos básico e secundário, em escolas de ensino regular;
- c) No ensino superior, em escolas superiores de ensino politécnico e em universidades.

## Artigo 9.º

## Currículos

1 — A educação artística genérica é ministrada quer como parte do currículo do ensino regular, quer a título de actividade de complemento curricular.

2 — Nos 1.º e 2.º ciclos do ensino básico, a educação artística genérica é parte integrante do currículo do ensino regular.

3 — No 3.º ciclo do ensino básico e no ensino secundário, a educação artística genérica pode revestir as seguintes formas:

- a) Disciplinas a escolher pelos alunos de entre as opções apresentadas pela escola;
- b) Actividades inseridas no âmbito da área da escola;
- c) Actividades organizadas em regime de frequência optativa, nomeadamente grupos corais, instrumentais, teatrais, de dança, de expressão plástica ou áudio-visual;
- d) Outras actividades de complemento curricular.

4 — Os currículos e actividades a que se referem os números anteriores devem proporcionar a detecção contínua de aptidões ou vocações específicas.

## Artigo 10.º

## Docentes

1 — Na educação artística pré-escolar, a sensibilização da criança para o ensino artístico é feita pelo respectivo educador de infância, sempre que possível com o apoio de professores especializados, em colaboração com os pais e encarregados de educação.

2 — No 1.º ciclo do ensino básico, a educação artística genérica é assegurada pelos docentes do ensino regular, procurando a colaboração dos pais e encarregados de educação.

3 — O disposto no número anterior não prejudica a existência de componentes reforçadas de educação artística, a ministrar por docentes especializados, nas escolas de ensino básico regular dotadas de condições para o efeito.

4 — Nos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico, a educação artística genérica é assegurada por docentes especializados, respectivamente por área e por disciplina.

5 — No ensino secundário e no ensino superior, a educação artística genérica é assegurada por docentes especializados.

## SECÇÃO II

## Educação artística vocacional

## Artigo 11.º

## Definição

Entende-se por educação artística vocacional a que consiste numa formação especializada, destinada a indivíduos com comprovadas aptidões ou talentos em alguma área artística específica.

## Artigo 12.º

## Estabelecimentos de ensino

1 — A educação artística vocacional é ministrada em escolas especializadas, públicas, particulares ou cooperativas, sem prejuízo do que dispõem os números seguintes.

2 — No 1.º ciclo do ensino básico, a educação artística vocacional pode, nas áreas da música e da dança, ser ministrada em estabelecimentos de ensino regular.

3 — Nos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico, e no ensino secundário, a educação artística vocacional pode ser ministrada, em áreas específicas, nos estabelecimentos de ensino regular que reúnam condições para o efeito, quando tal constitua adequada forma de satisfação das necessidades existentes.

4 — No ensino superior, a educação artística vocacional é ministrada em escolas superiores do ensino politécnico e em universidades.

## Artigo 13.º

## Currículos

1 — Nos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico, a educação artística vocacional constitui componente significativa de um currículo integrado, que inclui formação geral, a realizar na mesma escola ou, em regime articulado, em escolas diferentes.

2 — No ensino secundário, a educação artística vocacional constitui componente fundamental do respectivo currículo, que inclui também formação geral.

3 — A carga horária atribuída à educação artística vocacional nos currículos dos ensinos básico e secundário é definida, para cada uma das áreas artísticas, por portaria do Ministro da Educação.

4 — No ensino superior compete aos órgãos próprios de cada instituição definir e estruturar os currículos dos cursos de educação artística vocacional.

## Artigo 14.º

## Docentes

1 — A educação artística vocacional é assegurada por docentes especializados.

2 — No 1.º ciclo do ensino básico, e em relação às áreas da música e da dança, pode a respectiva docência ser assegurada por professores especializados que exerçam funções noutros estabelecimentos de ensino.

## Artigo 15.º

## Regimes de ingresso e progressão

1 — O ingresso na educação artística vocacional, bem como a transferência a partir de outras vias de ensino artístico, são garantidos aos candidatos que, cumulativamente:

- a) Se encontrem compreendidos nos limites etários que vierem a ser fixados para cada área artística e para cada nível de ensino;
- b) Revelem, através de provas específicas, aptidões e talentos adequados para a respectiva frequência.

---

## **Anexo 3 – Anexo do Decreto-Lei nº240/2001, de 20 de agosto de 2001**

### ANEXO

Perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e dos professores dos ensinos básico e secundário

#### I

##### Perfil geral de desempenho

O perfil geral de desempenho do educador de infância e dos professores dos ensinos básico e secundário enuncia referenciais comuns à actividade dos docentes de todos os níveis de ensino, evidenciando exigências para a organização dos projectos da respectiva formação e para o reconhecimento de habilitações profissionais docentes.

#### II

##### Dimensão profissional, social e ética

1. O professor promove aprendizagens curriculares, fundamentando a sua prática profissional num saber específico resultante da produção e uso de diversos saberes integrados em função das acções concretas da mesma prática, social e eticamente situada.
2. No âmbito do disposto no número anterior, o professor:
  - a) Assume-se como um profissional de educação, com a função específica de ensinar, pelo que recorre ao saber próprio da profissão, apoiado na investigação e na reflexão partilhada da prática educativa e enquadrado em orientações de política educativa para cuja definição contribui activamente;
  - b) Exerce a sua actividade profissional na escola, entendida como uma instituição educativa, à qual está socialmente cometida a responsabilidade específica de garantir a todos, numa perspectiva de escola inclusiva, um conjunto de aprendizagens de natureza diversa, designado por currículo, que, num dado momento e no quadro de uma construção social negociada e assumida como temporária, é reconhecido como necessidade e direito de todos para o seu desenvolvimento integral;
  - c) Fomenta o desenvolvimento da autonomia dos alunos e a sua plena inclusão na sociedade, tendo em conta o carácter complexo e diferenciado das aprendizagens escolares;
  - d) Promove a qualidade dos contextos de inserção do processo educativo, de modo a garantir o bem-estar dos alunos e o desenvolvimento de todas as componentes da sua identidade individual e cultural;
  - e) Identifica ponderadamente e respeita as diferenças culturais e pessoais dos alunos e demais membros da comunidade educativa, valorizando os diferentes saberes e culturas e combatendo processos de exclusão e discriminação;
  - f) Manifesta capacidade relacional e de comunicação, bem como equilíbrio emocional, nas várias circunstâncias da sua actividade profissional;
  - g) Assume a dimensão cívica e formativa das suas funções, com as inerentes exigências éticas e deontológicas que lhe estão associadas.

## III

## Dimensão de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem

1. O professor promove aprendizagens no âmbito de um currículo, no quadro de uma relação pedagógica de qualidade, integrando, com critérios de rigor científico e metodológico, conhecimentos das áreas que o fundamentam.
2. No âmbito do disposto no número anterior, o professor:
  - a) Promove aprendizagens significativas no âmbito dos objectivos do projecto curricular de turma, desenvolvendo as competências essenciais e estruturantes que o integram;
  - b) Utiliza, de forma integrada, saberes próprios da sua especialidade e saberes transversais e multidisciplinares adequados ao respectivo nível e ciclo de ensino;
  - c) Organiza o ensino e promove, individualmente ou em equipa, as aprendizagens no quadro dos paradigmas epistemológicos das áreas do conhecimento e de opções pedagógicas e didácticas fundamentadas, recorrendo à actividade experimental sempre que esta se revele pertinente;
  - d) Utiliza correctamente a língua portuguesa, nas suas vertentes escrita e oral, constituindo essa correcta utilização objectivo da sua acção formativa;
  - e) Utiliza, em função das diferentes situações, e incorpora adequadamente nas actividades de aprendizagem linguagens diversas e suportes variados, nomeadamente as tecnologias de informação e comunicação, promovendo a aquisição de competências básicas neste último domínio;
  - f) Promove a aprendizagem sistemática dos processos de trabalho intelectual e das formas de o organizar e comunicar, bem como o envolvimento activo dos alunos nos processos de aprendizagem e na gestão do currículo;
  - g) Desenvolve estratégias pedagógicas diferenciadas, conducentes ao sucesso e realização de cada aluno no quadro sócio-cultural da diversidade das sociedades e da heterogeneidade dos sujeitos, mobilizando valores, saberes, experiências e outras componentes dos contextos e percursos pessoais, culturais e sociais dos alunos;
  - h) Assegura a realização de actividades educativas de apoio aos alunos e coopera na detecção e acompanhamento de crianças ou jovens com necessidades educativas especiais;
  - i) Incentiva a construção participada de regras de convivência democrática e gere, com segurança e flexibilidade, situações problemáticas e conflitos interpessoais de natureza diversa;
  - j) Utiliza a avaliação, nas suas diferentes modalidades e áreas de aplicação, como elemento regulador e promotor da qualidade do ensino, da aprendizagem e da sua própria formação.

## IV

## Dimensão de participação na escola e de relação com a comunidade

1. O professor exerce a sua actividade profissional, de uma forma integrada, no âmbito das diferentes dimensões da escola como instituição educativa e no contexto da comunidade em que esta se insere.
2. No âmbito do disposto no número anterior, o professor:

- 
- a) Perspectiva a escola e a comunidade como espaços de educação inclusiva e de intervenção social, no quadro de uma formação integral dos alunos para a cidadania democrática;
  - b) Participa na construção, desenvolvimento e avaliação do projecto educativo da escola e dos respectivos projectos curriculares, bem como nas actividades de administração e gestão da escola, atendendo à articulação entre os vários níveis e ciclos de ensino;
  - c) Integra no projecto curricular saberes e práticas sociais da comunidade, conferindo-lhes relevância educativa;
  - d) Colabora com todos os intervenientes no processo educativo, favorecendo a criação e o desenvolvimento de relações de respeito mútuo entre docentes, alunos, encarregados de educação e pessoal não docente, bem como com outras instituições da comunidade;
  - e) Promove interacções com as famílias, nomeadamente no âmbito dos projectos de vida e de formação dos seus alunos;
  - f) Valoriza a escola enquanto pólo de desenvolvimento social e cultural, cooperando com outras instituições da comunidade e participando nos seus projectos;
  - g) Cooperava na elaboração e realização de estudos e de projectos de intervenção integrados na escola e no seu contexto.

## V

### Dimensão de desenvolvimento profissional ao longo da vida

1. O professor incorpora a sua formação como elemento constitutivo da prática profissional, construindo-a a partir das necessidades e realizações que consciencializa, mediante a análise problematizada da sua prática pedagógica, a reflexão fundamentada sobre a construção da profissão e o recurso à investigação, em cooperação com outros profissionais.
2. No âmbito do disposto no número anterior, o professor:
  - a) Reflecte sobre as suas práticas, apoiando-se na experiência, na investigação e em outros recursos importantes para a avaliação do seu desenvolvimento profissional, nomeadamente no seu próprio projecto de formação;
  - b) Reflecte sobre aspectos éticos e deontológicos inerentes à profissão, avaliando os efeitos das decisões tomadas;
  - c) Perspectiva o trabalho de equipa como factor de enriquecimento da sua formação e da actividade profissional, privilegiando a partilha de saberes e de experiências;
  - d) Desenvolve competências pessoais, sociais e profissionais, numa perspectiva de formação ao longo da vida, considerando as diversidades e semelhanças das realidades nacionais e internacionais, nomeadamente na União Europeia;
  - e) Participa em projectos de investigação relacionados com o ensino, a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos.

---

#### **Anexo 4 - Pedido de autorização para a aplicação de inquéritos**

Exmº Senhor  
Director do Agrupamento de  
Escolas de Atouguia da Baleia

Assunto: Pedido de autorização para aplicação de inquéritos.

Eu, Ana Isabel Machado Fortunato, docente do Quadro de Agrupamento do Agrupamento de Escolas da Atouguia da Baleia, docente na EB1/ JI de Ribafria e aluna do Mestrado em Arte e Educação da Universidade Aberta, venho por este meio solicitar junto de Vª Exª autorização para a aplicação de questionário aos alunos 1ºciclo da EB1 de Ribafria e Bufarda, aos Educadores do JI de Ribafria de e Geraldês e aos Encarregados de Educação dos alunos da EB1/JI de Ribafria e Bufarda e JI de Geraldês e professores do 1ºciclo e Educadores deste Agrupamento.

Enquanto mestranda estou a preparar uma dissertação de mestrado intitulada "O papel das atividades de Expressão Artística na transmissão das tradições culturais no Agrupamento de Escolas de Atouguia da Baleia" e neste trabalho de investigação é imprescindível a aplicação no terreno de um questionário aos alunos, professores, educadores e pais.

Agradeço a atenção dispensada ao meu pedido e envio-lhe os melhores cumprimentos.

Peniche, 24 de Maio de 2011

A Docente  
Ana Fortunato

---

**Anexo 5 – Pedido de colaboração aos docentes****Exmo.(a) Colega**

Ana Isabel Machado Fortunato, docente do Quadro de Agrupamento do Agrupamento de Escolas da Atouguia da Baleia, docente na EB1/ JI de Ribafria e aluna do Mestrado em Arte e Educação da Universidade Aberta, vem, por este meio, solicitar a colaboração no preenchimento de um questionário.

Enquanto mestranda estou a preparar uma dissertação de mestrado intitulada "O papel das atividades de Expressão Artística na transmissão das tradições culturais no Agrupamento de Escolas de Atouguia da Baleia" e neste trabalho de investigação é imprescindível a aplicação no terreno de um questionário aos docentes. Deste modo, venho solicitar a sua autorização para a aplicação do referido questionário.

Agradeço a atenção dispensada ao meu pedido.

Com os melhores cumprimentos.

Peniche, 11 de Maio de 2011

---

(Ana Isabel Machado Fortunato)

-----

Eu, \_\_\_\_\_ docente do Agrupamento de Escolas da Atouguia da Baleia da Escola/JI\_\_\_\_\_

Aceito  Não aceito  colaborar na aplicação do questionário solicitado pela colega, no âmbito do seu trabalho de investigação.

\_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011

A Docente

---

---

## **Anexo 6 – Questionário aos docentes do 1º ciclo**

Caro colega,

Venho, por este meio, comunicar que pretendo desenvolver um trabalho de investigação na EB1/JI de Ribafria e EB1/JI de Bufarda, relacionado com as tradições culturais locais e a forma como elas são abordadas ao nível das Expressões Artísticas. Para a realização deste projeto, preciso de recolher dados na minha sala de aula, bem como junto do colega, pelo que solicito a sua colaboração no preenchimento do questionário, em anexo, que tentei elaborar de uma forma acessível. Algumas questões exigem apenas a colocação de uma cruz e outras uma breve explicação.

Esta pesquisa tem a aprovação da Universidade Aberta e é desenvolvida no âmbito da minha dissertação de Mestrado intitulada "O papel das atividades de Expressão Artística na transmissão das tradições culturais no Agrupamento de Escolas de Atouguia da Baleia", sendo a informação recolhida tratada de forma confidencial.

Antes de devolver o questionário, agradeço que verifique se respondeu a todas as questões.

Grata pela sua colaboração.

Ana Isabel Machado Fortunato

---

Escola \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### **IDENTIFICAÇÃO**

1- Habilitações académicas: \_\_\_\_\_

2 - Situação profissional: \_\_\_\_\_

3 - Cargos/Funções que desempenha no presente ano letivo: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

4 - Número de anos em que exerce funções docentes nessa escola: \_\_\_\_\_

5 - Exerce funções docentes na localidade onde reside? Sim  Não

### **A ESCOLA E A COMUNIDADE**

6 - Como caracteriza a escola? (Em termos de espaço, comunidade escolar envolvente – professores, alunos e pais)? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

7 - A comunidade é participativa em relação à escola? Sim  Não

7.1- De que forma? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

8 - Que expectativas têm os pais e outros membros da comunidade em relação à escola?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

8.1- Como expressam essas expectativas? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

9 - Considera que a escola corresponde às expectativas da comunidade?

Sim  Não

10 - Pensa que a gestão da escola tem em conta as necessidades da mesma?

Sim  Não

---

**TRABALHO PEDAGÓGICO**

11 - Como professor(a) do 1º ciclo do Ensino Básico, o que pensa sobre o ensino das expressões artísticas no 1º ciclo? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

12 - Como é que o/a colega do 1º ciclo promove as tradições populares desta região?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

12.1- Dê um exemplo em que isso se verifique \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

13 - Tem por hábito recorrer a técnicas de expressão artística para promover as tradições desta região?

Sim  Não

13.1 - Qual das áreas costuma utilizar?

Plástica  Musical  Dramática

13.2 - Com que frequência?

Muitas vezes  Frequentemente  Algumas vezes  Raramente

14 - Que tipo de contributo poderá dar a área das expressões para promover as tradições populares da região junto dos alunos?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ ; \_\_\_\_\_

15 - Quais são os recursos que costuma usar, na sala de aula, para promover as tradições dos seus alunos?

\_\_\_\_\_

16 - Como professor(a) do 1º ciclo do Ensino Básico pode mencionar alguma diferença relativamente às atitudes e interesse por parte dos alunos nas diferentes áreas de expressão artística?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

17 - Na sua realidade escolar existem fatores impeditivos da realização de atividades de expressão artística?

---

Sim  Não

17.1 – Se sim, quais? \_\_\_\_\_

18 – Alguma vez os pais ou outros familiares referiram algum comentário da criança em casa, relativamente às atividades executadas, relacionadas com as tradições da região?

Sim  Não

19 - Os alunos costumam sugerir atividades que gostariam de fazer nas áreas de expressão artística?

Sim  Não

20 - Os seus alunos costumam sugerir trabalhos que se relacionem com as tradições da sua região? Sim  Não

20.1 – Se sim, quais? \_\_\_\_\_

21 - Os recursos de que dispõe permitem-lhe desenvolver trabalhos com a diversificação que gostaria?

Sim  Não

22 – Em relação a alguns anos atrás, considera que os alunos têm adquirido sentido criativo?

Sim  Não

22.1 - Enumere as razões porque isso acontece: \_\_\_\_\_

---

23 - Costuma incentivar o lado criativo dos alunos? Sim  Não

24 – Existem diferenças sociais entre os seus alunos? Sim  Não

## **OS PROJECTOS DA ESCOLA**

25 - Conhece o Projeto Educativo do Agrupamento?

Sim  Não

25.1 - Participou na produção deste documento? Sim  Não

---

25.2 - Durante a sua elaboração teve em conta as tradições da comunidade envolvente?

Sim  Não

26 - Conhece o Projeto Curricular de Escola? Sim  Não

26.1 - Participou na produção deste documento? Sim  Não

26.2 - Durante a sua elaboração teve em conta as tradições da comunidade envolvente?

Sim  Não

27 - Quanto ao Projeto Curricular de Turma como é um documento particular e específico de cada turma, quais foram as suas preocupações ao realizar o projeto da sua turma? \_\_\_\_\_

---

27.1 - Existem nesse projeto pontos que incidam ou focalizem a comunidade educativa?

Sim  Não

27.1.1 - Explique quais: \_\_\_\_\_

---

27.1.2 - Porquê? \_\_\_\_\_

---

Muito Obrigada pela sua participação/colaboração.

---

## **Anexo 7 – Questionário às Educadoras de Infância**

Caro colega,

Venho, por este meio, comunicar que pretendo desenvolver um trabalho de investigação na EB1/JI de Ribafria e EB1/JI de Bufarda, relacionado com as tradições culturais locais e a forma como elas são abordadas ao nível das Expressões Artísticas. Para a realização deste projeto, preciso de recolher dados na minha sala de aula, bem como junto do colega, pelo que solicito a sua colaboração no preenchimento do questionário, em anexo, que tentei elaborar de uma forma acessível. Algumas questões exigem apenas a colocação de uma cruz e outras uma breve explicação.

Esta pesquisa tem a aprovação da Universidade Aberta e é desenvolvida no âmbito da minha dissertação de Mestrado intitulada "O papel das atividades de Expressão Artística na transmissão das tradições culturais no Agrupamento de Escolas de Atouguia da Baleia", sendo a informação recolhida tratada de forma confidencial.

Antes de devolver o questionário, agradeço que verifique se respondeu a todas as questões.

Grata pela sua colaboração.

Ana Isabel Machado Fortunato

---

Escola \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

1 - Habilitações literárias: \_\_\_\_\_

2 - Situação profissional: \_\_\_\_\_

3 - Cargos/Funções que desempenha no presente ano letivo: \_\_\_\_\_

---

4 - Número de anos em que exerce funções docentes nessa escola: \_\_\_\_\_

5- Exerce funções docentes na localidade onde reside? Sim  Não

### **A ESCOLA E A COMUNIDADE**

6 - Como caracteriza a escola? (em termos de espaço, comunidade escolar envolvente – professores, alunos e pais)? \_\_\_\_\_

---

7 - A comunidade é participativa em relação à escola? Sim  Não

7.1- De que forma ? \_\_\_\_\_

---

8- Que expectativas têm os pais e outros membros da comunidade em relação à escola ? \_\_\_\_\_

---

8.1 Como expressam essas expectativas? \_\_\_\_\_

---

9- Considera que a escola corresponde às expectativas da comunidade?

Sim  Não

10 - Pensa que a gestão da escola tem em conta as necessidades da mesma?

Sim  Não

---

**TRABALHO PEDAGÓGICO**

11– Como Educadora de Infância, o que pensa sobre o ensino das expressões artísticas no ensino pré-escolar?

Muito importantes  Importantes  Dispensáveis

12 – Durante as atividades de expressões artísticas, costuma integrar aspetos relacionados com as tradições dos seus alunos?

Sim  Não

13 - Que tipo de contributo poderá dar a área das expressões para promover as tradições populares da região junto dos alunos?

---

---

14 - Quais são os recursos que costuma usar, na sala de aula, para promover as tradições dos seus alunos?

---

---

15 - Na sua realidade escolar existem fatores impeditivos da realização de atividades de expressão artística?

Sim  Não

15.1 – Se sim, quais? \_\_\_\_\_

16 – Alguma vez os pais ou outros familiares referiram algum comentário da criança em casa, relativamente às atividades executadas relacionadas com as tradições da região?

Sim  Não

17 - Os recursos de que dispõe permitem-lhe desenvolver trabalhos com a diversificação que gostaria?

Sim  Não

18- Costuma incentivar o lado criativo dos alunos? Sim  Não

19 – Existem diferenças sociais entre os seus alunos? Sim  Não

19.1 – Quais as principais diferenças? \_\_\_\_\_

---

---

**OS PROJECTOS DA ESCOLA**

20 - Conhece o Projeto Educativo do Agrupamento? Sim  Não

20.1 - Participou na elaboração deste documento? Sim  Não

20.2- Durante a sua preparação teve em conta as tradições da comunidade envolvente? Sim  Não

21 - Conhece o Projeto Curricular de Escola? Sim  Não

21.1 - Participou na elaboração deste documento? Sim  Não

21.2- Durante a sua preparação teve em conta as tradições da comunidade envolvente? Sim  Não

22- Quanto ao projeto Curricular de Turma como é um documento particular e específico de cada turma, quais foram as suas preocupações ao realizar o projeto da sua turma? \_\_\_\_\_

22.1 - Existem nesse projeto pontos que incidam ou focalizem a comunidade educativa? Sim  Não

22.1.1 - Explique quais: \_\_\_\_\_

22.1.2 - Porquê? \_\_\_\_\_

---

Muito Obrigada pela sua participação.

---

## Anexo 8 – Pedido de colaboração aos Encarregados de Educação

### Caríssimos Pais

Ana Isabel Machado Fortunato, docente do Quadro de Agrupamento do Agrupamento de Escolas da Atouguia da Baleia, docente na EB1/ JI de Ribafria e aluna do Mestrado em Arte e Educação da Universidade Aberta, vem, por este meio, solicitar a sua colaboração no preenchimento de um questionário.

Enquanto mestranda estou a preparar uma dissertação de mestrado intitulada "O papel das atividades de Expressão Artística na transmissão das tradições culturais no Agrupamento de Escolas de Atouguia da Baleia" e neste trabalho de investigação é imprescindível a aplicação no terreno de um questionário aos Encarregados de Educação. Deste modo, venho solicitar a vossa autorização para a aplicação do referido questionário.

Agradeço a atenção dispensada ao meu pedido.

Com os melhores cumprimentos.

Peniche, 11 de Maio de 2011

\_\_\_\_\_  
(Ana Isabel Machado Fortunato)

-----  
Eu, \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_ pais do(a) aluno(a)  
\_\_\_\_\_, da Escola \_\_\_\_\_ **Aceitamos**   
**Não aceitamos**  colaborar na aplicação do questionário solicitado pela professora Ana Isabel Machado Fortunato, no âmbito do seu trabalho de investigação.

\_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011

Os pais

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## **Anexo 9 – Questionário aos Encarregados de Educação**

Caríssimos Encarregados de Educação,

Venho por este meio comunicar, que pretendo desenvolver um trabalho de investigação na EB1/JI de Ribafria e EB1/JI de Bufarda, relacionada com as tradições locais e a forma como elas são abordadas, na escola, ao nível das Expressões Artísticas. Para tal, necessito da Vossa colaboração para o preenchimento do questionário, em anexo, que tentei elaborar de uma forma simples e de fácil preenchimento. Os dados recolhidos têm interesse estritamente científico, sendo garantida a sua confidencialidade e os resultados estarão, posteriormente, ao dispor de todos os inquiridos, caso estejam interessados, de forma codificada. Esta pesquisa tem a aprovação da Universidade Aberta e funciona como uma parte da minha dissertação de Mestrado intitulada "O papel das atividades de Expressão Artística na transmissão das tradições culturais no Agrupamento de Escolas de Atougua da Baleia". Apreciamos, profundamente, toda a cooperação que nos possa disponibilizar, cientes que estamos da sua grande importância.

Ana Isabel Machado Fortunato

---

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

### **AGREGADO FAMILIAR**

#### **Mãe**

Habilitações literárias \_\_\_\_\_

Estado civil \_\_\_\_\_

Número de filhos \_\_\_\_\_

Número de filhos a frequentar a escola \_\_\_\_\_

#### **Pai**

Habilitações literárias \_\_\_\_\_

Profissão \_\_\_\_\_

Estado civil \_\_\_\_\_

Número de filhos \_\_\_\_\_

Número de filhos a frequentar a escola \_\_\_\_\_

### **HÁBITOS FAMILIARES RELATIVOS ÀS TRADIÇÕES DA REGIÃO**

1. A forma como se festejam as tradições na sua região é semelhante ao que se fazia quando era criança?

Sim  Não

- 1.1 Quais são as principais diferenças entre as celebrações atuais e as de antigamente?

---

---

2. Costuma celebrar as festas tradicionais da sua terra com a sua família?

Sim  Não

- 3 – Os seu(s) filho(s) costumam falar, em casa das atividades que fazem na escola?

Sim  Não

- 3.1 – Quais as atividades preferidas? \_\_\_\_\_

---

4 – Considera que a relação dos seu(s) educando(s) com os membros mais velhos da comunidade pode ser uma forma de transmissão das tradições da sua região?

Sim  Não

5- Pensa que é importante que os alunos trabalhem na escola as tradições culturais da região?

Sim  Não

6 - Acompanha, ao longo do ano, as atividades do(s) seu(s) filho(s) na escola?

Sim  Não

7 - Costuma participar nas atividades que decorrem da escola?

Sim  Não

7.1 - Se sim, quais? \_\_\_\_\_

8 - Gosta de participar nas festas escolares do(s) seu(s) filho(s)?

Sim  Não

9 - Estaria disposto(a) a ir à escola contar uma história relacionada com as tradições locais?

Sim  Não

10 - Considera que a escola tem recursos suficientes para, no contexto das Expressões Artísticas, abordar as tradições populares da região?

Sim  Não

Muito Obrigada pela participação.

---

## Anexo 10 – Pedido de autorização para aplicação de inquéritos aos alunos

**Exmo(a) Senhor(a)**

**Encarregado(a) de Educação**

Ana Isabel Machado Fortunato, docente do Quadro de Agrupamento do Agrupamento de Escolas da Atouguia da Baleia, docente na EB1/ JI de Ribafria e aluna do Mestrado em Arte e Educação da Universidade Aberta, vem, por este meio, solicitar a colaboração do seu educando(a) no preenchimento de um questionário.

Enquanto mestranda estou a preparar uma dissertação de mestrado intitulada "O papel das atividades de Expressão Artística na transmissão das tradições culturais no Agrupamento de Escolas de Atouguia da Baleia" e neste trabalho de investigação é imprescindível a aplicação no terreno de um questionário aos alunos. Deste modo, venho solicitar autorização do(a) Encarregado(a) de Educação para que o seu educando(a) possa participar neste estudo respondendo a algumas questões.

Agradeço a atenção dispensada ao meu pedido.

Com os melhores cumprimentos.

Peniche, 11 de Maio de 2011

---

(Ana Isabel Machado Fortunato)

-----

Eu, \_\_\_\_\_ Encarregado(a) de  
Educação do(a) aluno(a) \_\_\_\_\_  
da turma: \_\_\_\_ do \_\_\_\_º ano, da Escola \_\_\_\_\_

**Autorizo**  **NÃO Autorizo**  a colaboração do meu (minha)  
educando(a) através do preenchimento do referido questionário.

\_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011

---

## Anexo 11 – Questionário aos alunos

Inquérito por questionário no âmbito da dissertação "O papel das atividades de Expressão Artística na transmissão das tradições culturais no Agrupamento de Escolas de Atouguia da Baleia" preparada pela mestranda Ana Isabel Machado Fortunato, aluna do Mestrado em Arte e Educação da Universidade Aberta.

Escola: \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

1 - Com quem vives? \_\_\_\_\_

2 - Onde ficas nos tempos livres? **(Coloca uma X na resposta correspondente)**

Em casa  Em casa de familiares  No ATL da escola

3 - O que costumavas fazer nos tempos livres? (Coloca uma X na resposta correspondente)

Brincar com os amigos e/ou familiares  televisão

Jogar computador  Brincar sozinho  Ler

**Sabendo que ☺ corresponde ao sim e o ☹ corresponde ao não coloca uma x no boneco que corresponde à tua escolha.)**

4 - Gostas de andar na escola? ☺ ☹

5 - Gostas das atividades de expressões artísticas? ☺ ☹

5.1 - Se sim, de qual gostas mais? **(Coloca de um X apenas na atividade que mais gostas)**

Dramática  Musical  Plástica

5.2 - O que costumavas fazer na tua atividade de expressão preferida? \_\_\_\_\_

6 - Na sala de aula falas sobre a tua família? ☺ ☹

7 - Pensas que é importante trabalharmos na escola as tradições da tua terra? ☺ ☹

8 - Gostas das aulas em que falas dos costumes da tua terra? ☺ ☹

8.1 - Das festas de que já falaste na tua sala qual é que gostaste mais?

---

9 - Costumas fazer trabalho de pesquisa sobre as tradições da tua terra? 😊 😞

10 - Gostas que venham pessoas de diferentes profissões visitar a escola e falar sobre os costumes da tua terra? 😊 😞

10.1 Lembras-te de alguma visita em especial? 😊 😞

10.2 De quem? \_\_\_\_\_

11 - Queres continuar a conhecer as tradições da tua terra? 😊 😞

12 - Os teus pais conversam contigo sobre o que acontece na escola? 😊 😞

13 - Os teus pais já estiveram em alguma festa da escola? 😊 😞

13.1 - Se sim, em qual? \_\_\_\_\_

14 - Gostas que os teus pais venham à escola? 😊 😞

Muito obrigada pela tua participação 😊

## Anexo 12 – Outros Instrumentos de Investigação



Fig.1 - Diário de Bordo e gravador

## Anexo 13 – Panfleto utilizado para a exploração da Lenda dos “ Amigos de Peniche”



D. Henrique morreu sem deixar descendência, tendo surgido naturalmente, como pretendentes ao trono de Portugal, três netos de D. Manuel: Filipe II, rei de Espanha, D. Catarina de Bregança e D. António, Prior do Crato.

Um exército espanhol, comandado pelo duque de Alba, invadiu o Alentejo, tendo Filipe, o mais forte, sido proclamado rei de Portugal.

Não o reconheceu, todavia, D. António que, mercê de mil e umas habilidades diplomáticas, conseguiu que Isabel Tudor, rainha de Inglaterra, pusesse à sua disposição uma armada de cerca de 20 000 homens e "cento e sessenta navios grandes e pequenos" para, com ela, reivindicar os seus direitos;

A 26 de Maio de 1589, os penichenses viram desembarcar na sua praia do sul parte dos soldados desse exército, comandados pelo general John Norris.

Depois de uma leve escaramuça com a guarnição da Fortaleza - a que não faltaria, sem dúvida, a indiferença dos poucos portugueses às ordens do oficial castelhano D. Pedro de Gusmão e que suponiam, talvez, que com a chegada dos bretões seria possível a expulsão do invasor filipino -, a praça foi tomada e o exército inglês caminhou sobre a capital, ao mesmo tempo que sob o comando do almirante Francis Drake, a esquadra que desembarcara em Peniche rumava a caminho de Cascais.

Entretanto, entre o receio de uns e alegria de outros, chegava a Lisboa a notícia do desembarcar de D. António, passando, entre os seus partidários, a segredar-se, num anseio de esperança: "Vêm aí os nossos amigos... Vêm aí os nossos amigos que desembarcaram em Peniche..."

Mas o exército invasor e sem que o Prior do Crato tivesse força suficiente para o evitar, avançava na maior das indisciplinas, devastando e roubando as terras por onde passavam - Atouguia, Lourinhã, Torres Vedras, Loures... - até que, tendo chegado às portas da cidade, acampou nos altos do Monte Olivete onde, pouco depois, os canhões do castelo de São Jorge, por ordem de D. Gabriel Nlño, começaram a despejar metralha.

Grande foi a surpresa de John Norris em face deste bombardeamento, pois D. António para conseguir o indispensável auxílio do exército inglês, teria provavelmente garantido não haver necessidade de combater, visto que seria festivamente recebido em Portugal.

E o acampamento foi mudado para a Boa Vista e Bairro Alto, de onde, após um breve encontro com os castelhanos, retirou de novo, desta vez para a Esperança.

Dentro das muralhas e durante todas estas manobras, a ansiedade patriótica dos "antonistas" continuava segredando: "será hoje que chegam os nossos amigos? Virão hoje os nossos amigos de Peniche?..."

D. António bem deve ter insistido e procurado dar novas garantias, mas aquele exército composto de mercenários não poderia sentir o patriotismo e a dor do infeliz e desorientado pretendente; e assim, dias depois e em face do desespero do Prior do Crato, refugiava-se em Cascais, na mesma esquadra que o trouxera de Inglaterra e desembarcara em Peniche.

"Porque não entram os nossos amigos?... Porque nos abandonam os nossos amigos de Peniche?..."

E perderam-se, desta forma todas as esperanças dos partidários de D. António, pois o auxílio que a este fora oferecido teria, por certo, menos o interesse de participar generosamente na reconquista da independência de Portugal que humilhar o orgulho e poderio de Espanha através de um golpe de surpresa, aliás coadjuvado pela suposta fácil sublevação do povo português, cansado de extorsões e ignomínias.

Por muito tempo ficou aberta no coração dos "antonistas", como ferida dolorosa, a desilusão dos amigos desembarcados em Peniche, daqueles amigos que esperavam receber como libertadores e que afinal os tinham abandonado.

Mas os homens desembarcados em Peniche e que traíram a esperança dos bons portugueses de então, não eram de Peniche e partiram como vieram, não ficaram em Portugal.

A expressão "amigos de Peniche" derivará deste episódio histórico e, erradamente, os penichenses são tratados com alguma desconfiança, sendo considerados traidores e amigos infieis, atribuindo-se-lhes esta expressão quando ela era dirigida às tropas que desembarcaram no porto de Peniche.

Para combater esta ideia generalizada e errada, os penichenses primam por continuar a oferecer sempre uma carinhosa hospitalidade; mas também com a firmeza dos simples, responder como ilustre médico penichense o fez a um seu colega, quando, uma vez, este lhe perguntou - certamente com uma pontinha de ironia - o que eram os "amigos de Peniche": - "Olhe, meu caro: «amigos de Peniche», são uma cáfila de patifes que eu tenho encontrado por toda a parte, menos lá!..."

In "Peniche na História e na Lenda" - Mariano Calado

Fotografia da capa: 2º prémio no concurso de fotografia "Conhecer a Nossa História" (2005), abordando o tema do Desembarque Inglês de 1589, de Vitaly Chumalevsky.

